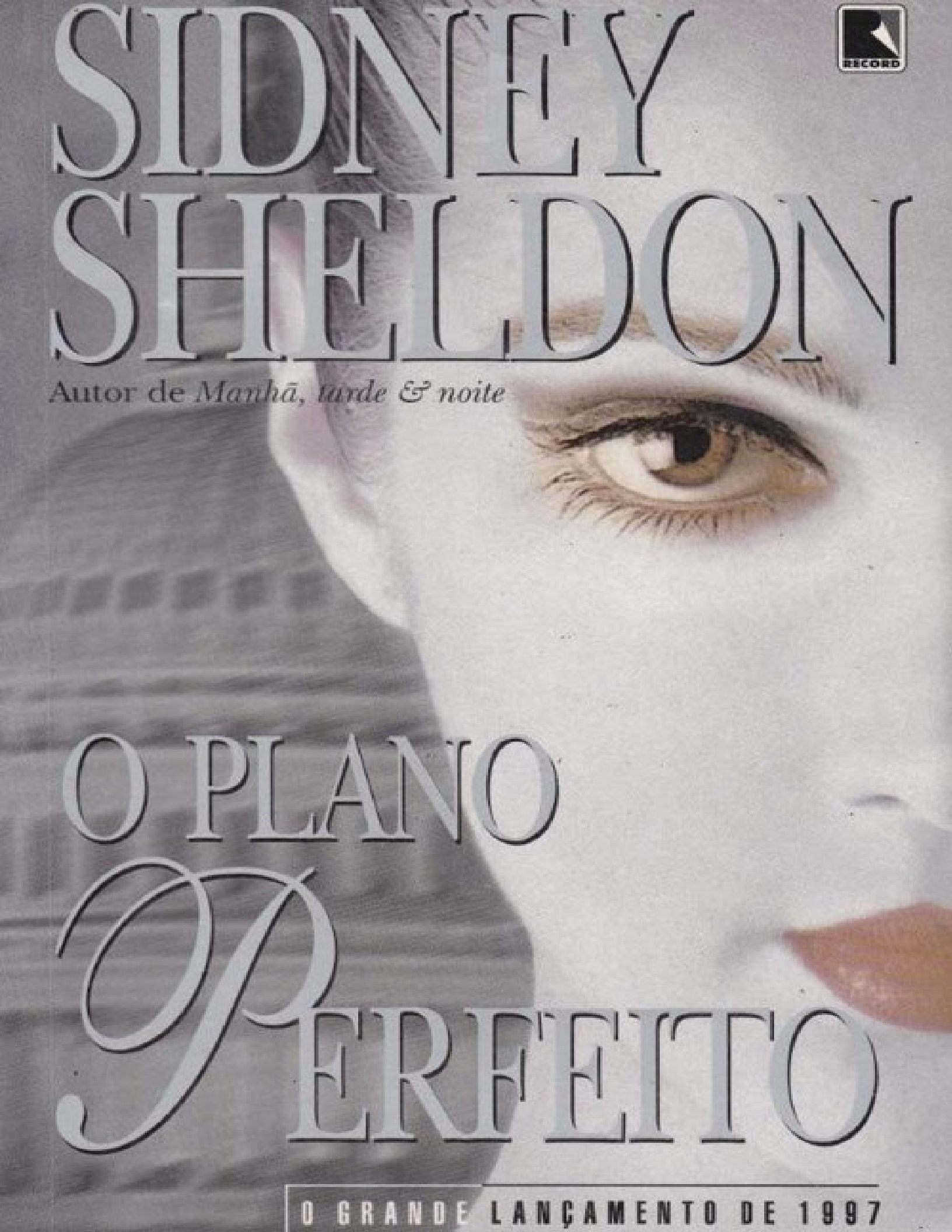
SIDNEY SHELDON

Autor de *Manhã, tarde & noite*



O PLANO PERFEITO

O GRANDE LANÇAMENTO DE 1997

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O PLANO PERFEITO

Sidney Sheldon

O primeiro registro no diário de Leslie Stewart dizia o seguinte: Querido Diário: Esta manhã conheci o homem com quem vou me casar.
Era uma declaração simples e otimista, sem o menor presságio da dramática corrente de acontecimentos que estava prestes a ocorrer. Era um desses dias raros e felizes em que nada podia sair errado, em que nada ousaria sair errado. Leslie Stewart não tinha o menor interesse por astrologia, mas naquela manhã, ao folhear o Lexington Herald-Leader, um horóscopo na coluna de astrologia assinada por Zoltaire atraiu sua atenção.

PARA LEÃO (23 DE JULHO A 22 DE AGOSTO). A LUA NOVA ILUMINA SUA VIDA AMOROSA. VOCÊ ESTÁ NO AUGE DE SEU CICLO LUNAR AGORA, E DEVE PRESTAR MUITA ATENÇÃO A UM EVENTO NOVO E EXCITANTE EM SUA VIDA. O SIGNO COMPATÍVEL É VIRGEM. HOJE SERÁ UM DIA MEMORÁVEL. ESTEJA PREPARADA PARA DESFRUTÁ-LO.

Esteja preparada para desfrutar o quê, pensou Leslie, irônica. A astrologia era um absurdo, uma distração para os tolos.
Leslie Stewart era executiva de relações públicas e propaganda na Bailey & Tomkins, em Lexington, Kentucky. Tinha três reuniões marcadas para aquela tarde, a primeira com a Kentucky Fertilizer Company, cujos executivos se mostravam bastante animados com a nova campanha que ela preparava. Gostavam em particular da frase de abertura: "Se você quer sentir o aroma das rosas..." A segunda reunião seria com a Breeders Stud Farm e a terceira com a Lexington Coal Company. Dia memorável?
Aos vinte e tantos anos, com um corpo esguio e provocante, Leslie Stewart tinha uma aparência sedutora e exótica: olhos cinza-escuros, malares salientes, cabelos lustrosos cor de mel, que usava compridos, com uma elegante simplicidade. Uma amiga de Leslie lhe dissera uma ocasião:
— Se você é bonita, tem um cérebro e uma vagina, pode dominar o mundo.
Leslie Stewart era linda, tinha um QI de 170 e a natureza cuidara do resto. Mas considerava sua aparência uma desvantagem. Os homens lhe passavam cantadas ou até a pediam em casamento, mas poucos se davam ao trabalho de tentar conhecê-la de fato.

* * *

Além das duas secretárias que trabalhavam na Bailey & Tomkins, Leslie era a única mulher ali. Os outros quinze funcionários eram homens. Leslie levara menos de uma semana para constatar que era mais inteligente do que todos eles.

Fora uma descoberta que decidira guardar só para si.
No início, ambos os sócios, Jim Bailey, um homem gordo e de fala suave com seus quarenta e poucos anos, e Al Tomkins, anoréxico e hiperativo, dez anos mais jovem que Bailey, tentaram levar Leslie para a cama. Ela os dissuadira sem muita dificuldade:
— Peça mais uma vez, e irei embora.
Não houvera mais tentativas. Leslie era uma funcionária valiosa demais para que a perdessem.
Em sua primeira semana no emprego, durante um intervalo para o café, Leslie contou uma história aos colegas:
— Três homens depararam com um gênio do sexo feminino, que prometeu conceder um desejo a cada um. O primeiro homem disse: "Eu gostaria de ser vinte e cinco por cento mais inteligente." O gênio piscou e o homem acrescentou: "Ei, já me sinto mais inteligente!" O segundo homem disse: "Eu gostaria de ser cinquenta por cento mais inteligente." Nova piscadela, e o homem exclamou: "Mas isso é maravilhoso! Acho que conheço coisas agora que não sabia antes!" O terceiro homem pediu então: "Eu gostaria de ser cem por cento mais inteligente." Mais uma piscadela, e o gênio transformou-o numa mulher.
Leslie olhou para os homens à mesa, em expectativa. Todos a fitavam fixamente, sem acharem a menor graça.
Ela marcara seu ponto.
O dia memorável prometido pelo astrólogo começou às onze horas daquela manhã. Jim Bailey entrou na sala pequena e apinhada de Leslie para anunciar:
— Temos um novo cliente. Quero que você cuide da conta.
Leslie já cuidava de mais contas que qualquer outro na agência, mas sabia que era melhor não protestar.
— Está bem. Qual é a firma?
— Não é uma firma. É uma pessoa. Com certeza você já ouviu falar de Oliver Russell.
Todo mundo já ouvira falar de Oliver Russell. Advogado local e candidato a governador, tinha seu rosto em cartazes espalhados por todo o estado do Kentucky. Com uma carreira jurídica brilhante, era considerado, aos 35 anos de idade, o solteiro mais cobiçado do Estado. Era sempre convidado para os principais programas de entrevistas nas grandes emissoras de televisão de Lexington — WDKY, WTVQ, WKYT — e nas emissoras de rádio mais populares, a WKQQ e WLRO. Muito bonito, com cabelos pretos rebeldes, olhos escuros, porte atlético e um sorriso efusivo, tinha a reputação de ter levado para a cama a maioria das mulheres de Lexington.
— Claro que sim. O que vamos fazer por ele?

— Vamos tentar ajudá-lo a se tornar governador do Kentucky. Ele está vindo para cá neste momento.
Oliver Russell chegou pouco depois. Era ainda mais atraente em pessoa do que nas fotografias. Exibiu um sorriso entusiasmado ao ser apresentado a Leslie.
— Já ouvi falar muito a seu respeito. Fico contente por saber que vai cuidar da minha campanha.
Ele não era absolutamente nada daquilo que Leslie esperara encontrar. Havia naquele homem uma sinceridade desconcertante. Por um momento, Leslie sentiu-se meio desorientada, sem saber o que dizer.
— Eu... obrigada. Sente-se, por favor.
Oliver Russell se acomodou numa cadeira.
— Vamos começar pelo início — sugeriu Leslie. — Por que resolveu disputar o cargo de governador?
— É muito simples. Kentucky é um estado maravilhoso. Sabemos disso porque vivemos aqui, e assim podemos desfrutar sua magia... mas a maior parte do país pensa em nós como um bando de caipiras. Quero mudar essa imagem. Kentucky tem mais a oferecer do que uma dúzia de outros estados juntos. A história do país começou aqui. Temos um dos mais antigos capitólios da América. Kentucky já deu dois presidentes a este país. É a terra de Daniel Boone, Kit Carson e do juiz Roy Bean. Temos as mais lindas paisagens do mundo... cavernas incríveis, rios espetaculares, campos verdejantes... tudo, enfim. Quero mostrar o que temos aqui ao resto do mundo.
Ele falou com uma profunda convicção e Leslie se viu extremamente atraída. Pensou na coluna de astrologia. A lua nova ilumina sua vida amorosa. Hoje será um dia memorável. Esteja preparada para desfrutá-lo.
Oliver Russell estava dizendo:
— A campanha só vai funcionar se você acreditar nela com tanto vigor quanto eu.
— Eu acredito — disse Leslie rapidamente. Depressa demais. — Estou ansiosa em participar. — Ela hesitou por um momento. — Posso lhe fazer uma pergunta?
— Claro.
— Qual é o seu signo?
— Virgem.
Depois que Oliver Russell se retirou, Leslie foi até a sala de Jim Bailey.
— Gostei dele — declarou ela. — É um homem sincero. Realmente preocupado. Acho que dará um excelente governador.
Jim fitou-a com uma expressão pensativa.
— Não vai ser fácil.

Ela ficou perplexa.
— É mesmo? Por que não?
Bailey deu de ombros.
— Não sei direito. Há alguma coisa acontecendo que não posso explicar. Viu Russell em todos os cartazes e na televisão?
— Vi, sim.
— Pois isso parou.
— Não entendo. Parou por quê?
— Ninguém sabe com certeza, mas há inúmeros rumores muito estranhos a respeito. Um dos rumores é de que alguém que apoiava Russell, entrando com todo o dinheiro para sua campanha, por algum motivo se afastou, de repente.
— No meio de uma campanha em que ele estava na frente? Não faz sentido, Jim.
— Sei disso.
— Por que ele nos procurou?
— Russell quer mesmo ser eleito. Acho que ele é ambicioso. E pensa que pode dar sua contribuição à política. Gostaria que preparássemos uma campanha que não lhe custasse muito dinheiro. Ele não tem mais condições de comprar tempo na TV ou pagar propaganda impressa. O que podemos fazer por ele agora é conseguir entrevistas, distribuir notícias para a mídia, essas coisas.
Bailey fez uma pausa, balançou a cabeça.
— O governador Addison está gastando uma fortuna em sua campanha. E Russell sofreu uma queda considerável nas pesquisas nas últimas duas semanas. É uma pena. Ele é um bom advogado. Faz muitos serviços de utilidade pública. E estou convencido de que ele daria um bom governador.
Naquela noite Leslie escreveu a primeira anotação em seu novo diário: “Querido Diário: Esta manhã conheci o homem com quem vou me casar”.

* * *

A primeira parte da infância de Leslie Stewart foi única. Ela era uma criança de inteligência extraordinária. Seu pai era professor de inglês no Community College de Lexington e a mãe, dona-de-casa. O pai era um homem bonito, aristocrático e intelectual. Um pai dedicado, que cuidava para que a família sempre viajasse junta nas férias. Adorava Leslie.
— Você é a queridinha do papai — dizia ele.
Sempre comentava que ela estava linda, nunca deixava de elogiá-la por suas notas, seu comportamento, suas amigas. Leslie não fazia nada de errado aos olhos dele.
Em seu nono aniversário, o pai comprou um lindo vestido de veludo marrom,

com punhos de renda. Pediu-lhe que pusesse o vestido e a exibiu para os amigos quando apareceram para o jantar.
— Ela não é linda?
Leslie o idolatrava.
Certa manhã, um ano depois, numa fração de segundo, a vida maravilhosa de Leslie se desvaneceu. A mãe, com o rosto manchado de lágrimas, chamou-a e sentou-a à sua frente.
— Querida, seu pai... nos deixou.
Leslie não compreendeu a princípio.
— Quando ele voltará?
— Ele não vai mais voltar.
E cada palavra foi como uma faca afiada a penetrá-la. *Minha mãe o afugentou,* pensou Leslie. Ela sentiu pena da mãe, porque agora haveria um divórcio e uma briga pela custódia da filha. O pai nunca renunciaria a ela. Nunca mesmo. *Ele virá me buscar* garantiu Leslie a si mesma.
Mas semanas se passaram e o pai não a procurou. *Não querem deixar que ele venha me visitar* concluiu Leslie. *Mamãe o está punindo.*
Foi a tia idosa de Leslie quem explicou à criança que não haveria uma batalha pela custódia. O pai de Leslie se apaixonara por uma viúva que era professora na universidade e fora viver com ela, em sua casa na Limestone Street.
Um dia, quando saíram para fazer compras, a mãe de Leslie apontou a casa e disse, amargurada:
— É ali que eles vivem.
Leslie resolveu visitar o pai. *Ao me ver* refletiu ela, *papai vai querer voltar para casa.*
Numa sexta-feira, depois das aulas, Leslie foi até a casa na Limestone Street e tocou a campainha. A porta foi aberta por uma garota de sua idade. Ela usava um vestido de veludo marrom com punhos de renda. Leslie ficou chocada.
A garota a fitava com uma expressão de curiosidade.
— Quem é você?
Leslie saiu correndo.
No decorrer do ano seguinte, Leslie observou a mãe se recolher mais e mais para dentro de si mesma. Ela perdera todo e qualquer interesse pela vida. Leslie sempre achara que "morrer de coração partido" era apenas uma frase vazia, mas acabou observando, impotente, a mãe definhar e morrer. Quando as pessoas lhe perguntavam de que a mãe morrera Leslie respondia:
— Ela morreu de coração partido.
E decidiu que nenhum homem jamais faria isso com ela. Depois da morte da mãe, Leslie foi morar com a tia. Cursou o segundo grau na Bryan Station High

School e se formou com summo cum laude pela Universidade do Kentucky. Em seu último ano de faculdade, foi eleita rainha da beleza. Recusou diversas propostas de agências de modelos.
Ela teve dois namoros breves, o primeiro com um astro de futebol americano da universidade, o outro com seu professor de economia. Ambos a deixaram rapidamente entediada. O problema era o fato de ser mais inteligente do que os dois.
A tia morreu pouco antes de Leslie se formar. Logo em seguida, ela se candidatou a um emprego na agência de propaganda e relações públicas Bailey & Tomkins. O escritório ficava na Vine Street, num prédio em formato de U, com um telhado de cobre e um chafariz no pátio.
Jim Bailey, o sócio sênior, examinou o currículo de Leslie e fez um movimento de aprovação com a cabeça.
— Impressiona de fato. E você está com sorte. Precisamos de uma secretária.
— Uma secretária? Eu esperava...
— Sim?
— Nada.
Leslie começou como secretária, tomando anotações em todas as reuniões, a mente sempre julgando e pensando em meios de melhorar as campanhas de propaganda que eram sugeridas. Certa manhã, um executivo de conta disse:
— Pensei no logotipo perfeito para a conta do Rancl Beef Chili. Podemos mostrar na etiqueta da lata um vaqueiro laçando um boi. Sugere que a carne é fresca e...
É uma idéia horrível, pensou Leslie. Todos a fitaram e ela percebeu, horrorizada, que falara em voz alta.
— Importa-se de explicar, mocinha?
— Eu... — ela gostaria de estar em outro lugar. Qualquer um. Todos esperavam.
Leslie respirou fundo.
— Quando as pessoas comem carne, não querem ser lembradas de que estão comendo um animal morto.
Houve um silêncio prolongado. Por fim, Jim Bailey limpou a garganta e comentou:
— Talvez devêssemos pensar mais um pouco a respeito.
Na semana seguinte, durante uma reunião para discutir a nova campanha de um sabonete especial, um dos executivos propôs:
— Vamos usar vencedores de concursos de beleza.
— Com licença — interveio Leslie, hesitante.
— Creio que isso já foi feito. Por que não podemos mostrar lindas comissárias de bordo do mundo inteiro para mostrar que nosso sabonete é universal?

Em reuniões subsequentes, os homens passaram a recorrer cada vez mais à opinião de Leslie.
Um ano depois, ela era redatora júnior e, dois anos mais tarde, tornou-se uma executiva de conta, cuidando tanto de propaganda quanto de relações públicas.
Oliver Russell era o primeiro grande desafio que Leslie tinha na agência. Duas semanas depois de ele procurá-los, Bailey sugeriu a Leslie que talvez fosse melhor abandonar a conta, já que ele não podia pagar os honorários normais da agência. Leslie persuadiu-o a continuar com a conta, dizendo:
— Encare como um serviço de utilidade pública. Bailey estudou-a em silêncio por um momento.
— Está bem.
Leslie e Oliver Russell estavam sentados num banco no Triangle Park. Era um dia frio de outono, uma suave brisa soprava do lago.
— Detesto política — comentou Oliver Russell.
Leslie fitou-o, surpresa.
— Então por que se meteu...?
— Porque quero mudar o sistema, Leslie. Ele está sendo dominado pelos lobistas e pelas corporações que ajudam a levar as pessoas erradas para o poder para depois controlá-las. Há muitas coisas que quero fazer — Sua voz estava cheia de entusiasmo.
— As pessoas que dirigem o país o transformaram numa ação entre amigos. Estão mais preocupadas com elas próprias do que com o povo. Não é certo, e tentarei corrigir isso.
Leslie ficou escutando, enquanto Oliver continuava a falar, e pensou: *Ele pode conseguir.* Oliver emanava uma energia contagiante. A verdade é que ela achava tudo nele excitante. Nunca se sentira assim por um homem antes, e era uma experiência estimulante. Não tinha como saber o que Oliver sentia por ela. Ele era sempre o perfeito cavalheiro, diabos.
Leslie tinha a impressão de que a intervalos de poucos minutos várias pessoas se aproximavam do banco para apertar a mão de Oliver e lhe desejar boa sorte. As mulheres lançavam olhares furiosos para Leslie. *É bem provável que todas tenham saído com ele,* pensou Leslie. *É provável também que todas tenham ido para cama com ele. O que não é da minha conta.*
Ela soubera que até pouco tempo atrás Oliver vinha saindo com a filha de um senador. E se perguntava o que teria acontecido. *Mas isso também não é da minha conta.*
Não havia como evitar o fato de que a campanha de Oliver não ia nada bem. Sem dinheiro para pagar sua equipe e sem propaganda na televisão, rádio ou jornais, era impossível competir com o governador Cary Addison, cuja imagem

parecia estar em toda parte. Leslie deu um jeito para que Oliver aparecesse em piqueniques de empresas, em fábricas e em uma dúzia de eventos sociais, mas sabia que essas participações eram todas de menor importância, o que a deixava frustrada.
— Tem visto as últimas pesquisas? — perguntou Jim Bailey a Leslie. — Seu candidato vai entrar pelo cano.
Não, se eu puder evitar, pensou Leslie.
Leslie e Oliver estavam jantando no Cheznous.
— Não estamos indo muito bem, não é mesmo? — perguntou Oliver, a voz calma.
— Ainda há tempo suficiente — respondeu Leslie, tranquilizadora. — Quando os eleitores passarem a conhecê-lo melhor...
Oliver sacudiu a cabeça.
— Também leio as pesquisas. Quero que você saiba que aprecio tudo o que tentou fazer por mim, Leslie. Tem sido sensacional.
Ela ficou imóvel na cadeira, observando-o do outro lado da mesa, e pensou: *Ele é o homem mais maravilhoso que já conheci, e não posso ajudá-lo.* Leslie sentiu vontade de tomá-lo nos braços, aconchegá-lo e consolá-lo. *Consolá-lo? A quem estou querendo enganar?*
Quando se levantavam para ir embora, um homem, uma mulher e duas meninas pequenas se aproximaram da mesa.
— Oliver! Como tem passado?
O homem estava na casa dos quarenta anos, era atraente, com uma venda preta sobre um olho que lhe proporcionava a aparência de um pirata afável.
Oliver levantou-se e estendeu a mão.
— Olá, Peter. Eu gostaria de apresentá-lo a Leslie Stewart. Peter Tager.
— Olá, Leslie. — Tager acenou com a cabeça para a sua família. — Esta é minha esposa, Betsy, e estas são Elizabeth e Rebecca. — Havia um enorme orgulho em sua voz.
Ele tornou a se virar para Oliver.
— Lamento muito o que aconteceu. Foi uma pena. Detestei fazer aquilo, mas não tive opção.
— Eu compreendo, Peter.
— Se houvesse alguma coisa que eu pudesse ter feito...
— Não tem importância. Estou bem.
— Você sabe que eu lhe desejo toda a sorte do mundo.
Voltando para casa, Leslie perguntou:
— O que significava aquela conversa?
Oliver deu a impressão de que ia contar alguma coisa, mas mudou de idéia.

— Não é importante.
Leslie morava num apartamento de quarto e sala no bairro de Brandywine, em Lexington. Ao se aproximarem do prédio, Oliver disse, hesitante:
— Leslie, sei que sua agência está cuidando da minha conta quase de graça, mas, francamente, acho que você está desperdiçando seu tempo. Poderia ser melhor se eu desistisse agora.
— Nada disso! — exclamou Leslie, com uma intensidade na voz que a surpreendeu. — Não pode desistir. Encontraremos um meio de superar todas as dificuldades.
Oliver virou a cabeça para fitá-la.
— Você realmente se importa, não é? Estou percebendo algo mais nessa pergunta?
— Claro que sim — murmurou ela. — Realmente me importo.
Ao chegarem ao apartamento, Leslie respirou fundo, antes de indagar:
— Não quer entrar?
Ele fitou-a em silêncio por um longo momento.
— Quero.
Depois, ela não saberia dizer quem fez o primeiro movimento. O que podia lembrar era de os dois se despindo, de cair nos braços de Oliver, da pressa desenfreada e primitiva com que fizeram amor. Depois, houve uma fusão lenta e tranquila, num ritmo intemporal e extasiado.
Foi a sensação mais maravilhosa que Leslie já experimentara.
Passaram a noite inteira juntos, e foi um momento mágico. Oliver era insaciável, dando e exigindo ao mesmo tempo, e parecia querer continuar para sempre. Era um animal. E Leslie pensou: *Oh, Deus, eu também sou!*
Pela manhã, enquanto comiam um desjejum com suco de laranja, ovos mexidos, torradas e bacon, Leslie disse:
— Vai haver um piquenique no lago Green River na sexta-feira, Oliver. Com muitas pessoas presentes. Agendarei um discurso para você. Compraremos tempo de rádio para que todos saibam que você estará lá. E depois...
— Leslie, não temos dinheiro para isso.
— Ora, não se preocupe — respondeu ela, despreocupada. — A agência pagará.

* * *

Leslie sabia que não havia nem a mais remota chance de a agência pagar. Tencionava fazer aquilo com seu próprio dinheiro. Diria a Jim Bailey que o dinheiro fora doado por um partidário de Russell. E seria a verdade. *Farei qualquer coisa no mundo para ajudá-lo,* pensou ela.

Havia duzentas pessoas no piquenique no lago Green River, e Oliver fez um discurso brilhante para a multidão.
— Metade das pessoas neste país não vota. Temos o mais baixo registro eleitoral entre todos os países industrializados do mundo... menos de cinquenta por cento. Se vocês querem que as coisas mudem, têm a responsabilidade de fazer com que mudem. É mais do que uma responsabilidade, é um privilégio. Há uma eleição iminente. Quer votem em mim ou em meu adversário, votem. Vocês têm de participar.
Ele foi aplaudido com entusiasmo.
Leslie providenciou para que Oliver comparecesse a tantos eventos quanto possível. Ele presidiu à inauguração de uma clínica infantil, à abertura de uma ponte, conversou com grupos femininos, representantes sindicais, falou em festas beneficentes, em asilos para idosos. Apesar de tudo, continuava a cair nas pesquisas. Sempre que não estava em campanha, Oliver encontrava algum tempo para passar com Leslie. Passearam de charrete pelo Triangle Park, circularam numa tarde de sábado pelo Antique Market, jantaram no À la Lucie. Oliver deu flores a Leslie no Dia da Marmota e no aniversário da Batalha de Bull Run, e deixava mensagens afetuosas para ela na secretária eletrônica:
"Querida, onde você está? Sinto saudade, muita saudade. " "Estou perdidamente apaixonado por sua secretária eletrônica. Tem alguma idéia do quanto ela parece sensual?"
"Acho que deve ser ilegal alguém se sentir tão feliz. Eu amo você."
Não importava para Leslie aonde ia com Oliver: queria apenas estar com ele.
Uma das coisas mais excitantes que fizeram foi descer de balsa as corredeiras do rio Russell Fork, num domingo. E a viagem começou de maneira inocente, tranquila, até que o rio começou a se agitar, na base das montanhas, dando uma volta imensa, com uma sucessão de quedas verticais, ensurdecedoras, vertiginosas, iniciando as corredeiras: um metro e meio, dois metros, três... tudo assustador, a balsa dando impressão de que ia se desmanchar. A viagem demorou três horas e meia. Ao saírem da balsa, Leslie e Oliver estavam encharcados e contentes por continuarem vivos. Não conseguiam afastar as mãos um do outro. Fizeram amor em sua cabana na pousada, no banco traseiro do carro de Oliver, no bosque.
Uma noite, no início do outono, Oliver preparou o jantar em sua encantadora casa em Versailles, uma cidadezinha perto de Lexington. Ele serviu bifes grelhados, marinados em molho de soja, alho e ervas, com batatas cozidas, salada e um vinho tinto perfeito.
— Você é um cozinheiro maravilhoso. — Leslie aconchegou-se a ele. — Na verdade, é maravilhoso em tudo, querido.

— Obrigado, meu amor. — Ele se lembrou de uma coisa.
— Tenho uma pequena surpresa para você. Quero que experimente.
Ele foi até o quarto. Voltou um momento depois com um vidro pequeno, que continha um líquido transparente.
— Aqui está.
— O que é isso?
— Já ouviu falar de ecstasy?
— Se ouvi falar? É o que estou vivendo!
— Eu me refiro à droga ecstasy. Isto é ecstasy líquido. Dizem que é um tremendo afrodisíaco.
Leslie franziu o rosto.
— Querido, você não precisa disso. Nós não precisamos. E pode ser perigoso. — Ela hesitou. — Você usa com frequência?
Oliver riu.
— Para ser franco, não. Tire essa expressão do rosto. Um amigo me deu isto e sugeriu que eu experimentasse. Esta seria a primeira vez.
— Não vamos ter a primeira vez — disse Leslie.
— Pretende jogar fora?
— Claro que sim.
Ele foi para o banheiro e, um instante depois, Leslie ouviu o barulho da descarga da latrina. Oliver voltou.
— Pronto. — Ele sorriu.
— Quem precisa de ecstasy num vidro? Tenho numa embalagem muito melhor.
E ele a abraçou.
Leslie lera histórias de amor e ouvira canções de amor, mas nada a preparara para essa realidade incrível. Sempre pensara que as letras românticas eram bobagens sentimentais. Sonhos irreais. Sabia melhor agora. O mundo parecia subitamente mais brilhante, mais belo. Tudo era impregnado de magia, e o mágico era Oliver Russell.
Numa manhã de sábado, Oliver e Leslie faziam uma excursão a pé pelo Breaks Interstate Park, apreciando a paisagem espetacular que os cercava.
— Nunca estive nesta trilha antes — comentou Leslie.
— Acho que você vai gostar.
Estavam se aproximando de uma curva fechada no caminho. Ao saírem da curva, Leslie parou, atordoada. No meio do caminho havia uma placa de madeira pintada a mão LESLIE, QUER CASAR COMIGO? O coração de Leslie disparou. Ela virou-se para Oliver incapaz de falar. Ele abraçou-a.
— Quer?
Como tive tanta sorte?, perguntou-se Leslie.

Ela apertou-o com força e sussurrou:
— Claro que quero, querido.
— Infelizmente, não posso prometer que vai casar com um governador, mas sou um bom advogado.
Ela se aninhou nos braços dele e murmurou:
— Isso é mais do que suficiente.
Poucas noites depois, Leslie se vestia para jantar com Oliver quando ele telefonou.
— Querida, sinto muito, mas acabo de receber uma notícia. Tenho de comparecer a uma reunião esta noite, e por isso serei obrigado a cancelar o nosso jantar. Você me perdoa?
Leslie sorriu.
— Está perdoado.
No dia seguinte, Leslie pegou o State Journal e leu a manchete: CORPO DE MULHER ENCONTRADO NO RIO KENTUCKY. A notícia dizia: "No início desta manhã, a polícia encontrou no rio Kentucky, quinze quilômetros a leste de Lexington, o corpo de uma mulher nua, que parecia ter vinte e poucos anos. Está sendo efetuada uma autópsia para determinar a causa da morte..."

* * *

Leslie estremeceu, enquanto lia o texto. *Morrer tão jovem! Será que ela tinha um amante? Um marido? Como me sinto grata por estar viva, tão feliz e tão amada!*
Parecia que todos em Lexington só falavam sobre o iminente casamento. Lexington era uma cidade pequena e Oliver Russell, uma figura popular. Formavam um casal de aparência espetacular, Oliver moreno e bonito, Leslie com rosto e corpo adoráveis, os cabelos cor de mel. A notícia se espalhara como fogo em mato seco.
— Espero que ele saiba como é afortunado — comentou Jim Bailey para Leslie, que sorriu.
— Ambos somos afortunados.
— Vão procurar um juiz de paz para casar?
— Não. Oliver quer um casamento formal. Vamos casar na Capela do Calvário.
— E quando vai ocorrer o feliz evento?
— Daqui a seis semanas.
Poucos dias depois, uma notícia na primeira página do State Journal dizia o seguinte: "A autópsia revelou que a mulher encontrada no rio Kentucky, identificada como Lisa Burnette, uma secretária, morreu de overdose de uma

droga ilegal e perigosa conhecida nas ruas como ecstasy líquido..."
Ecstasy líquido. Leslie recordou a noite com Oliver. E pensou: *Ainda bem que ele jogou fora o que havia no vidro.* As semanas subsequentes foram preenchidas pelos frenéticos preparativos para o casamento. Havia muita coisa a fazer. Foram enviados convites para duzentas pessoas.
Leslie escolheu a dama de honra e selecionou o vestido dela, com o comprimento de um traje de bailarina, sapatos combinando e luvas para complementar a extensão das mangas. Para si mesma, ela foi até a Fayette Mall, na Nicholasville Road, e escolheu um vestido longo, com saia rodada e uma ampla cauda, sapatos para combinar com vestido e luvas compridas.
Oliver encomendou uma casaca preta, com calça listrada, colete cinza, camisa branca de colarinho de ponta virada e uma gravata Ascot listrada. O padrinho era um advogado de sua firma.
— Está tudo preparado — informou Oliver a Leslie. Já tomei as providências necessárias para a recepção. Quase todos aceitaram o convite.
Leslie sentiu um pequeno calafrio percorrer seu corpo.
— Mal posso esperar, meu querido.
Numa noite de quinta-feira, uma semana antes do casamento Oliver foi ao apartamento de Leslie.
— Infelizmente, Leslie, surgiu uma emergência. Um amigo meu está com um problema. Terei de voar até Paris para resolver tudo.
— Paris? Por quanto tempo ficará ausente?
— Não deve levar mais que dois ou três dias, quatro no máximo. Voltarei com tempo de sobra.
— Diga ao piloto para voar com todo cuidado.
— Prometo.
Depois que Oliver se retirou, Leslie pegou o jornal na mesa. Sem pensar, abriu na página do horóscopo de Zoltaire onde leu:

PARA LEÃO (23 DE JULHO A 22 DE AGOSTO). ESTE NÃO É UM BOM DIA PARA MUDAR DE PLANOS. ASSUMIR RISCOS PODE LEVAR A GRAVES PROBLEMAS.
Ela tornou a ler o horóscopo, perturbada. Quase que se sentiu tentada a telefonar para Oliver e lhe pedir que não viajasse. *Mas isso seria ridículo,* pensou ela. *Afinal, é apenas um horóscopo idiota.*

* * *

Na segunda-feira, Leslie não teve qualquer notícia de Oliver. Telefonou para o escritório dele, mas o pessoal de lá também não sabia de nada. Também não

houve notícia na terça-feira. Leslie começou a entrar em pânico. Às quatro horas da madrugada de quarta-feira ela foi acordada pela insistente campainha do telefone. Sentou-se na cama e pensou: *É Oliver! Graças a Deus!* Sabia que deveria se mostrar zangada com ele por não ter lhe telefonado antes, mas isso não tinha importância agora.
Ela atendeu.
— Oliver...
Uma voz de outro homem indagou:
— É Leslie Stewart quem está falando? — Ela sentiu um súbito calafrio.
— Quem... quem é você?
— Al Towers, da Associated Press. Acabamos de receber uma informação, srta. Stewart, e queríamos saber sua reação.
Alguma coisa terrível acontecera. Oliver morrera.
— Srta. Stewart?
— Pois não?
A voz de Leslie era um sussurro estrangulado.
— Podemos divulgar uma declaração sua?
— Uma declaração sobre o quê?
— Sobre Oliver Russell casar com a filha do senador Todd Davis, em Paris.
Por um instante, o quarto pareceu girar.
— Era noiva do sr. Russell, não é mesmo? Se pudermos divulgar uma declaração...
Leslie estava imóvel, congelada.
— Srta. Stewart? — Ela recuperou a voz.
— Pois não... eu... desejo felicidade a ambos.
Leslie desligou, atordoada. Era um pesadelo. Despertaria dentro de poucos minutos e descobriria que não passava de um sonho.
Mas não era um sonho. Ela fora abandonada de novo. *Seu pai não voltará.* Leslie foi para o banheiro e contemplou sua imagem pálida no espelho. *Acabamos de receber uma informação.* Oliver casara com outra. *Por quê? O que eu fiz errado? Em que lhe falhei?* Mas, lá no fundo, ela sabia que fora Oliver quem lhe falhara. Ele se fora. Como ela poderia encarar o futuro?
Quando Leslie entrou na agência, naquela manhã, todos fizeram o maior esforço para não fitá-la. Ela foi para a sala de Jim Bailey. Um único olhar para seu rosto pálido e ele disse:
— Não deveria ter vindo hoje, Leslie. Por que não vai para casa e...
Ela respirou fundo.
— Não, obrigada. Estarei bem.
Os noticiários de rádio e televisão e os jornais da tarde relataram com detalhes o

casamento em Paris. O senador Todd Davis era sem dúvida o cidadão mais influente do Kentucky e a história do casamento de sua filha, com o noivo rompendo de repente com Leslie, era uma grande notícia.
Os telefones no escritório de Leslie não paravam de tocar.
— Aqui é do Courier Journal, srta. Stewart. Poderia nos dar uma declaração sobre o casamento?
— Claro. A única coisa que me importa é a felicidade de Oliver Russell.
— Mas vocês dois iam...
— Nosso casamento teria sido um erro. A filha do senador Davis chegou na vida dele primeiro. Obviamente, ele nunca a esqueceu. Desejo o melhor possível para ambos.
— Aqui é do State Journal, de Frankfort...
Parecia interminável.
Leslie tinha a impressão de que metade de Lexington se compadecia de sua situação, enquanto a outra metade se regozijava pelo que lhe acontecera. Aonde quer que Leslie fosse, havia murmúrios e conversas interrompidas abruptamente. Ela estava determinada a não demonstrar seus sentimentos.
— Como pôde deixar que ele fizesse isso...?
— Quando você ama um homem de verdade, só quer a sua felicidade. Oliver Russell é o melhor ser humano que já conheci. Quero que ambos sejam felizes.
Ela enviou bilhetes de desculpas a todas as pessoas convidadas para o casamento e devolveu os presentes.
Leslie vinha esperando e ao mesmo tempo receando o telefonema de Oliver. Ainda assim, ela estava despreparada quando aconteceu. Ficou abalada pelo som familiar de sua voz.
— Leslie... não sei o que dizer.
— É verdade, não é?
— É, sim.
— Então não há nada a dizer.
— Eu só queria explicar como aconteceu. Antes de conhecer você, Jan e eu estávamos quase noivos. E quando tornei a vê-la, eu... eu compreendi que ainda a amava.
— Eu entendo, Oliver. Adeus.
Cinco minutos depois, a secretária de Leslie avisou pelo interfone:
— Há uma ligação na linha um, srta. Stewart.
— Não quero falar ...
— É o senador Davis.
O pai da noiva. *O que ele quer comigo?,* especulou Leslie. Ela pegou o telefone. Uma voz profunda, com sotaque sulista, disse:

— Srta. Stewart?
— Pois não?
— Acho que nós dois devemos ter uma conversinha.
Leslie hesitou.
— Senador, não sei o que...
— Estarei aí para pegá-la dentro de uma hora.
A linha ficou muda.
Exatamente uma hora depois, uma limusine parou na frente do prédio em que Leslie trabalhava. Um motorista abriu a porta do carro para ela. O senador Davis estava sentado no banco traseiro. Era um homem de aparência distinta, com cabelos brancos lisos, um bigode pequeno e impecável. Tinha o rosto de um patriarca. Mesmo no outono, vestia o terno branco que era a sua marca registrada, com um chapéu de palha de Livorno de aba larga. Era uma figura clássica de um século anterior, um antiquado cavalheiro sulista. Quando Leslie entrou no carro, o senador Davis disse:
— Você é uma jovem muito bonita.
— Obrigada — murmurou ela, tensa.
A limusine partiu.
— Não falei apenas no sentido físico, srta. Stewart. Venho acompanhando a maneira como tem enfrentado todo esse caso sórdido. Deve ter sido angustiante para você. Não pude acreditar na notícia quando a ouvi. — A voz estava impregnada de raiva. — O que aconteceu com a boa e velha moral? Para dizer a verdade, estou revoltado com Oliver por tê-la tratado de uma maneira tão vergonhosa. E estou furioso com Jan por ter casado com ele. De certa forma, sinto-me culpado, porque ela é minha filha. Os dois se merecem.
Ele tinha a voz embargada pela emoção. Rodaram em silêncio por algum tempo. Quando Leslie finalmente se manifestou, foi para dizer:
— Conheço Oliver. Tenho certeza de que ele não teve intenção de me magoar. O que aconteceu... simplesmente aconteceu. Só quero o melhor para ele. Oliver merece, e eu não faria coisa alguma para prejudicá-lo.
— É muita generosidade sua. Ele estudou-a por um momento.
— É mesmo uma jovem extraordinária.
A limusine parara. Leslie olhou pela janela. Haviam chegado a Paris Pike, no Kentucky Horse Center. Havia mais de uma centena de haras em Lexington e em seus arredores, e o maior de todos pertencia ao senador Davis. Até onde a vista podia alcançar, havia cercas de tábuas brancas, padoques brancos com frisos vermelhos e campos ondulantes do capim azulado do Kentucky.
Leslie e o senador Davis saíram do carro e foram até a cerca da pista de corridas. Ficaram parados ali, observando os lindos animais se exercitarem. O senador

Davis virou-se para Leslie.
— Sou um homem simples — murmurou ele. — Sei como isso deve lhe parecer, mas é a verdade. Nasci aqui, e poderia passar o resto da minha vida aqui. Não há lugar igual no mundo. Basta olhar ao redor, srta. Stewart. Isto é tão perto quanto jamais poderemos chegar do paraíso. Pode me culpar por não querer deixar tudo isso? Mark Twain disse que queria estar no Kentucky quando o fim do mundo chegasse, porque há sempre um atraso por aqui de uns vinte anos. Passei a metade da minha vida em Washington, e detesto aquela cidade.
— Então por que aceita ir para lá?
— Porque tenho um senso de obrigação. Nosso povo me elegeu para o Senado e, até que me tirem através do voto, continuarei por lá tentando fazer o melhor trabalho que puder — Ele fez uma pausa, depois mudou de assunto abruptamente.
— Quero que saiba o quanto admiro seus sentimentos e a maneira como se comportou. Se quisesse ser desagradável, creio que poderia ter provocado um escândalo e tanto. Mas como aconteceu... eu gostaria de demonstrar meu agradecimento.
Leslie virou-se para fitá-lo.
— Pensei que poderia gostar de escapar por algum tempo, fazer uma pequena viagem ao exterior. Claro que eu arcaria com toda...
— Por favor, não faça isso.
— Eu só estava...
— Eu sei. Não conheço sua filha, senador Davis, mas se Oliver a ama, ela deve ser muito especial. Espero que os dois sejam felizes.
Ele disse, contrafeito:
— Acho que deve saber que eles estão de volta para casar aqui de novo. Em Paris foi uma cerimônia civil, mas Jan quer agora um casamento na igreja.
Era uma pontada no coração.
— Entendo. Mas eles não têm nada com que se preocupar.
— Obrigado.
O casamento ocorreu duas semanas depois, na Capela do Calvário, o mesmo lugar em que Leslie e Oliver haviam planejado casar. A igreja ficou lotada.

* * *

Oliver Russell, Jan e o senador Todd Davis ficaram de pé diante do ministro, no altar. Jan Davis era uma morena atraente, com uma presença imponente e um ar aristocrático.
O ministro se aproximava do final da cerimônia:

— Deus destinou homem e mulher a se unirem no sagrado matrimônio, e à medida que vocês seguirem juntos pela vida...
A porta da igreja foi aberta, e Leslie Stewart entrou.
Permaneceu lá no fundo por um momento, escutando, depois foi até o último banco, onde ficou de pé. O ministro dizia:
— ...portanto, se alguém sabe de algum motivo para que este casal não deva ser unido no sagrado matrimônio, que fale agora ou se cale... — ele levantou os olhos e avistou Leslie. ...para sempre.
Quase que numa reação involuntária, cabeças se viraram na direção de Leslie. Sussurros se espalharam pela multidão. Muitas pessoas sentiram que estavam prestes a testemunhar uma cena dramática. Uma súbita tensão dominou a igreja. O ministro esperou mais um instante, depois limpou a garganta, nervoso.
— Sendo assim, pelo poder que me foi investido, eu os declaro agora marido e mulher.— Havia um tom de profundo alívio em sua voz.
— Pode beijar sua esposa.
Quando o ministro tornou a levantar os olhos, Leslie já havia desaparecido.
O registro final no diário de Leslie Stewart dizia o seguinte:
“Querido Diário: Foi um lindo casamento. A esposa de Oliver é muito bonita. Usava um adorável vestido de noiva branco, em renda e cetim, com uma blusa frente-única e um bolero. Oliver parecia mais bonito do que nunca. E dava a impressão de estar muito feliz. Eu me sinto satisfeita, porque antes de acabar com ele, vou fazê-lo desejar nunca ter nascido”.
Foi o senador Todd Davis quem promoveu a reconciliação entre sua filha e Oliver Russell.
Todd Davis era viúvo. Um multimilionário, o senador possuía plantações de tabaco, minas de carvão, campos petrolíferos no Oklahoma e Alasca e um haras de categoria internacional. Como líder da maioria no Senado, era um dos homens mais poderosos de Washington. Servia seu quinto mandato. Era um homem com uma filosofia simples: Nunca esqueça um favor, nunca. Perdoe uma desfeita. Orgulhava-se de escolher vencedores, tanto nas corridas de cavalos quanto na política, e desde o início reconhecera Oliver Russell como muito promissor. O fato de que Oliver poderia casar com sua filha era uma bonificação inesperada, até que Jan tolamente cancelara tudo. Ao receber a notícia do iminente casamento de Oliver Russell com Leslie Stewart, ele ficara perturbado. E muito.
O senador Davis conhecera Oliver Russell quando o contratara como advogado para um problema legal. Ficara impressionado. Oliver era inteligente, bonito e articulado, com um encanto infantil que atraía as pessoas. O senador passara a almoçar com Oliver regularmente. Oliver nem imaginava o cuidado meticuloso

com que era avaliado.
Um mês depois de conhecer Oliver, o senador Davis chamou Peter Tager para uma reunião.
— Creio que descobrimos nosso próximo governador.
Tager era um homem sério, criado numa família religiosa. O pai era professor de história, e a mãe, dona-de-casa, e ambos devotos frequentadores da igreja. Quando tinha onze anos, Peter Tager viajava num carro com os pais e o irmão menor, e os freios falharam. Houve um acidente fatal. O único sobrevivente foi Peter, que perdeu um olho.
Peter acreditava que Deus o poupara para que pudesse divulgar Sua palavra.
Peter Tager compreendia a dinâmica da política melhor do que qualquer outra pessoa que o senador Davis já conhecera. Tager sabia onde os votos se encontravam e como obtê-los. Tinha uma fantástica noção do que o povo queria ouvir e do que se cansara de ouvir. Mas ainda mais importante para o senador Davis era o fato de que Peter Tager era um homem em quem podia confiar, um homem íntegro. As pessoas gostavam dele. A venda preta sobre um olho lhe proporcionava uma aparência vistosa. O que importava para Tager, mais do que qualquer outra coisa no mundo, era sua família. O senador jamais conhecera um homem que se orgulhasse tanto de sua esposa e filhos.
Quando o senador Davis tivera o primeiro contato com ele, Peter Tager pensava em ingressar no sacerdócio.
— Há muitas pessoas precisando de ajuda, senador. Quero fazer o que puder.
Mas o senador Davis o dissuadira da idéia.
— Pense em quantas pessoas mais poderia ajudar se trabalhasse para mim no Senado dos Estados Unidos.
Fora uma escolha afortunada. Tager sabia como se podia fazer as coisas.
— O homem em quem estou pensando para concorrer ao governo do estado é Oliver Russell.
— O advogado?
— Isso mesmo. Ele é um político natural. Tenho a impressão de que não poderá perder se o apoiarmos.
— Parece interessante, senador.
Os dois começaram a analisar as possibilidades.
O senador Davis conversou com Jan sobre Oliver Russell. — O garoto tem um grande futuro pela frente, meu bem.
— E também tem um grande passado, papai. É o maior conquistador da cidade.
— Ora, querida, não deve dar ouvidos a intrigas. Convidei Oliver para jantar aqui na sexta-feira.
O jantar na sexta-feira correu muito bem. Oliver foi encantador, e Jan descobriu-

se atraída, contra a sua vontade. O senador observou-os atentamente, fazendo perguntas que sabia que mostrariam o melhor de Oliver.
Ao final da noite, Jan convidou Oliver para um jantar no sábado seguinte.
— Terei o maior prazer.
Daquela noite em diante, eles passaram a sair apenas um com o outro.
— Eles vão casar em breve — previu o senador para Peter Tager.
— É tempo de lançarmos a campanha de Oliver.
Oliver foi convocado para uma reunião no escritório do senador Davis.
— Quero lhe fazer uma pergunta — disse o senador. — Gostaria de ser o próximo governador do Kentucky?
Oliver ficou surpreso.
— Eu... eu não tinha pensado nisso.
— Pois Peter Tager e eu pensamos. A eleição será no ano que vem. Isso nos dá tempo mais do que suficiente para projetar sua imagem, fazer as pessoas saberem quem é. Conosco por trás, você não pode perder.
E Oliver sabia que era verdade. O senador Davis era um homem poderoso, no controle de uma máquina política bem azeitada que podia criar mitos ou destruir qualquer pessoa que se interpusesse em seu caminho.
— Você teria de assumir uma dedicação total — advertiu o senador.
— Não tem problema.
— Tenho notícias ainda melhores para você, filho. Para mim, isso é apenas o primeiro passo. Você serve por um ou dois mandatos como governador, e prometo que depois o levaremos para a Casa Branca.
Oliver engoliu em seco.
— Hã... fala sério?
— Não costumo brincar com essas coisas. Não preciso lhe dizer que esta é a era da televisão. Você tem uma coisa que o dinheiro não pode comprar... carisma. As pessoas se sentem atraídas por você. Gosta das pessoas com sinceridade, e isso é evidente. É a mesma qualidade que Jack Kennedy possuía.
— Eu... eu não sei o que dizer, Todd.
— Não precisa dizer coisa alguma. Tenho de voltar a Washington amanhã, mas começaremos a trabalhar na minha próxima vinda para cá.
Poucas semanas depois, foi iniciada a campanha para o governo do Estado. Cartazes com a foto de Oliver foram espalhados por toda parte. Ele aparecia na televisão, em comícios e seminários políticos. Peter Tager tinha suas pesquisas particulares, que indicavam que a popularidade de Oliver crescia a cada semana.
— Ele subiu mais cinco pontos — informou Tager ao senador.
— Está apenas dez pontos atrás do governador, e ainda nos resta bastante tempo. Mais algumas semanas e eles deverão estar emparelhados.

O senador Davis acenou com a cabeça.
— Oliver vai ganhar. Não tenho a menor dúvida quanto a isso.
Todd Davis e Jan comiam o desjejum.
— Nosso garoto já a pediu em casamento? — Jan sorriu.
— Ainda não pediu expressamente, mas tem feito insinuações.
— Não o deixe insinuar por muito tempo. Quero que se casem antes que ele se torne governador. Será muito melhor se o governador tiver uma esposa.
Jan abraçou o pai.
— Não imagina como estou contente por você tê-lo trazido para a minha vida. Sou louca por ele.
O senador sorriu radiante.
— Enquanto ele a fizer feliz, também fico feliz. — Tudo corria com perfeição.
Na noite seguinte, quando chegou em casa, o senador encontrou Jan em seu quarto, arrumando as malas, o rosto manchado de lágrimas. Ele ficou preocupado.
— O que aconteceu, meu bem?
— Vou embora desta cidade! E nunca mais quero ver Oliver de novo enquanto viver!
— Ei, espere um instante! Do que está falando?
Jan virou-se para fitá-lo.
— Estou falando de Oliver. — O tom era amargurado.
— Ele passou a noite passada num motel com a minha melhor amiga. E ela mal pôde esperar para me telefonar e dizer que ele foi um amante maravilhoso!
O senador ficou imóvel, chocado.
— Ela não poderia estar apenas...
— Não. Liguei para Oliver. Ele... ele não pôde negar. Decidi ir embora. Vou para Paris.
— Tem certeza que é isso...?
— Certeza absoluta.
E no dia seguinte Jan partiu.
O senador chamou Oliver para uma conversa.
— Estou desapontado com você, filho.
Oliver respirou fundo.
— Lamento o que aconteceu, Todd. Foi... foi uma dessas coisas que não dá para evitar. Tomei alguns drinques, aquela mulher me abordou e... ora, foi difícil dizer não.
— Posso compreender — murmurou o senador, num tom solidário. — Afinal, você é um homem, certo?
Oliver sorriu, aliviado.

— Certo. E posso lhe assegurar que não vai acontecer de novo...
— Mas é uma pena. Você daria um excelente governador.
O sangue se esvaiu do rosto de Oliver.
— O que... o que está querendo dizer, Todd?
— Não pareceria correto se eu continuasse a apoiá-lo agora, não é mesmo, Oliver? Quando se pensa nos sentimentos de Jan...
— O que minha candidatura a governador tem a ver com Jan?
— Venho dizendo a todos que havia uma grande possibilidade de que o próximo governador fosse meu genro. Terei de fazer novos planos, não é mesmo?
— Seja razoável, Todd. Não pode...
O sorriso do senador Davis desapareceu.
— Nunca me diga o que posso ou não posso fazer, Oliver. Posso fazê-lo o próximo governador e posso destruí-lo!
Ele tornou a sorrir.
— Mas não me entenda mal. Sem ressentimentos. Eu lhe desejo o melhor.
Oliver permaneceu em silêncio por um longo momento
— Entendo... — Ele se levantou. — Eu... lamento muito tudo isso.
— Também lamento, Oliver. Com toda sinceridade.
Depois que Oliver se retirou, o senador chamou Peter Tager.
— Vamos abandonar a campanha.
— Largar tudo? Por quê? Vamos ganhar. As últimas pesquisas...
— Faça o que estou dizendo. Cancele todos os compromissos de Oliver. No que nos diz respeito, ele está fora da disputa.
Duas semanas depois, as pesquisas começaram a apresentar uma queda nos índices de Oliver Russell. Os cartazes começaram a desaparecer, os anúncios no rádio e televisão foram cancelados.
— O governador Addison está começando a subir de novo nas pesquisas — comentou Peter Tager. — Se vamos encontrar um novo candidato, é melhor nos apressarmos.
O senador estava pensativo.
— Temos bastante tempo. Vamos esperar.
Foi poucos dias mais tarde que Oliver Russell foi à agência Bailey & Tomkins e pediu que cuidassem de sua campanha. Jim Bailey apresentou-o a Leslie, e Oliver se sentiu imediatamente fascinado por ela. Leslie não era apenas bonita, mas também inteligente e simpática... e acreditava nele. Oliver notara algumas vezes uma certa indiferença em Jan, mas a ignorara.
Com Leslie, era completamente diferente. Uma mulher efusiva e sensível, fora natural apaixonar-se por ela. De vez em quando, Oliver pensava no que perdera. *Isso é apenas o primeiro passo. Você serve por um ou dois mandatos como*

governador e prometo que depois o levaremos para a Casa Branca.
Oliver tratou de se persuadir: *Que se dane. Posso ser feliz sem isso.* Mas às vezes ele não podia deixar de pensar nas boas coisas que poderia ter realizado.

* * *

Com o casamento de Oliver iminente, o senador Davis chamou Tager para uma conversa.
— Peter, temos um problema. Não podemos deixar que Oliver Russell desperdice sua carreira ao casar com uma mulher desconhecida.
Peter Tager franziu o rosto.
— Não sei o que podemos fazer agora, senador. O casamento já foi marcado.
O senador Davis pensou um pouco.
— O páreo ainda não foi corrido, não é mesmo?
Ele telefonou para a filha em Paris.
— Jan, tenho uma notícia terrível para você. Oliver vai casar.
Houve um longo silêncio.
— Eu... eu já soube.
— O mais triste é que ele não ama essa mulher. Disse-me que vai casar com ela como uma reação, porque você o deixou. Ele ainda é apaixonado por você.
— Oliver disse isso?
— Claro que disse. Ele está fazendo uma coisa terrível para si mesmo. E, de certa forma, foi você quem o forçou a isso, meu bem. Quando o largou de repente, ele desmoronou.
— Pai, eu... não tinha idéia.
— Nunca vi um homem mais infeliz.
— Não sei o que dizer.
— Você ainda o ama?
— Sempre o amarei. Cometi um erro lamentável.
— Talvez não seja tarde demais.
— Mas ele vai casar!
— Meu bem, por que não esperamos para ver o que acontece? Talvez ele recupere o bom senso.
Depois que o senador Davis desligou, Peter Tager perguntou:
— O que pretende fazer, senador?
— Eu? — murmurou o senador Davis, com um ar inocente. — Nada. Apenas juntar de volta algumas peças, devolvendo-as aos lugares a que pertencem. Acho que terei uma conversinha com Oliver.
Oliver Russell foi ao escritório do senador Davis naquela tarde.

— É um prazer tornar a vê-lo, Oliver. Obrigado por atender ao meu convite. Você está com uma boa aparência.
— Obrigado, Todd. Você também.
— Já estou velho, mas faço o que posso.
— Queria falar comigo, Todd?
— Queria, sim, Oliver. Sente-se.
Oliver se acomodou numa cadeira.
— Quero que me ajude com um problema legal que estou tendo em Paris. Uma das minhas companhias ali enfrenta dificuldades. Haverá uma assembléia de acionistas muito em breve. Eu gostaria que comparecesse para me representar.
— Terei o maior prazer. Quando será a assembléia? Verificarei na minha agenda...
— Lamento, mas terá de partir esta tarde.
Oliver ficou atônito.
— Esta tarde?
— Detesto mobilizá-lo com tão pouco prazo, mas acabei de receber o aviso. Meu avião está esperando no aeroporto. Pode viajar? É muito importante para mim.
Oliver tinha uma expressão pensativa.
— Darei um jeito.
— Ficarei muito agradecido, Oliver. Sabia que podia contar com você. — O senador inclinou-se para a frente. — Lamento profundamente o que está acontecendo com você. Viu as últimas pesquisas? — Ele suspirou, antes de arrematar: — Você está caindo.
— Sei disso.
— Eu não deveria me importar tanto, mas...
O senador Davis não continuou.
— Mas...?
— Você daria um excelente governador. Na verdade, seu futuro não poderia ter sido mais brilhante. Teria muito dinheiro... e poder. Deixe-me falar um pouco sobre dinheiro e poder, Oliver. O dinheiro não se importa com quem o possui. Um vagabundo pode ganhar na loteria, um idiota pode herdar uma fortuna, ou alguém pode conseguir o dinheiro assaltando um banco. Mas poder... é algo diferente. Ter poder é possuir o mundo. Se você fosse governador deste Estado, poderia afetar as vidas de todos os que vivem aqui. Poderia obter a aprovação de projetos que ajudariam as pessoas, e teria o poder de vetar os projetos que pudessem prejudicá-las. Eu lhe prometi numa ocasião que poderia se tornar presidente dos Estados Unidos. Pois saiba que falei a sério, que você poderia mesmo ser. E pense sobre esse poder, Oliver, ser o homem mais importante do

mundo, dirigindo o país mais poderoso do mundo. Não acha que vale a pena sonhar com isso? Pense a respeito.
O senador fez uma pausa, depois acrescentou, em voz pausada:
— O homem mais poderoso do mundo.
Oliver especulava sobre o rumo que a conversa tomaria. Como se em resposta à sua indagação tácita, o senador comentou:
— E você deixou escapar tudo isso apenas por uma mulher. Pensei que era mais inteligente, filho.
Oliver esperou. O senador Davis continuou, em tom casual:
— Falei com Jan esta manhã. Ela continua em Paris, no Ritz. Quando contei que você ia casar... ela desatou a chorar.
— Lamento muito, Todd. Sinceramente.
O senador suspirou.
— É uma pena que vocês dois não possam reatar.
— Todd, vou casar na semana que vem.
— Sei disso. E não interferiria em seu casamento por nada neste mundo. Suponho que não passo de um velho sentimental, mas para mim o casamento é a coisa mais sagrada do mundo. Tem minha bênção, Oliver.
— Fico muito grato.
— Sei que fica. — O senador olhou para seu relógio.
— Você vai querer ir para casa agora e arrumar as malas. As informações sobre a assembléia serão despachadas por fax para você em Paris.
Oliver levantou-se.
— Está certo. E não se preocupe. Cuidarei de tudo por lá.
— Tenho certeza que sim.
— Ah, antes que eu me esqueça, reservei um quarto para você no Ritz.
No luxuoso Challenger do senador Davis, voando para Paris, Oliver refletiu sobre a conversa com o senador. *Você daria um excelente governador. Na verdade, seu futuro não poderia ter sido mais brilhante... Deixe-me falar um pouco sobre dinheiro e poder Oliver... Ter poder é possuir o mundo. Se você fosse governador deste Estado, poderia afetar as vidas de todos os que vivem aqui. Poderia obter a aprovação de projetos que ajudariam as pessoas, e teria o poder de vetar os projetos que pudessem prejudicá-las.*
Mas não preciso disso, assegurou Oliver a si mesmo. *De jeito nenhum. Vou casar com uma mulher maravilhosa. E faremos um ao outro felizes. Muito felizes.*
Quando Oliver chegou na base da TransAir ExecuJet, no aeroporto Le Bourget, em Paris, encontrou uma limusine à espera.
— Para onde vamos, sr. Russell? — perguntou o motorista.

Ah, antes que eu me esqueça, reservei um quarto para você no Ritz. Jan estava no Ritz. Seria mais sensato se eu fosse para um hotel diferente, o Plaza Athénée ou o Meueice, pensou Oliver.
O motorista continuava a fitá-lo, aguardando a instrução.
— O Ritz — respondeu Oliver.
O mínimo que podia fazer era pedir desculpas a Jan.
Ele telefonou para Jan do saguão.
— Sou eu, Oliver. Estou em Paris.
— Eu já sabia — respondeu Jan.— Papai me ligou.
— Estou no saguão. Gostaria de cumprimentá-la, se você...
— Suba.
Quando entrou na suíte de Jan, Oliver ainda não sabia direito o que dizer. Jan o esperava na porta. Permaneceu parada ali por um momento, sorrindo, depois o abraçou e apertou com força.
— Papai me contou que você viria para cá. Não imagina como estou contente!
Oliver ficou imóvel, desorientado. Teria de falar sobre Leslie, mas precisava encontrar as palavras certas. *Sinto muito pelo que aconteceu conosco... Nunca tive a intenção de magoá-la... Eu me apaixonei por outra... mas sempre vou...*
— Eu... tenho de lhe contar uma coisa — murmurou ele, contrafeito. — A verdade é que... — E enquanto fitava Jan, Oliver pensou nas palavras do pai dela: *Eu lhe prometi uma ocasião que poderia se tornar presidente dos Estados Unidos. Pois saiba que falei a sério, que você poderia mesmo ser. E pense sobre esse poder Oliver, ser o homem mais importante do mundo, dirigindo o país mais poderoso do mundo. Não acha que vale a pena sonhar com isso?*
— O que é, querido?
E as palavras se despejaram como se tivessem vida própria.
— Cometi um erro terrível, Jan. Fui um tolo. Eu a amo. E quero casar com você.
— Oliver!
— Quer casar comigo?
Não houve hesitação.
— Claro que quero, meu amor!
Ele pegou-a no colo, carregou-a para a cama. Momentos depois, estavam nus e Jan dizia:
— Não imagina como senti saudade de você, querido.
— Devo ter perdido o juízo...
Jan comprimiu-se contra ele e balbuciou:
— Ah, como é maravilhoso...
— Isso acontece porque pertencemos um ao outro.
Oliver sentou-se na cama.

— Vamos dar a notícia a seu pai.
Ela fitou-o nos olhos, surpresa.
— Agora?
— Isso mesmo.

* * *

E eu terei de contar a Leslie.
Quinze minutos depois, Jan estava falando com o pai.
— Oliver e eu vamos casar!
— É uma notícia maravilhosa, Jan. Eu não poderia ficar mais surpreso ou satisfeito. Por falar nisso, o prefeito de Paris é um velho amigo meu. Está esperando seu telefonema. Ele os casará na prefeitura. Cuidarei para que tudo seja acertado.
— Mas...
— Ponha Oliver na linha.
— Só um instante, papai. — Jan estendeu o fone para Oliver — Ele quer falar com você.
Oliver atendeu.
— Todd?
— Você me deixou muito feliz, meu rapaz. Fez a coisa certa.
— Obrigado. Sinto a mesma coisa.
— Estou providenciando para que você e Jan casem em Paris. E quando voltarem, terão um grande casamento na igreja aqui. Na Capela do Calvário.
Oliver franziu o rosto.
— Na Capela do Calvário? Eu... hã... acho que não é uma boa idéia, Todd. Era ali que Leslie e eu...
— Por que não...?
A voz do senador Davis tornou-se fria.
— Você envergonhou minha filha, Oliver, e tenho certeza que quer compensar essa situação. Estou certo?
Houve uma longa pausa.
— Claro que está, Todd.
— Obrigado, Oliver. Espero vocês aqui em poucos dias. Temos muito que conversar sobre... a eleição para governador...
O casamento em Paris foi uma breve cerimônia civil no gabinete do prefeito. Quando acabou, Jan olhou para Oliver e disse:
— Papai quer nos oferecer um casamento religioso na Capela do Calvário.
Oliver hesitou, pensando em Leslie e no que isso representaria para ela. Mas fora

longe demais para recuar agora.
— Como ele quiser.
Oliver não conseguia tirar Leslie dos pensamentos. Leslie nada fizera para merecer o que ele estava lhe fazendo. *Vou telefonar para ela e explicar.* Mas cada vez que pegava no telefone, ele pensava: Como posso explicar? O que posso dizer a ela? E ele não tinha resposta. Finalmente tomou coragem para ligar, mas a imprensa a alcançara primeiro e ele se sentiu ainda pior depois.
No dia seguinte ao retorno de Oliver e Jan a Lexington, a campanha eleitoral de Oliver recuperou todo o vigor anterior. Peter Tager acionou a máquina e Oliver tornou-se outra vez uma presença constante na televisão, rádio e jornais. Falou para uma enorme multidão no Kentucky Kingdom Thrill Park, comandou um comício na fábrica da Toyota em Georgetown. Falou no vasto centro comercial em Lancaster. E isso foi apenas o começo.
Peter Tager organizou um ônibus de campanha para levar Oliver por todo o Estado. Ele foi de Georgetown para Stanford, parou em Frankfort... Versailles... Winchester... Louisville. Falou na Feira do Kentucky e no Centro de Exposições. Em homenagem a Oliver, serviram burgoo, o tradicional ensopado do Kentucky feito de galinha, vitela, carne de boi, cordeiro e porco, uma ampla variedade de legumes frescos, tudo cozinhado num enorme caldeirão, sobre uma fogueira.

* * *

Os índices de Oliver nas pesquisas não paravam de subir. A única interrupção na campanha foi causada por seu casamento. Ele avistou Leslie no fundo da igreja e sentiu alguma apreensão. Conversou a respeito com Peter Tager.
— Não acha que Leslie tentaria fazer alguma coisa para me prejudicar, não é?
— Claro que não. E mesmo que ela quisesse, o que poderia fazer? Esqueça-a.
Oliver sabia que Tager tinha razão. Tudo corria às mil maravilhas. Não havia razão para se preocupar. Nada poderia detê-lo agora. Absolutamente nada.
Na noite da eleição, Leslie Stewart sentou sozinha em seu apartamento, diante da tevê, acompanhando a apuração. Distrito por distrito, a vantagem de Oliver se ampliava cada vez mais. Finalmente, quando faltavam cinco minutos para a meia-noite, o governador Addison apareceu para fazer seu discurso de reconhecimento da derrota. Leslie desligou a televisão. Levantou-se e respirou fundo.

Não chore mais, minha dama,
Oh, não chore mais por hoje!
Vamos cantar pelo velho Kentucky,
a nossa terra, o nosso lar distante.

Estava na hora.

* * *

O senador Todd Davis estava tendo uma manhã movimentada. Voara da capital para Louisville para passar o dia, a fim de participar de uma venda de puros-sangues.
— É preciso manter as linhagens — explicou ele para Peter Tager, enquanto observavam os esplêndidos cavalos entrando e saindo da enorme arena. — É isso o que conta, Peter.
Uma linda égua estava sendo levada para o centro da arena.
— Aquela é Sail Away — murmurou o senador — Eu a quero.
O leilão foi concorrido, mas dez minutos depois, quando acabou, Sail Away pertencia ao senador Davis. O telefone celular tocou. Peter Tager atendeu.
— Alô?
Ele escutou por um momento, depois virou-se para o senador.
— Quer falar com Leslie Stewart?
O senador Davis franziu o rosto. Hesitou por um momento, depois pegou o telefone que Tager estendia.
— Como vai, srta. Stewart?
— Lamento incomodá-lo, senador Davis, mas será que poderíamos nos encontrar? Preciso de um favor.
— Voarei de volta a Washington esta noite, e assim...
— Posso ir encontrá-lo em qualquer lugar. É muito importante.
O senador Davis hesitou só por mais um instante.
— Se é tão importante, minha jovem, posso dar um jeito de recebê-la. Partirei para a minha fazenda dentro de poucos minutos. Quer se encontrar comigo ali?
— Seria ótimo.
— Eu a verei dentro de uma hora.
— Obrigada.
Davis desligou o telefone e olhou para Tager
— Eu estava enganado a respeito dela. Pensei que fosse mais esperta. Deveria ter me pedido dinheiro antes de Jan e Oliver casarem. — Ele ficou pensativo por um momento, depois seu rosto se desmanchou num lento sorriso.
— Essa não!
— O que é, senador?
— Acabo de perceber o motivo dessa urgência toda. A srta. Stewart descobriu que está grávida de Oliver e vai precisar de uma pequena ajuda financeira. É o golpe mais antigo do mundo.

Uma hora depois, Leslie entrava com seu carro no terreno de Dutch Hill, a fazenda do senador. Um guarda esperava diante da casa principal.
— Srta. Stewart?
— Sou eu.
— O senador Davis a espera. Venha comigo, por favor.
Ele entrou com Leslie na casa, conduziu-a por um corredor largo que levava a uma vasta biblioteca, atulhada de livros. O senador Davis estava à sua mesa, folheando um livro. Ergueu os olhos e se levantou quando Leslie entrou.
— É um prazer tornar a vê-la, minha cara. Sente-se, por favor.
Leslie sentou-se.
O senador levantou o livro que tinha na mão.
— Isto é fascinante. Relaciona os nomes de todos os vencedores do Derby de Kentucky, do primeiro ao último. Sabia quem foi o vencedor do primeiro Derby do Kentucky?
— Não.
— Aristides, em 1875. Mas tenho certeza que você não veio aqui para conversar sobre cavalos. — Ele largou o livro.
— Disse que queria um favor.
O senador especulou como ela iria formular. Acabei de descobrir que vou ter um filho de Oliver e não sei o que fazer... não quero causar um escândalo, mas... estou disposta a criar a criança, mas não tenho dinheiro suficiente...
— Conhece Henry Chambers? — perguntou Leslie.
O senador Davis piscou rapidamente, apanhado de surpresa.
— Se eu... Henry? Claro que conheço. Por quê?
— Agradeceria muito se pudesse me apresentar a ele.
O senador Davis fitou-a nos olhos, apressando-se em reorganizar seus pensamentos.
— É esse o favor? Quer conhecer Henry Chambers?
— Isso mesmo.
— Infelizmente, srta. Stewart, ele não está mais aqui. Mudou-se para Phoenix, Arizona.
— Sei disso. Estou partindo para Phoenix pela manhã. Achei que seria ótimo se conhecesse alguém por lá.
O senador Davis estudou-a por um momento. Seu instinto lhe dizia que havia alguma coisa naquela história que não compreendia. Ele formulou a pergunta seguinte com extrema cautela:
— Sabe alguma coisa sobre Henry Chambers?
— Não. Só sei que ele é do Kentucky.
O senador fez uma pausa, enquanto tomava a decisão. *Ela é muito bonita,*

pensou ele. *Henry me deveria um favor.*
— Darei um telefonema.
Cinco minutos depois, ele estava falando com Henry Chambers.
— Henry, sou eu. Todd. Tenho certeza de que você lamentará saber que comprei Sail Away esta manhã. Se você estava de olho nela. — Ele escutou por um momento depois soltou uma risada.
— Eu podia apostar nisso, que se divorciou de novo. É uma pena. Eu gostava de Je...
Leslie ficou ouvindo, enquanto a conversa se prolongou por mais alguns minutos. Ao final, o senador Davis disse:
— Henry, vou lhe prestar um favor. Uma amiga minha vai para Phoenix amanhã e não conhece ninguém por aí. Eu agradeceria se você ficasse de olho nela...
— Como ela é?
O senador olhou para Leslie e sorriu, antes de acrescentar:
— Até que não é tão feia assim. Mas não fique com idéias
Ele escutou por um instante, tornou a olhar para Leslie.
— A que horas seu avião chega lá?
— Duas e cinquenta. Vôo 159 da Delta.
O senador repetiu a informação pelo telefone.
— O nome dela é Leslie Stewart. Vai me agradecer por isso. Agora é com você, Henry. Voltarei a entrar em contato. — Ele desligou.
— Obrigada — disse Leslie.
— Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?
— Não. Isso é tudo o que eu preciso.
Por quê? Afinal, o que Leslie Stewart queria com Henry Chambers?

* * *

O fiasco público com Oliver Russell fora cem vezes pior que qualquer coisa que Leslie poderia ter imaginado. Um pesadelo interminável. Por toda parte para onde ia, Leslie ouvia os sussurros.
— É aquela ali. Foi praticamente abandonada no altar;
— Estou guardando meu convite de casamento como souvenir...
— O que será que ela vai fazer com o vestido de noite?
As fofocas aumentavam a angústia de Leslie, a humilhação era insuportável. Nunca mais confiaria num homem.
Mas nunca mesmo. Seu único consolo era que algum dia, de alguma forma, faria Oliver Russell pagar pelo ato imperdoável que cometera contra ela. Não sabia como. Com o senador Davis a apoiá-lo, Oliver teria dinheiro e poder. *Neste caso,*

preciso encontrar um meio de ter mais dinheiro e mais poder, pensou Leslie. *Mas como? Como?*

A cerimônia de posse foi realizada no jardim da assembléia estadual, em Frankfort, perto do requintado relógio de flores de dez metros.

Jan postou-se ao lado de Oliver, orgulhosa, observando seu belo marido prestar juramento como governador do Kentucky.

Se Oliver se comportasse direito, a próxima parada seria a Casa Branca, o pai lhe assegurara. E Jan tencionava fazer tudo ao seu alcance para que nada saísse errado. Absolutamente nada.

* * *

Depois da cerimônia, Oliver e o sogro sentaram na biblioteca do Palácio do Executivo, um lindo prédio que imitava o Petit Trianon, a residência de Maria Antonieta perto do palácio de Versalhes. O senador Davis correu os olhos pela luxuosa sala e acenou com a cabeça em satisfação.

— Vai se dar bem aqui, filho. Muito bem.

— Devo tudo a você — declarou Oliver, efusivo. — E não esquecerei isso.

O senador Davis acenou com a mão para descartar o assunto.

— Não pense nisso, Oliver. Você está aqui porque merece. Talvez eu tenha ajudado um pouco, é verdade. Mas deve pensar que isto é apenas o início. Estou na política há muito tempo, filho, e aprendi algumas coisas.

Ele olhou para Oliver, esperando.

Respeitoso, Oliver murmurou:

— Eu adoraria ouvi-las, Todd.

— As pessoas não entendem direito como funciona explicou o senador Davis.

— O importante não é quem você conhece, mas sim o que sabe sobre quem conhece. Todo mundo tem algum segredo enterrado em algum lugar. Tudo o que você precisa fazer é desenterrá-lo, e ficará surpreso ao descobrir como os outros terão o maior prazer em ajudá-lo em qualquer coisa que precisar. Por acaso sei que há um congressista em Washington que passou um ano numa instituição para doentes mentais. Um representante de um estado do Norte passou uma temporada num reformatório por roubar. Pode compreender os prejuízos que eles teriam na carreira política se esses fatos fossem divulgados? Mas constituem uma arma que podemos usar.

O senador abriu uma pasta de couro, tirou um maço de papéis e entregou a Oliver.

— Estas são as pessoas com as quais você vai lidar aqui no Kentucky. São homens e mulheres poderosos, mas todos têm seu calcanhar-de-aquiles. — O

senador sorriu.
— Até o prefeito tem seu calcanhar-de-aquiles. Ele é um travesti.
Oliver folheava os papéis, com os olhos arregalados.
— Guarde isto trancado a sete chaves, está bem? É uma mina de ouro.
— Não se preocupe, Todd. Terei o maior cuidado.
— E mais uma coisa, filho... não pressione demais essas pessoas quando precisar de alguma coisa. Não as quebre, apenas as dobre um pouco. — O senador fez uma pausa, estudando Oliver. — Como você e Jan estão se dando?
— Muito bem.
Era verdade, num certo sentido. Para Oliver, era um casamento de conveniência, e ele tomava o cuidado de evitar qualquer coisa que pudesse perturbá-lo. Jamais esqueceria o que seu deslize anterior quase lhe custara.
— Isso é ótimo. A felicidade de Jan é muito importante para mim.
Era um aviso.
— Para mim também — murmurou Oliver.
— Ah, outra coisa. Você gosta de Peter Tager?
Oliver respondeu com o maior entusiasmo:
— Gosto e muito. Ele tem sido uma tremenda ajuda para mim.
O senador Davis acenou com a cabeça.
— Fico contente em ouvir isso. Não vai encontrar outro melhor. Vou emprestá-lo a você, Oliver. Ele pode abrir muitos caminhos à sua frente.
Oliver sorriu.
— Fico muito agradecido.
O senador Davis levantou-se.
— Tenho de voltar a Washington. Avise-me se precisar de alguma coisa.
— Obrigado, Todd.

* * *

No domingo, depois da reunião com o senador Davis, Oliver tentou falar com Peter Tager.
— Ele está na igreja, governador.
— Ah, sim. Esqueci. Falarei com ele amanhã.
Peter Tager ia à igreja todos os domingos com a família, e três vezes por semana participava de uma reunião de orações que durava duas horas. De certa forma, Oliver o invejava. *Tager deve ser o único homem realmente feliz que conheço,* pensava ele.
Na manhã de segunda-feira, Tager entrou na sala de Oliver.
— Queria falar comigo, Oliver?

— Preciso de um favor. É pessoal.
Peter acenou com a cabeça.
— Qualquer coisa que eu puder fazer.
— Preciso de um apartamento.
Tager correu os olhos pela enorme sala com uma expressão irônica de incredulidade.
— Acha que este lugar é pequeno demais para você, governador?
— Não. — Oliver fitou o único olho de Tager.
— Às vezes tenho encontros particulares à noite. E devem ser discretos. Entende o que estou dizendo?
Houve uma pausa constrangida.
— Entendo.
— Quero um apartamento longe do centro. Pode cuidar disso para mim?
— Acho que sim.
— O assunto deve ficar apenas entre nós dois, é claro.
Peter Tager acenou com a cabeça, infeliz.

* * *

Uma hora depois, Tager ligou para o senador Davis em Washington.
— Oliver me pediu para alugar um apartamento para ele, senador. Com o máximo de discrição.
— É mesmo? Ele está aprendendo, Peter. Pois faça o que ele pede. E cuide para que Jan nunca descubra. — O senador pensou por um instante. — Arrume um apartamento em Indian Hills. Algum lugar com uma entrada particular.
— Mas não é certo que ele...
— Peter... apenas faça.

* * *

A solução para o problema de Leslie veio em duas matérias separadas no Lexington Ilerald-Leader. A primeira era um longo editorial elogiando o governador Oliver Russell. A última frase dizia: "Nenhum de nós aqui no Kentucky que o conhece ficará surpreso quando um dia Oliver Russell se tornar presidente dos Estados Unidos."
Uma notícia na página seguinte dizia: "Henry Chambers, ex-residente em Lexington, cujo cavalo Lightning ganhou o Derby do Kentucky há cinco anos, acaba de se divorciar de sua terceira esposa, Jessica. Chambers, que agora reside em Phoenix, é o proprietário e editor do Phoenix Star."
O poder da imprensa. Esse era o verdadeiro poder. Katharine Graham e seu

Washington Post haviam destruído um presidente americano.
E foi nesse instante que a idéia tomou forma.
Leslie passou os dois dias seguintes fazendo uma pesquisa sobre Henry Chambers. Havia algumas informações interessantes sobre ele na Internet. Chambers era um filantropo de 55 anos que herdara uma fortuna na indústria do tabaco e devotara a maior parte de sua vida a distribuí-la. Mas não era o seu dinheiro que interessava a Leslie. Era o fato de que ele possuía um jornal e acabara de se divorciar.
Meia hora depois de seu encontro com o senador Davis, Leslie entrou na sala de Jim Bailey.
— Vou embora, Jim.
Ele fitou-a com uma expressão compreensiva.
— Boa idéia. Você precisa mesmo de umas férias. Quando voltar, poderemos...
— Não vou voltar.
— O quê? Eu... eu não quero que você vá, Leslie. Fugir não vai resolver...
— Não estou fugindo.
— A decisão é irrevogável?
— É, sim.
— Detestaremos perdê-la. Quando quer sair?
— Já saí.

* * *

Leslie Stewart pensara muito nas várias maneiras pelas quais poderia conhecer Henry Chambers. As possibilidades eram intermináveis, mas ela descartou uma a uma. O que tinha em mente precisava ser planejado com o maior cuidado. E de repente ela se lembrara do senador Davis. Chambers e Davis tinham as mesmas origens, frequentavam os mesmos círculos. Não podia haver a menor dúvida de que se conheciam. E Leslie decidira telefonar para o senador.
Ao chegar ao aeroporto Sky Harbor, em Phoenix, Leslie teve um súbito impulso e foi até a banca de jornais do terminal. Comprou um exemplar do Phoenix Stay e deu uma olhada. Não teve sorte. Comprou também o Arizona Republic, mas só encontrou o que procurava num terceiro jornal, Phoenix Gazette. Lá estava, a coluna astrológica de Zoltaire. *Não que eu acredite em astrologia. Sou inteligente demais para essas besteiras. Mas...*

PARA LEÃO (23 DE JULHO A 22 DE AGOSTO). JÚPITER ESTÁ SE JUNTANDO AO SEU SOL. PLANOS ROMÂNTICOS FEITOS AGORA SERÃO REALIZADOS. EXCELENTES PERSPECTIVAS PARA O FUTURO. AJA COM CAUTELA.

Havia um motorista e uma limusine à sua espera na saída do terminal.
— Srta. Stewart?
— Pois não?
— O sr. Chambers envia seus cumprimentos e pediu-me que a levasse ao hotel.
— É muita gentileza dele.
Leslie sentiu-se desapontada. Esperava que Chambers viesse recebê-la pessoalmente.
— O sr. Chambers gostaria de saber se está livre para jantar com ele esta noite.
Melhor. Muito melhor.
— Por favor, diga a ele que terei o maior prazer.
Às oito horas daquela noite, Leslie estava jantando com Hénry Chambers. Era um homem atraente, com um rosto aristocrático, cabelos castanhos se tornando grisalhos, e um entusiasmo, cativante. Estudou Leslie com uma evidente admiração.
— Todd falou sério quando disse que estaria me prestando um favor.
Leslie sorriu.
— Obrigada.
— O que a fez tomar a decisão de vir para Phoenix, Leslie?
Você não vai querer saber.
— Ouvi falar tanto a respeito da cidade que pensei que gostaria de morar aqui.
— É uma cidade sensacional. Você vai adorar. O Arizona tem tudo... o Grand Canyon, deserto, montanhas. Pode-se encontrar tudo o que se quiser aqui.
E eu encontrei, pensou Leslie.
— Vai precisar de um lugar para morar. Tenho certeza de que posso ajudá-la a encontrar o que deseja.
Leslie sabia que seu dinheiro não duraria por mais de três meses. No final das contas, porém, precisou de apenas dois meses para consumar seu plano.
As livrarias ofereciam incontáveis livros para as mulheres relatando as melhores maneiras de conquistar um homem. Os diversos tipos de psicologia popular variavam de "Banque a difícil" a "Fisgue seu homem na cama".
Leslie não seguiu nenhum desses conselhos. Usou seu próprio método: excitou Henry Chambers ao máximo. Não em termos físicos, mas mentais.
Henry jamais conhecera uma mulher como ela. Era um homem da velha escola, convencido de que qualquer loura bonita era também burra. Nunca lhe ocorrera que sempre se sentira atraído por mulheres que eram lindas, mas que não primavam pelos dotes intelectuais. Leslie foi uma revelação para ele. Era inteligente e articulada, versada em uma espantosa gama de assuntos. Conversavam sobre filosofia, religião e história. Henry confidenciou a um

amigo:
— Acho que ela anda lendo uma porção de livros só para poder conversar comigo.
Henry Chambers apreciava muito a companhia de Leslie. Mostrava-a aos amigos e a exibia em seu braço como um troféu. Levou-a ao Carefree Wine, ao Fine Art Festival e ao Actors Theater. Foram assistir ao jogo do Phoenix Suns na America West Arena. Visitaram a Lyon Gallery, em Scottsdale, Symphony Hall e a pequena cidade de Chandler, para ver a Doo-dah Parade. Uma noite foram ver um jogo de hóquei com o Phoenix Roadrunners. Depois da partida, Henry disse:
— Gosto muito de você, Leslie. Acho que seríamos maravilhosos juntos. Adoraria fazer amor com você.
Leslie pegou a mão dele entre as suas e murmurou:
— Também gosto de você, Henry, mas a resposta é não.
Tinham um almoço marcado no dia seguinte. Henry telefonou para Leslie.
— Por que não vem me buscar no Star? Quero que conheça o jornal.
— Eu adoraria.
Era por isso que Leslie estava esperando. Havia dois outros jornais em Phoenix, o Arizona Republic e o Phoenix Gazette. O jornal de Henry, o Star, era o único que dava prejuízo.
A redação e as oficinas do Phoenix Stay eram menores do que Leslie imaginara. Henry levou-a numa excursão por todo o jornal e Leslie pensou: Um jornal como este não vai derrubar um governador ou um presidente. Mas era um trampolim. Ela tinha planos para usá-lo.
Leslie mostrou-se interessada por tudo o que viu. Fez inúmeras perguntas a Henry, que sempre as transferia para Lyle Bannister, o editor-executivo. Ela ficou espantada pelo pouco que Henry parecia saber sobre o jornal, com o seu desinteresse. O que a deixou ainda mais determinada a aprender tudo o que pudesse.
Aconteceu no Borgata, um restaurante que parecia um castelo, num cenário de velha aldeia italiana. Jantaram bisque de lagosta, medalhões de vitela com sauce béarnaise, aspargos ao vinagrete e um suflê ao Grand Marnier. Henry Chambers era uma companhia encantadora e fácil, e a noite fora das mais agradáveis.
— Adoro Phoenix — comentou ele. — difícil acreditar que há apenas cinquenta anos a população da cidade era de sessenta e cinco mil habitantes. Agora passa de um milhão.
Leslie estava curiosa sobre uma coisa.
— O que o fez decidir deixar o Kentucky e se mudar para cá, Henry?
Ele deu de ombros.
— No fundo, não foi uma decisão minha. O problema foi dos meus pulmões. Os

médicos não sabiam quanto tempo mais de vida eu teria. Disseram que o Arizona seria o melhor clima para mim. Por isso, resolvi passar o resto da minha vida... o que quer que isso signifique... vivendo aqui. — Henry sorriu. — E aqui estamos. – Ele pegou a mão de Leslie.
— Quando disseram que seria bom para mim, nem podia imaginar o quanto. Não acha que estou velho demais para você, não é? Havia ansiedade na voz dele.
Leslie sorriu.
— É muito jovem... jovem demais.
Henry fitou-a em silêncio por um longo momento.
— Falo sério. Quer casar comigo?
Leslie fechou os olhos. Podia ver a placa de madeira pintada a mão na trilha no Breaks Interstate Park: LESLIE, QUER CASAR COMIGO?... Não posso prometer que vai casar com um governador, mas sou um bom advogado. Ela abriu os olhos e fitou Henry.
— Quero, sim. Mais do que qualquer outra coisa no mundo.
Casaram duas semanas depois.
Quando a notícia do casamento saiu no Lexington Herald Leadey, o senador Todd Davis contemplou-a por um longo momento. *Lamento incomodá-lo, senador, mas será que poderíamos nos encontrar? Preciso de um favor... Conhece Henry Chambers?... Agradeceria muito se quisesse me apresentar a ele.*
Se isto é tudo o que ela quer, não haveria qualquer problema.
Se é tudo o que ela quer...
Leslie e Henry foram a Paris na lua-de-mel. Aonde quer que fossem, ela especulava se Oliver e Jan haviam visitado aqueles mesmos lugares, andado por aquelas ruas, jantado aqui, feito compras ali. Imaginava os dois juntos, fazendo amor, Oliver sussurrando no ouvido de Jan as mesmas mentiras que dissera para ela. Mentiras pelas quais ele ainda haveria de pagar caro.
Henry amava-a com sinceridade e fazia tudo o que pudesse para torná-la feliz. Em outras circunstâncias, Leslie poderia ter se apaixonado por ele, mas algo em seu íntimo morrera para sempre. Nunca mais posso confiar em qualquer homem.
Poucos dias depois de voltarem a Phoenix, Leslie surpreendeu Henry ao anunciar:
— Henry, eu gostaria de trabalhar no jornal.
Ele riu.
— Por quê?
— Acho que seria interessante. Fui executiva numa agência de propaganda. Talvez possa ajudá-lo nessa área.
Ele protestou, mas no final acabou cedendo.

Henry notou que Leslie lia o Lexington Heyald-Leader todos os dias.
— Acompanhando o noticiário sobre o pessoal da cidade natal? — zombou ele.
— De certa forma, sim.
Leslie sorriu. Lia avidamente tudo o que se escrevia sobre Oliver. Queria que ele fosse feliz e bem-sucedido.
Quanto maiores eles são...
Quando Leslie ressaltou que o Star estava dando prejuízo, Henry soltou uma risada.
— Meu bem, é uma gota num balde. Recebo dinheiro de lugares de que você nunca ouviu falar. Não tem a menor importância.
Mas tinha para Leslie. E muita. À medida que se tornava mais e mais envolvida na direção do jornal, concluiu que o motivo para o prejuízo estava no movimento sindical. A gráfica do Phoenix Star estava superada, mas os líderes sindicais se recusavam a permitir que o jornal adquirisse novos equipamentos, alegando que isso custaria muitos empregos a gráficos sindicalizados. Estavam no momento negociando um novo contrato com o Star. Quando Leslie abordou a situação, Henry disse:
— Por que nos incomodarmos com essas coisas? Vamos tratar de apenas nos divertir.
— Estou me divertindo — garantiu Leslie.
Leslie teve uma reunião com Craig McAllister, o advogado do Star.
— Como vão as negociações?
— Eu gostaria de ter notícias melhores, sra. Chambers, mas receio que a situação não seja nada boa.
— Ainda estamos negociando, não é?
— Aparentemente. Mas Joe Riley, o líder do sindicato dos gráficos, é um obstinado filho da... um homem obstinado. Não quer ceder um centímetro. O contrato coletivo dos gráficos termina dentro de dez dias. Riley garante que se o sindicato não tiver assinado um novo contrato até lá, os gráficos entrarão em greve.
— Acredita nele?
— Acredito. Não gosto de ceder aos sindicatos, mas a verdade é que sem isso não teremos jornal. Eles podem nos fechar. Mais de uma publicação já quebrou por tentar desafiar os sindicatos.
— O que eles estão pedindo?
— O de sempre. Horário menor, aumentos, proteção contra futura automação...
— Eles estão nos pressionando, Craig. Não gosto disso.
— Não é uma questão emocional, sra. Chambers. É uma questão prática.
— Então seu conselho é ceder?

— Creio que não temos opção.
— Por que não me deixa ter uma conversa com Joe Riley?
A reunião foi marcada para as duas horas da tarde, e Leslie se atrasou na volta do almoço. Ao entrar na ante-sala, deparou com Riley à sua espera, conversando com a secretária, Amy, uma jovem bonita, de cabelos escuros.
Joe Riley era um irlandês de aparência rude, com quarenta e poucos anos. Era gráfico há mais de quinze. Três anos antes, assumira o comando de seu sindicato e conquistara a reputação de ser um negociador dos mais duros. Leslie ficou parada ali por um momento, observando-o flertar com Amy. Riley dizia:
— ...e foi então que o homem se virou para ela e disse: é fácil para você falar isso, mas como eu vou voltar?
Amy riu.
— Onde ouviu essa, Joe?
— Circulando por aí, querida. Que tal jantar comigo esta noite?
— Eu adoraria.
Foi nesse instante que Riley viu Leslie.
— Boa tarde, sra. Chambers.
— Boa tarde, sr. Riley. Vamos entrar?
Riley e Leslie foram sentar na sala de reunião do jornal.
— Aceita um café? — ofereceu Leslie.
— Não, obrigado.
— Alguma coisa mais forte?
Ele sorriu.
— Sabe que é contra os regulamentos beber durante o horário de trabalho, sra. Chambers.
Leslie respirou fundo.
— Queria conversar com você porque soube que é um homem muito justo.
— Tento ser.
— Quero que saiba que simpatizo com o seu sindicato. Acho que vocês têm direito a alguma coisa, mas o que estão pedindo não é razoável. Alguns de seus hábitos estão nos custando milhões de dólares por ano.
— Poderia ser mais específica?
— Com prazer. Os homens estão trabalhando cada vez menos no expediente normal e encontrando meios de continuar aqui para receber horas extras. Alguns chegam a fazer três turnos, trabalhando durante todo o fim de semana. Não podemos mais permitir isso. Estamos perdendo dinheiro porque nosso equipamento está superado. Se pudéssemos ter novas máquinas...
— Absolutamente não! Os novos equipamentos que você quer introduzir no jornal deixariam meus homens desempregados. Não tenho a menor intenção de

permitir que máquinas joguem meus homens na rua. Afinal, as máquinas não têm de comer, mas meus homens precisam. — Riley levantou-se.
— Nosso contrato termina na semana que vem. Ou conseguimos o que queremos, ou entramos em greve.
Quando Leslie relatou a reunião para Henry naquela noite, ele disse:
— Por que você quer se envolver nessas coisas? Os sindicatos constituem um problema com que temos de conviver. Deixe-me lhe dar um bom conselho, querida. É nova nisso, e uma mulher ainda por cima. Deixe os homens cuidarem de tudo. Não vamos... — ele parou de falar, esbaforido.
— Você está bem?
Henry acenou com a cabeça.
— Estive com meu estúpido médico hoje. Ele acha que devo passar a usar um tanque de oxigênio.
— Providenciarei tudo o que precisar — declarou Leslie. — E vou contratar uma enfermeira para ficar com você quando eu não estiver...
— Não! Não preciso de nenhuma enfermeira. Eu... apenas estou me sentindo um pouco cansado.
— Calma, Henry. Deixe-me levá-lo para a cama.
Três dias depois, quando Leslie convocou uma reunião de emergência do conselho, Henry disse:
— Vá sozinha, meu bem. Ficarei em casa, para não me afligir.
O tanque de oxigênio ajudara, mas ele vinha se sentindo cada vez mais fraco e deprimido. Leslie telefonou para o médico.
— Ele tem emagrecido demais e sente dores. Tem de haver alguma coisa que você possa fazer.
— Já estamos fazendo tudo o que podemos, sra. Chambers. Apenas cuide para que ele repouse o máximo possível e não deixe de tomar os medicamentos.
Leslie permaneceu sentada, observando Henry estendido na cama, tossindo.
— Lamento pela reunião, querida — murmurou ele. Você pode cuidar de tudo. E, no final das contas, não há mesmo nada que eu possa fazer.
Ela se limitou a sorrir.
Os membros do conselho estavam reunidos em torno da mesa na sala de reunião, tomando café e servindo-se de bagels e queijo cremoso, à espera de Leslie. Ao chegar, ela disse:
— Lamento deixá-los esperando, senhoras e senhores. Henry manda seus cumprimentos.
As coisas haviam mudado desde a primeira reunião do conselho a que Leslie comparecera. O conselho esnobara-a naquela ocasião, tratara-a como uma intrusa. Mas, pouco a pouco, à medida que aprendia sobre o negócio de jornal,

Leslie passara a fazer sugestões valiosas e ganhara o respeito de todos. Agora, com a reunião prestes a começar, Leslie virou-se para Amy, que servia o café, e disse:
— Amy, eu gostaria que você ficasse para a reunião.
A secretária fitou-a, aturdida.
— Lamento, mas não sou muito boa em taquigrafia, sra. Chambers. Cynthia pode fazer um trabalho muito melhor e...
— Não quero que faça uma ata da reunião. Deve apenas anotar as resoluções que adotarmos no final.
— Pois não, madame.
Amy pegou uma caneta e um bloco e foi se sentar numa cadeira encostada na parede. Leslie virou-se para o conselho.
— Temos um problema. Nosso contrato com o sindicato dos gráficos está quase expirando. Há três meses que negociamos, mas não conseguimos chegar a um acordo. Precisamos tomar uma decisão, e tem de ser rápida. Todos viram os relatórios que enviei. Gostaria de ouvir suas opiniões.
Ela olhou para Gene Osborne, sócio de uma firma de advocacia local.
— Se quer saber mesmo o que penso, Leslie, acho que eles já receberam demais. Dê o que estão querendo agora, e amanhã eles pedirão ainda mais.
Leslie acenou com a cabeça e olhou para Aaron Drexel. Proprietário de uma loja de departamentos local.
— Aaron?
— Tenho de concordar. O sindicato obriga o jornal a contratar mais gente do que é preciso. Se dermos alguma coisa, devemos exigir algo em troca. Na minha opinião, podemos suportar uma greve, mas eles não podem.
Os comentários dos outros foram similares. Leslie declarou:
— Tenho de discordar de todos. — Eles a fitaram, espantados.
— Acho que devemos deixar que eles tenham o que querem.
— Mas isso é uma loucura!
— Eles acabarão donos do jornal!
— Não teremos mais como detê-los!
— Não podemos ceder!
Leslie deixou que falassem. Quando terminaram, ela disse:
— Joe Riley é um homem justo. Ele acredita no que está pedindo.
Sentada junto da parede, Amy acompanhava a discussão, atônita. Uma das mulheres comentou:
— Fico surpresa por você tomar o lado dele, Leslie.
— Não estou tomando o lado de ninguém. Apenas acho que devemos ser razoáveis nesta situação. Seja como for, a decisão não é minha. Vamos fazer uma

votação. — Ela olhou para Amy.
— É isso o que quero que você registre.
— Pois não, madame.
Leslie tornou a se virar para o grupo.
— Peço que todos aqueles que se opõem às exigências do sindicato levantem a mão. — Onze mãos foram erguidas, e ela acrescentou:
— Que fique registrado que votei sim e que o resto do conselho votou para não aceitarmos as exigências do sindicato.
Amy escrevia em seu bloco, com uma expressão pensativa. Leslie continuou:
— Então está resolvido. — Ela se levantou. — Se não há mais nenhum assunto a tratar...
Os outros também se levantaram.
— Obrigada por terem vindo. — Leslie observou-os sair, depois virou-se para Amy.
— Pode bater isso agora, por favor?
— Pois não, sra. Chambers.
Leslie encaminhou-se para a sua sala.
O telefonema veio pouco depois.
— O sr. Riley está na linha um — informou Amy Leslie atendeu.
— Alô?
— Joe Riley. Só queria lhe agradecer pelo que tentou fazer.
— Não compreendo...
— A reunião do conselho. Já soube o que aconteceu.
— Estou surpresa, sr. Riley. Foi uma reunião particular.
Joe Riley riu.
— Digamos que tenho amigos nos baixos escalões. Seja como for, achei que foi sensacional o que tentou fazer. É uma pena que não tenha dado certo.
Houve um breve silêncio, depois Leslie murmurou:
— Sr. Riley... e se eu pudesse fazer com que desse certo?
— Como assim?
— Tenho uma idéia. Mas prefiro não discuti-la pelo telefone. Podemos nos encontrar em algum lugar... discretamente?
Houve uma pausa.
— Claro. Em que lugar está pensando?
— Qualquer lugar em que nenhum dos dois será reconhecido.
— Que tal nos encontrarmos no Golden Cup?
— Combinado. Estarei lá dentro de uma hora.
— Até já.

* * *

O Golden Cup era um café infame na parte mais miserável de Phoenix, perto dos trilhos ferroviários. A polícia sempre advertia os turistas a manter distância da área. Joe Riley ocupava um reservado no canto quando Leslie entrou.
Levantou-se quando ela se aproximou.
— Agradeço por ter vindo — disse Leslie.
Os dois sentaram.
— Vim porque você disse que pode haver algum meio de obter meu contrato.
— Há, sim. Acho que o conselho está sendo estúpido e míope. Tentei persuadi-los, mas não quiseram me escutar.
Ele acenou com a cabeça.
— Sei disso. Aconselhou-os a aceitarem o novo contrato.
— Isso mesmo. Mas eles não compreendem como seus gráficos são importantes para o nosso jornal.
Ele a estudava, perplexo.
— Mas se votaram contra você, como podemos...
— Só votaram contra mim porque não levam seu sindicato a sério. Se querem evitar uma greve prolongada, e talvez a morte do jornal, devem demonstrar que não podem ser desdenhados.
— Como assim?
Leslie disse, um tanto nervosa:
— O que vou lhe dizer é confidencial, mas é a única maneira de conseguirem o que querem. Eles pensam que vocês estão blefando. Não acreditam que estejam determinados. Precisam provar o contrário. O contrato de vocês termina à meia-noite desta sexta-feira.
— Isso mesmo...
— Eles esperam que vocês paralisem o trabalho calmamente. — Leslie inclinou-se para a frente. — Pois não façam isso! — Riley escutava com toda atenção, enquanto ela continuava: — Provem que eles não podem fazer o jornal sem vocês. Não se limitem a deixar o trabalho como cordeiros. Causem alguns danos.
Os olhos de Riley se arregalaram.
— Não seria nada muito grave — ressaltou Leslie. Apenas o suficiente para demonstrar que vocês não estão para brincadeira. Cortem alguns cabos, deixem uma ou duas rotativas fora de ação. Deixem que eles aprendam que precisam de vocês para operar as máquinas. Tudo poderá ser reparado em um ou dois dias, mas até lá vocês os terão assustado o bastante para que recuperem o bom senso. Eles finalmente saberão com quem estão lidando.
Joe Riley permaneceu em silêncio por um longo tempo, estudando Leslie.

— Você é uma mulher extraordinária.
— Nem tanto. Pensei bastante no assunto. Minhas opções eram simples. Vocês podem causar alguns danos, que possam ser reparados com facilidade, e obrigar o conselho a retomar as negociações, ou podem deixar o trabalho em paz e se resignarem a uma greve prolongada, da qual o jornal talvez nunca se recupere. Minha única preocupação é proteger o jornal.
Um lento sorriso iluminou o rosto de Riley.
— Deixe-me lhe pagar um café, sra. Chambers.
— Estamos em greve!

* * *

Na noite de sexta-feira, um minuto depois da meia-noite os gráficos atacaram, sob o comando de Joe Riley. Retiraram peças de máquinas, viraram mesas cheias de equipamentos, atearam fogo a duas rotativas. Um guarda que tentou detê-los foi brutalmente espancado. Os gráficos, que pretendiam de início apenas deixar algumas máquinas fora de uso, foram se animando cada vez mais na empolgação e tornaram-se mais e mais destrutivos.
— Vamos mostrar aos desgraçados que não podem fazer conosco o que bem quiserem! — gritou um dos homens.
— Não há jornal sem o nosso trabalho!
— Nós somos o Star!
Soaram gritos de aclamação. Os homens ficaram ainda mais violentos. As oficinas gráficas logo estavam em destroços. Em meio ao tumulto generalizado, refletores se acenderam subitamente nos quatro cantos. Os homens pararam, olhando ao redor, aturdidos. Perto das portas, câmeras de televisão registravam o tumulto e a destruição. Havia também repórteres do Arizona Republic e Phoenix Gazette, assim como de agências noticiosas. E pelo menos uma dúzia de policiais e bombeiros.
Joe Riley contemplou a cena, chocado. Como haviam chegado ali tão depressa? Enquanto os policiais se adiantavam e os bombeiros acionavam suas mangueiras, a resposta ocorreu de repente a Riley e ele experimentou a sensação de que alguém desferira um chute em seu estômago. Leslie Chambers armara tudo! Quando fossem divulgadas as imagens da destruição promovida pelo sindicato, não haveria mais qualquer simpatia por eles. A opinião pública viraria contra o movimento. A desgraçada planejara aquilo desde o início...
As imagens foram ao ar pela televisão uma hora depois, enquanto as emissoras de rádio divulgavam detalhes da destruição irresponsável. As agências noticiosas despacharam o relato do incidente para o mundo inteiro, descrevendo como

empregados violentos se voltaram contra a mão que os alimentava. Foi um triunfo de relações públicas para o Phoenix Star.
Leslie preparara tudo muito bem. Antes, enviara secretamente alguns executivos do Star ao Kansas para aprender como operar as novas máquinas e ensinar a empregados não-sindicalizados. Logo depois do incidente da sabotagem, dois outros sindicatos em greve, dos distribuidores e dos fotogravadores, chegaram a um acordo com o Star.
Com os sindicatos derrotados e o caminho aberto para modernizar a tecnologia do jornal, os lucros começaram a surgir. Da noite para o dia, a produtividade aumentou em vinte por cento.

* * *

Na manhã seguinte à greve, Amy foi despedida.
Ao final de uma tarde de sexta-feira, dois anos depois de seu casamento, Henry teve um princípio de indigestão. Na manhã de sábado, começou a sentir dores no peito e Leslie chamou uma ambulância, que o levou às pressas para o hospital. No domingo, Henry Chambers morreu.
Deixou toda a sua fortuna para Leslie.
Na segunda-feira depois do funeral, Craig McAllister foi falar com Leslie.
— Preciso tratar de algumas questões legais com você, mas se achar que é cedo demais...
— Não — disse Leslie. — Estou bem.
A morte de Henry a afetara mais do que ela esperava. Era um homem gentil e terno, e ela o usara porque precisava de sua ajuda para a vingança contra Oliver. E, de alguma forma, na mente de Leslie, a morte de Henry tornara-se mais uma razão para destruir Oliver.
— O que você quer que eu faça com o Star? — perguntou McAllister. — Não imagino que vai querer passar seu tempo a dirigi-lo.
— É exatamente o que tenciono fazer. Vamos expandi-lo.
Leslie pediu um exemplar de Managing Editor, a revista que relaciona os corretores de jornais dos Estados Unidos. Escolheu Dirks Van Essen & Associates, de Santa Fé, Novo México.
— Aqui é a sra. Henry Chambers. Estou interessada em adquirir outro jornal, e gostaria de saber qual é o disponível...
Era o Sun, de Hammond, Oregon.
— Eu gostaria que você voasse até lá e desse uma olhada — pediu Leslie a McAllister.
Dois dias depois, McAllister telefonou para Leslie.

— Pode esquecer o Sun, sra. Chambers.
— Qual é o problema?
— O problema é que Hammond é uma cidade de dois jornais. A circulação diária do Sun é de quinze mil exemplares.
O outro jornal, o Hammond Chronicle, tem uma circulação de vinte e oito mil exemplares, quase o dobro. E o dono do Sun está pedindo cinco milhões de dólares. O negócio não faz o menor sentido.
Leslie pensou por um momento.
— Espere por mim — disse a ele. — Estou indo para aí.
Leslie passou os dois dias seguintes examinando o jornal e estudando seus livros contábeis.
— Não há a menor possibilidade do Sun competir com o Chronicle — assegurou McAllister. — O Chronicle continua a crescer. A circulação do Sun vem caindo a cada ano, durante os últimos cinco anos.
— Sei disso — murmurou Leslie. — Mas vou comprá-lo.
O advogado fitou-a, aturdido.
— Vai o quê?
— Vou comprá-lo.
O negócio foi fechado em três dias. O dono do Sun ficou deliciado em se livrar do jornal.
— Tirei vantagem da dona neste negócio — gabou-se ele. — Ela me pagou cinco milhões de dólares.
Walt Meriwether, o proprietário do Hammond ChronicLe, foi visitar Leslie.
— Soube que você é minha nova concorrente — disse ele, num tom gentil.
Ela acenou com a cabeça.
— É verdade.
— Se as coisas não correrem bem para você aqui, talvez esteja interessada em me vender o Sun.
Leslie sorriu.
— E se tudo correr bem, talvez você esteja interessado em me vender o Chyonicle.
Meriwether riu.
— Claro. Eu lhe desejo muita sorte, sra. Chambers. Ele voltou para o Chronicle e declarou, confiante:
— Dentro de seis meses possuiremos o Sun.
Leslie voltou a Phoenix e conversou com Lyle Bannister, o editor-executivo do Star.
— Você vai comigo para Hammond, Oregon. Quero que dirija o jornal até que fique de pé.

— Conversei com o sr. McAllister — disse Bannister.— O jornal não tem base. Ele comentou que é um desastre ambulante.
Leslie estudou-o por um momento.
— Mas faça o que estou pedindo.
No Oregon, Leslie convocou uma reunião com os empregados do Sun.
— Vamos operar de uma maneira um pouco diferente daqui por diante — comunicou ela. — Esta é uma cidade de dois jornais, e vamos ser donos de ambos.
Derek Zornes, o editor-executivo do Sun, declarou:
— Desculpe, sra. Chambers, mas não tenho certeza se compreende a situação. Nossa circulação é muito menor que a do Chronicle, e continuamos a cair todos os meses. Não há a menor possibilidade de alcançá-los.
— Não apenas vamos alcançá-los, mas também acabar com o Chronicle — garantiu Leslie.
Os homens na sala trocaram olhares e todos tiveram o mesmo pensamento: Mulheres e amadores devem ficar fora do negócio jornalístico.
— Como planeja fazer isso? — perguntou Zornes, polido.
— Alguma vez já assistiu a uma tourada? — indagou Leslie.
Ele piscou, surpreso.
— Uma tourada? Não...
— Quando o touro entra em disparada na arena, o matador não avança para matá-lo de imediato. Faz o touro sangrar até que fique bastante fraco para ser morto.
Zornes fazia um tremendo esforço para não rir.
— E vamos sangrar o Chyonicle?
— Exatamente.
— E como faremos isso?
— A partir de segunda-feira, estamos reduzindo o preço de banca do Sun de trinta e cinco centavos para vinte. E a tabela de publicidade terá uma redução de trinta por cento. Na próxima semana iniciaremos um concurso de prêmios em que nossos leitores poderão ganhar viagens gratuitas para o mundo inteiro. Começaremos a divulgar o concurso imediatamente.
Quando os empregados se reuniram mais tarde para conversar sobre a reunião, o consenso foi o de que o jornal fora comprado por uma louca.
A hemorragia começou, mas era o Sun que estava sangrando. McAllister perguntou a Leslie:
— Tem alguma idéia do montante do prejuízo do Sun?
— Sei exatamente quanto o jornal está perdendo.
— E por quanto tempo planeja continuar assim?

— Até ganharmos. Não se preocupe. Vamos ganhar.
Mas Leslie estava preocupada. Os prejuízos se tornavam mais pesados a cada semana. A circulação continuava a diminuir, e a reação dos anunciantes à redução dos preços não fora muito entusiasmada.
— Sua teoria não está funcionando — comentou McAllister, — Temos de reduzir nossos prejuízos. Acho que você pode continuar a bombear dinheiro, mas qual o sentido?
Na semana seguinte, a circulação parou de cair.
Demorou oito semanas para a circulação do Sun começar a subir.
A redução do preço de banca e da tabela de anúncios era atraente, mas o que subiu mesmo a circulação foi o concurso de prêmios. Prolongou-se por doze semanas, e os participantes tinham de competir todas as semanas. Os prêmios eram cruzeiros pelos mares do Sul e viagens a Londres, Paris e Rio. À medida que os prêmios eram distribuídos e divulgados, com fotos dos vencedores na primeira página, a circulação do Sun começou a eclodir.
— Você assumiu um tremendo risco, mas está dando certo — admitiu McAllister, relutante.
— Não houve risco algum — respondeu Leslie. — Eu tinha certeza de que as pessoas não poderiam resistir a ganhar alguma coisa sem dar nada em troca.
Walt Meriwether ficou furioso quando recebeu o último boletim de circulação. Pela primeira vez em anos, o Sun estava na frente do Chronicle.
— Muito bem — disse ele, sombrio. — Dois podem fazer o mesmo jogo estúpido. Vamos reduzir nossa tabela de anúncios e lançar algum concurso.
Mas era tarde demais. Onze meses depois de Leslie ter comprado o Sun, Walt Meriwether voltou a procurá-la.
— Estou vendendo — anunciou ele, em tom brusco. Quer comprar o Chronicle?
— Quero.
No dia em que foi assinado o contrato de compra do Chronicle, Leslie convocou uma reunião de sua equipe.
— A partir da segunda-feira — declarou ela —, vamos aumentar o preço de banca do Sun, dobrar a tabela de publicidade e acabar com os concursos.
Um mês mais tarde, Leslie disse a McAllister:
— O Evening Standard de Detroit está à venda. O jornal possui também uma emissora de televisão. Acho que devemos apresentar uma proposta.
McAllister protestou:
— Sra. Chambers, não sabemos nada de televisão e...
— Então teremos de aprender, não é mesmo?
Leslie começava a construir o império de que precisava.

* * *

Os dias de Oliver eram movimentados e ele adorava cada minuto do que fazia. Havia nomeações políticas a fazer, legislação a ser apresentada, reuniões, discursos e entrevistas com a imprensa. O State Journal de Frankfort, o Herald-Leader de Lexington e o Courier Journal de Louisville lhe proporcionavam a melhor cobertura. Ele estava adquirindo a reputação de um governador que fazia as coisas. Foi engolfado pela vida social dos super-ricos, e sabia que em grande parte isso acontecia porque era casado com a filha do senador Todd Davis.

Oliver gostava de viver em Frankfort. Era uma adorável cidade histórica, aninhada num vale de rio espetacular, entre as colinas ondulantes do Kentucky, na região do famoso capim azul. Ele se perguntava como seria viver em Washington, D. C.

* * *

Os dias movimentados fundiram-se em semanas, e as semanas se transformaram em meses. Oliver iniciou o último ano de seu mandato.

Oliver fizera de Peter Tager seu secretário de imprensa. Era a escolha perfeita. Tager era sempre franco com os repórteres e, por causa dos valores decentes e antiquados que ele representava e sobre os quais gostava de falar, dava substância e dignidade ao partido. Peter Tager e sua venda preta no olho se tornaram quase tão reconhecidos quanto o próprio Oliver.

Todd Davis fazia questão de voar até Frankfort para ver Oliver pelo menos uma vez por mês. Ele disse a Peter Tager:

— Quando você tem um cavalo correndo, precisa ficar de olho nele, para ter certeza de que não vai perder seu ritmo.

Numa noite fria, em outubro, Oliver e o senador Davis estavam sentados no gabinete do governador. Os dois e Jan tinham jantado no Gabriel's. Voltaram ao Palácio do Executivo, e Jan os deixara para conversarem.

— Jan parece muito feliz, Oliver. Estou satisfeito.

— Tento fazê-la feliz, Todd.

O senador Davis fitou Oliver nos olhos e se perguntou com que frequência ele usava o apartamento.

— Ela o ama muito, filho.

— E eu também a amo.

Oliver parecia sincero. O senador Davis sorriu.

— Fico contente em saber disso. Ela já está redecorando a Casa Branca.

O coração de Oliver disparou.

— Como?

— Não lhe contei? Já começou. Seu nome está se tornando cada vez mais cotado em Washington. Vamos iniciar nossa campanha no primeiro dia do ano.
Oliver quase teve medo de fazer a pergunta seguinte.
— Acredita sinceramente que tenha uma chance, Todd?
— A palavra "chance" insinua um jogo, e eu não jogo, filho. Não me envolvo em coisa alguma se não estiver convencido de que é uma coisa certa.
Oliver respirou fundo.
— Você pode se tornar o homem mais importante do mundo.
— Quero que saiba o quanto sou grato por tudo o que tem feito por mim, Todd.
Todd afagou o braço de Oliver.
— É dever de um homem ajudar seu genro, não é mesmo?
A ênfase em "genro" não passou despercebida a Oliver. O senador acrescentou, em tom casual:
— Ah, antes que eu me esqueça, Oliver, fiquei muito desapontado com a aprovação do novo imposto sobre o tabaco.
— O dinheiro vai resolver o problema do déficit em nosso orçamento fiscal e...
— Mas é claro que você vai vetar.
Oliver se mostrou aturdido.
— Vetar?
O senador sorriu.
— Oliver, quero que saiba que não estou pensando em mim mesmo. Mas tenho muitos amigos que investiram seu dinheiro ganho arduamente em plantações de tabaco e não gostaria que fossem prejudicados por novos impostos, entende?
Houve um momento de silêncio.
— Entende, Oliver?
— Entendo — murmurou Oliver, depois de um longo momento. — Não seria justo com eles.
— Fico muito agradecido por isso.
— Ouvi dizer que vendeu suas plantações de tabaco Todd.
Foi a vez do senador se mostrar surpreso.
— Por que eu faria isso?
— As empresas de fumo estão perdendo sucessivas ações nos tribunais. As vendas não param de cair e...
— Está falando dos Estados Unidos, filho. Há um vasto mundo lá fora. Espere só até nossas campanhas de propaganda começarem a sair na China, África e Índia.
Ele olhou para seu relógio e levantou.
— Preciso voltar a Washington. Tenho uma reunião do comitê.
— Tenha um bom vôo.

O senador Davis sorriu.
— Agora terei, filho, agora terei...
Oliver estava transtornado.
— O que vou fazer, Peter? O imposto do tabaco é de longe a medida mais popular que o legislativo aprovou este ano. Que desculpa tenho para vetá-lo?
Peter Tager tirou várias folhas de papel do bolso.
— Todas as respostas estão aqui, Oliver. Conversei com o senador. Você não terá qualquer problema. Marquei uma entrevista coletiva para as quatro horas da tarde.
Oliver estudou os papéis. Ao final, acenou com a cabeça.
— Ficou muito bom.
— É o meu trabalho. Precisa de mim para mais alguma coisa?
— Não. E obrigado. A gente se vê às quatro.
Tager encaminhou-se para a porta.
— Peter...
Ele virou-se.
— Quero que me diga uma coisa. Acha mesmo que tenho uma chance de me tornar presidente?
— O que diz o senador?
— Ele acha que tenho.
Tager voltou até a mesa.
— Conheço o senador Davis há muitos anos, Oliver. Durante todo esse tempo, ele nunca se enganou. Nem uma única vez. O homem possui um instinto incrível. Se Todd Davis diz que você será o próximo presidente dos Estados Unidos, pode apostar tudo que tem nisso.
Houve uma batida na porta.
— Entre.
A porta foi aberta e uma jovem e atraente secretária entrou, trazendo algumas mensagens de fax. Tinha vinte e poucos anos, olhos brilhantes, expressão ansiosa.
— Oh, desculpe, governador. Não sabia que estava numa...
— Não tem problema, Miriam.
Tager sorriu.
— Oi, Miriam.
— Olá, sr. Tager.
— Não sei como seria sem Miriam — comentou Oliver. — Ela faz tudo por mim.
Miriam corou.
— Se não há mais nada...

Ela deixou os papéis na mesa de Oliver, virou-se e saiu apressada.
— É uma linda mulher... — murmurou Tager, olhando para Oliver.
— É, sim.
— Está sendo cuidadoso, não é, Oliver?
— Claro. Foi para isso que você me arrumou aquele apartamento.
— Eu me refiro a cuidadoso a longo prazo. Na próxima vez em que sentir tesão, pare e pense se uma Miriam, Alice ou Karen vale o Salão Oval.
— Sei o que está querendo dizer, Peter, e agradeço. Mas não precisa se preocupar comigo.
— Ótimo.
Tager olhou para o relógio.
— Tenho de ir agora. Vou levar Betsy e as crianças para almoçar fora! — Ele sorriu. — Já contei o que Rebecca fez esta manhã? É minha filha de cinco anos. Havia uma fita do show de algum garoto que ela queria assistir às oito horas da manhã. Betsy disse: "Querida, porei a fita para você depois do almoço." Rebecca fitou-a nos olhos e respondeu: "Mamãe, quero almoçar agora." Muito esperta, hem?
Oliver não pôde deixar de sorrir pelo orgulho na voz de Tager.
As dez horas daquela noite, Oliver entrou na sala intima, onde Jan estava lendo.
— Meu bem, preciso sair. Preciso ir a uma reunião.
Jan levantou os olhos.
— A esta hora?
Ele suspirou.
— Infelizmente. O comitê do orçamento vai se reunir pela manhã, e eles querem me dar as informações necessárias antes.
— Você tem trabalhado demais. Tente voltar para casa mais cedo, está bem, Oliver?
Jan hesitou por um momento.
— Tem se ausentado demais ultimamente.
Oliver especulou se o comentário era uma advertência. Adiantou-se, inclinou-se e beijou-a.
— Não se preocupe, meu bem. Voltarei para casa o mais cedo que puder.
Lá embaixo, Oliver comunicou a seu motorista:
— Não precisarei de você esta noite. Sairei no carro pequeno.
— Certo, governador.

* * *

— Chegou atrasado, querido.

Miriam já estava nua. Ele sorriu e se aproximou.
— Lamento por isso. E fico contente que você não tenha começado sem mim.
Ela sorriu também.
— Abrace-me.
Ele a tomou nos braços e comprimiu o corpo quente contra o seu.
— Tire as roupas, querido. Depressa.
Depois, ele indagou:
— Gostaria de se mudar para Washington? — Miriam sentou-se na cama.
— Fala sério?
— Claro que sim. Posso me mudar para Washington. E quero que me acompanhe.
— Se sua esposa algum dia descobrir sobre nós...
— Ela não vai descobrir.
— Por que Washington?
— Não posso explicar agora. Tudo o que posso dizer por enquanto é que será emocionante.
— Irei para qualquer lugar que quiser que eu vá, desde que continue a me amar.
— Sabe muito bem que amo você.
As palavras saíram com a maior facilidade, como já acontecera tantas vezes no passado.
— Faça amor comigo de novo.
— Só um instante. Tenho uma coisa para você.
Ele levantou-se e foi até seu paletó, que deixara pendurado numa cadeira. Tirou um vidrinho do bolso e despejou o conteúdo num copo. Era um líquido transparente.
— Experimente isto.
— O que é? — perguntou Miriam.
— Você vai gostar. Prometo.
Ele levantou o copo e tomou a metade. Miriam deu um gole, depois engoliu o resto. Sorriu.
— O gosto até que não é ruim.
— Vai fazer você se sentir ainda mais sensual.
— Já me sinto bastante sensual. Volte para a cama.
Estavam fazendo amor de novo quando ela ofegou e balbuciou:
— Eu... não estou me sentindo bem.
A respiração se tornou arquejante.
— Não consigo respirar...
Os olhos fecharam.
— Miriam!

Não houve resposta. Ela arriou na cama.
— Miriam!
Ela permaneceu imóvel, inconsciente.
— Filha da puta! Por que está fazendo isso comigo?
Ele levantou-se, começou a andar de um lado para outro. Já dera o líquido a uma dúzia de mulheres, e apenas uma vez fizera mal a alguém. Precisava tomar todo cuidado. A menos que cuidasse daquilo direito, seria o fim de tudo. Todos os seus sonhos, tudo por que se empenhara. Não podia permitir que acontecesse. Ele parou no lado da cama, contemplando a mulher. Sentiu seu pulso. Ainda respirava, graças a Deus. Mas não podia deixar que ela fosse encontrada naquele apartamento. Pois logo seria ligada a ele. Precisava levá-la a algum lugar, onde a descobririam e providenciariam ajuda médica. E podia confiar que Miriam não revelaria seu nome.
Ele levou quase meia hora para vesti-la e remover todos os sinais de sua presença no apartamento. Entreabriu a porta para verificar se o corredor estava vazio, depois levantou-a, ajeitou-a em seu ombro, levou-a para o carro.
Era quase meia-noite, as ruas estavam desertas. Começara a chover. Ele foi para o Juniper Hill Park. Quando teve certeza de que não havia ninguém à vista, tirou Miriam do carro e acomodou-a gentilmente num banco do parque. Detestava deixá-la ali, mas não tinha opção. Absolutamente nenhuma. Todo o seu futuro estava em jogo.
Havia uma cabine telefônica a poucos metros do local. Ele foi até lá e discou 911.

* * *

Jan esperava acordada quando Oliver chegou em casa.
— Já passa de meia-noite — disse ela. — Por que demorou...?
— Sinto muito, querida. Tivemos uma longa e chata discussão sobre o orçamento e... bem, todos tinham opiniões diferentes.
— Você está muito pálido, Oliver. Deve estar exausto.
— Sinto-me um pouco cansado.
Jan sorriu, sugestiva.
— Vamos para a cama.
Ele beijou-a na testa.
— Preciso dormir um pouco, querida. A reunião me deixou esgotado.
A notícia saiu na primeira página do State Journal na manhã seguinte:
SECRETÁRIA DO GOVERNADOR ENCONTRADA INCONSCIENTE NO PARQUE.

Às duas horas desta madrugada, a polícia encontrou uma mulher inconsciente, Miriam Friedland, deitada num banco de parque, sob a chuva, e imediatamente chamou uma ambulância. Ela foi levada para o Memorial Hospital. Seu estado é considerado crítico.

Oliver lia a notícia quando Peter entrou afobado em sua sala, trazendo um exemplar do jornal.

— Já viu isto?

— Já, sim. É... é terrível. A imprensa telefonou durante toda a manhã.

— O que acha que aconteceu? — perguntou Tager.

Oliver sacudiu a cabeça.

— Não sei. Acabei de falar com o hospital. Ela está em coma. Tentam descobrir o que aconteceu. O hospital me ligará assim que descobrirem alguma coisa.

Tager fitou Oliver nos olhos.

— Espero que ela fique boa.

* * *

Leslie Chambers não viu as notícias nos jornais. Estava no Brasil, comprando uma emissora de televisão. O telefonema do hospital veio no dia seguinte.

— Governador, acabamos de receber os resultados do exames de laboratório. Ela ingeriu uma substância chamada metilenedioximetanfetamina, mais conhecida como ecstasy, Tomou-a em forma líquida, que é ainda mais letal.

— E qual é o seu estado?

— Infelizmente, é crítico. Ela permanece em coma. Pode sair ou... — o médico hesitou. — Pode acontecer o contrário.
— Por favor, mantenha-me informado.
— Claro. Deve estar muito preocupado, governador.
— Estou, sim.

* * *

Oliver Russell estava numa reunião quando uma secretária chamou-o pelo interfone:
— Com licença, governador. Há uma ligação para o senhor.
— Eu disse que não queria ser interrompido, Heather.
— É o senador Davis, na linha três.
Ah... Oliver virou-se para os homens em sua sala.
— Vamos terminar mais tarde, senhores. Agora, se me dão licença...
Ele ficou observando-os saírem. Só pegou o telefone depois que a porta foi fechada.
— Todd?
— Oliver, que história é essa de sua secretária ser encontrada drogada num banco de parque?
— É verdade, Todd. Uma coisa terrível. Eu...
— Terrível até que ponto? — indagou o senador Davis.
— Como assim?
— Sabe muito bem a que estou me referindo.
— Todd, você não acha que eu... Juro que não sei de nada sobre o que aconteceu.
— Espero que não. — A voz do senador era sombria. — Sabe como os boatos circulam depressa por Washington, Oliver. É a menor cidade da América. Não queremos nada de negativo ligado a você. Estamos nos preparando para iniciar a manobra. Eu ficaria muito aborrecido se cometesse alguma estupidez.
— Juro que estou limpo.
— Pois então cuide para continuar assim.
— Claro que sim. Eu...
A ligação foi cortada.
Oliver ficou imóvel, pensando. *Terei de ser mais cuidadoso. Não posso permitir que nada me detenha agora.* Ele olhou para seu relógio, depois pegou o controle remoto da televisão. Estava na hora do noticiário. Apareceu na tela a imagem de uma rua sitiada, com atiradores de tocaia disparando a esmo dos prédios. Podia-se ouvir ao fundo o som de eclosões de morteiros. Uma jovem e atraente repórter, vestindo um uniforme de combate e segurando um microfone, dizia:

— O novo tratado deve entrar em vigor à meia-noite de hoje, mas, mesmo que isso aconteça, nunca trará de volta as pacíficas aldeias destruídas neste país dilacerado pela guerra, nem restaurar as vidas dos inocentes que foram mortos no brutal reinado do terror.
A cena mudou para um close de Dana Evans, uma jovem veemente e arrebatada, em colete à prova de balas e bota de combate.
— As pessoas aqui estão famintas e cansadas. Pedem apenas uma coisa... paz. Virá desta vez? Só o tempo dirá, aqui é Dana Evans, falando de Sarajevo para a WTE, Washington Tribune Enterprises. — A cena dissolveu-se num comercial.
Dana Evans era correspondente estrangeira do Washington Tribune Enterprises Broadcasting System. Aparecia todos os dias no noticiário e Oliver tentava não perder nenhuma de suas transmissões.
Ela é uma mulher atraente, pensou ele, não pela primeira vez. *Por que uma mulher tão jovem e atraente vai se meter no meio de uma guerra tão violenta?*

* * *

Dana Evans era uma criança do exército, filha de um coronel que viajava de uma base para outra como instrutor de armamentos. Ao completar onze anos, Dana já vivera em cinco cidades americanas e quatro países estrangeiros.
Mudara-se com o pai e a mãe para o Aberdeen Proving Ground, em Maryland, Forte Benning, na Geórgia, Forte Hood, no Texas, Forte Leavenworth, no Kansas, e Forte Monmouth, em Nova Jersey. Cursara escola para filhos de oficiais em Camp Zama, no Japão, Chiemsee, na Alemanha, Camp Darby na Itália, e Forte Buchanan, em Porto Rico.
Dana era filha única, e seus amigos eram os militares e suas famílias estacionados nas diversas bases em que o pai servira. Era precoce, jovial e extrovertida, mas a mãe se preocupava com o fato de Dana não ter uma infância normal.
— Sei que se mudar a cada seis meses deve ser terrivelmente difícil para você, querida — comentou a mãe.
Dana fitou-a na mais total perplexidade.
— Por quê?
Sempre que o pai era transferido para um novo posto, Dana vibrava.
— Vamos nos mudar de novo! — exclamava ela.
Infelizmente, embora Dana gostasse das constantes mudanças, a mãe detestava. Quando Dana tinha treze anos, a mãe declarou:
— Não posso mais continuar a viver como uma cigana. Quero o divórcio.
Dana ficou horrorizada quando soube. Não tanto pelo divórcio, mas pelo fato de

que não mais poderia viajar pelo mundo com o pai.
— Onde vamos viver? — perguntou Dana à mãe.
— Em Claremont, Califórnia. Fui criada lá. É uma linda cidadezinha. Você vai adorar.
A mãe de Dana estava certa ao dizer que Claremont era uma linda cidadezinha. Mas se enganou ao pensar que Dana ia adorar. Claremont ficava na base das montanhas de San Gabriel, no condado de Los Angeles, com uma população aproximada de 33 mil pessoas. Suas ruas exibiam árvores adoráveis, o clima era de uma graciosa comunidade universitária. Dana detestou. A mudança de uma viajante internacional para a vida assentada numa pequena cidade provocou um severo caso de choque cultural.
— Vamos viver aqui para sempre? — perguntou Dana, sombria.
— Por que quer saber, querida?
— Porque este lugar é pequeno demais para mim. Preciso de uma cidade maior.
Dana voltou para casa deprimida de seu primeiro dia na escola.
— Qual é o problema? Não gostou da escola?
Dana suspirou.
— Até que gostei, mas tem muitas crianças.
A mãe de Dana soltou uma risada.
— Eles vão superar isso... e você também.
Dana continuou a estudar no Claremont High School e tornou-se uma repórter do Wolfpacket, o jornal da escola. Descobriu que gostava do trabalho no jornal, mas sentia uma saudade desesperada de viajar.
— Quando eu crescer — prometeu ela —, voltarei a viajar pelo mundo todo.
Quando tinha dezoito anos, Dana entrou no Claremont McKenna College, fez o curso de jornalismo e foi trabalhar como repórter no jornal universitário, o Forum. No ano seguinte, foi promovida a editora do jornal. Os estudantes não paravam de procurá-la, pedindo favores.
— Nossa fraternidade vai dar um baile na próxima semana, Dana. Poderia dar a notícia no jornal...?
— O clube de debates marcou uma reunião para a terça-feira...
— Poderia fazer uma crítica da peça que o clube de arte dramática está encenando...?
— Precisamos levantar recursos para a nova biblioteca...
Era interminável, mas Dana adorava. Tinha condições de ajudar pessoas e gostava disso. Em seu último ano, Dana decidiu que queria seguir uma carreira de jornalista.
— Poderei entrevistar pessoas importantes no mundo inteiro — disse Dana à mãe. — Será como ajudar a fazer a história.

Enquanto crescia, a jovem Dana sentia-se deprimida cada vez que se olhava no espelho. Era muito baixa, muito magra, muito lisa. Todas as outras garotas na Califórnia eram de uma beleza espetacular. Sou um patinho feio numa terra de cisnes, pensava ela. E fazia questão de evitar os espelhos. Se olhasse, Dana teria percebido que aos quatorze anos seu corpo começou a desabrochar. Aos dezesseis, ela se tornara muito atraente. Quando tinha dezessete, os rapazes passaram praticamente a assediá-la. Havia alguma coisa em seu rosto ansioso, no formato de um coração, nos olhos grandes e inquisitivos e na risada rouca que a tornava ao mesmo tempo adorável e um desafio.

Dana soubera desde os doze anos de idade como queria perder a virgindade. Seria numa linda noite enluarada, em alguma ilha tropical distante, com as ondas se desmanchando gentilmente na praia. Um estranho bonito e sofisticado se aproximaria para fitá-la nos olhos, até sua alma, e a tomaria nos braços, sem dizer uma palavra sequer, e a carregaria para uma palmeira próxima. Os dois se despiriam e fariam amor, enquanto a música ao fundo se elevava para clímax.

Ela acabou perdendo a virgindade no banco traseiro de um velho Chevrolet, depois de um baile na escola, com um ruivo magricela de dezoito anos, Richard Dobbins, que também trabalhava no Forum. Ele deu seu anel a Dana e, um mês depois, mudou-se para Milwaukee com os pais. Dana nunca mais soube dele.

Um mês antes de se formar no colégio, no curso de jornalismo, Dana foi ao jornal local, o Claremont Examiner, em busca de um emprego como repórter. Um homem no departamento de pessoal examinou seu currículo.

— Quer dizer que foi editora do Forum, hem?

Dana sorriu, modesta.

— Isso mesmo.

— Muito bem, você deu sorte. Precisamos de alguém nesse momento. Podemos experimentá-la.

Dana ficou emocionada. Já fizera uma lista dos lugares que queria cobrir: Rússia... China... África...

— Sei que não posso começar como correspondente estrangeira — disse ela —, mas assim que...

— Certo. Vai trabalhar aqui em pequenos serviços. Cuidará para que os editores tenham café pela manhã. A propósito, eles gostam bem forte. E vai levar os textos para as oficinas.

Dana ficou chocada.

— Não posso...

O homem inclinou-se para a frente, franzindo o rosto.

— Não pode o quê?

— Não posso lhe dizer como estou contente por esse emprego.

Todos os repórteres elogiavam Dana pelo café que fazia, e ela tornou-se a melhor mensageira que o jornal já tivera. Chegava cedo todos os dias, fazia amizade com os colegas. Sempre se mostrava ansiosa em ajudar. Sabia que essa era a maneira de progredir.

O problema era que, ao final de seis meses, ela continuava na mesma função. Foi falar com Bill Crowell, o editor-executivo.

— Creio sinceramente que estou pronta — declarou Dana, muito séria. — Se me der uma missão, eu...

Ele nem sequer levantou os olhos.

— Ainda não há uma vaga. Meu café está frio.

Não é justo, pensou Dana. *Eles nem me dão uma chance*. Ela ouvira uma frase em que acreditava com absoluta convicção: "Se alguém pode detê-la, é porque você está deixando." *Nada vai me deter, decidiu Dana. Nada mesmo... mas como vou começar?*

Certa manhã, quando Dana passava pela sala vazia do teletipo, carregando xícaras de café, chegava uma notícia da polícia. Curiosa, ela foi ler: ASSOCIATED PRESS — CLAREMONT, CALIFÓRNIA. ESTA MANHÃ, EM CLAREMONT, OCORREU UMA TENTATIVA DE SEQUESTRO. UM GAROTO DE SEIS ANOS FOI ABORDADO POR UM ESTRANHO E...

Dana leu o resto da notícia, os olhos arregalados. Respirou fundo, tirou a notícia do teletipo e guardou-a no bolso. Ninguém mais a vira. Ela entrou apressada na sala de Bill Crowell, ofegante.

— Sr. Crowell, alguém tentou sequestrar um menino em Claremont esta manhã. Ofereceu-se para levá-lo num passeio de pônei. O menino queria algumas balas primeiro. O sequestrador levou-o a uma loja, onde o dono reconheceu o menino e ligou para a polícia. O sequestrador fugiu.

Bill Crowell ficou excitado.

— As agências noticiosas não nos mandaram nada. Como soube?

— Eu... passei pela loja, estavam falando a respeito e...

— Vou mandar um repórter para lá imediatamente.

— Por que não me deixa fazer a reportagem? – pediu Dana. — O dono da loja me conhece. Falará comigo.

Crowell estudou-a por um momento e concordou, relutante:

— Está bem.

Dana entrevistou o dono da loja e sua reportagem saiu na primeira página do Claremont Examiner. No dia seguinte, ela foi bem recebida por todos no jornal.

— Até que não foi um trabalho dos piores — comentou Bill Crowell.

— Não foi mesmo.

— Obrigada.

Quase uma semana transcorreu antes que Dana se descobrisse sozinha de novo na sala do teletipo. Estava chegando uma notícia enviada pela Associated Press: POMONA, CALIFÓRNIA: INSTRUTORA DE JUDÔ CAPTURA ESTUPRADOR EM POTENCIAL. Perfeito, decidiu Dana. Ela tirou a notícia da máquina, amassou o papel, meteu no bolso, foi falar com Bill Crowell.

— Minha antiga colega de quarto na escola acaba de me telefonar — disse Dana, excitada. — Olhava pela janela e viu uma mulher atacar um estuprador em potencial. Eu gostaria de fazer a reportagem.

Crowell fitou-a em silêncio por um momento.

— Vá em frente.

Dana foi até Pomona para entrevistar a instrutora de judô, e outra vez sua reportagem saiu na primeira página.

Bill Crowell chamou-a à sua sala.

— Gostaria de ter um trabalho regular como repórter?

Dana ficou emocionada.

— Claro!

Está começando, pensou ela. *Minha carreira finalmente vai deslanchar.*

No dia seguinte, o Claremont Examiner foi vendido ao Washington Tribune, de Washington, D. C. Quando a notícia da venda foi divulgada, a maioria dos empregados do Claremont Examiner ficou consternada. Era inevitável que houvesse um corte de pessoal, e alguns perderiam o emprego. Dana não pensou assim.

Trabalho para o Washington Tribune agora, refletiu ela. O pensamento lógico seguinte foi: *Por que não vou direto à sede do meu novo jornal?*

Ela foi à sala de Bill Crowell.

— Eu gostaria que me concedesse uma licença de dez dias.

Ele fitou-a, curioso.

— Dana, a maioria do pessoal daqui não quer nem ir ao banheiro com medo de não encontrar mais sua mesa no lugar quando voltar. Não está preocupada?

— Por que eu deveria estar? Sou a melhor repórter que você tem — declarou ela, confiante. — E vou arrumar um emprego no Washington Tribune.

— Fala sério? — Ele estudou a expressão de Dana. — Fala mesmo. — Crowell fez uma pausa, suspirando.

— Muito bem. Tente falar com Matt Baker. Ele está no comando do Washington Tribune Enterprises... dos jornais, emissoras televisão e rádio, tudo enfim.

— Matt Baker. Certo.

* * *

Washington, D.C., era uma cidade muito maior do que Dana imaginara. Era o centro do poder no mundo, e Dana podia sentir a eletricidade no ar. É o lugar a que pertenço, pensou ela, feliz.
Sua primeira providência foi hospedar-se no Stouffer Renaissance Hotel. Depois, procurou o endereço do Washington tribune e foi para lá. O Tribune ficava na rua 6 e ocupava todo o quarteirão. Consistia em quatro prédios separados, que pareciam se projetar para o infinito. Dana descobriu o saguão principal e entrou, confiante, foi até o guarda uniformizado por trás da mesa.
— Posso ajudá-la, moça?
— Trabalho aqui. Isto é, trabalho para o Tribune. Vim falar com Matt Baker.
— Tem uma entrevista marcada?
Dana hesitou.
— Ainda não, mas...
— Volte quando tiver.
Ele desviou sua atenção para vários homens que haviam se aproximado da mesa.
— Temos uma reunião marcada com o diretor do departamento de circulação — anunciou um dos homens.
— Um momento, por favor.
O guarda discou um número. Mais além, um elevador chegara ao térreo e as pessoas saíam. Dana se encaminhou para lá, calmamente. Entrou, rezando para que o elevador subisse antes que o guarda a notasse.
Uma mulher entrou no elevador e apertou um botão. O elevador começou a subir.
— Com licença, qual é o andar de Matt Baker? — perguntou Dana.
— Terceiro. — A mulher olhou para Dana.
— Não está usando seu crachá.
— Perdi o meu.
Dana saltou no terceiro andar. Ficou parada ali, atônita com o que via. Olhava para um mar de cubículos. Parecia que havia centenas, ocupados por milhares de pessoas. Havia placas de cores diferentes sobre cada cubículo. EDITORIAL... ARTES... METROPOLITANA... ESPORTES... AGENDA... Dana parou um homem que passava apressado.
— Com licença. Onde fica a sala do sr. Baker?
— Matt Baker? — Ele apontou. — No final do corredor à direita, última porta.
— Obrigada.
Ao se virar, Dana esbarrou num homem com a barba por fazer, amarfanhado, carregando alguns papéis. Os papéis caíram no chão.
— Oh, desculpe. Eu estava...
— Por que não olha para onde vai? — berrou o homem e se agachou para

recolher os papéis.
— Foi um acidente. Vou ajudá-lo...
Ela se agachou também. Quando tentou pegar os papéis empurrou vários para baixo de uma mesa. O homem parou e fitou-a com uma expressão furiosa.
— Faça-me um favor. Não me ajude mais.
— Como quiser — disse Dana, a voz gelada.
— Só espero que nem todos em Washington sejam grosseiros como você. — Altiva, ela se empertigou e seguiu para a sala do sr. Baker.
O letreiro no vidro dizia MATT BAKER. A sala estava vazia. Dana entrou e sentou. Olhando pelo vidro na porta, ela observou a atividade frenética.
Muito diferente do Claremont Examiner. Havia milhares de pessoas trabalhando aqui. O homem rude e amarfanhado se aproximava da sala pelo corredor.
Não!, pensou Dana. *Ele não pode estar vindo para cá! Vai para outra sala e...*
Mas o homem passou pela porta. Seus olhos se contraíram.
— O que está fazendo aqui?
Dana engoliu em seco.
— Deve ser o sr. Baker — disse ela, jovial.
— Sou Dana Evans.
— Perguntei o que está fazendo aqui.
— Sou repórter do Claremont Examiner.
— E daí?
— Você acaba de comprá-lo.
— Eu comprei?
— Hã... o jornal comprou. O jornal comprou o jornal. — Dana sentiu que o encontro não ia muito bem.
— Estou aqui, em busca de um emprego. Isto é, já tenho um emprego. É mais como uma transferência, não é mesmo?
Ele a fitava fixamente.
— Posso começar agora mesmo — balbuciou Dana. Não seria um problema.
Matt Baker encaminhou-se para a mesa.
— Quem a deixou entrar aqui?
— Já lhe disse. Sou repórter do Claremont Examiner e...
— Volte para Claremont — disse ele, ríspido. — E tente não derrubar ninguém na saída.
Dana levantou-se e disse, contrafeita:
— Muito obrigada, sr. Baker. Aprecio sua cortesia.
Ela deixou a sala, furiosa. Matt Baker observou-a se afastar, balançando a cabeça. O mundo estava cheio de malucos.
Dana retornou pela vasta redação, onde dezenas de repórteres batiam suas

matérias em computadores. *É aqui que vou trabalhar* pensou ela, determinada. *Volte para Claremont! Como ele ousara lhe falar assim?*
Ao virar a cabeça, Dana avistou Matt Baker à distância avançando em sua direção. O desgraçado estava por toda parte. Dana foi para trás de um cubículo, para que ele não pudesse vê-la. Baker passou direto, foi até um repórter sentado a uma mesa.
— Conseguiu a entrevista, Sam?
— Não tive sorte. Estive no Centro Médico de Georgetown, mas disseram que não há nenhuma pessoa registrada ali com esse nome. A esposa de Tripp Taylor não é uma das pacientes.
— Tenho certeza de que é — declarou Matt Baker. Estão encobrindo alguma coisa. E quero saber por quê ela foi para o hospital.
— Se ela está mesmo lá, Matt, não há como alcançá-la.
— Tentou a rotina da entrega de flores?
— Claro. Não deu certo.
Dana continuou imóvel, observando Matt Baker e o repórter se afastarem. *Que tipo de repórter é esse que não sabe como conseguir uma entrevista?,* pensou ela.
Meia hora depois, Dana entrou no Centro Médico de Georgetown. Foi para uma loja de flores.
— O que deseja? — perguntou a funcionária.
— Eu gostaria... — ela hesitou por um instante. ...de flores no valor de cinquenta dólares.
Ela quase sufocou ao falar "cinquenta". Depois de receber as flores, Dana perguntou:
— Há alguma loja aqui no hospital que venda algum tipo de boné?
— Há uma loja de presentes logo adiante.
— Obrigada.
A loja de presentes era uma cornucópia de miudezas, com os mais diversos cartões de cumprimentos, brinquedos baratos, bolas de encher e bandeirolas, prateleiras com petiscos salgados, roupas vistosas. Havia uma prateleira com bonés.
Dana comprou um que parecia de motorista e pôs na cabeça. Comprou um cartão de votos de recuperação rápida e escreveu alguma coisa por dentro. Sua parada seguinte foi na mesa de informações no saguão do hospital.
— Tenho flores para a sra. Tripp Taylor.
A recepcionista sacudiu a cabeça.
— Não há nenhuma sra. Tripp Taylor internada aqui.
Dana suspirou.

— É mesmo? Uma pena. Estas flores foram enviadas pelo vice-presidente dos Estados Unidos.
Ela abriu o cartão e mostrou à recepcionista. A inscrição dizia: "Desejo que se recupere o mais depressa possível". A assinatura era de "Arthur Cannon".
— Acho que terei de levar de volta.
Dana virou-se para ir embora. A recepcionista ficou indecisa.
— Espere um instante!
Dana parou.
— O que é?
— Posso mandar entregar as flores a ela.
— Sinto muito, mas o vice-presidente Cannon disse que eu deveria entregá-las pessoalmente. — Ela fitou a recepcionista. — Pode me dar seu nome, por favor? Terão de explicar ao sr. Cannon por que eu não pude entregar as flores.
Pânico.
— Hã... está bem. Não quero causar nenhum problema. Leve as flores ao quarto 615. Mas terá que se retirar logo depois de entregá-las.
— Certo.
Cinco minutos depois, Dana estava conversando com a esposa do famoso astro do rock Tripp Taylor.
Stacy Taylor tinha vinte e poucos anos. Era difícil dizer se era ou não uma mulher atraente, porque no momento tinha o rosto inchado, cheio de equimoses. Tentava pegar um copo d'água numa mesa perto da cama quando Dana entrou no quarto.
— Flores para...
Dana parou abruptamente, chocada com o rosto da mulher.
— De quem são?
As palavras eram um murmúrio. Dana removera o cartão.
— De... de um admirador.
A mulher olhava para Dana com uma expressão desconfiada.
— Pode pegar aquela água para mim?
— Claro.
Dana largou as flores e entregou o copo à mulher na cama.
— Posso fazer mais alguma coisa para ajudá-la?
— Claro que pode — respondeu Stacy Taylor, através dos lábios inchados. — Pode me tirar deste lugar nojento. Meu marido não me deixa receber visitas e estou cansada de ver tantos médicos e enfermeiras.
Dana sentou-se numa cadeira ao lado da cama.
— O que aconteceu com você?
A mulher fungou.

— Não sabe? Sofri um acidente de carro.
— É mesmo?
— É, sim.
— Que coisa horrível... — murmurou Dana, cética. Ela sentia uma raiva profunda, porque era óbvio que aquela mulher fora espancada.
Quarenta e cinco minutos depois, Dana deixou o hospital com a verdadeira história.
Quando Dana voltou ao saguão do Washington Tribune, havia um guarda diferente.
— Posso ajudá-la em...?
— Não é culpa minha — disse Dana, ofegante. — Acredite em mim, foi a droga do tráfego. Avise ao sr. Baker que estou subindo. Ele vai ficar furioso com meu atraso.
Ela se encaminhou apressada para o elevador e apertou o botão. O guarda continuou a olhar para ela, indeciso, depois ligou para um número.
— Avise ao sr. Baker que há uma jovem...
O elevador chegou. Dana entrou e apertou o três. No terceiro andar, a atividade parecia ter aumentado, se é que isso era possível. Repórteres se agitavam, tentando cumprir os prazos de fechamento do jornal. Dana ficou parada ali, olhando ao redor, frenética. Acabou por avistar o que queria. Num cubículo com uma placa verde, em que se lia a palavra JARDINAGEM, havia uma mesa vazia. Dana foi até lá e sentou-se. Olhou para o computador à sua frente, depois começou a bater. Ficou tão absorta no texto que escrevia que perdeu a noção do tempo. Quando terminou, apertou o botão de imprimir e as laudas começaram a sair. Estava reunindo-as quando sentiu uma sombra por cima de seu ombro.
— O que está fazendo aqui? — perguntou Matt Baker.
— Procurando por um emprego, sr. Baker. Escrevi esta reportagem e pensei...
— Pois pensou errado! — explodiu Baker. — Não pode entrar aqui e ocupar a mesa de qualquer um! E agora saia daqui antes que eu chame a segurança e mande prendê-la!
— Mas...
— Fora daqui!
Dana levantou-se. Com toda a dignidade possível, pôs as laudas na mão de Matt Baker e encaminhou-se para o elevador.
Matt Baker sacudiu a cabeça com incredulidade. *Mas o que vai acontecer com o mundo?* Havia uma cesta de papel por baixo da mesa. Ao se adiantar em sua direção, ele leu as primeiras linhas do texto de Dana: "Stacy Taylor, o rosto todo machucado, cheio de equimoses, alegou hoje em seu leito de hospital que se encontrava ali porque seu marido, Tripp Taylor, o famoso astro do rock, a

espancou. “Cada vez que fico grávida, ele me dá uma surra. Não quer ter filhos.”
Matt leu mais adiante, aturdido. Levantou os olhos, mas Dana desaparecera.
Com as laudas na mão, ele correu para os elevadores, esperando encontrá-la antes que sumisse. Ao virar o canto do corredor, esbarrou nela. Dana estava encostada na parede, esperando.
— Como conseguiu essa reportagem? — indagou ele.
Dana respondeu com a maior simplicidade:
— Eu lhe disse. Sou uma repórter.
Matt respirou fundo.
— Vamos para a minha sala.
Eles estavam sentados de novo na sala de Matt Baker.
— É uma boa reportagem — admitiu ele, relutante.
— Obrigada! — exclamou Dana, excitada. — Não tenho palavras para descrever o quanto aprecio isso. Vou ser a melhor repórter que já teve. O que quero mesmo é ser correspondente estrangeira, mas estou disposta a me empenhar até chegar a esse ponto, mesmo que leve um ano. — Ela viu a expressão de Matt Baker e apressou-se em acrescentar: — Ou talvez dois.
— Não há nenhuma vaga no Tribune, e temos uma longa lista de espera.
Dana se mostrou espantada.
— Mas presumi...
— Um repórter não tem que presumir nada, está entendido?
— Sim, senhor.
— Ótimo.
Matt pensou por um momento, depois tomou uma decisão.
— Costuma assistir à WTE? É a emissora de televisão do Tribune Enterprises.
— Não, senhor. Não posso dizer que...
— Pois vai conhecer agora. Está com sorte. Há uma vaga ali. Um dos redatores acaba de sair. Pode ficar no lugar dele.
— Fazendo o quê? — perguntou Dana, hesitante.
— Escrevendo texto para a televisão.
Ela murchou.
— Texto para a televisão? Não sei nada sobre...
— É muito simples. O produtor do noticiário lhe entrega o material de todos os serviços noticiosos. Você escreve um texto resumido e põe no teleponto para os âncoras lerem.
Dana ficou calada.
— O que foi?
— Nada. Acontece... que sou uma repórter.
— Temos quinhentos repórteres aqui, e todos passarão anos para ganharem suas

promoções. Vá até o Prédio Quatro. Peça para falar com o sr. Hawkins. Se tem de começar por algum lugar, a televisão não é tão ruim assim. — Matt Baker pegou o telefone.
— Vou ligar para Hawkins.
Dana suspirou.
— Está bem. Obrigada, sr. Baker. Se algum dia precisar...
— Fora.

* * *

Os estúdios da televisão WTE ocupavam todo o sexto andar do Prédio Quatro. Tom Hawkins, o produtor do noticiário noturno, levou Dana para sua sala.
— Alguma vez já trabalhou em televisão?
— Não, senhor. Trabalhei em jornais.
— Dinossauros. São o passado. Nós somos o presente. E quem sabe o que será o futuro? Deixe-me mostrar a redação.
Havia duas dúzias de pessoas trabalhando em mesas e monitores. Notícias enviadas por meia dúzia de serviços noticiosos apareciam em computadores.
— As notícias e reportagens são recebidas aqui, enviadas do mundo inteiro — explicou Hawkins. — Eu decido quais delas vamos explorar. A chefia de reportagem envia equipes para cobrir esses acontecimentos. Nossos repórteres de campo remetem suas matérias por microondas ou transmissores. Além dos serviços noticiosos, temos cento e sessenta canais da polícia, repórteres com telefones celulares, scanners, monitores. Cada notícia é planejada em cada segundo. Os redatores trabalham com editores de imagens para terem o tempo certo. A notícia média dura entre um minuto e meio e um minuto e quarenta e cinco segundos.
— Quantos redatores trabalham aqui? — perguntou Dana.
— Seis. Há também um coordenador de vídeo, editores de notícias, produtores, diretores, repórteres, âncoras... — ele parou. Um homem e uma mulher se aproximavam.
— Por falar em âncoras, quero que conheça Julia Brinkman e Michael Tate.
Julia Brinkman era uma mulher deslumbrante, com cabelos castanhos, lentes de contato coloridas que proporcionavam a seus olhos um verde ardente, e um sorriso experiente e envolvente. Michael Tate tinha uma aparência atlética, com um sorriso afável e uma atitude extrovertida.
— Nossa nova redatora — anunciou Hawkins. – Donna Evanston.
— Dana Evans.
— O que for. Vamos ao trabalho.

Ele levou Dana de volta à sua sala. Acenou com a cabeça para um quadro de missões na parede.
— Essas são as matérias entre as quais escolherei as que vamos pôr no ar. Temos dois noticiários por dia. O de meio dia à uma da tarde, e o noturno, de dez às onze horas. Quando eu lhe disser que matérias quero apresentar, você junta todas as informações e escreve um texto emocionante, para que os espectadores não mudem de canal. O editor de imagem lhe mostrará as cenas, você as inclui no texto, indicando onde devem entrar.
— Certo.
— Às vezes temos algum acontecimento sensacional, e neste caso interrompemos nossa programação regular para uma apresentação ao vivo.
— Parece interessante — murmurou Dana.
Ela nem imaginava que um dia isso iria salvar sua vida.
O programa da primeira noite foi um desastre. Dana pôs as indicações das notícias no meio e não no princípio, o que fez com que Julia Brinkman se descobrisse a ler os textos de Michael Tate, e vice-versa. Terminado o noticiário, o diretor disse a Dana:
— O sr. Hawkins quer falar com você em sua sala.
Agora. Hawkins estava sentado por trás de sua mesa, com uma expressão sombria.
— Já sei — murmurou Dana, contrita. — Foi uma nova falha na televisão, e a culpa foi toda minha.
Hawkins apenas a observava. Dana tentou de novo:
— A boa notícia, Tom, é que daqui por diante só pode melhorar. Certo?
Ele continuou calado.
— E nunca mais vai acontecer, porque... — Dana interpretou a expressão dele. — ...estou despedida.
— Não — disse Hawkins, ríspido. — Isso seria deixá-la escapar fácil demais. Vai continuar a fazer até acertar. E estou me referindo ao noticiário do meio-dia amanhã. Fui bem claro?
— Muito.
— Ótimo. Quero você aqui às oito horas da manhã.
— Certo, Tom.
— E já que vamos trabalhar juntos... você pode me chamar de sr. Hawkins.
O noticiário do meio-dia transcorreu sem problemas. *Tom Hawkins tinha razão,* concluiu Dana. *Era apenas uma questão de se acostumar ao ritmo. Receba a missão... escreva o texto... trabalhe com o editor de imagens... arme o teleponto para os âncoras lerem.*
Daquele momento em diante, tornou-se rotina.

A oportunidade de Dana surgiu oito meses depois de ela começar a trabalhar na WTE. Acabara de passar para o teleponto os textos do noticiário noturno, às quinze para as dez, e se preparava para ir embora. Quando entrou no estúdio, para se despedir, deparou com o caos. Todos falavam ao mesmo tempo. Rob Cline, o diretor, gritou:
— Onde ela se meteu?
— Não sei.
— Alguém a viu?
— Não.
— Telefonou para o apartamento dela?
— A secretária eletrônica atendeu.
— Isso é maravilhoso! Vamos entrar no ar... — ele olhou para o relógio. — ...dentro de doze minutos!
— Talvez Julia tenha sofrido um acidente — sugeriu Michael Tate. — Pode estar morta.
— Isso não é desculpa. Ela deveria ter telefonado.
Dana interveio:
— Com licença...
O diretor olhou para ela, impaciente.
— O que é?
— Se Julia não aparecer, posso apresentar o noticiário.
— Esqueça. — Ele tornou a se virar para seu assistente. — Ligue para a segurança e verifique se ela já se encontra no prédio.
O assistente pegou o telefone.
— Julia Brinkman já passou por aí?... Pois quando ela aparecer, mande que suba depressa.
— Mande reservar um elevador para ela. Entramos no ar... — o diretor olhou para o relógio de novo. — ...dentro de sete minutos.
Dana continuou parada ali, observando o pânico crescente. Michael Tate sugeriu:
— Eu poderia fazer as duas partes.
— Não! — exclamou o diretor, ríspido. — Precisamos de duas pessoas lá na frente. — Ele olhou para o relógio mais uma vez. — Três minutos. Droga! Como ela pôde fazer isso conosco? Temos de entrar no ar e...
Dana interrompeu-o:
— Conheço todos os textos. Fui eu que escrevi. — O diretor lançou-lhe um olhar rápido.
— Você está sem maquiagem. E vestida da maneira errada.
Uma voz veio da cabine de controle de som:
— Dois minutos. Ocupem seus lugares, por favor.

Michael Tate deu de ombros e foi se instalar em seu lugar, na plataforma diante das câmeras.
— Em seus lugares, por favor! Dana sorriu para o diretor.
— Boa noite, sr. Cline.
Ela se encaminhou para a porta.
— Espere um instante! — Ele esfregava a mão na testa. — Tem certeza de que pode fazer isso?
— Experimente.
— Não tenho opção, não é mesmo? — lamentou o diretor. — Muito bem, vá sentar lá na frente. Oh, Deus, por que não segui o conselho de minha mãe e me tornei um médico?
Dana seguiu apressada para a plataforma e sentou-se ao lado de Michael Tate.
— Trinta segundos... vinte... dez... cinco...
O diretor fez um sinal com a mão, e a luz vermelha na câmera acendeu.
— Boa noite — disse Dana, a voz suave.
— Sejam bem-vindos ao noticiário das dez horas da WTE. Temos um triste acontecimento na Holanda. Houve uma explosão numa escola de Amsterdã esta tarde e...
O resto do noticiário transcorreu sem qualquer problema.

* * *

Na manhã seguinte, Rob Cline foi à sala de Dana.
— Má notícia. Julia sofreu um acidente de carro ontem à noite. Seu rosto... — ele hesitou. — ...ficou desfigurado.
— Sinto muito — murmurou Dana, preocupada. — É grave?
— Muito grave.
— Mas hoje em dia a cirurgia plástica pode...
Ele sacudiu a cabeça.
— Não desta vez. Julia não vai voltar.
— Eu gostaria de vê-la. Onde ela está?
— Vão levá-la para a casa da família no Oregon.
— Uma coisa terrível.
— Você vence algumas, perde outras. — Cline estudou Dana por um momento. — Você se saiu muito bem ontem à noite. Vamos mantê-la até encontrarmos alguém permanente.
Dana foi falar com Matt Baker.
— Viu o noticiário ontem, a noite? — perguntou ela.
— Vi, sim — resmungou ele. — Pelo amor de Deus, tente se maquiar e usar um

vestido mais apropriado.
Dana sentiu que murchava.
— Certo.
Quando ela se virou para sair, Matt Baker acrescentou relutante:
— Você não se saiu mal.
Partindo dele, era um grande elogio.

* * *

Na quinta noite, o diretor comunicou a Dana:
— O chefão mandou dizer para mantê-la.
Ela especulou se o chefão era Matt Baker.
Em seis meses, Dana tornou-se uma figura conhecida no cenário de Washington. Era jovem e atraente, com uma inteligência evidente. Ao final do ano, recebeu um aumento e passou a ter programas especiais. Um deles, Aqui e Agora, entrevistas com celebridades, disparou no índice de audiência. Suas entrevistas eram pessoais e simpáticas. Celebridades que hesitavam em comparecer a outros programas pediam para aparecer no de Dana.
Revistas e jornais passaram a entrevistá-la. Ela estava se tornando uma celebridade por si mesma.

* * *

De noite, Dana assistia ao noticiário internacional. Invejava os correspondentes estrangeiros. Eles faziam alguma coisa importante. Relatavam a história, informando o mundo sobre os acontecimentos importantes que ocorriam nos pontos mais diversos do globo. Ela sentia-se frustrada.
O contrato de dois anos de Dana com a WTE estava chegando ao fim. Philip Cole, o chefe dos correspondentes, conversou com ela.
— Está fazendo um trabalho sensacional, Dana. Todos nos orgulhamos de você.
— Obrigada, Philip.
— É tempo de discutirmos o seu novo contrato. Em primeiro lugar...
— Vou embora.
— Como?
— Quando meu contrato acabar, não vou mais fazer o jornal.
Ele a fitava com absoluta incredulidade.
— Por que iria embora? Não gosta daqui?
— Gosto muito. Gostaria de continuar na WTE, mas quero ser correspondente estrangeira.
— É uma vida miserável, Dana. Por que gostaria de fazer isso?

— Porque estou cansada de ouvir o que celebridades querem cozinhar para o jantar e como conheceram seu quinto marido. Há guerras por aí, pessoas sofrendo e morrendo. O mundo não se importa nem um pouco. Quero fazer com que as pessoas se importem. — Ela respirou fundo. — Sinto muito mas não posso continuar aqui. — Dana levantou-se e encaminhou-se para a porta.
— Ei, espere aí! Tem certeza de que é isso mesmo o que quer fazer?
— É o que sempre quis fazer.
Ele ficou pensativo por um momento.
— Para onde você quer ir?
Dana levou algum tempo para absorver a implicação daquelas palavras. Quando finalmente recuperou a voz, murmurou apenas uma palavra.
— Sarajevo.

* * *

Ser governador era ainda mais emocionante do que Oliver Russell imaginara. O poder era uma amante sedutora, e Oliver adorou. Suas decisões influenciavam as vidas de centenas de milhares de pessoas. Tornou-se hábil em manipular o poder legislativo estadual, e seu prestígio e reputação se expandiam cada vez mais. *Estou realmente dando minha contribuição*, pensava Oliver, feliz. Não esquecia as palavras do senador Davis: Isto é apenas um degrau, Oliver. Tome muito cuidado.
E ele era cuidadoso. Teve diversas ligações amorosas, mas foram todas conduzidas com a maior discrição. Sabia que não podia ser de outra forma.
De vez em quando, Oliver telefonava para o hospital, indagando sobre o estado de Miriam.
— Ela continua em coma, governador.
— Mantenham-me informado.
Um dos deveres de Oliver como governador do Estado era o de oferecer jantares oficiais. Os convidados eram partidários, personalidades do esporte e do show business, pessoas com influência política e autoridades visitantes. Jan era uma anfitriã graciosa e Oliver gostava da maneira como as pessoas reagiam a ela.
Um dia, Jan comunicou a Oliver:
— Acabei de falar com papai. Ele vai oferecer uma recepção em sua casa no próximo fim de semana. Gostaria que fôssemos. Lá estarão algumas pessoas que ele quer apresentar a você.

* * *

Naquele sábado, na suntuosa mansão do senador Davis em Georgetown, Oliver

viu-se apertando as mãos de algumas das pessoas mais importantes em Washington. Foi uma linda festa e Oliver adorou.
— Está se divertindo, Oliver?
— Estou, sim. É uma festa maravilhosa. Não poderia desejar nada melhor.
— Por falar em desejos, isso me lembra de uma coisa — disse Peter Tager.
— Outro dia, Elizabeth, minha filha de seis anos, estava rabugenta e não queria se vestir. Betsy começava a ficar desesperada. Elizabeth fitou-a e disse: "Mamãe em que está pensando?" Betsy respondeu: "Meu bem eu apenas desejava que você estivesse de bom humor, que se vestisse logo e comesse o seu desjejum, como uma boa menina." E Elizabeth declarou: "Mamãe, seu desejo não foi concedido!" Não é sensacional? Essas crianças são fantásticas. Até mais tarde, governador.
Um casal passou pela porta nesse instante e o senador Davis foi cumprimentá-lo. O embaixador italiano, Atilio Picone, era uma figura imponente, na casa dos sessenta anos, com feições morenas sicilianas. Sua esposa, Sylvia, era uma das mulheres mais lindas que Oliver já vira. Fora uma atriz antes de casar com Atilio, e ainda era popular na Itália. Oliver podia entender por quê. Tinha olhos castanhos grandes e sensuais, o rosto de uma madona, o corpo voluptuoso de um modelo Ruben. Era 25 anos mais moça do que o marido. O senador Davis levou os dois até Oliver e apresentou-os.
— É um prazer conhecê-los — disse Oliver.
Ele não conseguia desviar os olhos da mulher.
Ela sorriu.
— Tenho ouvido falar muito a seu respeito.
— Nada ruim, espero.
— Eu...
O marido interveio:
— O senador Davis fala muito bem de você.
Oliver lançou um olhar para Sylvia.
— Sinto-me lisonjeado.
O senador Davis afastou-se com o casal. Quando tornou a se encontrar com Oliver, ele comentou:
— Isso está fora dos seus limites, governador. Fruto proibido. Dê uma mordida e poderá dar um beijo de despedida em seu futuro.
— Relaxe, Todd. Eu não estava...
— Falo sério. Você pode alienar dois países ao mesmo tempo.
Ao final da noite, quando Sylvia e o marido foram embora, Atilio disse:
— Foi um prazer conhecê-lo.
— O prazer foi meu.

Sylvia apertou a mão de Oliver e murmurou:
— Aguardamos ansiosos a oportunidade de revê-lo.
Os olhos dos dois se encontraram.
— Eu também.
E Oliver pensou: *Devo ter o maior cuidado.*

* * *

Duas semanas depois, em Frankfort, Oliver trabalhava em seu gabinete quando a secretária avisou pelo interfone:
— O senador Davis está aqui e deseja lhe falar.
— O senador Davis está aqui?
— Sim, senhor.
— Mande-o entrar.
Oliver sabia que o sogro lutava por um projeto importante em Washington, e se perguntou o que o trouxera a Frankfort. A porta foi aberta e o senador entrou. Peter Tager o acompanhava. O senador Todd Davis sorriu e passou o braço pelos ombros de Oliver.
— É um prazer tornar a vê-lo, governador.
— O prazer é todo meu, Todd. — Oliver olhou para Peter Tager. — Bom dia, Peter.
— Bom dia, Oliver.
— Espero não estar incomodando — acrescentou o senador Davis.
— Claro que não. Nem um pouco. Há... alguma coisa errada?
O senador Davis olhou para Tager e sorriu.
— Ora, não creio que se possa dizer que haja alguma coisa errada, Oliver. Ao contrário, eu diria que está tudo bem.
Oliver estudava os dois, perplexo.
— Não estou entendendo.
— Tenho boas notícias para você, filho. Podemos sentar?
— Oh, desculpem! Gostariam de tomar alguma coisa? Café? Uísque?
— Nada. Já estamos bastante estimulados.
Mais uma vez, Oliver se perguntou o que estaria acontecendo.
— Acabo de chegar de Washington. Há um grupo muito influente lá que pensa que você será o nosso próximo presidente.
Oliver sentiu um pequeno arrepio percorrê-lo.
— Eu... é mesmo?
— Para dizer a verdade, vim para cá porque chegou o momento de iniciarmos sua campanha. Faltam menos de dois anos para a eleição.

— É a ocasião oportuna — declarou Peter Tager, com evidente entusiasmo. — Antes de acabarmos, todos no mundo saberão quem é você.
O senador Davis acrescentou:
— Peter vai assumir o comando de sua campanha. Cuidará de tudo para você. Sabe que não poderá encontrar ninguém melhor.
Oliver olhou para Tager e disse, efusivo:
— Concordo plenamente.
— Será um prazer. Vamos nos divertir um bocado, Oliver.
Oliver virou-se para o senador Davis.
— Não vai custar muito dinheiro?
— Não se preocupe com isso. Você irá de primeira classe por todo o percurso. Convenci alguns amigos de que é o homem em quem devem investir seu dinheiro. — Ele inclinou-se para a frente. — Não se subestime, Oliver. A pesquisa que saiu há dois meses o relacionou como o terceiro mais eficiente governador do país. E você tem uma coisa que os outros não possuem. Já lhe disse isso antes... carisma. É algo que o dinheiro não pode comprar. As pessoas gostam de você... e votarão em você.
Oliver se sentia cada vez mais excitado.
— Quando começamos?
— Já começamos — respondeu o senador Davis. — Vamos formar uma grande equipe de campanha, e começaremos a mobilizar delegados em todo o país.
— Em termos realistas, quais são as minhas chances?
— Nas primárias, você vai explodir todos os adversários — garantiu Tager. — Na eleição geral, o presidente Norton está com o prestígio em alta. Se você tivesse de concorrer contra ele, não seria fácil vencê-lo. A boa notícia é que ele não vai concorrer, já que está no seu segundo mandato. Já o vice-presidente Cannon é uma pálida sombra. Um pouco de sol o fará desaparecer.
A reunião se prolongou por quatro horas. Quando acabou, o senador Davis disse a Tager:
— Peter, pode nos dar licença por um minuto?
— Pois não, senador.
Os dois observaram-no deixar a sala. Só depois é que o senador declarou:
— Tive uma conversa com Jan esta manhã.
Oliver sentiu um calafrio de alarme.
— É mesmo?
O senador Davis fitou-o nos olhos e sorriu.
— Ela está muito feliz.
Oliver deixou escapar um suspiro de alívio.
— Fico contente por isso.

— Eu também, filho, eu também. Mas não deixe de manter o fogo doméstico aceso. Entende o que estou querendo dizer, não é mesmo?
— Não se preocupe com isso, Todd. Eu...
O sorriso do senador Davis se desvaneceu.
— Claro que me preocupo, Oliver. Não posso culpá-lo por ter tesão... mas não deixe que isso o transforme num sapo.
Atravessando o corredor da sede do governo estadual, o senador Davis disse a Peter Tager:
— Quero que comece a recrutar a equipe. Não poupe nas despesas. De saída, vamos instalar escritórios de campanha em Nova York, Washington, Chicago e São Francisco. As primárias começam dentro de doze meses. A convenção será daqui a dezoito meses. Depois disso, devemos ter um voo tranquilo. — Eles chegaram ao carro.
— Acompanhe-me até o aeroporto, Peter.
— Ele dará um maravilhoso presidente.
O senador Davis acenou com a cabeça. *E eu o terei no meu bolso,* pensou ele. *Será o meu fantoche. Mexerei os dedos e o presidente dos Estados Unidos falará.*
O senador tirou do bolso uma caixa de charutos de ouro.
— Aceita um charuto?

* * *

As primárias em todo o país começaram muito bem. O senador Davis estava certo sobre Peter Tager. Era um dos melhores supervisores políticos do mundo, e criou uma organização magnífica. Como Tager era um homem dedicado à família e profundamente religioso, atraía a direita religiosa. Como sabia o que fazia a política funcionar, era também capaz de persuadir os liberais a pôr de lado as divergências e trabalharem juntos. Peter Tager era um brilhante executivo de campanha, e sua venda preta sobre um olho tornou-se uma presença familiar nas redes de televisão.
Tager sabia que para ter êxito Oliver precisaria chegar à convenção com um mínimo de duzentos votos de delegados. Tencionava cuidar para que Oliver o conseguisse.
A agenda elaborada por Tager incluía várias viagens a todos os Estados da União. Oliver estudou o programa e declarou:
— Isto... isto é impossível, Peter!
— Não da maneira como previmos. Tudo será coordenado. O senador vai lhe emprestar seu Challenger. Haverá pessoas para orientá-lo em todas as etapas e

estarei sempre ao seu lado.

* * *

O senador Davis apresentou Sime Lombardo a Oliver. Era um gigante, alto e corpulento, sinistro na aparência física e na parte emocional, um homem taciturno, que falava pouco.
— Como ele entra no quadro? — perguntou Oliver ao sogro quando ficaram a sós.
O senador Davis explicou:
— Sime é nosso solucionador de problemas. Às vezes as pessoas precisam de um pouco de persuasão para aceitarem o óbvio. E Sime sabe ser muito convincente.
Oliver não quis saber de mais nada.
Quando a campanha presidencial começou para valer, Peter Tager dava instruções detalhadas a Oliver sobre o que dizer, quando dizer e como dizer. Cuidou para que Oliver visitasse todos os Estados fundamentais nas eleições. E, aonde quer que fosse, Oliver dizia às pessoas o que elas queriam ouvir. Na Pensilvânia:
— A indústria é o sangue vital deste país. Não vamos esquecer isso. Voltaremos a abrir fábricas e lançaremos a América no rumo certo! — Aplausos.
Na Califórnia:
— A indústria aeronáutica é um dos patrimônios fundamentais dos Estados Unidos. Não há motivo para que uma única de suas fábricas seja fechada. Vamos abri-las de novo. — Aplausos.
Em Detroit:
— Inventamos os carros e os japoneses nos arrebataram a tecnologia. Pois vamos voltar a ocupar o nosso lugar legítimo de número um. Detroit será outra vez o centro automobilístico do mundo! — Aplausos.
Nos campos universitários, o tema era a garantia de empréstimos federais para estudantes.
Em discursos nas bases militares, por todo o país, o tema era a necessidade de estarem bem preparados.
No início, quando Oliver era relativamente desconhecido as chances se acumulavam contra ele. À medida que a campanha prosseguiu, no entanto, as pesquisas mostraram sua ascensão.
Na primeira semana de julho, mais de quatro mil delegados e substitutos eventuais, assim como centenas de dirigentes do partido e candidatos, reuniram-se na convenção, em Cleveland, e viraram a cidade pelo avesso com seus

desfiles, comícios e festas. Câmeras de televisão do mundo inteiro registravam o espetáculo. Peter Tager e Sime Lombardo cuidavam para que o governador Oliver Russell estivesse sempre diante das câmeras.
Havia meia dúzia de outros candidatos em potencial no partido de Oliver, mas o senador Davis trabalhara nos bastidores para assegurar que, um a um, fossem eliminados. Era implacável ao cobrar os favores devidos, alguns já há vinte anos.
— Toby, sou eu, Todd. Como estão Emma e Suzy?... Ótimo. Preciso falar com você sobre seu garoto, Andrew. Estou preocupado com ele, Toby. Na minha opinião, ele é liberal demais. O Sul nunca vai aceitá-lo. Minha sugestão é a seguinte...
— Alfred, sou eu, Todd. Como vai Roy?... Não precisa me agradecer. Tive o maior prazer em ajudá-lo. Quero falar com você sobre seu candidato, Jerry. Na minha opinião, ele é direitista demais. Se formos com ele, perderemos o Norte. Aqui está minha sugestão...
— Kenneth, sou eu, Todd. Só queria lhe dizer que estou contente porque aquele negócio imobiliário deu certo. Todos nós saímos muito bem, não é? Por falar nisso, acho que devemos ter uma conversinha sobre Slater. Ele é fraco. Um perdedor. E não podemos apoiar um perdedor.

* * *

E assim por diante, até que praticamente o único candidato viável que restava no partido era o governador Oliver Russell.
O processo de escolha do candidato transcorreu sem maiores problemas. No primeiro escrutínio, Oliver Russell teve setecentos votos: mais de duzentos dos seis Estados industriais do Nordeste, 150 dos seis Estados da Nova Inglaterra, 40 de quatro Estados sulistas, mais 180 de dois Estados agrícolas, e o restante dos três Estados do Pacífico.
Peter Tager trabalhava frenético para que o trem da propaganda continuasse a rolar. No escrutínio final, Oliver Russel saiu como o vencedor. E com o excitamento da atmosfera de circo que fora criada com todo o cuidado, Oliver Russell acabou sendo aclamado como o candidato do partido.
O passo seguinte era escolher um vice-presidente. Melvin Wicks era uma escolha perfeita. Tratava-se de um californiano politicamente correto, um rico empresário e um congressista simpático.
— Eles vão se complementar — comentou Tager. — agora começa o trabalho de verdade. Vamos atrás do número mágico... duzentos e setenta.
Era o número de votos eleitorais necessários para conquistar a presidência. Tager disse a Oliver:

— As pessoas querem um líder jovem... Bem-apessoado, com um pouco de humor, dotado de visão... Querem que você lhes diga como são maravilhosas... e querem acreditar que são mesmo... Deixe-as saberem que você é inteligente, mas não demais... Se atacar seu adversário, mantenha a crítica num nível impessoal... Nunca desdenhe um repórter. Trate todos como amigos, e serão seus amigos... Tente evitar qualquer demonstração de mesquinharia. Lembre-se... Você é um estadista.

A campanha foi incessante. O jato do senador Davis levou Oliver ao Texas por três dias, Califórnia por um dia, Michigan por meio dia, Massachusetts por seis horas. Cada minuto era planejado. Havia dias em que Oliver visitava dez cidades diferentes e fazia dez discursos. Era um hotel diferente a cada noite, o Drake em Chicago, o St. Regis em Detroit, Carlyle na cidade de Nova York, o Place d'Armes em Nova Orleans, até que todos pareciam se fundir em um só. Aonde quer que Oliver fosse, havia carros da polícia abrindo o cortejo, enormes multidões e aclamações delirantes.

Jan acompanhava Oliver na maioria das viagens, e ele não pôde deixar de admitir que a esposa era um grande trunfo. Era uma mulher atraente e inteligente, contava com a simpatia dos repórteres.

De vez em quando, Oliver lia sobre as últimas aquisições de Leslie: um jornal em Madri, uma emissora de televisão no México, uma emissora de rádio no Kansas. Sentia-se feliz pelo sucesso de Leslie, pois diminuía o sentimento de culpa pelo que lhe fizera.

Por toda parte, os jornalistas fotografavam, entrevistavam e noticiavam a presença de Oliver. Havia mais de cem correspondentes cobrindo sua campanha, alguns de países distantes. À medida que a campanha se aproximava do clímax, as pesquisas indicavam que Oliver Russell estava na frente. Mas, inesperadamente, seu adversário, o vice-presidente Cannon, começou a ultrapassá-lo. Peter Tager ficou preocupado.

— Cannon tem subido nas pesquisas. Precisamos detê-lo. Foram acertados dois debates na televisão entre o vice-presidente Cannon e Oliver.

— Cannon vai falar sobre a economia, e se sairá muito bem — disse Tager a Oliver. — Temos de enganá-lo. Meu plano é o seguinte...

Na noite do primeiro debate, na frente das câmeras de televisão, o vice-presidente Cannon falou sobre a economia do país.

— A América nunca teve uma situação econômica mais sólida. Os negócios florescem.

Ele passou os dez minutos seguintes discorrendo sobre o tema, provando seus argumentos com dados e cifras.

Na sua vez ao microfone, Oliver Russell disse:

— Foi bastante impressivo. Tenho certeza de que todos nos sentimos satisfeitos porque as grandes empresas vão muito bem, porque seus lucros nunca foram tão altos.
Ele virou-se para seu adversário.
— Mas esqueceu de mencionar que um dos motivos para que as grandes empresas estejam tão bem é o que se passou a chamar eufemisticamente de "enxugamento". Em termos objetivos, "enxugar" significa despedir pessoas para dar lugar a máquinas. Mais pessoas estão desempregadas hoje do que nunca antes. É o lado humano da situação que deveríamos estar avaliando. Acontece que não partilho sua opinião de que o sucesso financeiro das grandes empresas seja mais importante do que as pessoas...
E assim por diante. Onde o vice-presidente Cannon falara sobre a economia, Oliver Russell assumiu uma posição humanitária e discorreu sobre emoções e oportunidade. Quando terminou, Russell conseguira fazer com que Cannon parecesse um político de sangue-frio, que não dava a menor importância ao povo americano.
Na manhã seguinte ao debate, as pesquisas indicaram uma nova mudança, com Oliver Russell a três pontos do vice-presidente. E havia ainda mais um debate nacional.
Arthur Cannon aprendera sua lição. No debate final, ele postou-se diante do microfone e disse:
— Nosso país é uma terra em que todos devem ter oportunidades iguais. A América tem sido abençoada com a liberdade, mas isso por si só não é suficiente. Nosso povo deve ter liberdade para trabalhar, para ganhar a vida de uma maneira decente...
Ele roubou o espetáculo de Oliver Russell ao se concentrar em todos os planos maravilhosos que tinha em mente para o bem-estar do povo. Mas Peter Tager previra essa manobra. Quando Cannon terminou, Oliver Russell foi ao microfone e declarou:
— Foi muito tocante. Tenho certeza de que todos ficaram comovidos com o que você disse sobre os problemas do desempregado... como o chamou, o "homem esquecido". O que me preocupa é que esqueceu de dizer como vai fazer todas essas coisas maravilhosas por essa gente.
E daí por diante, onde o vice-presidente Cannon tratara de emoções, Oliver Russell discorreu sobre os problemas e seus planos econômicos, deixando o vice-presidente inteiramente desamparado.

* * *

Oliver, Jan e o senador Davis estavam jantando na mansão do senador, em Georgetown. O senador sorriu para Jan.
— Acabei de ser informado sobre as últimas pesquisas. Acho que você pode iniciar os planos para redecorar a Casa Branca.
O rosto de Jan se iluminou.
— Acha mesmo que vamos ganhar, papai?
— Tenho me enganado numa porção de coisas, meu bem, mas nunca sobre política. Afinal, a política é o sangue da minha vida. Em novembro teremos um novo presidente... e ele está sentado ao seu lado.

* * *

— Apertem os cintos, por favor.
Lá vamos nós!, pensou Dana, excitada. Ela olhou para Benn Albertson e Wally Newman. Benn Albertson, o produtor de Dana, era barbudo e hiperativo, na casa dos quarenta anos. Produzira alguns dos programas jornalísticos de maior índice de audiência da televisão e era muito respeitado. Wally Newman, o câmera, tinha cinquenta e poucos anos. Era talentoso e entusiasmado, aguardava ansioso a nova missão.
Dana pensou na aventura à sua frente. Pousariam em Paris, depois voariam para Zagreb, Croácia, e de lá seguiriam para Sarajevo.
Durante sua última semana em Washington, Dana recebeu as instruções de Shelley McGuire, a editora internacional:
— Você vai precisar de um caminhão em Sarajevo para transmitir as reportagens via satélite. Não possuímos nenhum ali, por isso alugaremos o caminhão e compraremos tempo da companhia iugoslava que possui o satélite. Se tudo correr bem, enviaremos nosso próprio caminhão mais tarde. Você vai operar em dois níveis diferentes. Alguns fatos terão cobertura ao vivo, mas a maior parte será gravada. Benn Albertson lhe dirá o que quer, você vai fazer as imagens e depois acrescentar o som num estúdio local. Estou lhe dando o melhor produtor e o melhor câmera. Não deve ter qualquer problema.
Dana haveria de se lembrar mais tarde dessas palavras otimistas.

* * *

Matt Baker telefonou para Dana no dia anterior à sua partida.
— Venha até minha sala. — O tom era ríspido.
— Já estou indo.
Dana desligou com um sentimento de apreensão. *Ele mudou de idéia sobre a aprovação da minha transferência, não vai mais me deixar partir. Como pode*

fazer isso comigo? Ela respirou fundo, determinada. *Mas vou lutar até o fim!*
Dez minutos depois, Dana entrou na sala de Matt Baker.
— Sei o que vai dizer — começou ela —, mas não vai adiantar. Irei de qualquer maneira! Tenho sonhado com isso desde que era pequena. Acho que posso fazer alguma coisa boa por lá. E você tem de me dar a chance de tentar. — Ela respirou fundo e acrescentou, em tom de desafio:
— Muito bem, o que queria me dizer?
Matt Baker fitou-a nos olhos e murmurou:
— Bon voyage.
Dana piscou, aturdida.
— Como?
— Bon voyage. Significa "boa viagem".
— Sei o que significa. Eu... não me chamou para...
— Chamei-a porque andei conversando com alguns correspondentes estrangeiros. Eles me deram conselhos para transmitir a você.
Aquele homem enorme e rude se dera ao tempo e trabalho de conversar com alguns correspondentes estrangeiros, a fim de poder ajudá-la!
— Eu... eu não sei como...
— Pois então não diga. Está a caminho de uma guerra violenta. Não há qualquer garantia de que poderá se proteger cem por cento, porque as balas não se importam nem um pouco com quem matam. Mas quando se fica no meio da ação, a adrenalina começa a fluir. Pode deixá-la temerária, levá-la a cometer atos estúpidos, que não faria em circunstâncias normais. Tem de controlar isso. Sempre trabalhe com uma margem de segurança. Não ande pelas ruas sozinha. Nenhuma notícia vale a sua vida. Outra coisa...
A preleção se prolongou por quase uma hora. Ao final Matt Baker disse:
— Isso é tudo. Cuide-se bem. Se deixar que alguma coisa aconteça com você, ficarei furioso.
Dana inclinou-se e beijou-o no rosto.
— Nunca mais faça isso! — Ele se levantou. — A situação será terrível por lá, Dana. Se mudar de idéia quando chegar e quiser voltar para casa, basta me avisar e providenciarei tudo.
— Não mudarei de idéia — garantiu Dana, confiante.
Mas ela estava enganada.

* * *

O vôo para Paris transcorreu sem incidentes. Desembarcaram no aeroporto Charles de Gaulle, e os três pegaram um microônibus para a Croatia Airlines.

Havia um atraso de três horas.
Às dez horas daquela noite, o avião da Croatia Airlines pousou no aeroporto de Butmir, em Sarajevo. Os passageiros foram conduzidos a um prédio da segurança, onde passaportes foram verificados por guardas uniformizados.
Quando Dana se encaminhava para a porta, um homem baixo de aparência desagradável, à paisana, adiantou-se para bloquear sua passagem.
— Passaporte.
— Já mostrei...
— Sou o coronel Gordan Divjak. Seu passaporte.
Dana entregou seu passaporte, junto com as credenciais da imprensa. Ele examinou.
— Jornalista, hem? — Ele fitou-a nos olhos. — De que lado você está?
— Não estou de lado nenhum — respondeu Dana, calmamente.
— Tome cuidado com o que noticiar — advertiu o coronel Divjak. — Não tratamos a espionagem com brandura. Seja bem-vinda a Sarajevo.
Um Land Rover à prova de balas os esperava no aeroporto. O motorista, de pele trigueira, tinha vinte e poucos anos.
— Sou Jovan Tolj, para servi-los. Serei o motorista de vocês em Sarajevo.
Jovan guiava depressa, virando as esquinas e acelerando pelas ruas desertas como se estivessem sendo perseguidos.
— Com licença — disse Dana, nervosa —, mas há necessidade de tanta pressa?
— Há, sim, se quiserem continuar vivos.

* * *

— Mas...
À distância, Dana ouviu o som de uma trovoada, dando a impressão de que se aproximava.
Só que não era trovoada o que ela ouvia.
No escuro, Dana podia divisar prédios com as fachadas semidestruídas, apartamentos sem janelas, lojas sem vitrines. À frente, divisou o Holiday Inn, onde ficariam hospedados. A fachada do hotel estava toda marcada por buracos. Havia uma cratera no chão. O carro passou por cima a toda velocidade.
— Espere! — gritou Dana.
— Este é o nosso hotel! Para onde vai?
— A entrada da frente é muito perigosa. — Jovan virou a esquina e disparou por uma viela. — Todos usam a entrada dos fundos.
Dana sentiu a boca subitamente seca.
— Ah...

* * *

O saguão do Holiday Inn estava cheio de pessoas conversando. Um jovem e atraente francês aproximou-se de Dana.
— Estávamos à sua espera. É, Dana Evans?
— Isso mesmo.
— Jean Paul Hubert, M6, Métropole Télévision.
— Prazer em conhecê-lo. Estes são Benn Albertson e Wally Newman.
Os homens trocaram apertos de mão.
— Sejam bem-vindos ao que restou de nossa cidade que está desaparecendo depressa.
Outros se aproximaram do grupo para dar as boas-vindas. Um a um, adiantaram-se e se apresentaram.
— Steffan Mueller, Rede Kabel.
— Roderick Munn, BBC 2.
— Marco Benelli, Itália 1.
— Akihiro Ishihara, TV Tóquio.
— Juan Santos, Canal 6, Guadalajara.
— Chun Qian, Televisão Xangai.
Dana teve a impressão de que todos os países do mundo tinham um jornalista ali. As apresentações pareceram prolongar por toda uma eternidade. O último foi um corpulento russo, com um dente de ouro reluzindo na frente.
— Nikolai Petrovich, Gorizont 22.
— Quantos repórteres estão aqui? — perguntou Dana a Jean Paul.
— Mais de duzentos e cinquenta. Não há muitas guerras tão animadas quanto esta. É a sua primeira?
Ele falava como se fosse alguma partida de tênis.
— É, sim.
— Se eu puder ajudar em qualquer coisa, basta me dizer, por favor.
— Obrigada. — Dana hesitou por um instante.
— Quem é o coronel Gordan Divjak?
— Não vai querer saber. Todos nós achamos que ele trabalha no equivalente serviço da Gestapo, mas não temos certeza. Eu sugeriria que você ficasse longe do caminho dele.
— Não esquecerei.
Mais tarde, quando Dana foi se deitar, houve uma súbita e violenta explosão no outro lado da rua, logo acompanhada por uma segunda. O quarto tremeu. Era assustador, mas ao mesmo tempo inebriante. Parecia irreal, alguma coisa saída de um filme. Dana passou a noite inteira acordada, escutando os sons das

terríveis máquinas de matar e vendo os clarões refletidos nas janelas sujas do hotel.
Pela manhã, Dana vestiu-se — jeans, botas, colete à prova de balas. Sentiu-se contrafeita, mas... *Sempre trabalhe com uma margem de segurança... Nenhuma notícia vale a sua vida.*
Dana, Benn e Wally estavam no restaurante, conversando sobre suas famílias.
— Esqueci de lhes dar a boa notícia — disse Wally. — Terei um neto no mês que vem.
— Mas isso é sensacional!
E Dana pensou: *Alguma vez terei um filho e um neto? Que será, será.*
— Tenho uma idéia — disse Benn. — Vamos fazer primeiro uma reportagem geral sobre o que está acontecendo aqui e como as vidas das pessoas foram afetadas. Sairei com Wally para procurar locações. Por que não providencia algum tempo de satélite, Dana?
— Está certo.
Jovan Tolj esperava na viela, no Land Rover.
— Dobyo juto. Bom dia.
— Bom dia, Jovan. Quero ir ao lugar em que alugam tempo de satélite.
Ao partirem, Dana pôde ter uma boa visão de Sarajevo pela primeira vez. Parecia que não havia um único prédio intacto. O som de tiros era contínuo.
— Não para nunca? — perguntou Dana.
— Eles vão parar de atirar quando a munição esgotar — respondeu Jovan, amargurado. — E nunca ficarão sem munição.
As ruas estavam desertas, exceto por uns poucos pedestres, e todos os cafés fechados. Havia crateras de granada por toda parte. Passaram pelo prédio do Oslobodjenje.
— Este é o nosso jornal — disse Jovan, orgulhoso. — Sérvios continuam tentando destruí-lo, mas não conseguem.
Poucos minutos depois, chegaram ao escritório da empresa do satélite.
— Ficarei esperando aqui — disse Jovan.
Por trás de uma mesa, no saguão, havia um recepcionista que parecia estar na casa dos oitenta anos.
— Fala inglês? — perguntou Dana.
Ele fitou-a com uma expressão cansada.
— Falo nove línguas, madame. O que deseja?
— Sou da WTE. Quero alugar algum tempo de satélite e acertar...
— Terceiro andar.
A placa na porta dizia DIVISÃO DE SATÉLITE DA IUGOSLÁVIA. A sala de recepção estava repleta de homens, sentados em bancos encostados nas paredes.

Dana apresentou-se à jovem na mesa de recepção.
— Sou Dana Evans, da WTE. Quero reservar algum tempo de satélite.
— Sente-se, por favor, e espere a sua vez.
Dana correu os olhos pela sala.
— Todas essas pessoas estão aqui para reservar tempo de satélite?
A mulher levantou os olhos.
— Claro.
Quase duas horas depois, Dana foi levada para a sala do gerente, um homem baixo e atarracado, com um charuto na boca, parecia com o velho clichê do protótipo de um produtor de Hollywood. Ele tinha um forte sotaque.
— Como posso ajudá-la?
— Sou Dana Evans, da WTE. Gostaria de alugar um dos seus caminhões e reservar o satélite por meia hora. Seis da tarde em Washington seria um bom horário. E quero esse horário todos os dias, por um prazo indefinido. – Ela viu a expressão do homem.
— Algum problema?
— Um só. Não há caminhões de satélite disponíveis. Todos já foram reservados. Eu lhe telefonarei se alguém cancelar.
Dana ficou consternada.
— Não...? Mas preciso de algum tempo de satélite! Eu...
— Todo mundo também precisa. Exceto os que trouxeram seu próprio caminhão, é claro.

* * *

A sala de recepção continuava cheia quando Dana saiu. *Preciso tomar alguma providência*, pensou ela.
Ao deixar o escritório, Dana disse a Jovan:
— Eu gostaria de dar uma volta pela cidade.
Ele virou-se para fitá-la e deu de ombros.
— Como quiser.
Jovan ligou o Land Rover e saiu em disparada pelas ruas.
— Um pouco mais devagar, por favor. Preciso sentir a cidade.
Sarajevo era uma cidade sitiada. Não havia água corrente nem eletricidade, e mais casas eram bombardeadas a cada hora. O alarme de ataque aéreo soava com tanta frequência que as pessoas o ignoravam. Um clima de fatalismo pairava sobre a cidade. Se a bala tinha o seu nome, não havia onde se esconder.
Em quase todas as esquinas, homens, mulheres e crianças vendiam os poucos bens que lhes restavam.

— São refugiados da Bósnia e Croácia — explicou Jovan —, tentando obter dinheiro suficiente para comprar comida.
Havia incêndios por toda parte. Mas não havia bombeiros à vista.
— Não existe um corpo de bombeiros aqui? — perguntou Dana.
Jovan deu de ombros.
— Claro que existe, mas os bombeiros não ousam sair. Seriam alvos bons demais para os atiradores de tocaia sérvio.

* * *

No início, a guerra na Bósnia-herzegovina fizera pouco sentido para Dana. Só depois de estar em Sarajevo há uma semana é que ela compreendeu que não fazia sentido algum. Ninguém podia explicá-la. Alguém mencionou um professor da universidade, historiador renomado. Ele fora ferido e se encontrava confinado em sua casa. Dana decidiu conversar com ele.
Jovan levou-a a um dos bairros antigos da cidade, onde o professor morava. O professor Mladic Staka era um homem pequeno e grisalho, quase etéreo na aparência. Uma bala o acertara na espinha, deixando-o paralisado.
— Obrigado por ter vindo — disse ele. — Não recebo muitas visitas hoje em dia. Falou que precisava conversar comigo.
— Isso mesmo. Eu deveria estar fazendo a cobertura da guerra. Mas, para ser franca, tenho a maior dificuldade para compreendê-la.
— O motivo para isso é muito simples, minha cara. Guerra na Bósnia-herzegovina está além da compreensão. Por dezenas de anos os sérvios, croatas, bósnios e muçulmanos viveram juntos em paz, sob Tito. Eram amigos e vizinhos. Cresciam juntos, trabalhavam juntos, cursavam mesmas escolas, casavam entre si.
— E agora?
— Esses mesmos amigos estão torturando e matando uns aos outros. O ódio transformou-os em coisas tão repulsivas que nem posso falar sobre eles.
— Ouvi algumas das histórias.
As histórias que Dana ouvira eram quase inacreditáveis: um poço cheio de testículos humanos ensanguentados, bebês estuprados e mortos, aldeões inocentes trancados numa igreja, incendiada em seguida.
— Quem começou? — indagou ela.
O professor sacudiu a cabeça.
— Depende de a quem se pergunta. Durante a Segunda Guerra Mundial, centenas de milhares de sérvios, que estavam do lado dos Aliados, foram massacrados pelos croatas, que estavam do lado dos nazistas. Agora, os sérvios

cometem sua sangrenta vingança. Mantêm o país como refém e são implacáveis. Mais de duzentas mil granadas caíram só em Sarajevo. Pelo menos dez mil pessoas foram mortas e mais de sessenta mil ficaram feridas. Os bósnios e muçulmanos devem arcar com a responsabilidade por sua parte nas torturas e mortes. Os que não querem a guerra são forçados a entrar nela. Ninguém pode confiar em ninguém. A única coisa que restou a todos é o ódio. O que temos é uma conflagração que alimenta a si mesma, enquanto os incêndios são alimentados pelos corpos dos inocentes.

* * *

Quando Dana voltou ao hotel, naquela tarde, Benn Albertson a esperava para informar que recebera uma mensagem de que um caminhão e hora de satélite estariam disponíveis no dia seguinte, às seis horas da tarde.

— Encontrei o lugar ideal para filmarmos — anunciou Wally Newman. — Há uma praça com uma igreja católica, uma mesquita, uma igreja protestante e uma sinagoga, a menos de um quarteirão umas das outras. Todas foram bombardeadas. Pode escrever um texto sobre ódio em oportunidades iguais, o que fez com as pessoas que vivem aqui, que não querem saber da guerra, são obrigadas a participar.

Dana acenou com a cabeça, excitada.

— Excelente! Falarei com vocês no jantar. Vou trabalhar agora.

Ela foi para seu quarto.

Às seis horas da tarde seguinte, Dana, Wally e Benn se reuniram na praça em que estavam localizadas as igrejas bombardeadas. A câmera de televisão de Wally foi montada num tripé, e Benn esperava pela confirmação de Washington de que o sinal de satélite era bom. Dana podia ouvir os disparos de atiradores de tocaia ao fundo.

Sentiu uma súbita satisfação por estar usando o colete à prova de balas. Não há por que ter medo. Eles não estão atirando em nós, mas sim uns contra os outros. Precisam de nós para contar sua história ao mundo.

Dana viu o sinal de Wally. Respirou fundo, olhou para lente da câmera e começou:

— As igrejas que vocês veem atrás de mim são um símbolo do que está acontecendo neste país. Não há mais muros por trás dos quais as pessoas possam se esconder, nenhum lugar que seja seguro. Nos tempos antigos, as pessoas podiam encontrar um santuário em suas igrejas. Mas aqui, passado, o presente e o futuro se fundiram para...

Foi nesse instante que ela ouviu um assovio estridente se aproximando, levantou

os olhos e viu a cabeça de Wally explodir num melão vermelho. *É um jogo de luz,* foi o primeiro pensamento de Dana. E depois, transtornada, ela observou o corpo de Wally bater no chão. Ficou imóvel, gelada, incapaz de acreditar. As pessoas ao seu redor gritavam.
O som do fogo rápido dos atiradores de tocaia chegou mais perto e Dana começou a tremer, numa reação incontrolável. Mãos a agarraram, arrastaram pela rua. Ela se debateu, tentando se desvencilhar.
Não! Temos de voltar. Não aproveitamos os nossos dez minutos... Não posso desperdiçar não quero... era errado desperdiçar coisas. "Acabe sua sopa, querida." *As crianças na China estão morrendo de fome. Acha que existe alguma espécie de Deus lá em cima, sentado numa nuvem branca? Pois vou lhe dizer uma coisa. Não passa de um impostor. Um Deus de verdade nunca deixaria a cabeça de Wally ser explodida, mas nunca mesmo. Wally esperava por seu primeiro neto. Está me escutando? Está? Está?* Ela se encontrava em estado de choque, sem perceber que era levada por uma rua transversal para o carro.

* * *

Ao abrir os olhos, Dana descobriu que estava na cama. Benn Albertson e Jean Paul Hubert se encontravam de pé ao lado. Ela fitou-os.
— Aconteceu mesmo, não é?
— Sinto muito — murmurou Jean Paul.
— Foi uma coisa horrível. Você teve sorte de não ser atingida.
O telefone rompeu o silêncio no quarto. Benn atendeu.
— Alô? — Ele escutou por um momento.
— Claro. Espere um instante.
Benn pôs a mão sobre o fone e olhou para Dana.
— É Matt Baker. Pode falar com ele?
— Posso. — Dana sentou-se na cama. Depois de um momento, levantou-se e foi até o telefone.
— Alô?
Tinha a garganta seca, era difícil falar. A voz de Matt Baker trovejou pelo telefone:
— Quero que volte para casa, Dana.
A voz dela saiu como um sussurro:
— Quero voltar.
— Providenciarei para que embarque no primeiro avião que sair daí.
— Obrigada.
Dana largou o telefone. Jean Paul e Benn ajudaram-na a voltar para a cama.

— Sinto muito — repetiu Jean Paul.
— Não há... não há nada que alguém possa dizer.
Lágrimas escorriam pelas faces de Dana.
— Por que o mataram? Ele nunca fez mal a ninguém. O que está acontecendo? Pessoas são massacradas como animais e ninguém se importa. Ninguém se importa!
Benn murmurou:
— Dana, não há nada que possamos fazer sobre...
— Tem de haver. — A voz de Dana tremia de fúria — Temos de fazer com que se importem. Esta guerra não é sobre bombardear igrejas, casas e ruas. É sobre pessoas... pessoas inocentes... tendo suas cabeças explodidas. São essas as histórias que deveríamos estar transmitindo. É a única maneira de fazer com que esta guerra se torne real.
Ela virou-se para Benn, respirou fundo.
— Vou ficar, Benn. Não permitirei que me afugentem.
Ele a observava com uma expressão preocupada.
— Dana, tem certeza...?
— Tenho, sim. Sei o que tenho de fazer agora. Pode telefonar para Matt e avisá-lo?
— Se é isso o que você realmente quer... — murmurou ele, indeciso.
Dana acenou com a cabeça.
— É o que realmente quero.
Ela observou Benn deixar o quarto. Jean Paul disse:
— É melhor eu sair também e deixá-la...
— Não!
Por um instante, a mente de Dana foi povoada pela visão da cabeça de Wally explodindo, o corpo caindo.
— Não — repetiu ela, olhando para Jean Paul. — Fique, por favor. Preciso de você.
Jean Paul sentou-se na cama. E Dana abraçou-o, apertou-o contra seu corpo.

* * *

Na manhã seguinte, Dana disse a Benn Albertson:
— Pode arrumar um câmera? Jean Paul me falou sobre um orfanato em Kosovo que acaba de ser bombardeado. Quero ir até lá e fazer a cobertura.
— Conseguirei alguém.
— Obrigada, Benn. Irei na frente e nos encontraremos lá.
— Tome cuidado.

— Não se preocupe.
Jovan esperava por Dana na viela.
— Vamos para Kosovo — comunicou ela.
Jovan virou-se para fitá-la.
— É uma área perigosa, madame. A única estrada passa pelo bosque e...
— Já tivemos a nossa cota de azar, Jovan. Nada mais vai nos acontecer.
— Como quiser.
Atravessaram a cidade em alta velocidade e, quinze minutos depois, percorriam uma região de bosque cerrado.
— Quanto falta? — perguntou Dana.
— Não muito. Deveremos chegar...
E foi nesse momento que o Land Rover bateu numa mina.

* * *

À medida que se aproximava o dia da eleição, a disputa presidencial tornou-se mais acirrada.
— Temos de vencer em Ohio — declarou Peter Tager. — São vinte e um votos eleitorais. Estamos bem no Alabama que são nove votos, e também temos a Flórida, com vinte e cinco votos.
Ele pegou uma lista e estudou-a.
— Illinois, vinte e dois votos... Nova York, trinta e três e Califórnia, quarenta e quatro. Ainda é muito cedo para ter certeza.
Todos se mostravam preocupados, menos o senador Davis.
— Tenho um faro para essas coisas — garantia ele. E posso sentir o cheiro da vitória.
No hospital, em Frankfort, Miriam Friedland continuava em coma.
No dia da eleição, a primeira terça-feira de novembro, Leslie ficou em casa para acompanhar a apuração pela televisão. Oliver Russell venceu por mais de dois milhões de votos populares e uma grande maioria dos votos eleitorais. Oliver Russell era agora o presidente dos Estados Unidos, o maior alvo do mundo.

* * *

Ninguém seguira a campanha eleitoral mais atentamente do que Leslie Stewart Chambers. Estivera ocupada expandindo seu império e adquirira uma rede de jornais e emissoras de televisão e rádio por todos os Estados Unidos, assim como na Inglaterra, Austrália e Brasil.
— Quando teremos o suficiente? — perguntou seu editor-chefe, Darin Solana.
— Em breve — respondeu Leslie. — Muito em breve.

Havia mais um passo que ela precisava dar, e a última peça finalmente se ajustou no lugar num jantar em Scottsdale. Um convidado comentou:
— Eu soube confidencialmente que Margaret Portman vai se divorciar.
Margaret Portman era a proprietária do Washington Tribune, na capital da nação. Leslie não fez qualquer comentário, mas no início da manhã seguinte telefonou para Chad Morton, um dos seus advogados.
— Quero que descubra se o Washington Tribune está á venda.
A resposta veio mais tarde, naquele mesmo dia:
— Não sei como descobriu, sra. Chambers, mas parece que é isso mesmo. A sra. Portman e o marido estão se divorciando com a maior discrição e dividindo o patrimônio. Acho que o Washington Tribune Enterprises está à venda.
— Quero comprar.
— Está falando de um meganegócio. O Washington Tribune Enterprises possui uma rede de jornais, uma revista, uma rede de televisão e...
— Quero tudo.
Naquela tarde, Leslie e Chad Morton voaram para Washington, D.C. Leslie telefonou para Margaret Portman, a quem conhecera casualmente poucos anos antes.
— Estou em Washington e...
— Eu já sabia.
As notícias circulam depressa, pensou Leslie.
— Soube que talvez esteja interessada em vender o Tribune Enterprises.
— É possível.
— Poderia arrumar uma visita minha ao jornal?
— Está interessada em comprar, Leslie?
— É possível.
Margaret Portman mandou chamar Matt Baker.
— Sabe quem é Leslie Chambers?
— Claro. A Princesa de Gelo.
— Ela estará aqui dentro de poucos minutos. Gostaria que a levasse numa excursão por nossas instalações.
Todos no Tribune estavam a par da venda iminente.
— Seria um erro vender o Tribune a Leslie Chambers — comentou Matt Baker, incisivo.
— O que o leva a dizer isso?
— Em primeiro lugar, duvido que ela saiba alguma coisa sobre o mercado jornalístico. Viu o que ela fez com os outros jornais que comprou? Transformou jornais respeitáveis em tabloides vulgares. Ela vai destruir o Tribune e...
Ele virou a cabeça. Leslie Chambers estava parada na porta, escutando. Margaret

Portman apressou-se em falar:
— Leslie! Que prazer tornar a vê-la! Este é Matt Baker, editor-chefe do Tribune Enterprises.
Houve uma troca de cumprimentos frios.
— Matt vai lhe mostrar nossas instalações.
— Estou ansiosa em conhecer tudo.
Matt Baker respirou fundo.
— Certo. Vamos começar.
Logo no início da visita Matt Baker disse, em tom condescendente:
— A estrutura é simples. No topo fica o editor-chefe...
— Que é o senhor.
— Isso mesmo. E por baixo de mim ficam o editor-executivo e todas as editorias, a Metropolitana, Nacional, Internacional, Esportes, Economia, Vida e Moda, Agenda, Literária, Imobiliária, turismo, Gastronomia... Provavelmente deixei algumas de fora.
— Espantoso. Quantos empregados o Washington Tribune Enterprises tem, sr. Baker?
— Mais de cinco mil.
Passaram pelo copydesk.
— É para cá que o editor de notícias traz as matérias. É ele quem decide onde as fotos vão entrar, que notícias vão sair em que página. O pessoal do copydesk escreve os títulos, edita as reportagens e junta tudo na seção de composição.
— Fascinante.
— Está interessada em conhecer a gráfica?
— Claro. Gostaria de ver tudo.
Matt Baker resmungou alguma coisa.
— Como?
— Eu disse que terei o maior prazer.
Desceram pelo elevador e foram para o prédio seguinte. O parque gráfico tinha quatro andares de altura e era do tamanho de quatro campos de futebol americano. Tudo no vasto espaço era automatizado. Havia trinta carrinhos robotizados, carregando as enormes bobinas de papel, que deixavam em posições determinadas. Baker explicou:
— Cada bobina pesa mais de uma tonelada. Se desenrolasse uma, teria oito quilômetros de comprimento. O papel entra nas rotativas a uma velocidade de trinta e quatro quilômetros horários. Alguns dos carros maiores podem carregar dezesseis bobinas ao mesmo tempo.
Havia seis rotativas, três em cada lado. Leslie e Matt Baker ficaram parados ali, observando os jornais serem automaticamente montados, cortados, dobrados,

reunidos em fardos e levados para os caminhões à espera.
— No passado, precisávamos de cerca de trinta homens para fazer o que um só pode realizar hoje — comentou Matt Baker. — A era da tecnologia.
Leslie fitou-o em silêncio por um momento.
— A era do enxugamento.
— Está interessada na economia da operação? — indagou Matt Baker, secamente. — Talvez prefira que seu advogado ou contador...
— Estou muito interessada, sr. Baker. Seu orçamento editorial é de quinze milhões de dólares. Sua circulação diária é de 816.474 exemplares, com 1.140.498 aos domingos. A previsão de publicidade é de sessenta e oito vírgula dois.
Matt piscou, aturdido.
— Com todos os jornais da rede, sua circulação diária é de mais de dois milhões de exemplares, com dois milhões e quatrocentos mil aos domingos. Claro que não é o maior jornal do mundo, não é mesmo, sr. Baker? Os dois maiores jornais do mundo são publicados em Londres. O Sun é o maior, com uma circulação diária de quatro milhões de exemplares. O Daily Mirror vende mais de três milhões de exemplares.
Ele respirou fundo.
— Desculpe. Eu não sabia...
— No Japão, há mais de duzentos jornais diários, inclusive o Asahi Shimbun, Mainchi Shinbun e Yomiuri Shimbu. Está me acompanhando?
— Claro. Peço desculpas se pareci condescendente.
— Desculpas aceitas, sr. Baker. Vamos voltar à sala e a sra. Portman.
Na manhã seguinte, Leslie estava numa sala de reunião no Washington Tribune, diante da sra. Portman e de meia dúzia de advogados.
— Vamos falar sobre o preço — propôs Leslie.
A discussão prolongou-se por quatro horas. Ao final, Leslie Stewart Chambers era a proprietária do Washington Tribune Enterprises.
Saíra mais caro do que Leslie previra. Mas não importava. Havia outra coisa que era muito mais importante.
No dia em que o negócio foi fechado, Leslie mandou chamar Matt Baker para uma reunião.
— Quais são os seus planos? — indagou ela.
— Vou embora.
Ela se mostrou curiosa.
— Por quê?
— Tem uma reputação e tanto. As pessoas não gostam de trabalhar para você. Acho que a palavra que mais usam é "implacável". Não preciso disso. Este é um

bom jornal, e detesto deixá-lo, mas tenho mais ofertas de emprego do que posso aceitar.
— Há quanto tempo trabalha aqui?
— Quinze anos.
— E vai jogar tudo isso fora?
— Não estou jogando fora, mas apenas...
Leslie fitou-o nos olhos.
— Preste atenção. Também acho que o Tribune é um bom jornal, mas quero que seja um grande jornal. E quero que você me ajude.
— Não. Eu não...
— Seis meses. Tente por seis meses. Começaremos por dobrar seu salário.
Matt Baker estudou-a por um longo momento. Jovem, bonita e inteligente. E, no entanto... Ele sentia alguma apreensão em relação a Leslie Chambers.
— Quem ficará no comando?
Ela sorriu.
— Você é o editor-chefe do Washington Tribune Enterprises. Continuará a ser.
E Matt Baker acreditou.

* * *

Seis meses haviam transcorrido desde que uma mina explodira sob o Land Rover de Dana. Ela escapara sem nada pior que uma contusão, uma costela fraturada, um pulso quebrado e equimoses dolorosas. Jovan quebrara a perna e sofrera cortes e contusões generalizados. Matt Baker telefonara para Dana naquela noite e lhe ordenara que voltasse para Washington, mas o incidente a deixara ainda mais determinada do que antes a ficar.
— As pessoas aqui estão desesperadas — disse ela. Não posso ir embora assim. Se me ordenar que volte, peço demissão.
— Está me chantageando?
— Estou, sim.
— Foi o que pensei. Mas não permito que ninguém me chantageie. Está me entendendo?
Dana esperou.
— Que tal uma licença? — perguntou ele.
— Não preciso de uma licença.
Ela pôde ouvir o suspiro de Matt pelo telefone.
— Está bem. Continue aí, Dana. Mas...
— Mas o quê?
— Prometa que tomará todo cuidado.

Dana podia ouvir os disparos de metralhadora perto do hotel.
— Prometo.

* * *

A cidade estivera sob um ataque intenso durante a noite inteira. Cada explosão de morteiro significava outro prédio destruído, outra família sem teto ou, ainda pior, morta.
No início da manhã, Dana e sua equipe saíram para rua, prontos para filmar. Benn Albertson esperou que o barulho da explosão de um morteiro se desvanecesse, depois acenou com a cabeça para Dana.
— Dez segundos.
— Estou pronta.
Benn apontou um dedo. Dana virou-se das ruínas para trás e olhou para a câmera.
— Esta é uma cidade que pouco a pouco desaparece da face da Terra. Com a eletricidade cortada, seus olhos se extinguiram... As emissoras de televisão e rádio foram fechadas, e não têm mais ouvidos... Todo o transporte público está interrompido, e com isso perdeu suas pernas...
A câmera mostrou um playground deserto e bombardeado, com os esqueletos enferrujados de balanços e escorregas.
— Em outra época, crianças brincavam aqui, e o som de suas risadas povoava o ar.
Ouviu-se de novo o som de uma explosão de morteiro não muito longe. Um alarme de ataque aéreo soou subitamente. As pessoas andando pela rua por trás de Dana continuaram como se nada tivessem ouvido.
— O som que acabaram de ouvir é outro alarme de ataque aéreo. É o sinal para as pessoas correrem e se esconderem. Mas os cidadãos de Sarajevo descobriram que não há lugar para se esconderem, e por isso continuam andando imersos em seu silêncio. Os que podem fogem do país, renunciando a seus apartamentos e todos os seus bens. Entre os que ficam, são muitos os que morrem. É uma opção cruel. Há rumores de paz. Rumores demais, paz de menos. Virá mesmo? Quando? Será que um dia as crianças vão sair de seus porões e usar de novo este playground? Ninguém sabe. Elas só podem acalentar essa esperança. Aqui é Dana Evans, de Sarajevo, para a WTE.
A luz vermelha na câmera piscou e apagou.
— Vamos sair logo daqui — disse Benn.
Andy Casarez, o novo câmera, começou a guardar o equipamento, o mais depressa possível.

Havia um garoto parado na calçada, observando Dana. Era um pirralho de rua, vestindo roupas esfarrapadas e imundas, os sapatos rasgados. Olhos castanhos intensos faiscavam num rosto coberto de sujeira. Não tinha o braço direito. Ela percebeu que o garoto a observava e sorriu.
— Olá.
Não houve resposta. Dana deu de ombros e virou-se para Benn.
— Vamos embora.
Poucos minutos depois, eles estavam voltando para o Holiday Inn. O hotel se achava lotado de repórteres de jornais e emissoras de rádio e televisão. Formavam uma família disparatada. Eram rivais, mas por causa das circunstâncias perigosas em que se encontravam ali, sempre se mantinham dispostos a ajudar uns aos outros. Haviam coberto acontecimentos emocionantes juntos.
Houve um tumulto em Montenegro... Houve um bombardeio em Vukovar... Um hospital fora destruído por bombas em Petrovo Selo...
Jean Paul Hubert fora embora, enviado para outra missão. Dana sentia muita saudade.
Certa manhã, quando Dana deixava o hotel, avistou na vila o mesmo menino que encontrara na rua dias antes.
Jovan abriu a porta do Land Rover substituto.
— Bom dia, madame.
— Bom dia.
O menino continuava ali, olhando para ela. Dana foi a seu encontro.
— Bom dia.
Não houve resposta. Dana perguntou a Jovan:
— Como se diz "bom dia" em esloveno?
Foi o menino quem respondeu:
— Dobyo jutro.
Dana virou-se para ele.
— Então você entende inglês.
— Talvez.
— Qual é o seu nome?
— Kemal.
— Quantos anos você tem, Kemal?
O menino virou-se e afastou-se.
— Ele tem medo de estrangeiros — explicou Jovan.
Dana ficou olhando para o menino.
— Não o culpo. Eu também tenho.
Quatro horas mais tarde, quando o Land Rover voltou à viela por trás do Holiday

Inn, Kemal esperava perto da entrada. Quando Dana saltou, ele disse:
— Doze.
— Como? — Dana se lembrou. — Ah, sim.
Ele era pequeno para sua idade. Ela olhou para a manga direita vazia e começou a fazer uma pergunta, mas depois se conteve.
— Onde você mora, Kemal? Podemos levá-lo em casa.
Ela observou-o se virar e se afastar.
— Ele não tem boas maneiras — comentou Jovan.
— Talvez as tenha perdido junto com o braço — murmurou Dana.

* * *

Naquela noite, no restaurante do hotel, os jornalistas conversavam sobre os novos rumores de uma paz iminente.
— A ONU finalmente se envolveu — disse Gabriella Orsi. — Já era tempo.
— Se querem saber minha opinião, foi tarde demais.
— Nunca é tarde demais — declarou Dana.

* * *

Na manhã seguinte, receberam duas informações. A primeira era sobre o iminente acordo de paz, intermediado pelos Estados Unidos e a ONU. A segunda era de que o Oslobodjenje, o jornal de Sarajevo, fora bombardeado e não existia mais.
— Nosso pessoal em Washington está cobrindo o acordo de paz — disse Dana a Benn. — Vamos fazer uma reportagem sobre o Oslobodjenje.

* * *

Dana estava parada na frente do prédio demolido que outrora abrigava o Oslobodjenje. A luz vermelha na câmera acendeu.
— Pessoas morrem aqui todos os dias, prédios são destruídos — declarou Dana, olhando para a lente. — Mas este prédio foi assassinado. Abrigava o único jornal livre em Sarajevo, o Oslobodjenje. Era um jornal que ousava dizer a verdade. Quando a parte superior foi bombardeada, o pessoal se transferiu para o porão, a fim de manter o jornal vivo. Quando não havia mais bancas para vender o jornal, os repórteres saíam pelas ruas para vender os exemplares pessoalmente. E vendiam mais do que jornal. Vendiam liberdade. Com a morte do Oslobodjenje, mais uma parte da liberdade morreu aqui.
Em sua sala, Matt Baker assistia à transmissão.
— Ela é mesmo incrível! — Ele virou-se para seu assistente.

— Quero que ela tenha seu próprio caminhão para as transmissões por satélite. Providencie tudo.
— Pois não, senhor.

* * *

Dana encontrou um visitante à espera quando voltou ao seu quarto. Ao entrar, deparou com o coronel Gordan Divjak refestelado numa cadeira. Ela parou, surpresa.
— Não me avisaram que havia um visitante.
— Não é uma visita social. — Os olhos pretos e pequenos focalizavam Dana com a maior intensidade.
— Assisti à sua reportagem sobre o Oslobodjenje.
Dana estudou-o, cautelosa.
— É mesmo?
— Recebeu permissão para entrar em nosso país com intenção de noticiar, não de fazer julgamentos.
— Não fiz nenhum...
— Não me interrompa. Sua idéia de liberdade não é necessariamente nossa idéia de liberdade. Está me entendendo?
— Não. Receio que...
— Pois então deixe-me explicar, srta. Evans. É uma hóspede em meu país. Talvez seja uma espiã do seu governo.
— Não sou nenhuma...
— Não me interrompa. Eu a adverti no aeroporto. Não é nenhum jogo o que temos aqui. Estamos em guerra. Qualquer pessoa envolvida em espionagem será executada.
As palavras pareciam ainda mais aterradoras porque foram pronunciadas numa voz suave.
Ele se levantou.
— Este é o seu último aviso.
Dana observou-o sair.
Não vou deixar que ele me assuste, pensou ela, em desafio.
Mas sentia-se assustada.

* * *

Chegou um pacote enviado por Matt Baker. Era um enorme pacote, com chocolate, barras de granola, alimentos enlatados e uma dúzia de outros produtos não-perecíveis. Dana levou para o saguão, a fim de partilhar com os outros

repórteres. Todos ficaram exultantes.
— Isso é o que eu chamo de chefe! — exclamou Saton Asaka.
— Como posso arrumar um emprego no Washington Tribune? — gracejou Juan Santos.

* * *

Kemal esperava de novo na viela. O casaco fino e puído dava a impressão de que poderia se desfazer a qualquer momento.
— Bom dia, Kemal.
Ele permaneceu calado, observando-a através das pálpebras semicerradas.
— Vou fazer compras. Gostaria de me acompanhar?
Não houve resposta.
— Deixe-me falar de outro jeito — disse Dana, exasperada. Ela abriu a porta traseira do veículo. — Entre no carro. Agora!
O menino ainda continuou imóvel por mais um momento, chocado, depois se encaminhou para o Land Rover, devagar. Dana e Jovan observaram-no subir para o banco traseiro. Ela perguntou a Jovan:
— Pode encontrar alguma loja de departamentos ou loja de roupas que esteja aberta?
— Conheço uma.
— Vamos até lá.
Seguiram em silêncio por alguns minutos.
— Você tem mãe ou pai, Kemal?
Ele sacudiu a cabeça.
— Onde você mora?
Ele deu de ombros.
Dana sentiu-o chegar mais perto dela, como se quisesse absorver o calor de seu corpo.
A loja de roupas ficava no Bascarsija, o antigo mercado de Sarajevo. A fachada fora bombardeada, mas a loja continuava a funcionar. Dana pegou a mão esquerda de Kemal e levou-o para a loja.
— Posso ajudar? — perguntou um vendedor.
— Quero comprar um casaco para um amigo. — Ela olhou para Kemal.
— Ele tem mais ou menos esse tamanho.
— Por aqui, por favor.
Havia uma arara com casacos na seção de meninos.
Dana virou-se para Kemal.
— Qual deles você gosta?

Kemal não respondeu. Ela acrescentou para o vendedor:
— Vamos levar o marrom. — Ela olhou para a calça de Kemal.
— E acho que também precisamos de uma calça e sapatos novos.
Ao deixarem a loja, meia hora depois, Kemal vestia roupas novas. Sentou-se no banco traseiro do Land Rover sem dizer nada.
— Não sabe dizer obrigado? — indagou Jovan, irritado.
Kemal desatou a chorar. Dana abraçou-o.
— Está tudo bem, está tudo bem... — murmurou ela. *Que tipo de mundo faz isso com crianças?*
Quando chegaram ao hotel, Dana observou Kemal se afastar sem dizer nada.
— Alguém sabe onde ele mora? — perguntou ela a Jovan.
— Nas ruas, madame. Há centenas de órfãos como ele em Sarajevo. Não têm casa, não têm família...
— Como sobrevivem?
Jovan deu de ombros.
— Não sei.

* * *

No dia seguinte, quando Dana deixou o hotel, deparou com Kemal à sua espera, vestindo as roupas novas. O menino lavara o rosto.
A grande notícia à mesa do almoço era o tratado de paz, se daria certo. Dana decidiu visitar de novo o professor Milac Staka, e perguntar o que ele pensava a respeito.
— Fico feliz em vê-la de novo, srta Evans. Soube que tem feito reportagens maravilhosas, mas... — ele deu de ombros. — Infelizmente, não tenho eletricidade para o meu aparelho de televisão. Em que posso ajudá-la?
— Eu queria sua opinião sobre o novo tratado de paz, professor.
Ele recostou-se na cadeira e disse, pensativo:
— Acho muito interessante que em Dayton, Ohio, tenham tomado uma decisão sobre o que vai acontecer no futuro de Sarajevo.
— Concordaram com uma troca, uma presidência de três pessoas, um muçulmano, um croata e um sérvio. Acha que pode dar certo, professor?
— Sim se você acreditar em milagres. — Ele franziu o rosto. — Haverá dezoito legislativos nacionais e cento e nove governos locais diferentes. É uma babel política. Nenhum deles quer renunciar à sua autonomia. Todos insistem em ter suas próprias bandeiras, suas placas para carros, sua moeda. — Ele fez uma pausa, balançou a cabeça. — É uma manhã de paz. Tome cuidado com a noite.

* * *

Dana Evans tinha ido além de ser uma mera repórter, estava se tornando uma lenda internacional. O que passava em suas reportagens era um ser humano inteligente e cheio de paixão. E porque Dana se importava, seus espectadores se importavam e partilhavam seus sentimentos.
Matt Baker começou a receber telefonemas de outras emissoras de televisão, dizendo que queriam transmiti-la também. O que o deixou na maior satisfação. *Ela foi até lá para fazer o bem,* pensou ele*, e vai acabar se saindo muito bem.*
Com seu novo caminhão para transmissão por satélite, Dana se tornou mais ativa do que nunca. Não se encontrava mais à mercê da empresa iugoslava de satélite. Ela e Benn decidiam que reportagens queriam fazer, Dana escrevia e transmitia. Algumas eram apresentadas ao vivo, outras em gravação. Dana, Benn e Andy saíam pelas ruas e filmavam todas as cenas necessárias, depois Dana gravava seu comentário numa sala de edição e despachavam para Washington.
Na hora do almoço, no restaurante do hotel, enormes travessas com sanduíches foram postas no centro da mesa. Os jornalistas trataram de se servir. Roderick Munn, da BBC entrou na sala com uma notícia da APP na mão.
— Ei, escutem só isto! — Ele leu a notícia em voz alta. "Dana Evans, uma correspondente estrangeira da WTE, está sendo agora exibida por uma dúzia de emissoras. A srta. Evans foi indicada para o cobiçado Prêmio Peabody..."
— Não temos sorte por conhecer uma pessoa tão famosa? — comentou um repórter, sarcástico.
Dana entrou no restaurante nesse momento.
— Oi, todo mundo. Não tenho tempo para almoçar hoje. Vou levar alguns sanduíches comigo. — Ela pegou vários, embrulhou com guardanapos de papel. — Até mais tarde.
Os outros observavam-na em silêncio.
Quando Dana saiu encontrou Kemal à sua espera.
— Boa tarde, Kemal. — Não houve resposta.
— Entre no carro.
Kemal se acomodou no banco traseiro. Dana entregou-lhe um sanduíche, observou enquanto ele devorava em silêncio. Entregou outro sanduíche, e o menino começou a comê-lo no mesmo instante.
— Mais devagar — murmurou Dana.
— Para onde? — perguntou Jovan.
Dana virou-se para Kemal.
— Para onde?
Ele fitou-a, sem entender.
— Vamos levá-lo para casa, Kemal. Onde você mora?

Ele sacudiu a cabeça.
— Preciso saber. Onde você mora?

* * *

Vinte minutos depois, o carro parou na frente de um enorme terreno vazio, perto da margem do Miljacka. Dezenas de caixas de papelão grandes estavam espalhadas por ali, em meio a detritos de todos os tipos. Dana saltou do carro e virou-se para Kemal.
— É aqui que você mora?
Ele acenou com a cabeça, relutante.
— E os outros meninos também moram aqui?
Ele tornou a acenar com a cabeça.
— Quero fazer uma reportagem sobre isto, Kemal.
Ele sacudiu a cabeça.
— Não.
— Por que não?
— A polícia virá e nos levará. Não faça nada.
Dana estudou-o por um momento.
— Está certo. Eu prometo.

* * *

Na manhã seguinte, Dana deixou seu quarto no Holiday Inn. Quando ela não apareceu para o desjejum, Gabriella Orsi, da Altre Station, da Itália, perguntou:
— Onde está Dana?
Roderick Munn respondeu:
— Ela foi embora. Alugou uma casa de fazenda. Disse que queria ficar sozinha.
Nikolai Petrovich, o russo da Gorizont 22, comentou:
— Todos nós gostaríamos de ficar sozinhos. Quer dizer que não somos bastante bons para ela?
Havia um sentimento geral de desaprovação.

* * *

Na tarde seguinte, chegou outro pacote grande para Dana. Nikolai Petrovich sugeriu:
— Já que ela não está aqui, podemos aproveitar, não acham?
O recepcionista do hotel protestou:
— Sinto muito, mas a srta. Evans vai mandar alguém buscar o pacote.
Kemal apareceu poucos minutos depois. Os repórteres observaram-no pegar o

pacote e se retirar.
— Ela nem mesmo quer mais partilhar conosco — resmungou Juan Santos. — Acho que a fama lhe subiu à cabeça.

* * *

Durante a semana seguinte, Dana continuou a enviar suas reportagens, mas não tornou a aparecer no hotel. O ressentimento contra ela aumentava.
Dana e seu ego estavam se tornando o principal tema das conversas. Poucos dias mais tarde, quando outro enorme pacote foi entregue no hotel, Nikolai Petrovich foi falar com o recepcionista.
— A srta. Evans mandará alguém buscar este pacote?
— Isso mesmo, senhor.
O russo voltou apressado para o restaurante.
— Chegou outro pacote. Alguém virá buscá-lo. Por que não o seguimos e dizemos à srta. Evans o que pensamos de uma repórter que se julga boa demais para os outros?
Houve um coro de aprovações. Quando Kemal chegou para buscar o pacote. Nikolai lhe disse:
— Vai levar para a srta. Evans?
Kemal acenou com a cabeça.
— Ela pediu para nos ver. Iremos com você.
Kemal fitou-o por um momento, depois deu de ombros.
— Vamos levá-lo em um dos nossos carros – acrescentou Nikolai Petrovich. — É só nos dizer aonde ir.
Dez minutos depois, uma caravana de carros seguia por ruas secundárias desertas. Nos arredores da cidade, Kemal apontou para uma velha casa de fazenda bombardeada. Os carros pararam.
— Vá na frente e entregue o pacote — disse Nikolai. Queremos fazer uma surpresa.
Eles observaram Kemal entrar na casa. Esperaram um instante, depois avançaram e entraram sem bater. Pararam chocados. A sala estava repleta de crianças de todas as idades, tamanhos e cores. A maioria era de entrevados. Uma dúzia de camas de lona militares havia sido armada ao longo das paredes. Dana distribuía o conteúdo do pacote entre as crianças quando a porta foi aberta. Levantou os olhos, espantada, quando o grupo entrou.
— O que... o que estão fazendo aqui?
Roderick Munn olhou ao redor, embaraçado.
— Desculpe, Dana. Nós... cometemos um erro. Pensamos...

Ela correu os olhos pelos jornalistas.
— Já entendi. Eles são órfãos. Não têm para onde ir, não há ninguém para cuidar deles. A maioria se encontrava num hospital que foi bombardeado. Se a polícia os encontrar, serão levados para o que passa por um orfanato e morrerão lá. Se ficarem aqui, também morrerão. Venho tentando encontrar um meio de tirá-los do país, mas até agora nada deu certo. — Dana fez uma pausa, contemplou o grupo com uma expressão suplicante. — Alguém tem alguma idéia?
Foi Roderick Munn quem respondeu, em voz pausada:
— Acho que tenho. Há um avião da Cruz Vermelha partindo para Paris esta noite. O piloto é meu amigo.
Dana indagou, esperançosa:
— Você falaria com ele?
Munn acenou com a cabeça. Nikolai Petrovich interveio:
— Ei, esperem um pouco! Não podemos nos envolver em nada assim! Vão nos expulsar do país!
— Você não precisa se envolver — declarou Munn. Nós cuidaremos de tudo.
— Eu sou contra — declarou Nikolai, obstinado. — Vai expor todos nós ao perigo.
— E as crianças? — indagou Dana. — Estamos falando de suas vidas.

* * *

Ao final da tarde, Roderick Munn foi falar com Dana.
— Conversei com meu amigo. Ele disse que terá o maior prazer em levar as crianças para Paris, onde estarão seguras. Ele tem dois filhos pequenos.
Dana ficou emocionada.
— Isso é maravilhoso! Obrigada!
Munn fitou-a nos olhos.
— Nós é que devemos lhe agradecer.

* * *

Às oito horas daquela noite, um furgão com a insígnia da Cruz Vermelha parou diante da casa. O motorista piscou faróis. Sob a cobertura da escuridão, Dana e as crianças embarcaram no furgão.
Quinze minutos depois, o furgão seguia para o aeroporto de Butmir. O aeroporto fora temporariamente fechado exceto para os aviões da Cruz Vermelha, que traziam suprimentos e levavam os feridos mais graves. Foi a viagem mais longa da vida de Dana. Pareceu levar uma eternidade. Quando divisou as luzes do aeroporto à frente, ela disse às crianças:

— Estamos quase chegando.
Kemal apertava sua mão.
— Você vai ficar bem — assegurou Dana. — Todos vocês serão bem cuidados.
Ela pensou: *E eu vou sentir saudade de você.* No aeroporto, um guarda acenou para que o furgão passasse. Foi direto para um avião cargueiro com a insígnia da Cruz Vermelha pintada na fuselagem. O piloto estava parado ao lado do avião. Apressou-se ao encontro de Dana.
— Pelo amor de Deus, você está atrasada! Mande as crianças embarcarem depressa. Deveríamos ter decolado há vinte minutos.
Dana conduziu as crianças pela rampa do avião. Kemal foi o último. Virou-se para Dana, os lábios trêmulos.
— Vou ver você de novo?
— Pode apostar que sim. — Dana abraçou-o apertado por um momento, fez uma oração silenciosa. — E agora embarque logo.
Momentos depois, a porta foi fechada. Os motores rugiram, o avião começou a taxiar pela pista.
Dana e Munn ficaram parados ali, observando. Ao final da pista, o avião decolou e seguiu pelo céu ao leste, fez uma curva para o norte, na direção de Paris.
— Foi uma coisa maravilhosa o que você fez — comentou o motorista. — Quero que saiba...
Um carro parou com um ranger de pneus por trás deles. Todos se viraram. O coronel Gordan Divjak saltou do carro e olhou furioso para o céu, onde o avião desaparecia. Ao seu lado estava Nikolai Petrovich, o jornalista russo. O coronel Divjak virou-se para Dana.
— Você está presa. Eu avisei que a punição por espionagem é a morte.
Dana respirou fundo.
— Coronel, se vai me levar a julgamento por espionagem...
Ele fitou Dana nos olhos e murmurou:
— Quem falou em julgamento?

* * *

As celebrações da posse, os desfiles e as cerimônias de juramento acabaram, e Oliver estava ansioso em iniciar sua presidência. Washington, D.C., era provavelmente a única cidade do mundo que se dedicava por inteiro e era obcecada pela política. Era o centro do poder no mundo, e Oliver Russel era o centro desse centro. Parecia que todos se ligavam de uma maneira ou outra ao governo federal. Na área metropolitana de Washington, havia quinze mil lobistas e mais de cinco mil jornalistas, todos mamando nas tetas do governo. Oliver

Russel recordou a esnobada irônica de John Kennedy:
— Washington, D.C., é uma cidade com a eficiência sulista e o charme nortista.
No primeiro dia de sua presidência, Oliver vagueou pela Casa Branca com Jan. Conheciam os números: 132 cômodos, 11 banheiros, 29 lareiras, três elevadores, uma piscina, um pequeno campo de golfe, quadra de tênis, pista de corrida, sala de ginástica, área para jogo de malha, boliche e cinema além de sete hectares de jardins bem-cuidados.
— É como um sonho, não acha? — murmurou Jan, suspirando.
Oliver pegou sua mão.
— E fico contente porque o estamos partilhando, querida.
E ele falava sério. Jan se tornara uma companheira maravilhosa. Sempre estava ao seu lado, afetuosa, dando todo o apoio que ele precisava. Mais e mais, Oliver descobria que gostava de estar com ela.
Quando Oliver voltou ao Salão Oval, encontrou Peter Tager à sua espera. A primeira nomeação de Oliver fora a de Tager como seu chefe de gabinete.
— Ainda não posso acreditar, Peter — comentou Oliver.
Peter Tager sorriu.
— As pessoas acreditam. E por isso lhe deram seu voto, sr. presidente.
Oliver virou a cabeça para fitá-lo.
— Ainda sou Oliver.
— Está bem. Quando estivermos a sós. Mas tem de compreender que, deste momento em diante, qualquer coisa que fizer pode afetar o mundo inteiro. Qualquer coisa que disser pode abalar a economia ou ter um impacto em uma centena de países espalhados pelo globo. Tem mais poder do que qualquer outra pessoa no mundo.
O interfone tocou.
— O senador Davis está aqui, sr. presidente.
— Mande-o entrar, Heather.
Tager suspirou.
— É melhor eu começar logo a trabalhar. Minha mesa parece uma montanha de papel.
A porta foi aberta e Todd Davis entrou.
— Peter...
— Senador...
Os dois trocaram um aperto de mão. Tager acrescentou:
— Eu o verei mais tarde, sr. presidente.
O senador Davis foi até a mesa de Oliver e acenou com a cabeça.
— Essa mesa se ajusta bem a você, Oliver. Não tenho como descrever a emoção intensa que é para mim vê-lo sentado aqui.

— Obrigado, Todd. Ainda estou tentando me acostumar. Afinal... Adams sentou aqui... e Lincoln... e Roosevelt...
O senador Davis riu.
— Não deixe que isso o assuste. Antes de se tornarem mitos, eles eram homens iguais a você, sentados aqui, tentando fazer a coisa certa. Arriar o rabo nessa cadeira apavorou a todos, no início. Acabei de falar com Jan. Ela está no sétimo céu. Vai dar uma grande primeira-dama.
— Tenho certeza.
— Por falar nisso, tenho uma lista aqui que gostaria de discutir com você, sr. presidente.
A ênfase no "sr. presidente" foi jovial.
— Claro, Todd.

O senador Davis pôs a lista na mesa.
— O que é isso?
— Algumas sugestões minhas para o seu gabinete.
— Ah, sim... Mas já decidi...
— Pensei que poderia querer examinar esta lista.
— Mas não há sentido...
— Dê uma olhada, Oliver.
A voz do senador era fria agora. Os olhos de Oliver contraíram.
— Todd...
O senador Davis ergueu a mão.
— Oliver, não quero que pense por um instante sequer que estou tentando impor minha vontade ou meus desejos. Estaria enganado se pensasse assim. Fiz esta lista porque acho que são os melhores homens que podem ajudá-lo a servir a seu país. Sou um patriota, Oliver, e não me envergonho disso. Este país significa tudo para mim. – A voz tornara-se embargada. — Tudo mesmo. Se pensa que o ajudei a vir para cá apenas porque é meu genro, saiba que é equívoco total. Empenhei-me por sua eleição porque estou convencido de que é o homem em melhores condições de exercer o cargo. E isso é o que mais me importa. — Ele bateu com um dedo na lista. — Estes homens podem ajudá-lo a fazer um bom trabalho.
Oliver não disse nada.
— Estou nesta cidade há muitos anos, Oliver. E sabe o que aprendi? Que não há nada mais triste que um presidente de um só mandato. E sabe por quê? Porque durante os primeiros quatro anos ele apenas começa a ter uma noção do que pode fazer para melhorar este país. Tem todos aqueles sonhos a realizar. E no momento em que fica preparado para consumá-los... quando pode de fato fazer uma diferença... — o senador Davis fez uma pausa, correu os olhos pela sala. — ...outro se muda para cá e aqueles sonhos se desvanecem por completo. Triste pensar a respeito, não concorda? Todos aqueles homens com grandes sonhos que tiveram apenas um mandato. Sabia que desde que McKinley assumiu o cargo, em 1897, mais da metade dos presidentes que o sucederam só teve um mandato? Mas você, Oliver... vou cuidar para que seja um presidente de dois mandatos. Quero que você seja capaz de realizar todos os seus sonhos. Providenciarei para que seja reeleito.
O senador Davis olhou para seu relógio e levantou-se.
— Tenho de ir agora. Há uma chamada de quorum no Senado. Voltamos a nos falar no jantar.
Ele se retirou. Oliver ficou olhando para a porta por um longo tempo. Depois, estendeu a mão e pegou a lista deixada pelo senador.

* * *

No sonho de Oliver, Miriam Friedland acordou e sentou-se na cama. Havia um policial ao seu lado. Ele fitou-a e disse:
— Agora pode nos contar quem fez isso com você.
— Posso, sim.
Oliver despertou, encharcado de suor.

* * *

No início da manhã seguinte, Oliver telefonou para o hospital em que Miriam continuava internada.
— Infelizmente, não houve qualquer alteração, sr. presidente — informou o chefe da equipe médica. — E, para ser franco, as perspectivas não são nada boas.
Oliver disse, hesitante:
— Ela não tem família. Se acha que não vai se recuperar, não seria mais humano tirá-la dos aparelhos que a mantêm em vida?
— Devemos esperar mais um pouco para ver o que acontece — respondeu o médico. — Às vezes há um milagre.

* * *

Jay Perkins, chefe do cerimonial, estava informando o presidente.
— Há cento e quarenta e sete missões diplomáticas em Washington, sr. presidente. O livro azul... a Lista Diplomática relaciona o nome de cada representante de um governo estrangeiro e cônjuge. O livro verde... a Lista Social, inclui os principais diplomatas, residentes em Washington e membros do Congresso.
Ele entregou várias folhas de papel a Oliver.
— Esta é uma lista de todos os embaixadores estrangeiros em potencial que receberá.
Oliver examinou a lista e encontrou o nome do embaixador italiano e sua esposa, Atilio Picone e Sylvia. Sylvia.
Oliver perguntou, com um ar de inocente:
— Eles trarão as esposas?
— Não. As esposas serão apresentadas mais tarde. Sugiro que comece a recebê-los o mais depressa possível.
— Está certo.
— Tentarei providenciar para que até o próximo sábado todos os embaixadores estrangeiros já estejam credenciados — acrescentou Perkins. — Talvez queira

oferecer um jantar na Casa Branca para homenageá-los.
— Boa idéia.
Oliver tornou a olhar para a lista. Atilio e Sylvia Picone.

* * *

Na noite de sábado, a Sala de Jantar de Estado foi ornamentada com bandeiras dos vários países representados pelos embaixadores estrangeiros. Oliver falara com Atilio Picone dois dias antes, quando ele apresentara suas credenciais.
— Como está a sra. Picone? — indagara Oliver.
Houvera uma pequena pausa.
— Minha esposa está bem. Obrigado, sr. presidente.
O jantar transcorria muito bem. Oliver ia de mesa em mesa, conversando com os convidados e encantando a todos. Algumas das pessoas mais importantes do mundo se encontravam reunidas naquela sala.
Oliver Russell aproximou-se de três mulheres que tinham proeminência social e eram casadas com homens importantes. Mas as três eram poderosas e influentes por si mesmas. — Leonore... Delores... Carol...
Quando Oliver atravessava a sala, Sylvia Picone aproximou-se e estendeu a mão.
— Este é um momento que eu aguardava com ansiedade.
Os olhos dela faiscavam.
— Eu também — murmurou Oliver.
— Sabia que você seria eleito.
O comentário saiu quase num sussurro.
— Podemos conversar mais tarde?
Não houve hesitação.
— Claro.
Depois do jantar, houve um baile, sob a música da banda dos fuzileiros navais. Oliver observou Jan dançar e pensou: *Que linda mulher e que corpo sensacional.*
A noite foi um tremendo sucesso.

* * *

Na semana seguinte, a manchete na primeira página do Washington Tribune anunciava: PRESIDENTE ACUSADO DE FRAUDE NA CAMPANHA.
Oliver ficou olhando, incrédulo. Era o pior momento possível. Como aquilo pudera acontecer? E, de repente, ele compreendeu como fora. A resposta se encontrava à sua frente no cabeçalho do jornal: "Editora: Leslie Stewart."
Na semana seguinte, outra notícia na primeira página do Washington Tribune

informava: PRESIDENTE SERÁ QUESTIONADO SOBRE DECLARAÇÕES DE IMPOSTO DE RENDA FALSIFICADAS NO ESTADO DO KENTUCKY.
Duas semanas mais tarde, saiu outra manchete na primeira página do jornal: EX ASSESSORA DO PRESIDENTE RUSSELL PLANEJA ENTRAR COM AÇÃO DE ASSEDIO SEXUAL.
A porta do Salão Oval foi aberta e Jan entrou, furiosa.
— Já viu o jornal esta manhã?
— Já, sim. Eu...
— Como pôde fazer isso conosco, Oliver? Você...
— Ei, espere um pouco! Não percebe o que está acontecendo, Jan? Leslie Stewart se encontra por trás de tudo. Tenho certeza de que ela subornou a mulher para dizer isso. Quer se vingar porque a abandonei para casar com você. Pois ela conseguiu. E acabou.
O senador Davis estava ao telefone.
— Oliver, gostaria de vê-lo dentro de uma hora.

* * *

Oliver esperava na pequena biblioteca quando Todd Davis chegou. Levantou-se para cumprimentá-lo.
— Bom dia.
— Não tem nada de bom dia! — A voz do senador Davis transbordava de fúria.
— Aquela mulher vai nos destruir.
— Não vai, não. Ela apenas...
— Todo mundo lê aquele pasquim infame, e as pessoas acreditam no que leem.
— Todd, isso vai passar e...
— Não vai mesmo. Ouviu o editorial na WTE esta manhã? Era sobre quem será nosso próximo presidente. Você estava no final da lista. Leslie Stewart quer acabar com você. Precisa detê-la. Como é mesmo aquela frase... o inferno não conhece maior fúria...?
— Há outro adágio, Todd, sobre liberdade de imprensa. Não há nada que possamos fazer.
O senador Davis fitou Oliver com uma expressão especulativa.
— Há, sim.
— O quê?
— Vamos sentar. — Os dois sentaram.
— É evidente que a mulher continua apaixonada por você, Oliver. E essa é a maneira de puni-lo pelo que fez com ela. Nunca discuta com alguém que compra tinta a tonelada. Meu conselho é fazer as pazes.

— Mas como posso conseguir isso?
O senador Davis olhou para a virilha de Oliver.
— Use a cabeça.
— Ei, espere um pouco, Todd! Está sugerindo...?
— O que estou sugerindo é que você deve dar um jeito de esfriá-la. De fazê-la saber que se arrepende. Estou lhe dizendo que ela ainda o ama. Se não amasse, não estaria fazendo isso.
— O que exatamente espera que eu faça?
— Trate de seduzi-la, meu rapaz. Já fez isso uma vez, pode fazer de novo. Tem de conquistá-la. Haverá um jantar aqui do Departamento de Estado na sexta-feira. Convide-a. Deve persuadi-la a suspender a campanha contra você.
— Não sei como posso...
— Não me importa como vai fazer. Talvez possa levá-la a algum lugar, onde teriam uma conversa tranquila. Tenho uma casa de campo na Virgínia. É muito particular.
— Passarei o fim de semana na Flórida, e já providenciei para Jan me acompanhar.
Ele tirou do bolso um papel e algumas chaves e entregou a Oliver.
— Aqui estão as instruções para chegar lá e as chaves da casa.
Oliver estava espantado.
— Quer dizer que tinha planejado tudo isso? Mas o que acontece se Leslie não... se ela não estiver interessada? Ela se recusar a ir?
O senador Davis levantou-se.
— Ela está interessada. E irá. Tornaremos a nos falar na segunda-feira, Oliver. Boa sorte.
Oliver continuou sentado ali por um longo tempo. Pensou: *Não. Não posso fazer isso com ela de novo. E não farei.*
Naquela noite, ao se vestirem para o jantar, Jan disse:
— Oliver, papai me pediu para ir à Flórida com ele no fim de semana. Vai receber algum prêmio, e acho que quer exibir a esposa do presidente. Você se importaria muito que eu fosse? Sei que há um jantar do Departamento de Estado aqui na sexta-feira, e se quiser que eu fique...
— Não, não. Pode ir. Sentirei saudade.
E vou sentir mesmo, pensou ele. *Assim que resolver esse problema com Leslie, começarei a passar mais tempo com Jan.*

* * *

Leslie Stewart falava ao telefone quando sua secretária entrou apressada na sala.

— Srta. Stewart...
— Não vê que estou...
— O presidente Russell está na linha três.
Leslie fitou-a em silêncio por um momento, depois sorriu.
— Certo. — Ela acrescentou ao telefone: — Ligarei de volta para você mais tarde.
Ela apertou o botão três no painel.
— Alô?
— Leslie?
— Olá, Oliver. Ou devo chamá-lo de sr. presidente?
— Pode me chamar de qualquer coisa que quiser. — Acrescentou, jovial: — E puder.
Houve um momento de silêncio.
— Leslie, preciso conversar com você.
— Tem certeza de que é uma boa idéia?
— Tenho, sim.
— Você é o presidente. Não posso lhe dizer não, não é mesmo?
— Não se for uma americana patriota. Há um jantar do Departamento de Estado na Casa Branca na sexta-feira. Venha, por favor.
— A que horas?
— Oito horas.
— Certo. Estarei aí.

* * *

Ela estava deslumbrante num vestido St. John de tricô preto, justo no corpo, gola ao estilo mandarim, preso na frente por botões cobertos por uma camada de ouro de 22 quilates. Havia uma abertura reveladora de 35 centímetros no lado do vestido. No instante em que Oliver a viu, as lembranças afloraram.
— Leslie...
— Sr. presidente.
Ele pegou a mão de Leslie e sentiu-a úmida. *Era um sinal,* pensou Oliver. *Mas do quê? Nervosismo? Raiva? Antigas recordações?*
— Estou contente que tenha vindo, Leslie.
— Eu também.
— Conversaremos mais tarde.
O sorriso de Leslie deixou-o bastante animado.
— Combinado.
A duas mesas do lugar que Oliver ocupava havia um grupo de diplomatas árabes.

Um deles, um homem trigueiro, com feições fortes e olhos escuros, parecia observar Oliver atentamente. Oliver inclinou-se para Peter Tager e acenou com a cabeça na direção do árabe.
— Quem é aquele?
Tager deu uma olhada rápida.
— Ali Al-Fulani. É o secretário de um dos Emirados Árabes Unidos. Por que pergunta?
— Não há nenhum motivo.
Oliver tornou a olhar. Os olhos do homem continuavam focalizados nele.
Oliver passou a noite circulando, deixando os convidados a vontade. Sylvia se encontrava em uma mesa, Leslie em outra. Foi só quando a noite estava quase terminando que Oliver conseguiu falar a sós com Leslie.
— Precisamos conversar. Tenho muita coisa a lhe contar. Podemos nos encontrar em algum lugar?
Havia uma tênue hesitação na voz de Leslie:
— Oliver, talvez seja melhor se nós não...
— Tenho uma casa em Manassas, Virgínia, a cerca de um hora de carro de Washington. Quer se encontrar comigo lá?
Ela fitou-o nos olhos, e desta vez não havia hesitação em sua voz quando respondeu:
— Se você quiser.
Oliver descreveu a localização da casa.
— Amanhã de noite, às oito horas?
A voz de Leslie saiu agora um pouco rouca:
— Estarei lá.

* * *

Numa reunião do Conselho de Segurança Nacional, na manhã seguinte, o diretor da CIA, James Frisch, lançou uma bomba:
— Sr. presidente, recebemos esta manhã a informação de que a Líbia está comprando uma variedade de armas atômicas do Irã e da China. Há um rumor insistente de que serão usadas para atacar Israel. Levaremos um dia ou dois para ter uma confirmação.
Lou Werner, o secretário de Estado, declarou:
— Acho que não devemos esperar. Vamos protestar agora, nos termos mais veementes possíveis.
Oliver disse a Werner:
— Veja que informações adicionais pode conseguir.

A reunião prolongou-se por toda a manhã. De vez em quando, Oliver pegava-se pensando no encontro que teria com Leslie. *Trate de seduzi-la, meu rapaz... Tem de conquistá-la.*

* * *

Na noite de sábado, Oliver saiu num dos carros da Casa. Branca, dirigido por um agente de confiança do Serviço Secreto, a caminho de Manassas, Virgínia. Sentiu-se muito tentado a cancelar o encontro, mas já era tarde demais. *Estou preocupado sem qualquer motivo. É bem provável que ela nem apareça.*
Às oito horas, Oliver olhou pela janela e viu o carro de Leslie entrar no caminho da casa do senador. Observou-a saltar do carro e se encaminhar para a porta. Oliver abriu-a. Os dois ficaram parados ali, em silêncio, olhando um para o outro. O tempo desapareceu, e de certa forma era como se nunca tivessem se separado. Oliver foi o primeiro a recuperar a voz:
— Oh, Deus! Ontem à noite, quando eu a vi... quase tinha esquecido de como você é linda!
Oliver pegou a mão de Leslie e levou-a para a sala de estar.
— O que gostaria de beber?
— Não preciso de nada. Obrigada.
Oliver sentou-se ao lado dela no sofá.
— Tenho de perguntar uma coisa, Leslie. Você me odeia?
Ela sacudiu a cabeça, devagar.
— Não. Pensei que o odiava. — Ela sorriu, irônica. — De certa forma, creio que foi esse o motivo para o meu sucesso.
— Não estou entendendo.
— Eu queria me vingar de você, Oliver. Comprei jornais e emissoras de televisão para poder atacá-lo. É o único homem que já amei. E quando você... quando me abandonou, eu... pensei que não conseguiria suportar.
Ela fazia um esforço para conter as lágrimas.
Oliver abraçou-a.
— Leslie...
E no instante seguinte os lábios se encontraram, trocaram um beijo ardente.
— Oh, Deus... — balbuciou Leslie. — Eu não esperava que isso acontecesse.
Oliver pegou-a pela mão, levou-a para o quarto. Começaram a despir um ao outro.
— Depressa, meu querido — murmurou Leslie. — Depressa...
E logo estavam na cama, abraçados, os corpos se comprimindo, lembrando. O ato de amor foi gentil e ardente como fora no início. E aquele era um novo

início. Eles dois ficaram deitados depois, exaustos, felizes.
— É tão engraçado... — comentou Leslie.
— O quê?
— Todas aquelas coisas horríveis que publiquei a seu respeito. Fiz tudo para atrair sua atenção. — Ela aconchegou-se mais. — E consegui, não é mesmo?
Ele sorriu.
— Eu diria que sim.
Leslie sentou-se na cama, fitou-o nos olhos.
— Eu me orgulho muito de você, Oliver. O presidente dos Estados Unidos.
— Venho tentando ser um bom presidente. É o que realmente tem importância para mim. Quero deixar minha contribuição ao mundo. — Oliver olhou para o relógio. Lamento, mas tenho de voltar agora.
— Claro. Eu o deixarei partir na frente.
— Quando tornarei a vê-la, Leslie?
— A qualquer momento que quiser.
— Precisaremos ter o maior cuidado.
— Sei disso. E teremos.
Leslie continuou deitada, com uma expressão sonhadora observando Oliver se vestir. Quando ficou pronto para ir embora, ele inclinou-se e disse:
— Você é o meu milagre.
— E você é o meu. Sempre foi.
Oliver beijou-a.
— Telefonarei para você amanhã.

* * *

Oliver saiu apressado para o carro e voltou a Washington. *Quanto mais as coisas mudam, mais continuam as mesmas*, pensou ele. *Tenho de tomar o maior cuidado para nunca mais magoá-la.* Ele pegou o telefone do carro e discou para o número na Flórida que o senador Davis lhe dera. O próprio senador atendeu.
— Alô?
— Sou eu, Oliver.
— Onde você está?
— Voltando para Washington. Só telefonei para dar uma boa notícia. Não precisamos mais nos preocupar com aquele problema. Está tudo sob controle.
— Não tenho palavras para exprimir como estou contente por ouvir isso.
Havia um tom de profundo alívio na voz do senador Davis.
— Eu sabia que você ficaria satisfeito, Todd.

* * *

Na manhã seguinte, ao se vestir, Oliver pegou um exemplar do Washington Tribune. Na primeira página havia uma foto da casa de campo do senador Davis em Manassas. A legenda por baixo dizia: O NINHO DE AMOR SECRETO DO PRESIDENTE RUSSELL.

Oliver olhou para o jornal, incrédulo. Como ela fora capaz de fazer uma coisa assim? Ele pensou como Leslie estava ardente na cama. E ele interpretara da maneira errada. Era uma paixão cheia de ódio, não de amor. *Não há a menor possibilidade de eu um dia conseguir detê-la,* pensou Oliver, desesperado.

O senador Todd Davis viu a matéria na primeira página e ficou consternado. Compreendia o poder da imprensa, e via o quanto aquela vendeta poderia lhe custar. *Eu mesmo terei de detê-la,* decidiu o senador Davis. Assim que chegou a seu gabinete no Senado, telefonou para Leslie.

— Já faz muito tempo — disse o senador Davis, efusivo — Tempo demais. Tenho pensado muito a seu respeito, srta. Stewart.

— Também tenho pensado a seu respeito, senador Davis. De certa forma, devo-lhe tudo o que tenho.

Ele soltou uma risada.

— Não me deve nada. Apenas fui capaz de ajudá-la quando teve um problema.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-lo agora senador?

— Não, srta. Stewart. Mas há uma coisa que eu gostaria de fazer por você. Sou um dos seus fiéis leitores, e acho que o Tribune é um excelente jornal. Acabo de constatar que não temos publicado muitos anúncios nele, e gostaria de corrigir essa situação. Estou ligado a várias grandes empresas, que fazem muita propaganda. Muita mesmo. E acho que uma boa parcela deve ir para um jornal como o Tribune.

— Não imagina como fico satisfeita ao ouvir isso, senador. Sempre podemos aproveitar mais anúncios. A quem meu diretor de propaganda deve procurar?

— Antes que ele procure alguém, acho que você e eu devemos acertar um pequeno problema.

— Que problema?

— Relaciona-se com o presidente Russell.

— É mesmo?

— É uma questão um tanto delicada, srta. Stewart. Disse há poucos momentos que me devia tudo que tem. Agora estou lhe pedindo para me prestar um pequeno favor.

— Terei o maior prazer, se puder.

— À minha maneira mínima, ajudei o presidente a ser eleito.

— Sei disso.

— E ele está fazendo um excelente trabalho. Claro que isso fica mais difícil para o presidente quando é atacado por um jornal poderoso, como o Tribune faz cada vez que ele se vira.
— O que está me pedindo para fazer, senador?
— Eu agradeceria muito se os ataques cessassem.
— E em troca disso, posso contar com anúncios de algumas de suas companhias.
— Muitos mesmo, srta. Stewart.
— Obrigada, senador. Por que não me liga de novo quando tiver mais alguma coisa a oferecer?
E a linha ficou muda.

* * *

Em sua sala no Washington Tribune, Matt Baker lia a matéria sobre o ninho de amor secreto do presidente Russell.
— Quem autorizou isto? — perguntou ele a seu assistente, ríspido.
— Veio da Torre Branca.
— Mas que droga! Não é ela quem dirige este jornal sou eu!
Por que aturo essa mulher? especulou ele, não pela primeira vez. *Por trezentos e cinquenta mil dólares por ano, mais bonificações e opções de compra de ações,* disse Matt a si mesmo, amargurado. Cada vez que ele ameaçava ir embora, Leslie o seduzia com mais dinheiro e mais poder. Além disso, ele tinha de admitir para si mesmo que era fascinante trabalhar para uma das mulheres mais poderosas do mundo. Havia coisas nela que Matt jamais compreenderia.
Ao comprar o Tribune, Leslie dissera a Matt:
— Há um astrólogo que quero que você contrate. O nome dele é Zoltaire.
— Ele é distribuído por nosso concorrente.
— Não me importo. Contrate-o.
Mais tarde, ainda naquele dia, Matt Baker informaria:
— Já verifiquei Zoltaire. Sairia muito caro comprar seu contrato.
— Mas compre assim mesmo.

* * *

Na semana seguinte, Zoltaire, cujo verdadeiro nome é David Hayworth, passou a trabalhar para o Washington Tribune. Tinha cinquenta e poucos anos, era baixo, moreno e compenetrado.
Matt ficou perplexo. Leslie não parecia ser o tipo de mulher que teria algum interesse pela astrologia. E, até onde ele sabia, não havia qualquer contato entre Leslie e David Hayworth. O que ele não sabia era que Hayworth ia visitar Leslie

em sua casa sempre que ela tinha uma decisão importante para tomar.

* * *

No primeiro dia, Matt pusera o nome de Leslie no cabeçalho: "Leslie Chambers, Editora." Ela olhara e dissera:
— Pode mudar. É Leslie Stewart.
Ela está numa viagem do ego, pensara Matt. Mas ele estava enganado. Leslie decidira voltar ao nome de solteira porque queria que Oliver Russell soubesse exatamente quem era a responsável pelo que iria lhe acontecer.
Um dia depois de ter assumido o controle do jornal, Leslie declarou:
— Vamos comprar uma revista de saúde.
Matt ficou curioso.
— Por quê?
— Porque o campo da saúde está explodindo.
Ela estava certa. A revista foi um sucesso imediato.
— Vamos começar a expandir — disse Leslie a Baker. — Encarregue algumas pessoas de procurar publicações no exterior.
— Está bem.
— E há muita gordura por aqui. Livre-se dos repórteres que não estão dando tudo.
— Leslie...
— Quero repórteres jovens e famintos.
Quando vagava um cargo executivo, Leslie insistia em participar das entrevistas. Escutava o candidato, depois fazia uma única pergunta:
— Como é seu desempenho no golfe?
O emprego muitas vezes dependia da resposta.
— Que tipo de pergunta é essa? — perguntou Matt Baker, na primeira vez que a ouviu. — Que diferença faz como é o desempenho no golfe?
— Não quero aqui pessoas que sejam dedicadas ao golfe. Se trabalham aqui, todos devem ser dedicados ao Washington Tribune.

* * *

A vida particular de Leslie Stewart era um tema de intermináveis conversas no Tribune. Era uma linda mulher, sem compromissos, e até onde qualquer um sabia não estava envolvida com nenhum homem, não tinha uma vida pessoal. Era uma das mais proeminentes anfitriãs da cidade, e pessoas importantes disputavam um convite para seus jantares. Mas as pessoas especulavam sobre o que ela fazia depois que todos os convidados se retiravam e ficava a sós. Havia

rumores de que era uma insone, passava as noites acordada planejando novos projetos para o império Stewart. Havia outros rumores, mais excitantes, só que não havia como prová-los.
Leslie envolvia-se em tudo: editoriais, reportagens, publicidade. Um dia, ela perguntou ao diretor de publicidade:
— Por que não estamos recebendo anúncios da Gleason. — Era uma das lojas mais elegantes de Georgetown.
— Já tentei, mas...
— Conheço o proprietário. Ligarei para ele. Foi o que ela fez.
— Allan, você não tem publicado nenhum anúncio no tribune. Por quê?
Ele riu.
— Leslie, seus leitores são os que cometem furtos na loja.
Antes de entrar numa reunião, Leslie lia informações sobre as pessoas que participariam. Conhecia os pontos fracos e fortes de todos, era uma dura negociadora.
— Às vezes você pode ser dura demais — advertiu Matt Baker. — Tem de deixar alguma coisa para os outros, Leslie.
— Esqueça. Acredito na política de terra arrasada.

* * *

No decorrer do ano seguinte, o Washington Tribune Enterprises adquiriu um jornal e uma emissora de rádio na Austrália, uma emissora de televisão em Denver e um jornal em Hammond, Indiana. Sempre que havia uma nova aquisição, os empregados ficavam apavorados com o que poderia acontecer. A reputação de implacável de Leslie aumentava cada vez mais.
Leslie Stewart sentia a maior inveja de Katharine Graham.
— Ela apenas tem sorte — dizia Leslie. — E tem a reputação de ser uma sacana.
Matt Baker sentiu-se tentado a perguntar a Leslie o que ela achava que era sua própria reputação, mas decidiu não fazê-lo. Certa manhã, quando Leslie chegou à sua sala, descobriu que alguém deixara em sua mesa um pequeno bloco de madeira com duas bolas de bronze. Matt Baker ficou aborrecido.
— Sinto muito — disse ele.
— Vou levar...
— Não. Pode deixar.
— Mas...
— Pode deixar aí.

* * *

Matt Baker tinha uma reunião em sua sala quando a voz de Leslie soou pelo interfone:
— Matt, venha até minha sala.
Nem "por favor", nem "bom dia". *O dia seria terrível.* Pensou Matt Baker, sombrio. A Princesa de Gelo estava num dos seus ânimos sinistros.
— É só isso, por enquanto — disse ele aos participantes da reunião.
Matt deixou sua sala e foi andando pelos corredores. Centenas de empregados circulavam por toda parte. Ele subiu no elevador para a Torre Branca e entrou no suntuoso gabinete da dona do jornal. Meia dúzia de editores já esperavam na sala. Leslie Stewart sentava-se atrás de sua enorme mesa. Levantou os olhos quando Matt entrou e disse:
— Vamos começar.
Ela convocara uma reunião editorial. Matt recordou que Leslie lhe dissera no início: "Você é quem vai dirigir o jornal. Eu não vou me meter."
Ele deveria ter imaginado. Não cabia a Leslie convocar reuniões como aquela. Era uma função de Matt. Por outro lado, ela era a editora e proprietária do Washington Tribune podia muito bem fazer o que lhe aprouvesse.
— Precisamos conversar sobre aquela matéria a respeito do ninho de amor do presidente Russell — disse Matt Baker.
— Não há o que conversar. — Leslie levantou um exemplar do Washington Post, o jornal rival.
— Já viu isto?
Claro que Matt vira.
— Já, sim, e...
— Nos velhos tempos, era o que se chamava de um furo Matt. Onde estavam você e seus repórteres quando o Post cavava este furo?
A manchete do Washington Post era a seguinte: SEGUNDO LOBISTA INDIGNADO POR DAR PRESENTES ILEGAIS A SECRETÁRIO DE DEFESA.
— Por que não publicamos essa notícia?
— Porque ainda não é oficial. Já verifiquei. É apenas...
— Não gosto de perder um furo.
Matt Baker suspirou e recostou-se na cadeira. Seria uma reunião agitada.
— Somos o número um ou não somos nada — anunciou Leslie para o grupo.
— E se não somos nada, não haverá empregos aqui para ninguém, entendido?
Leslie virou-se para Arnie Cohn, o editor da revista dominical.
— Quando as pessoas acordam na manhã de domingo queremos que leiam a nossa revista. Não queremos fazer com que nossos leitores voltem a dormir. As reportagens que saíram no último domingo eram muito chatas.

Ele pensou: Se você fosse um homem, eu...
— Desculpe. Tentarei fazer melhor na próxima vez.
Leslie virou-se para Jeff Connors, o editor de esportes.
Era um homem de boa aparência, trinta e poucos anos, alto, atlético, louro, olhos inteligentes. Tinha a descontração de alguém que sabia ser bom no que fazia. Matt ouvira dizer que Leslie lhe passara uma cantada, mas ele a rejeitara.
— Você escreveu que Fielding seria transferido para o Pirates.
— Fui informado...
— Pois foi informado errado! O Tribune é culpado de noticiar um fato que nunca aconteceu.
— Recebi a informação do Mannager dele — explicou Jeff Connors, imperturbável. — Ele me contou que...
— Na próxima vez, confira suas informações... e depois torne a conferir.
Leslie virou-se e apontou para uma página de jornal amarelada, pendurada na parede numa moldura. Era a primeira página do Chicago Tribune de 3 de novembro de 1948. A manchete dizia: DEWEY DERROTA TRUMAN.
— A pior coisa que um jornal pode fazer é noticiar os fatos de uma maneira errada — acrescentou Leslie. — Estamos num negócio em que temos de acertar sempre.
Ela olhou para seu relógio.
— É só isso, por enquanto. Espero que todos façam muito melhor.
Enquanto todos se levantavam para sair, Leslie disse a Matt Baker:
— Quero que você fique.
— Está bem.
Ele arriou na cadeira e observou os outros se retirarem.
— Fui muito dura com eles? — perguntou Leslie.
— Conseguiu o que queria. Todos viraram suicidas.
— Não estamos aqui para fazer amigos, mas sim para pôr um jornal na rua. — Ela tornou a olhar para a primeira página emoldurada na parede.
— Pode imaginar o que deve ter sentido o editor depois que o jornal saiu para a rua e foi confirmado que Truman era o presidente? Não quero nunca ter esse sentimento, Matt. Mas nunca mesmo.
— Por falar em engano — disse Matt —, aquela matéria na primeira página sobre o presidente Russell era mais apropriada a um tabloide sensacionalista. Por que insistir em criticar o presidente? Dê-lhe uma chance.
Leslie respondeu de uma forma enigmática:
— Já dei. — Ela se levantou, pôs-se a andar de um lado para outro. — Recebi a informação de que Russell vai vetar a nova lei de comunicações. Isso significa que teremos de cancelar o acordo para a emissora de San Diego e a emissora de

Omaha.
— Não há nada que possamos fazer a respeito.
— Há, sim, Matt. Quero removê-lo do cargo. Ajudaremos a pôr na Casa Branca alguém que saiba o que faz.
Matt não tinha a menor intenção de iniciar outra discussão com Leslie Stewart sobre o presidente. Ela era fanática no assunto.
— Ele não tem condições de ocupar o cargo, e farei tudo o que puder para que seja derrotado na próxima eleição.
Philip Cole, chefe dos correspondentes da WTE, entrou apressado na sala de Matt Baker, quando este já se preparava para ir embora. Sua expressão era preocupada.
— Temos um problema, Matt.
— Não pode esperar até amanhã? Estou atrasado para...
— É sobre Dana Evans.
Matt perguntou em tom brusco:
— O que aconteceu com ela?
— Dana foi presa.
— Presa? — repetiu Matt, incrédulo.
— Por quê?
— Espionagem. Quer que eu...?
— Não. Pode deixar que cuidarei disso pessoalmente.
Matt Baker voltou apressado para sua mesa e ligou para o Departamento de Estado.

* * *

Ela estava sendo arrastada, nua, tirada de sua cela e levada para um pátio frio e escuro. Debateu-se frenética contra os dois homens que a seguravam, mas não era adversária para eles. Havia seis soldados com fuzis lá fora, esperando que ela fosse carregada, aos gritos, até um poste de madeira, no meio do pátio. O coronel Gordan Divjak observou seus homens amarrarem-na ao poste.
— Não podem fazer isso comigo! — berrou Dana. — Não sou uma espiã!
Mas não conseguiu fazer com que sua voz fosse ouvida, por causa da eclosão de morteiros ali perto. O coronel Divjak recuou um pouco, enquanto acenava com a cabeça para o pelotão de fuzilamento.
— Preparar... apontar...
— Pare com esses gritos!
Mãos rudes sacudiam-na. Dana abriu os olhos, o coração disparado. Estava deitada no catre, em sua cela pequena e escura. O coronel Divjak postava-se de

pé ao lado. Dana sentou-se, em pânico, piscou forte, para dissipar o pesadelo.
— O que... o que vai fazer comigo?
O coronel Divjak respondeu friamente:
— Se houvesse justiça, você seria fuzilada. Infelizmente, recebi ordens para soltá-la.
O coração de Dana bateu mais forte.
— Será embarcada no primeiro avião que sair daqui. — O coronel Divjak fitou-a nos olhos. — E nunca mais volte
Fora preciso toda a pressão que o Departamento de Estado e o presidente podiam exercer para que Dana Evans fosse solta. Ao saber da prisão, Peter Tager foi falar com o presidente.
— Acabo de receber um telefonema do Departamento de Estado. Dana Evans foi presa sob a acusação de espionagem. E ameaçam executá-la.
— Mas isso é terrível! Não podemos permitir que aconteça.
— Concordo. Gostaria que me desse permissão para usar seu nome.
— Concedida. Faça tudo o que for necessário.
— Trabalharei com o Departamento de Estado. Se conseguirmos salvá-la, talvez o Tribune atenue seus ataques.
Oliver sacudiu a cabeça.
— Não conte com isso. Vamos apenas fazer tudo para tirá-la de lá.
Dezenas de frenéticos telefonemas mais tarde, com pressão do Salão Oval, do secretário de Estado dos Estados Unidos e do secretário-geral da ONU, os captores de Dana concordaram relutantemente em soltá-la.
Assim que a notícia chegou, Peter Tager se apressou em transmiti-la a Oliver.
— Ela está livre, já voltando para os Estados Unidos.
— Isso é ótimo.
Ele pensou em Dana Evans a caminho de uma reunião naquela manhã. *Estou contente que tenhamos conseguido salvá-la.*
Ele não tinha a menor idéia de que essa ação lhe custaria a própria vida.

* * *

Quando o avião de Dana pousou no Aeroporto Internacional Dulles, Matt Baker e duas dúzias de repórteres de jornais e emissoras de televisão e rádio esperavam para recebê-la. Dana olhou para a multidão, incrédula.
— Mas o que...
— Ei, Dana, olhe para cá! E sorria!
— Como foi tratada? Houve alguma brutalidade?
— Qual é a sensação de voltar para casa?

— Tem planos para voltar?
Todos falavam ao mesmo tempo. Dana ficou imóvel, atordoada. Matt Baker levou-a para uma limusine a espera.
— O que... o que está acontecendo? — perguntou Dana.
— Você virou uma celebridade.
Ela sacudiu a cabeça.
— Não preciso disso, Matt. — Dana fechou os olhos por um momento. — Obrigada por me tirar de lá.
— Pode agradecer ao presidente e a Peter Tager. Eles acionaram todos os recursos. E deve também agradecer a Leslie Stewart.
Quando Matt lhe dera a notícia, Leslie dissera:
— Mas que desgraçados! Não podem fazer isso com o Tribune. Quero que a libertem. Recorra a todos os meios que puder, mas tire-a de lá.
Dana olhou pela janela da limusine. Pessoas andavam pela rua, conversando e rindo. Não havia sons de tiros, explosões de morteiros. Era estranho.
— Nosso editor imobiliário arrumou um apartamento para você. Quero que tire algum tempo de folga... tanto quanto quiser. E assim que estiver preparada, voltará ao trabalho. — Ele examinou Dana com mais atenção. — Está se sentindo bem? Se quiser ver um médico, providenciarei...
— Estou bem. E nosso pessoal em Paris já me levou a um médico.

* * *

O apartamento ficava na Calvert Street, acolhedor e bem decorado, com um quarto, uma sala, cozinha, banheiro e pequeno escritório.
— Acha que dá? — perguntou Matt.
— É perfeito. Obrigada, Matt.
— Mandei encher a geladeira para você. Provavelmente vai querer sair para comprar roupas amanhã, depois que descansar um pouco. Cobre tudo do jornal.
— Obrigada, Matt. Obrigada por tudo.
— Será interrogada pelas autoridades mais tarde. Providenciarei tudo.

* * *

Ela estava numa ponte, ouvindo os tiros e observando corpos inchados passarem na correnteza. Acordou chorando. Fora real demais. Era um sonho, mas acontecia de fato. Naquele momento mesmo, vítimas inocentes — homens, mulheres e crianças — eram massacradas com extrema brutalidade, sem o menor sentido. Ela pensou nas palavras do professor Staka. A guerra na Bósnia-Herzegovina é além da compreensão. O mais incrível para Dana era que o resto

do mundo parecia não se importar. Tinha medo de voltar a dormir, medo dos pesadelos que povoavam seu cérebro. Levantou-se, foi até a janela, contemplou a cidade. Estava quieta... não havia disparos, nem pessoas correndo pela rua, nem gritos. O que parecia anormal. Ela perguntou como Kemal estaria, e se algum dia tornaria a vê-lo. *É bem provável que a esta altura ele já tenha me esquecido.*

Dana passou parte da manhã comprando roupas. Aonde quer que fosse, pessoas paravam para fitá-la. Ouvia os sussurros:

— Aquela é Dana Evans!

Todas as vendedoras reconheceram-na. Ela era famosa. E detestava.

Dana não fizera o desjejum, não almoçara. Estava faminta, mas incapaz de comer. Era como se estivesse esperando que algum desastre se abatesse. Quando andava pela rua, evitava os olhos dos estranhos. Desconfiava de todo mundo. Sempre se mantinha atenta ao som de tiros. *Não posso continuar assim,* pensou ela.

Ao meio-dia, ela entrou na sala de Matt Baker.

— O que está fazendo aqui? Precisa tirar alguns dias de folga.

— Tenho de voltar a trabalhar, Matt.

Ele fitou-a e pensou na garota que o procurara poucos anos antes. *Estou aqui em busca de um emprego. Isto é, já tenho um emprego. É mais como uma transferência, não é mesmo?... Posso começar agora mesmo...* E ela mais do que cumprira a promessa. *Se algum dia eu tivesse uma filha...*

— Sua chefe quer conhecê-la — informou Matt a Dana.

Eles foram ao gabinete de Leslie Stewart.

As duas mulheres estavam de pé, se avaliando.

— Seja bem-vinda de volta, Dana.

— Obrigada.

— Sentem-se.

Dana e Matt se instalaram em cadeiras diante da mesa de Leslie.

— Quero lhe agradecer por ter me tirado de lá — disse Dana.

— Deve ter sido um inferno. Lamento muito o que aconteceu. — Leslie olhou para Matt.

— O que vamos fazer com ela agora, Matt?

Ele olhou para Dana.

— Estamos prestes a transferir nosso correspondente na Casa Branca. Gostaria de substituí-lo, Dana?

Era uma das posições de maior prestígio na televisão americana. O rosto de Dana se iluminou.

— Claro!

Leslie acenou com a cabeça.
— O lugar é seu.
Dana levantou-se.
— Há... obrigada de novo.
— Boa sorte.
Dana e Matt deixaram a sala.
— Vamos instalá-la logo de uma vez — disse Matt. Ele levou-a para o prédio da televisão, onde toda a equipe a esperava para cumprimentá-la. Dana levou quinze minutos para falar com todo mundo. Depois, Matt anunciou para Philip Cole:
— Esta é a sua nova correspondente na Casa Branca.
— Sensacional! Vou mostrar sua sala.
— Já almoçou? — perguntou Matt a Dana.
— Não. Eu...
— Por que não vamos comer alguma coisa?
O restaurante executivo ficava no quinto andar, espaçoso e arejado, com duas dúzias de mesas. Matt levou Dana para uma mesa no canto.
— A srta. Stewart me pareceu muito simpática — comentou Dana.
Matt fez menção de dizer alguma coisa, mas mudou de idéia.
— É, sim. Vamos pedir.
— Não estou com fome.
— Não almoçou?
— Não.
— Não comeu nada no desjejum?
— Não.
— Dana... quando foi a última vez que você comeu?
Ela sacudiu a cabeça.
— Não me lembro. E não é importante.
— Errado. Não posso permitir que nossa nova correspondente na Casa Branca passe fome até a morte.
O garçom aproximou-se da mesa.
— Está pronto para pedir, sr. Baker?
— Estou, sim. — Ele deu uma olhada no cardápio. — Vamos começar bem leve. A srta. Evans vai querer um sanduíche de bacon, alface e tomate. — Matt fez uma pausa, olhou para Dana. — Torta ou sorvete?
— Não que...
— Uma torta da casa. E eu quero um sanduíche de rosbife.
— Pois não, senhor.
Dana olhou ao redor.

— Tudo isto parece irreal. A vida é o que acontece por lá, Matt. É horrível. E ninguém aqui se importa.
— Não diga isso. Claro que nos importamos. Mas não podemos dirigir o mundo, não podemos controlá-lo. Fazemos o melhor que podemos.
— Não é suficiente! — exclamou Dana, veemente.
— Dana...
Matt não continuou. Ela se encontrava longe dali, ouvindo sons distantes que ele não podia escutar, contemplando cenas macabras que ele não podia ver. Os dois permaneceram em silêncio até que o garçom trouxe a comida.
— Aqui está.
— Matt, não estou realmente com fo...
— Mas vai comer — ordenou ele.
Jeff Connors aproximou-se da mesa.
— Oi, Matt.
— Jeff.
Jeff Connors olhou para Dana.
— Olá.
Matt apresentou:
— Dana, esse é Jeff Connors, editor de esportes do Tribune.
Dana acenou com a cabeça.
— Sou seu grande fã, srta. Evans. Estou contente que tenha escapado de lá sã e salva.
Dana tornou a acenar com a cabeça.
— Gostaria de se juntar a nós, Jeff? — convidou Matt.
— Adoraria. — Ele sentou-se e disse a Dana:
— Eu fazia um esforço para nunca perder suas transmissões. Achava-as brilhantes.
— Obrigada — murmurou Dana.
— Jeff é um dos nossos grandes atletas. Está na Galeria da Fama do Beisebol.
Outro pequeno aceno de cabeça.
— Se por acaso estiver livre na sexta-feira — disse Jeff — o Orioles vai jogar contra o Yankees em Baltimore. É um.
Dana virou a cabeça para fitá-lo pela primeira vez.
— Parece bastante emocionante. O objetivo do jogo rebater a bola e depois correr pelo campo, enquanto o outro lado tenta detê-lo?
Ele fitou-a com uma expressão cautelosa.
— Bom...
Dana levantou-se, a voz trêmula.
— Vi pessoas correndo por um campo... mas corriam por suas vidas, porque

alguém atirava contra elas, querendo mata-las! — Ela estava à beira da histeria. — Não era um jogo e... nada tinha a ver com a estupidez do beisebol!
As outras pessoas no restaurante viraram-se para observá-la.
— Você pode ir para o inferno! — soluçou Dana.
E ela saiu correndo do restaurante. Jeff olhou para Matt.
— Sinto muito. Não tive a intenção...
— Não foi culpa sua. Ela ainda não voltou para casa. E Deus sabe que tem direito a um bom ataque de nervos.
Dana entrou apressada em sua sala e bateu a porta. Sentou-se à mesa, fazendo um esforço para reprimir a histeria. *Oh, Deus, banquei a idiota total! Por que ataquei aquele homem? Como fui capaz de fazer uma coisa tão horrível? Não pertenço a este lugar. Não pertenço mais a qualquer lugar.* Ela ficou sentada, com a cabeça na mesa, chorando.

* * *

Poucos minutos depois, a porta foi aberta e alguém entrou. Dana levantou os olhos. Era Jeff Connors, carregando uma bandeja com um sanduíche de bacon, alface e tomate, além de uma fatia de torta.
— Esqueceu seu almoço — murmurou ele.
Dana removeu as lágrimas, mortificada.
— Eu... quero pedir desculpas. Sinto muito. Não tinha o direito...
— Tinha todo o direito. Além do mais, quem precisa assistir a um estúpido jogo de beisebol? — Jeff pôs a bandeja na mesa. — Posso acompanhá-la no almoço? — Ele sentou-se.
— Obrigada, mas não estou com fome.
Jeff suspirou.
— Está me deixando numa situação difícil, srta. Evans. Matt diz que tem de comer. Não quer que eu seja despedido não é?
Dana conseguiu dar um sorriso.
— Não.
Ela pegou metade do sanduíche e deu uma mordida pequena.
— Maior.
Dana deu outra mordida pequena.
— Maior.
Ela fitou-o.
— Vai mesmo me obrigar a comer isto, não é?
— Pode apostar que sim. — Ele observou-a dar uma mordida maior no sanduíche.

— Assim é melhor. Por falar nisso, se não tem nenhum compromisso para a noite de sexta-feira, não sei se já mencionei, mas vai haver um jogo entre o Orioles e o Yankees. Gostaria de ir?
Ela fitou-o nos olhos e acenou com a cabeça.
— Gostaria.

* * *

As três horas daquela tarde, quando Dana chegou à Casa Branca, o guarda disse:
— O sr. Tager gostaria de lhe falar, srta. Evans. Pedirei a alguém para levá-la à sala dele.
Poucos minutos depois, um dos guias levou Dana por um longo corredor até a sala de Peter Tager. Ele a esperava.
— Sr. Tager...
— Não imaginava que a veria tão cedo, srta. Evans. Sua emissora não vai lhe dar nenhum tempo de folga?
— Eu não quis — explicou Dana. — Preciso trabalhar.
— Sente-se, por favor.
Ela sentou-se diante da mesa.
— Posso lhe oferecer alguma coisa?
— Não, obrigada. Acabei de almoçar. — Dana sorriu para si mesma ao recordar Jeff Connors.
— Sr. Tager, quero lhe agradecer e ao presidente Russell por me salvarem. — Ela hesitou. — Sei que o Tribune não tem sido muito delicado com o presidente e...
Peter Tager ergueu a mão.
— Era uma questão acima da política. Não havia a menor possibilidade do presidente permitir que fizessem uma coisa dessas. Conhece a história de Helena de Tróia?
— Conheço.
Ele sorriu.
— Poderíamos ter iniciado uma guerra por sua causa. É uma pessoa muito importante.
— Não me sinto muito importante.
— Quero que saiba que o presidente e eu ficamos bastante satisfeitos com sua indicação para cobrir a Casa Branca.
— Obrigada.
Tager fez uma pausa.
— É lamentável que o Washington Tribune não goste do presidente Russell, mas

não há nada que possamos fazer a respeito. Apesar disso, porém, num nível muito pessoal, se houver alguma coisa que o presidente ou eu possamos fazer para ajudar... ambos temos a maior consideração por sua pessoa.
— Obrigada.
A porta foi aberta nesse instante e Oliver entrou. Dana e Peter Tager se levantaram.
— Sentem-se. — Oliver foi até Dana.
— Seja bem-vinda.
— Obrigada, sr. presidente. De verdade... muito obrigada.
Oliver sorriu.
— Se você não pode salvar a vida de alguém, qual o sentido de ser presidente? Quero ser franco, srta. Evans, ninguém aqui é fã do seu jornal. Mas todos nós somos seus fãs.
— Obrigada.
— Peter vai levá-la numa excursão pela Casa Branca. Se tiver qualquer problema, estamos aqui para ajudá-la.
— É muito gentil.
— Se não se importa, gostaria que se reunisse com o sr. Werner, o secretário de Estado. Será importante que ele ouça um relato direto sobre a situação na Herzegovina.
— Terei o maior prazer em atender — respondeu Dana.

* * *

Havia uma dúzia de homens sentados na sala de reunião do secretário de Estado, ouvindo Dana descrever suas experiências.
— Quase todos os prédios em Sarajevo foram atingidos ou destruídos por completo... Não há eletricidade e as pessoas que ainda têm carro retiram a bateria de noite para ver televisão... As ruas da cidade estão obstruídas pelos destroços de carros, carroças e bicicletas atingidos por bombas. O principal meio de transporte é andar a pé... Quando chove, as pessoas recolhem em baldes a água que sai das calhas... Não há o menor respeito pela Cruz Vermelha ou os jornalistas por lá. Mais de quarenta correspondentes já foram mortos enquanto cobriam a guerra na Bósnia, e dezenas foram feridos... Quer a atual revolta, contra Slobodan Milosevic seja ou não bem-sucedida, a impressão geral é a de que seu regime foi bastante prejudicado pelo levante popular...
A reunião prolongou-se por duas horas. Para Dana, foi ao mesmo tempo traumática e catártica, porque ao descrever os acontecimentos ela se viu revivendo as cenas terríveis, e por outro lado, experimentou um alívio por ser

capaz de falar a respeito. Sentia-se esgotada quando terminou. O secretário de Estado disse:
— Quero lhe agradecer, srta. Evans. — Ele sorriu. Fico contente por ter voltado sã e salva.
— Eu também, sr. secretário.

* * *

Na noite de sexta-feira, Dana sentou-se ao lado de Jeff Connors na tribuna da imprensa em Camden Yards, para assistir ao jogo de beisebol. E pela primeira vez desde que voltara, pôde pensar em outra coisa que não a guerra. Enquanto olhava para os jogadores no campo, Dana ouvia o locutor relatando a partida:
— ...é o início do sexto turno e Nelson está lançando. Alomar posta-se numa linha no lado esquerdo para tentar uma jogada dupla. Palmeiro se vira para o quadrado do batedor. A vantagem é de dois e um. Nelson lança uma bola rápida pelo meio e Palmeiro desfere sua rebatida. Que lance! Parece que vai passar acima do muro da direita... Passou! Palmeiro está correndo pelas bases para fazer um home-run que deixará o Orioles na dianteira...
No décimo sétimo turno, Jeff levantou-se e olhou para Dana.
— Está se divertindo?
Ela fitou-o nos olhos e acenou com a cabeça.
— Estou.
De volta a Washington, depois do jogo, eles foram jantar no Bistro Twenty Fifteen.
— Quero pedir desculpas pela maneira como me comportei no outro dia — disse Dana. — Acontece apenas que eu vivia num mundo em que... — ela parou, sem saber direito como explicar. — Em que tudo é uma questão de vida e morte. Mas tudo mesmo. É terrível. Aquelas pessoas não têm qualquer esperança se alguém não acabar com a guerra.
— Dana, você não pode deixar sua vida em suspenso por causa das coisas que acontecem por lá — disse Jeff, gentilmente. — Precisa recomeçar a viver. Aqui.
— Sei disso. Mas... não é fácil.
— Claro que não é. Eu gostaria de ajudá-la. Vai me permitir?
Dana fitou-o em silêncio por um longo momento.
— Por favor...

* * *

No dia seguinte, Dana tinha um almoço marcado com Jeff Connors.
— Pode ir me buscar? — perguntou ele e deu o endereço.

— Claro.
Dana especulou o que Jeff fazia ali. Era um dos bairros mais conturbados da cidade. Ao chegar, Dana descobriu a resposta.
Jeff estava cercado por dois times de beisebol, os jogadores variando na idade dos nove aos treze anos, vestindo os mais variados uniformes. Dana estacionou junto ao meio fio para observar.
— E não se esqueçam de uma coisa: nada de pressa — disse Jeff. — Quando o lançador arremessar a bola, imaginem que está se aproximando bem devagar, de tal maneira que dispõem de tempo bastante para acertá-la. Sintam o bastão acertando na bola. Deixem a mente ajudar a guiar suas mãos...
Jeff virou o rosto, viu Dana e acenou.
— Muito bem, pessoal. É isso aí, por enquanto...
Um dos garotos perguntou:
— Aquela é sua garota, Jeff?
— Só se eu tiver muita sorte. — Jeff sorriu. — Até mais.
Ele se encaminhou para o carro de Dana.
— Parece um clube e tanto — comentou Dana.
— São bons meninos. Eu os treino uma vez por semana.
Ela sorriu.
— Gosto disso.
E Dana se perguntou como Kemal estaria, o que andaria fazendo.

* * *

À medida que os dias passavam, Dana percebeu que gostava mais e mais de Jeff Connors. Ele era sensível, inteligente e divertido. Ela gostava de sua companhia. Pouco a pouco, as horríveis recordações de Sarajevo começaram a se desvanecer. Veio a manhã em que acordou sem ter tido pesadelos noturnos. Quando contou isso a Jeff, ele pegou sua mão e murmurou:
— É assim que gosto de ver minha garota.
E Dana especulou se não havia um sentido mais profundo naquelas palavras.
Havia uma carta escrita a mão esperando por Dana no escritório. Dizia: "srta. Evans, não se preocupe comigo. Estou feliz. Não me sinto sozinho. Não tenho saudade de ninguém e vou mandar as roupas que comprou para mim porque não preciso mais delas. Tenho minhas próprias roupas agora. Adeus." Estava assinado "Kemal".
A carta fora remetida de Paris e o cabeçalho era do "Lar Xavier Para Meninos". Dana leu a carta duas vezes e depois pegou o telefone. Levou quatro horas para conseguir falar com Kemal. Ouviu a voz dele, hesitante:

— Alô...
— Kemal, aqui é Dana Evans. — Não houve resposta. — Recebi sua carta.
Silêncio.
— Só queria lhe dizer que estou contente porque você está feliz e se divertindo tanto. — Ela esperou por um momento, depois continuou:
— Eu gostaria de me sentir tão feliz quanto você. E quer saber por que não me sinto? Porque tenho saudade de você. E penso muito em você.
— Não, não pensa — murmurou Kemal. — Não se importa comigo.
— Está enganado. Gostaria de vir para Washington e viver comigo?
Houve um longo silêncio.
— Hã... fala sério?
— Pode apostar que sim. Gostaria disso?
— Eu... — o menino começou a chorar.
— Gostaria, Kemal?
— Gostaria, madame.
— Tomarei as providências necessárias.
— Srta. Evans...
— O que é?
— Eu amo você.

* * *

Dana e Jeff Connors passeavam pelo West Potomac Park.
— Acho que vou ter um companheiro de apartamento — anunciou Dana. — Ele deverá chegar a Washington nas próximas semanas.
Jeff fitou-a, aturdido.
— Ele?
Dana ficou satisfeita com a reação de Jeff.
— Isso mesmo. Seu nome é Kemal. Ele tem doze anos. — Ela contou a história.
— Parece um ótimo garoto.
— E é mesmo. Ele passou por um verdadeiro inferno, Jeff. Quero ajudá-lo a esquecer.
Ele fitou Dana nos olhos.
— Eu gostaria de ajudar também.
E naquela noite eles fizeram amor pela primeira vez.

* * *

Washington são duas cidades. A primeira é uma cidade de excepcional beleza, arquitetura imponente, museus de categoria internacional, estátuas, monumentos

aos gigantes do passado, como Lincoln, Jefferson, Washington... uma cidade de parques verdejantes, cerejeiras em flor e ar suave.
A outra Washington é uma cidadela dos desabrigados, uma cidade com um dos maiores índices de criminalidade na nação, um labirinto de assaltos e assassinatos.
O Monroe Arms é um pequeno e elegante hotel, discreto, não muito longe da esquina das ruas 27 e K. Não faz propaganda e atende principalmente a sua clientela regular. Foi construído há alguns anos por uma jovem e dinâmica empresária do setor imobiliário, Lara Cameron.
Jeremy Robinson, o gerente-geral do hotel, acabara de chegar para o seu turno da noite e estudava o registro de hóspedes com uma expressão de perplexidade. Verificou outra vez os nomes nas Terrace Suítes, todas de elite, para ter certeza de que não fora cometido nenhum erro.
Na suíte 325, uma atriz em declínio ensaiava para a estreia de uma peça no National Theater. Segundo uma notícia no Washington Post, ela esperava assim promover o seu retorno em grande estilo. Na 425, a suíte acima, estava um conhecido negociante de armas, que visitava Washington regularmente. O nome no registro era J. L. Smith, mas sua aparência sugeria um dos países do Oriente Médio. O sr. Smith era de extrema generosidade em matéria de gorjetas. A suíte 525 estava ocupada por William Quint, um congressista que presidia a poderosa comissão de fiscalização de drogas. Acima, a suíte 625 alojava um vendedor de software de computador, que visitava Washington uma vez por mês. Pat Murphy, um lobista internacional, estava registrado na suíte 725.
Até aqui, tudo bem, pensou Jeremy Robinson. Ele conhecia bem todos aqueles hóspedes. Era na suíte 825, a Imperial, no último andar, que se encontrava o enigma. Era a mais elegante suíte do hotel, sempre mantida em reserva para os VIPS mais destacados. Ocupava todo o andar e era decorada com valiosos quadros e antiguidades. Tinha seu elevador particular, que subia da garagem subterrânea, a fim de que os hóspedes que quisessem permanecer anônimos pudessem chegar e partir com a devida privacidade.
O que deixava Jeremy Robinson perplexo era o nome no registro do hotel: Eugene Gant. Havia mesmo uma pessoa com esse nome, ou alguém que apreciava Thomas Wolfe o escolhera como um pseudônimo?
Carl Gorman, o recepcionista do dia, que registrara o epônimo sr. Gant, viajara em férias poucas horas antes, e estava inacessível. Robinson detestava mistérios. Quem era Eugene Gant e por que lhe fora concedida a Suíte Imperial?
Na suíte 325, no terceiro andar, Dame Gisella Barrett ensaiava para uma peça. Era uma mulher de aparência distinta, com sessenta e tantos anos, uma atriz que outrora encantara plateias e críticos do West End de Londres à Broadway de

Manhattan. Ainda havia vestígios de beleza em seu rosto, mas se encontravam encobertos pela amargura.
Lera a notícia no Washington Post que comentava que viera a Washington para um retorno. *Um retorno!*, pensou Dame Barrett, indignada. *Como eles ousam? Nunca estive ausente!* Era verdade que haviam transcorrido mais de vinte anos desde a última vez em que se apresentara no palco, mas isso só acontecera porque uma grande atriz precisava de um grande papel, um diretor brilhante e um produtor compreensivo. Os diretores de hoje eram jovens demais para lidar com a grandeza do verdadeiro Teatro, e os grandes produtores ingleses — H.M. Tenant, Binkìe Beaumont, C.B. Cochran — já haviam todos saído de cena. Até mesmo os produtores americanos relativamente competentes, Helburn, Belasco e Golden, não mais atuavam. Não podia haver a menor dúvida a respeito: o teatro atual era controlado por arrivistas que não sabiam de nada, sem qualquer experiência. Os velhos tempos haviam sido maravilhosos. Havia então teatrólogos cujas penas eram embebidas em relâmpagos. Dame Barrett fizera o papel de Ellie Dunn em "A casa da desilusão", de Shaw. *Como os críticos ficaram extasiados comigo! Pobre George. Ele detestava ser chamado de George. Preferia Bernard. As pessoas pensavam nele como uma pessoa áspera e amarga, mas por baixo de tudo ele era na verdade um irlandês romântico. Costumava me mandar rosas vermelhas. Acho que era tímido demais para ir além disso. Talvez tivesse medo de que eu o rejeitasse.*
Ela estava prestes a voltar ao palco num dos papéis mais vigorosos de todos os tempos: Lady Macbeth. Era a escolha perfeita para ela.
Dame Barrett pôs uma cadeira na frente de uma parede vazia, a fim de não ser distraída pela vista lá fora. Sentou-se, respirou fundo e começou a se embrenhar no papel que Shakespeare criara: Venham, ó espíritos. Que cuidam dos pensamentos mortais! Privem-me de ser mulher e me encham da cabeça aos pés. Da mais torpe crueldade, meu sangue engrossem, Cortem o acesso e a passagem ao remorso, Que nenhuma visitação compadecida da natureza abale meu infame propósito, nem a paz promova entre o efeito e ele!
— ...Pelo amor de Deus, como podem ser tão estúpidos. Depois de tantos anos em que me hospedo neste hotel, era de se esperar que...
A voz trovejava pela janela aberta, vinda da suíte acima.
Na suíte 425, J.L. Smith, o negociante de armas, repreendia um garçom aos berros:
— ...já soubessem a esta altura que só peço caviar beluga. Beluga! — Ele apontou para uma travessa de caviar na mesa da suíte.
— Isso é um prato para camponeses!
— Sinto muito, sr. Smith. Voltarei à cozinha e...

— Não importa. — J.L. Smith olhou para seu Rolex cravejado de diamantes.
— Não há mais tempo. Tenho uma reunião importante.
Ele se levantou e encaminhou-se para a porta. Era esperado no escritório de seu advogado. Um dia antes, um grande júri federal o indiciara por quinze acusações de dar presentes ilegais ao secretário da Defesa. Se fosse considerado culpado, enfrentaria três anos na prisão e uma multa de um milhão de dólares.
Na suíte 525, William Quint, congressista, membro de proeminente família de terceira geração em Washington, estava reunido com três investigadores de sua equipe.
— O problema das drogas nesta cidade está escapando por completo ao controle — disse Quint. — E precisamos recuperar o controle.
Ele virou-se para Dalton Isaak e perguntou:
— Qual é a sua área?
— As gangues de rua. A Brentwood Crew está vendendo mais barato que a Fourteenth Street Crew e a Simple City Crew. Isso provocou quatro assassinatos no mês passado.
— Não podemos continuar assim — declarou Quint. — É ruim para os negócios. Venho recebendo telefonemas do DEA e do chefe de polícia, perguntando o que planejamos fazer a respeito.
— E o que lhes disse?
— O de sempre. Que estamos investigando. — Ele virou-se para um assessor: — Marque uma reunião com a Brentwood Crew. Diga-lhes que, se quiserem nossa proteção, terão de ajustar seus preços no mesmo nível dos outros. — O congressista fez uma pausa e virou-se para outro assessor.
— Quanto recebemos no mês passado?
— Dez milhões aqui, dez milhões no exterior.
— Vamos exigir mais. A cidade está se tornando muito explosiva.
Na suíte acima, a 625, Norman Haff estava deitado nu na cama, no escuro, assistindo a um filme pornô no canal de circuito fechado do hotel. Era um homem pálido, com uma enorme barriga de cerveja e um corpo flácido. Ele estendeu a mão e acariciou o seio de sua companheira de cama.
— Veja o que eles estão fazendo, Irma. — Sua voz era um sussurro estrangulado. — Gostaria que eu fizesse isso com você? — Ele correu os dedos em círculo pela barriga de Irma, os olhos fixados na tela, onde uma mulher fazia amor ardente com um homem. — Isso a excita, meu bem? Pode ter certeza de que me deixa com o maior tesão. — Norman enfiou dois dedos entre as pernas de Irma, balbuciando:
— Estou pronto.
Ele agarrou a boneca inflável, montou por cima, penetrou-a. A vagina da boneca

de pilha abria e fechava em torno dele, apertando com uma força cada vez maior.
— Oh, Deus! — balbuciou ele, soltando um grunhido de satisfação.
— Gozei!
Norman desligou a pilha e ficou estendido na cama, ofegando. Sentia-se maravilhoso. Tornaria a usar Irma pela manhã, antes de esvaziá-la e guardá-la na mala.
Norman era um vendedor, passava a maior parte do tempo em viagem, visitando cidades estranhas, em que não tinha qualquer companhia. Descobrira Irma anos antes, e era toda a companheira de que precisava. Seus amigos de profissão eram uns idiotas, viajavam pelo país se divertindo com prostitutas. Mas Norman riria por último. Irma nunca lhe daria uma doença.
No andar acima, na suíte 725, a família de Pat Murphy acabara de voltar do jantar. Tim Murphy, de doze anos, estava parado na sacada que dava para o parque.
— Amanhã podemos subir até o alto do monumento, papai? — suplicou ele. — Por favor?
O irmão mais moço disse:
— Não. Quero ir ao Smithsonian Institute.
— Institution — corrigiu o pai.
— Tanto faz. Quero ir lá.
Era a primeira vez que os meninos visitavam a capital da nação, embora o pai passasse mais da metade de cada ano ali. Pat Murphy era um bem-sucedido lobista e tinha acesso a algumas das pessoas mais importantes de Washington.
Seu pai fora prefeito de uma pequena cidade do Ohio. Pat crescera fascinado por política. Seu melhor amigo era um menino chamado Joey. Estudavam juntos, frequentavam os mesmos acampamentos de verão, partilhavam tudo. Eram os melhores amigos no sentido mais autêntico da expressão. Mas tudo mudou nos feriados em que os pais de Joey viajaram e o menino ficou na casa dos Murphys. No meio da noite, Joey foi ao quarto de Pat, subiu na cama e sussurrou:
— Pat, acorde...
Os olhos de Pat se abriram.
— O que foi?
— Estou me sentindo solitário, Pat... e preciso de você. — Pat Murphy ficou confuso.
— Para quê?
— Não compreende? Eu amo você. Quero você. — E ele dera um beijo nos lábios de Pat.
Surgira então a terrível compreensão de que Joey era um homossexual. Pat ficara repugnado. E dali por diante recusara-se a falar com Joey outra vez.

Pat Murphy detestava homossexuais. Eram anormais, bichas, veados, amaldiçoados por Deus, tentando seduzir crianças inocentes. Ele convertera seu ódio e repulsa numa campanha vitalícia, só votando em candidatos que eram contra os homossexuais e fazendo preleções sobre os males e perigos do homossexualismo.

No passado, ele sempre fora a Washington sozinho, mas desta vez a esposa insistira obstinadamente que a levasse junto com as crianças.

— Queremos saber como é a sua vida — alegara ela.

E Pat acabara cedendo.

Ele olhou para a esposa e filhos e pensou: *É uma das últimas vezes em que os verei. Como pude cometer um erro tão estúpido? Mas está quase terminando agora.* A família tinha grandes planos para amanhã. Mas não haveria amanhã. Bem cedo, antes que acordassem, ele estaria a caminho do Brasil. Alan o esperava.

Na suíte 825, a Imperial, havia um silêncio total. *Respire*, disse para si mesmo. *Você deve respirar... mais devagar, mais devagar...* Estava à beira do pânico. Olhou para o corpo esguio e nu da moça no chão e pensou: *Não foi culpa minha. Ela escorregou.*

A cabeça rachara quando a moça batera na beira da mesinha de ferro batido, o sangue escorria da testa. Sentira o pulso dela. Não havia qualquer pulsação. Era incrível. Num momento ela se encontrava tão viva, e no momento seguinte.

Tenho de sair daqui. Agora! Ele se afastou do corpo e começou a se vestir, apressado. Aquilo não seria apenas um escândalo. Seria um escândalo que abalaria o mundo. *Nunca devem me ligar a esta suíte.* Quando acabou de se vestir, foi ao banheiro, molhou uma toalha e começou a limpar as superfícies de todos os lugares em que poderia ter tocado. E quando finalmente teve certeza de que não restavam impressões digitais para marcar sua presença, deu uma olhada ao redor. A bolsa da moça! Ele foi pegar a bolsa no sofá! Encaminhou-se para a extremidade da suíte, onde o elevador privativo esperava.

Entrou, fazendo um esforço para controlar a respiração. Apertou G e, poucos segundos depois, a porta do elevador se abriu e ele estava na garagem.

Não havia ninguém ali. Ele foi até seu carro, mas se lembrou de repente, voltou quase correndo para o elevador. Tirou o lenço do bolso, limpou as impressões digitais dos botões do elevador. Ficou parado nas sombras, tornou a olhar ao redor, para se certificar de que continuava sozinho. Finalmente satisfeito, foi até seu carro, abriu a porta, sentou-se ao volante. Depois de um momento, ligou o motor e deixou a garagem subterrânea.

* * *

Foi uma camareira filipina quem encontrou o cadáver da moça esparramado no chão.
— O Dios ko, kawawa naman iyong babae!
Ela fez o sinal-da-cruz e saiu correndo da suíte, gritando por socorro.
Uns minutos depois, Jeremy Robinson e Thom Peters, o chefe da segurança do hotel, estavam na Suíte Imperial, olhando para o corpo nu da moça.
— Oh, Deus! Ela não pode ter mais que dezesseis ou dezessete anos! — Thom virou-se para o gerente.
— É melhor chamarmos a polícia.
— Espere!
Polícia. Jornais. Publicidade. Por um momento de desespero, Robinson especulou se seria possível remover o corpo da moça do hotel sem que ninguém soubesse. Mas depois ele murmurou, relutante:
— Acho que sim.
Thom Peters tirou um lenço do bolso e usou-o para pegar o telefone.
— O que está fazendo? — indagou Robinson. — Isto não é uma cena do crime. Foi um acidente.
— Ainda não sabemos, não é? — Peters discou um número e esperou.
— Homicídios.

* * *

O detetive Nick Reese parecia uma versão de livro do policial com vivência das ruas. Era alto e musculoso, com um nariz quebrado que recordava uma carreira anterior no boxe. Começara como um guarda de ronda no Departamento de Polícia Metropolitana de Washington e, pouco a pouco, fora sendo promovido: chefe de ronda, sargento, tenente. Passara de detetive D2 a detetive D1, e nos últimos dez anos resolvera mais casos do que qualquer outro no departamento.
O detetive Reese parou ali, estudando a cena em silêncio. Havia mais meia dúzia de homens na suíte.
— Alguém tocou nela?
Robinson estremeceu.
— Não.
— Quem é ela?
— Não sei.
Reese virou-se para o gerente do hotel.
— Uma moça é encontrada morta na Suíte Imperial e você não tem a menor idéia de quem ela seja? Este hotel não tem um registro de hóspedes?
— Claro que tem, detetive, mas neste caso... — ele hesitou.

— Neste caso...?
— A suíte foi registrada em nome de Eugene Gant.
— E quem é Eugene Gant?
— Não tenho a menor idéia.
O detetive Reese começava a ficar impaciente.
— Se alguém alugou esta suíte, teve de pagar... em dinheiro, cartão de crédito, cheque... qualquer coisa. E quem registrou esse Gant deve ter dado uma boa olhada nele. Quem foi?
— Nosso recepcionista do dia, Gorman.
— Quero falar com ele.
— Eu... receio que seja impossível.
— É mesmo? Por quê?
— Ele partiu em férias hoje.
— Telefone para ele.
Robinson suspirou.
— Ele não disse para onde ia.
— Quando voltará?
— Dentro de duas semanas.
— Vou lhe contar um segredinho. Não planejo esperar por duas semanas. Quero algumas informações agora. Alguém deve ter visto alguém entrando ou saindo desta suíte.
— Não necessariamente — murmurou Robinson, num tom de quem se desculpava. — Além da saída regular, esta suíte conta com um elevador privativo que desce direto para a garagem subterrânea... Mas não sei por que essa confusão toda. Afinal, é óbvio que foi um acidente. Ela devia ser uma viciada, tomou uma overdose, tropeçou e caiu.
Outro detetive aproximou-se de Reese.
— Verifiquei os armários. O vestido dela é da Gap, os sapatos de Wild Pair. Não há ajuda por aí.
— Não há nada para identificá-la?
— Não. Se ela tinha uma bolsa, desapareceu.
O detetive Reese tornou a estudar o corpo. Virou-se para um guarda parado ali perto.
— Vá me buscar um sabonete. Molhado.
O guarda fitou-o com uma expressão espantada.
— Como?
— Um sabonete molhado.
— Pois não, senhor.
O guarda se retirou, apressado. O detetive Reese ajoelhou-se ao lado do corpo da

moça e estudou o anel em seu dedo.
— Parece um anel de escola.
Um minuto depois, o guarda voltou e entregou a Reese um sabonete molhado.
Com o maior cuidado, Reese esfregou o sabonete no dedo da moça, depois retirou o anel. Virou-o de um lado para outro, examinando-o.
É um anel de turma da Denver High. Tem as iniciais, EY — Ele virou-se para seu parceiro.
— Verifique. Telefone para a escola e descubra quem é ela. Temos de obter uma identificação o mais depressa possível.
O detetive Ed Nelson, um dos técnicos em impressões digitais, aproximou-se do detetive Reese.
— Há uma coisa esquisita aqui, Nick. Estamos encontrando impressões digitais por toda parte, mas alguém se deu ao trabalho de limpar todas as maçanetas.
— O que significa que havia alguém com ela aqui no momento da morte. Por que ele não chamou um médico? Por que se deu ao trabalho de limpar as impressões digitais? E o que uma moça tão jovem faz numa suíte tão cara?
Ele virou-se para Robinson.
— Como a suíte foi paga?
— Nossos registros indicam que foi paga em dinheiro. Um mensageiro trouxe o envelope. A reserva foi feita pelo telefone.
A médica-legista interveio:
— Já podemos remover o corpo agora, Nick?
— Só mais um instante. Encontrou marcas de violência?
— Só o trauma na testa. Mas é claro que ainda faremos a autópsia.
— Marcas de picadas?
— Não. Ela tem os braços e pernas limpos.
— A impressão é de que foi estuprada?
— Teremos de verificar.
O detetive Reese suspirou.
— Então o que temos aqui é uma colegial de Denver que vem a Washington e acaba morrendo num dos mais dispendiosos hotéis da cidade. Alguém limpa suas impressões digitais e desaparece. Toda a coisa fede. Quero saber quem alugou esta suíte. — Ele virou-se para a legista. — Pode levá-la agora. — Reese olhou para o detetive Nelson.
— Verificou as impressões digitais no elevador privativo?
— Verifiquei. O elevador desce da suíte direto para a garagem subterrânea. Só tem dois botões. Ambos foram limpos.
— Examinou a garagem?
— Claro. Não há nada de estranho por lá.

— Quem fez isso teve o maior trabalho para encobrir suas pegadas. Ou é alguém com ficha na polícia, ou um VIP se divertindo com uma colegial. — Ele virou-se para Robinson.
— Quem costuma alugar esta suíte?
Robinson respondeu com evidente relutância:
— É reservada para os nossos hóspedes mais importantes. Reis, primeiros-ministros... — ele hesitou. — presidentes.
— Foi feita alguma ligação deste telefone nas últimas vinte e quatro horas?
— Não sei.
O detetive Reese estava começando a se irritar.
— Mas haveria um registro, se foi feita alguma?
— Claro.
O detetive Reese pegou o telefone.
— Telefonista, aqui é o detetive Nick Reese. Quero saber se foi feita alguma ligação da Suíte Imperial nas últimas vinte e quatro horas... Eu espero.
Ele observou os homens de jaleco branco da equipe da médica-legista cobrirem a moça nua com um lençol e ajeitarem o corpo numa maca. *Ela nem começara ainda a viver,* pensou Reese. Ele ouviu a voz da telefonista:
— Detetive Reese?
— Pois não?
— Houve uma ligação da suíte ontem. Era uma chamada local.
Reese pegou um bloco e uma caneta.
— Qual foi o número?... Quatro-cinco-seis-sete-zero-quatro-um?...
Reese anotou os números, mas parou abruptamente. Ficou olhando aturdido para o bloco.
— Oh, merda!
— Qual é o problema? — perguntou o detetive Nelson.
Reese levantou os olhos.
— Este é o número da Casa Branca.

* * *

Na manhã seguinte, ao desjejum, Jan perguntou:
— Onde esteve na noite passada, Oliver?
O coração de Oliver disparou. Mas ela não podia saber o que acontecera. Ninguém podia. Absolutamente ninguém.
— Eu me reuni com...
Jan não o deixou continuar:
— A reunião foi cancelada. Mas você não voltou até três horas da madrugada.

Tentei localizá-lo. Onde estava?
— Surgiu um problema. Por quê? Você precisava...? Houve alguma coisa errada?
— Não tem mais importância agora — disse Jan, cansada. — Oliver, você não está apenas me magoando, mas também prejudicando a si mesmo. Chegou até aqui. Não quero vê-lo perder tudo porque... porque não consegue...
Os olhos de Jan ficaram marejados de lágrimas. Oliver levantou-se e foi abraçá-la.
— Está tudo bem, Jan. Eu a amo demais.
E amo mesmo, à minha maneira, pensou Oliver. *O que aconteceu ontem à noite não foi culpa minha. Foi ela quem me chamou. Mas eu nunca deveria ter atendido.* Ele tomara todas as precauções possíveis para não ser visto. *Estou são e salvo,* concluiu Oliver.

* * *

Peter Tager estava preocupado com Oliver. Aprendera que era impossível controlar a libido de Oliver Russell e finalmente fizera um acordo. Em algumas noites, Peter Tager providenciava reuniões fictícias para o presidente comparecer, fora da Casa Branca, e providenciava para que a escolta do Serviço Secreto desaparecesse por umas poucas horas. Quando Peter Tager procurara o senador Davis para se queixar do que estava acontecendo, o senador lhe dissera, calmamente:
— Afinal, Peter, Oliver é um homem de sangue muito quente. Às vezes é impossível controlar paixões assim. Admiro profundamente seu senso moral, Peter. Sei o quanto a família significa para você e como o comportamento do presidente lhe deve ser desagradável. Mas não vamos julgá-lo. Apenas continue a providenciar para que tudo seja feito com a maior discrição.

* * *

O detetive Nick Reese detestava entrar na sala de autópsia, de paredes brancas, inóspita. Recendia a formol e morte. Quando passou pela porta, a legista, Helen Chuan, uma mulher pequena e atraente, já o esperava.
— Bom dia — disse Reese. — já terminou a autópsia?
— Tenho um relatório preliminar para você, Nick. A moça não morreu do ferimento na cabeça. Tinha sofrido uma parada cardíaca antes de bater na mesa. Morreu de uma overdose de metilenedioximetanfetamina.
Ele suspirou.
— Não faça isso comigo, Helen.

— Desculpe. Nas ruas, é o que se costuma chamar de ecstasy. — Ela estendeu um relatório de autópsia. — Aqui está o que temos até agora.

PROTOCOLO DE AUTÓPSIA.
NOME DA VÍTIMA: IDENTIDADE DESCONHECIDA, FICHA NC-L961
SUMÁRIO ANATÔMICO
I. CARDIOMIOPATIA DILATADA E HIPERTRÓFICA
A. CARDIOMEGALIA (750 GM)
B. HIPERTROFIA VENTRICULAR ESQUERDA, CORAÇÃO (2,3 CM)
C. HEPATOMEGALIA CONGESTIVA (2750 GM)
D. BAÇOMEGALIA (350 MG)
II. INTOXICAÇÃO NARCÓTICA AGUDA
A. CONGESTÃO PASSIVA AGUDA, TODAS AS VÍSCERAS
III. TOXICOLOGIA (VER RELATÓRIO SEPARADO)
IV, HEMORRAGIA CEREBRAL (VER RELATÓRIO SEPARADO)
CONCLUSÃO: (CAUSA DA MORTE)
CARDIOMIOPATIA DILATADA E HIPERTRÓFICA
INTOXICAÇÃO NARCÓTICA AGUDA

Nick Reese levantou os olhos.
— Portanto, se tudo isto for traduzido para uma linguagem normal, ela morreu de uma overdose de ecstasy?
— Isso mesmo.
— Foi sexualmente agredida?
Helen Chuan hesitou.
— O hímen foi rompido, havia vestígios de sêmen e um pouco de sangue nas coxas.
— Portanto, foi estuprada.
— Não creio.
— Como assim? — indagou Reese, franzindo o rosto.
— Não havia sinais de violência.
O detetive Reese ficou perplexo.
— O que está querendo dizer?
— Acho que a moça era virgem. Essa foi a sua primeira experiência sexual.
O detetive Reese ficou imóvel, digerindo a informação.
Alguém conseguira persuadir uma virgem a subir para a Suíte Imperial e fazer sexo. Tinha de ser alguém que ela conhecia. Ou alguém famoso ou poderoso.
O telefone tocou. Helen Chuan atendeu.
— Centro de autópsia. — Ela ouviu por um momento, depois estendeu o fone

para o detetive.
— É para você.
Nick Reese pegou o telefone.
— Reese. — Seu rosto se animou. — Ah, sim, sra. Holbrook. Obrigado por me telefonar. É um anel de turma da sua escola, com as iniciais PY. Tem alguma aluna com essas iniciais?... Eu agradeceria. Obrigado. Ficarei esperando. — Ele olhou para a legista. — Tem certeza de que ela não foi estuprada?
— Não encontrei sinais de violência. Nenhum.
— Ela poderia ter sido penetrada depois que morreu?
— Eu diria que não.
A sra. Holbrook voltou ao telefone.
— Detetive Reese?
— Estou ouvindo.
— Segundo nosso computador, temos uma aluna com as iniciais PY Seu nome é Pauline Ybung.
— Poderia descrevê-la, sra. Holbrook?
— Pois não. Pauline tem dezoito anos, é baixa e corpulenta, cabelos escuros...
— Hum... — A moça errada.
— E é a única?
— A única mulher.
Reese entendeu no mesmo instante.
— Quer dizer que há um rapaz com essas iniciais?
— Isso mesmo. Paul Yerby. E por acaso Paul se encontra em Washington neste momento.
O coração de Reese passou a bater mais depressa.
— Ele está aqui?
— Está, sim. Uma turma de alunos do Denver High foi a Washington para visitar a Casa Branca, o Congresso...
— E todos se encontram na cidade neste momento?
— Isso mesmo.
— Por acaso sabe onde se hospedam?
— No Hotel Lombardy. Deram-nos um desconto especial de grupo ali. Falei com vários outros hotéis, mas não quiseram...
— Muito obrigado, sra. Holbrook. Agradeço a sua cooperação.
Nick Reese desligou e olhou para a legista.
— Pode me avisar quando a autópsia estiver pronta, Helen?
— Claro. Boa sorte, Nick.
Ele acenou com a cabeça.
— Acho que terei.

* * *

O Hotel Lombardy fica na Pennsylvania Avenue, a dois quarteirões de Washington Circle e a uma distância de se percorrer a pé da Casa Branca, alguns monumentos e uma estação do metrô. O detetive Reese entrou no saguão antiquado e foi até a recepção.

— Tem um estudante chamado Paul Yérby hospedado aqui?

— Desculpe, mas não damos...

Reese mostrou sua insígnia.

— Estou com pressa, amigo.

— Pois não, senhor. — O recepcionista procurou no registro. — Há um sr. Yerby no quarto 315. Devo...?

— Não. Farei uma surpresa. Fique longe do telefone.

Reese entrou no elevador, saltou no terceiro andar, seguiu pelo corredor. Parou diante do quarto 315. Podia ouvir vozes lá dentro. Desabotoou o botão do paletó e bateu na porta. Foi aberta por um rapaz ao final da adolescência.

— Pois não?

— Paul Yerby?

— Não. — O garoto virou-se para alguém no quarto. Paul, tem um homem aqui querendo falar com você.

Nick Reese entrou no quarto. Um rapaz magro, de cabelos desgrenhados, usando jeans e um suéter, saía do banheiro.

— Paul Yerby?

— Isso mesmo. Quem é você?

Reese mostrou sua insígnia da polícia.

— Detetive Nick Reese. Homicídios.

O garoto ficou pálido.

— Eu... o que deseja?

Nick Reese pôde farejar o medo. Tirou do bolso o anel da moça morta e estendeu-o.

— Já viu este anel antes, Paul?

— Não — respondeu Yerby, depressa demais.

— Eu...

— Tem suas iniciais.

— É mesmo? Há... — ele hesitou. — Talvez seja meu. Devo ter perdido em algum lugar.

— Ou deu a alguém?

O garoto passou a língua pelos lábios.

— Há... É possível.
— Vamos para a delegacia, Paul.
O garoto estava nervoso.
— Vai me prender?
— Algum motivo para isso? — perguntou o detetive Reese. — Por acaso cometeu um crime?
— Claro que não. Eu... — ele não foi capaz de continuar.
— Então por que eu o prenderia?
— Há... não sei. Também não sei por que quer me levar para a delegacia.
Ele olhava para a porta aberta. O detetive Reese pegou-o pelo braço:
— Vamos quietinho.
O outro rapaz indagou:
— Quer que eu telefone para sua mãe ou para outra pessoa, Paul?
Paul Yerby sacudiu a cabeça, desesperado.
— Não precisa. Não ligue para ninguém. Sua voz era um sussurro.

* * *

O Edifício Henry I. Daly, na Indiana Avenue, NW, 300, no centro de Washington, é uma construção despretensiosa de seis andares e serve como delegacia de polícia.
O escritório da Homicídios fica no terceiro andar. Enquanto Paul Yerby era fotografado e tirava as impressões digitais, o detetive Reese foi falar com o capitão Otto Miller.
— Acho que temos uma abertura no caso do Monroe Arins.
Miller recostou-se na cadeira.
— Continue.
— Peguei o namorado da garota. Ele está apavorado. Vamos interrogá-lo agora. Quer acompanhar?
O capitão Miller acenou com a cabeça para uma pilha de papéis em sua mesa.
— Estarei ocupado nos próximos meses. Mande-me um relatório.
— Certo. — O detetive Reese encaminhou-se para a porta.
— Nick... não se esqueça de ler os direitos dele.
Paul Yerby foi levado para uma sala de interrogatório. Era pequena, três por quatro metros, com uma mesa escalavrada, quatro cadeiras e uma câmera de vídeo. Havia um espelho de fundo falso, para que policiais pudessem acompanhar o interrogatório da sala ao lado. Paul Yerby fitava Nick Reese e dois outros detetives, Doug Hogan e Edgar Bernstein.
— Sabe que estamos gravando esta conversa em videoteipe? — perguntou

Reese.
— Sim, senhor.
— Tem direito à presença de um advogado. Se não puder contratá-lo, o Estado designará um para representá-lo.
— Gostaria de ter um advogado presente? — indagou Bernstein.
— Não preciso de um advogado.
— Muito bem. Você tem o direito de permanecer calado. Se renunciar a esse direito, qualquer coisa que disser aqui poderá ser usada contra você no tribunal. Entendido?
— Sim, senhor.
— Qual é o seu nome legal?
— Paul Yerby.
— Endereço.
— Marian Street, 320, Denver, Colorado. Não fiz nada de errado. Eu...
— Ninguém disse que fez. Só estamos tentando obter algumas informações, Paul. Gostaria de nos ajudar, não é mesmo?
— Claro, mas... Não sei qual é o problema.
— Não tem nenhuma idéia?
— Não, senhor.
— Tem namoradas, Paul?
— Ora, vocês sabem...
— Não, Paul, não sabemos. Por que não nos conta?
— Claro. Saio com garotas...
— Está querendo dizer que marca encontros e sai com garotas a sós?
— Isso mesmo.
— Costuma sair mais com alguma garota em particular? — Houve um momento de silêncio.
— Tem uma namorada, Paul?
— Tenho.
— Como ela se chama? — perguntou o detetive Bernstein.
— Chloe.
— Chloe o quê — indagou o detetive Reese.
— Chloe Houston.
Reese escreveu uma anotação.
— Qual é o endereço dela, Paul?
— Oak Street, 602, Denver.
— Como se chamam os pais dela?
— Ela vive com a mãe.
— E o nome da mãe?

— Jackie Houston. Ela é governadora do Colorado.
Os detetives trocaram um olhar. *Merda! Isso é tudo o que precisamos!*
Reese suspendeu o anel.
— Este anel é seu, Paul?
O rapaz estudou-o por um momento, depois murmurou, relutante:
— É, sim.
— Deu este anel a Chloe?
Ele engoliu em seco, nervoso.
— Eu... acho que sim.
— Não tem certeza?
— Estou lembrando agora. Dei, sim.
— Veio a Washington com alguns colegas, certo? Um grupo da escola?
— Isso mesmo.
— Chloe fazia parte desse grupo?
— Sim.
— Onde está Chloe agora, Paul? — perguntou o detetive Bernstein.
— Eu... não sei.
— Quando a viu pela última vez? — indagou Hogan.
— Acho que há uns dois dias.
— Dois dias? — repetiu Reese.
— Isso mesmo.
— E onde foi? — perguntou Bernstein.
— Na Casa Branca.
Os detetives trocaram um olhar de surpresa.
— Ela esteve na Casa Branca? — indagou Reese.
— Sim, senhor. Fomos até lá numa excursão particular. A mãe de Chloe arrumou.
— E Chloe foi com vocês? — perguntou o detetive Hogan.
— Sim, senhor.
— Aconteceu alguma coisa fora do normal nessa visita? — indagou Bernstein.
— Como assim?
— Encontraram ou conversaram com alguém durante a visita? — perguntou Bernstein.
— Claro. Com o guia.
— E isso foi tudo? — indagou Reese.
— Foi, sim.
— Chloe passou o tempo todo com o grupo? — perguntou o detetive Hogan.
— Passou... — Yerby hesitou. — Não. Ela se afastou para ir ao banheiro. Demorou cerca de quinze minutos. Quando voltou, ela...

O rapaz não continuou.
— Ela o quê? — perguntou Reese.
— Nada. Ela apenas voltou.
Era evidente que ele mentia.
— Filho — murmurou Reese —, sabia que Chloe Houston está morta?
Eles o observavam atentamente.
— Oh, Deus, não! O que aconteceu?
A expressão de surpresa em seu rosto podia ter sido simulada.
— Não sabe? — perguntou o detetive Bernstein.
— Não! Eu... não posso acreditar!
— Não teve nada a ver com a morte dela? — indagou Hogan.
— Claro que não! Eu amo... amava Chloe!
— Alguma vez foi para a cama com ela? — perguntou Bernstein.
— Não. Estávamos... estávamos esperando. Íamos casar.
— Mas às vezes tomavam drogas juntos? — indagou o detetive Reese.
— Não! Nunca tomamos drogas!
A porta foi aberta nesse instante e um corpulento detetive, Harry Carter, entrou na sala. Ele foi até Reese e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Reese balançou a cabeça. Ficou olhando para Paul Yerby por um longo momento, antes de perguntar.
— Quando foi a última vez que viu Chloe Houston?
— Já disse que foi na Casa Branca.
Ele mudou de posição na cadeira, apreensivo. O detetive Reese inclinou-se para a frente.
— Sua situação é complicada, Paul. Suas impressões digitais estão por toda a Suíte Imperial, no Monroe Arms Hotel. Como isso aconteceu?
Paul Yerby ficou imóvel, muito pálido.
— Pode parar de mentir agora. Temos provas contra você.
— Eu... eu não fiz nada.
— Reservou a suíte no Monroe Anus Hotel? — perguntou o detetive Bernstein.
— Não, não fui eu. — A ênfase foi no "eu".
O detetive Reese pressionou:
— Mas sabe quem foi?
— Não. — A resposta saiu rápida demais.
— Admite que esteve na suíte? — indagou Hogan.
— Estive, mas... Chloe continuava viva quando fui embora.
— Por que foi embora? — perguntou Hogan.
— Ela me pediu. Estava... estava esperando alguém.
— Ora, Paul. sabemos muito bem que você a matou — comentou Bernstein.

— Não! — O garoto tremia. — Juro que não tive nada a ver com isso. Eu... apenas subi para a suíte com ela. E só fiquei pouco tempo.
— Porque ela esperava alguém? — indagou Reese.
— Isso mesmo. Chloe estava... bastante excitada.
— Ela contou com quem ia se encontrar? — perguntou o detetive Hogan.
Paul passou a língua pelos lábios.
— Não.
— Disse que ela estava bastante excitada — ressaltou Reese. — Com o quê?
Paul tornou a passar a língua pelos lábios.
— Com... com o homem que ia se encontrar ali com ela para jantar.
— Quem era o homem, Paul? — perguntou Bernstein.
— Não posso contar.
— Por que não? — indagou o detetive Hogan.
— Prometi a Chloe que nunca contaria a ninguém.
— Chloe está morta.
Os olhos de Paul Yerby ficaram cheios de lágrimas.
— Ainda não posso acreditar.
— Dê-nos o nome do homem — insistiu Reese.
— Não posso. Prometi a Chloe.
— Vou explicar o que vai acontecer com você. Passará a noite na cadeia. Pela manhã, se nos der o nome do homem que ia se encontrar com Chloe, vamos deixá-lo sair. Caso contrário, teremos de indiciá-lo por homicídio.
Eles esperaram que o garoto respondesse. Silêncio.
Nick Reese acenou com a cabeça para Bernstein.
— Pode levá-lo.
O detetive Reese voltou à sala do capitão Miller.
— Tenho uma notícia ruim e uma notícia ainda pior.
— Não tenho tempo para isso, Nick.
— A notícia ruim é que não tenho certeza se foi o garoto quem deu a droga à moça. A notícia pior é que a mãe da jovem é governadora do Colorado.
— Oh, Deus! Os jornais vão adorar! — O capitão Miller respirou fundo. — Por que acha que o garoto não é o culpado?
— Ele admite que esteve na suíte, mas alega que a garota lhe pediu para ir embora porque esperava alguém. Creio que o rapaz é inteligente demais para inventar uma história tão estúpida. Estou convencido de que ele sabe quem Chloe Houston esperava. Mas não quer dizer quem era.
— Tem alguma idéia?
— Era a primeira vez que ela vinha a Washington, e foram visitar a Casa Branca. Ela não conhecia ninguém aqui. Disse que ia ao banheiro. Não há banheiro

público na Casa Branca. Ela teria de sair para o Pavilhão dos Visitantes, na Ellipse, na esquina das ruas 15 e E, ou ao Centro dos Visitantes da Casa Branca. Ausentou-se durante cerca de quinze minutos. O que acho que aconteceu é que, enquanto procurava um banheiro, esbarrou com alguém na Casa Branca, alguém que pode ter reconhecido. Talvez alguém que ela tenha visto na TV. Seja como for, devia ser alguém importante. Ele levou-a a um banheiro particular, deixou-a bastante impressionada, a ponto da moça concordar em encontrá-lo no Monroe Arms.
O capitão Miller ficou pensativo.
— É melhor eu ligar para a Casa Branca. Pediram que os mantivéssemos informados sobre o caso. Não solte o garoto. Quero o nome do tal homem.
— Certo.
Enquanto o detetive Reese se retirava, o capitão Miller pegou o telefone e fez uma ligação. Poucos minutos depois, estava dizendo:
— Isso mesmo, senhor. Temos uma testemunha sob custódia. Está numa cela na delegacia da Indiana Avenue ... Não, senhor. Acho que o garoto vai nos dar o nome do homem amanhã... Sim, senhor. Eu compreendo.
A ligação foi cortada. O capitão Miller suspirou e voltou a se concentrar na pilha de papéis em sua mesa.

* * *

Às oito horas da manhã seguinte, quando o detetive Nick Reese foi à cela de Paul Yerby, deparou com o corpo do garoto pendurado de uma das barras mais altas.

MORTA DE 16 ANOS IDENTIFICADA COMO FILHA DA GOVERNADORA DO COLORADO. NAMORADO PRESO PELA POLÍCIA SE ENFORCA. POLÍCIA CAÇA TESTEMUNHA MISTERIOSA.

Ele ficou olhando para as manchetes e sentiu uma súbita vertigem. Dezesseis anos. Ela parecia mais velha. De que ele era culpado? De assassinato? Talvez de homicídio culposo. E mais, de estupro, por se tratar de uma menor.
Contemplara-a a sair do banheiro da suíte usando apenas um sorriso. Nunca fizera isso antes. E ele a abraçara e acariciara. *Fico contente pela primeira vez ser comigo, meu bem.* Antes, partilhara com ela um copo de ecstasy líquido. *Beba isto. Fará com que se sinta bem.* Fizeram amor e depois ela se queixara de não se sentir bem.
Levantara-se da cama, cambaleara e caíra, batera com a cabeça na mesa. Um acidente. Claro, a polícia não veria assim. *Mas não há nada que possa me ligar a*

ela. Absolutamente nada.
Todo o episódio tinha um ar de irrealidade, um pesadelo que acontecera com outra pessoa. De certa forma, porém, ver tudo em letra de imprensa fazia com que se tornasse real.
Através das paredes da sala, ele podia ouvir o som do tráfego na Pennsylvania Avenue, além da Casa Branca, e voltou a ter consciência do ambiente. Uma reunião do gabinete começaria dentro de poucos minutos. Ele respirou fundo. *Trate de se controlar.*

* * *

No Salão Oval estavam reunidos o vice-presidente Melvin Wicks, Sime Lombardo e Peter Tager. Oliver entrou e foi se sentar atrás de sua mesa.
— Bom dia, senhores.
Houve cumprimentos gerais. Depois, Peter Tager disse:
— Já viu o Tribune, sr. presidente?
— Não.
— Identificaram a moça que morreu no Monroe Arms Hotel. Infelizmente, é uma péssima notícia.
Oliver ficou rígido em sua cadeira, numa reação inconsciente.
— É mesmo?
— O nome dela é Chloe Houston. A filha de Jackie Houston.
— Oh, Deus! — As palavras mal escaparam dos lábios do presidente.
Todos ficaram surpresos com a sua reação. Ele se recuperou no mesmo instante.
— Eu... conhecia Jackie Houston... há muito tempo. É uma notícia terrível. Muito terrível.
Sime Lombardo comentou:
— Embora o crime em Washington não seja responsabilidade nossa, o Tribune vai investir contra nós por causa disso.
— Há alguma coisa que possamos fazer para calar Leslie Stewart? — indagou Melvin Wicks.
Oliver pensou na noite apaixonada que passara com ela.
— Não — respondeu ele. — A liberdade de imprensa, senhores.
Peter Tager virou-se para o presidente.
— Sobre a governadora ...?
— Eu cuido disso. — Oliver apertou um botão do interfone. — Ligue-me com a governadora Houston, em Denver.
— Temos de iniciar algum controle de danos — propôs Peter Tager. — Providenciarei as estatísticas sobre a redução da criminalidade no país, as verbas

que foram pedidas ao Congresso para os departamentos de polícia, etecetera. — As palavras soaram vazias mesmo a seus próprios ouvidos.
— O momento não poderia ser pior — murmurou Melvin Wicks.
O interfone tocou. Oliver atendeu.
— Pois não? — Ele escutou por um momento, depois desligou.
— A governadora está a caminho de Washington.
Oliver olhou para Peter Tager.
— Descubra qual é o avião em que ela vem, Peter. Vá recebê-la no aeroporto e traga-a direto para cá.
— Certo. Há um editorial no Tribune. É bastante duro.
Peter Tager estendeu para o presidente o jornal aberto na página do editorial.

PRESIDENTE INCAPAZ DE CONTROLAR O CRIME NA CAPITAL.

— E continua daí — acrescentou Peter.
— Leslie Stewart é uma escrota — murmurou Sime Lombardo.
— Alguém deveria ter uma conversinha com ela.

* * *

Em sua sala no Washington Tribune, Matt Baker relia o editorial atacando o presidente por ser indulgente com o crime, quando Frank Lonergan entrou. Era um jornalista de quarenta e poucos anos, brilhante, vivido, que antes fora policial. Era um dos melhores repórteres investigadores do país.
— Foi você quem escreveu este editorial, Frank?
— Eu mesmo.
— Este parágrafo sobre o crime diminuindo em vinte e cinco por cento em Minnesota ainda me incomoda. Por que falou justamente sobre Minnesota?
— Foi uma sugestão da Princesa de Gelo — explicou Lonergan.
— Ficou ridículo — comentou Matt Baker, um tanto brusco. — Falarei com ela.

* * *

Leslie Stewart falava ao telefone quando Matt Baker entrou em sua sala.
— Deixarei os detalhes para você, mas precisamos levantar tanto dinheiro para ele quanto pudermos. O senador Embry, de Minnesota, virá almoçar hoje aqui e me entregará uma lista de nomes. Obrigada.
Ela desligou e levantou os olhos.
— Olá, Matt.
Matt Baker aproximou-se da mesa.
— Quero conversar com você sobre este editorial.

— Ficou bom, não é?
— É horrível, Leslie. Não passa de propaganda. O presidente não é responsável pelo controle do crime em Washington. Temos um prefeito que deveria fazer isso, todo um departamento de polícia. E que besteira é essa sobre o crime cair mais de vinte e cinco por cento em Minnesota? De onde tirou essa estatística?
Leslie Stewart recostou-se na cadeira, muito calma.
— Matt, este é o meu jornal. Direi qualquer coisa que eu quiser. Oliver Russell é um péssimo presidente, e Gregory Embry daria um grande presidente. Vamos ajudá-lo a conquistar a Casa Branca. — Ela viu a expressão de Matt e abrandou. — Ora, Matt, não fique assim. O Tribune estará do lado do vencedor. Embry será ótimo para nós. Está vindo para cá agora. Gostaria de almoçar conosco?
— Não. Não gosto das pessoas que comem com as mãos.
Ele virou-se e deixou a sala. No corredor, encontrou o senador Embry, um homem na casa dos cinquenta anos, um político presunçoso.
— Ah, senador, meus parabéns.
O senador Embry ficou perplexo.
— Obrigado. Há... pelo quê?
— Por reduzir o crime em vinte e cinco por cento no seu Estado.
E Matt Baker se afastou, deixando o senador a fitá-lo com uma expressão desconcertada.

* * *

O almoço foi na sala de refeições de Leslie Stewart, mobiliada com antiguidades. Um chef trabalhava na cozinha, preparando o almoço, quando Leslie e o senador Embry entraram. O maitre adiantou-se para cumprimentá-los.
— O almoço será servido assim que desejar, srta. Stewart. Aceitam um drinque?
— Não para mim — respondeu Leslie.
— Senador?
— Não costumo beber durante o dia, mas quero um martíni.
Leslie Stewart sabia que o senador Embry bebia muito durante o dia. Tinha uma ficha completa sobre ele. Embry tinha uma esposa e cinco filhos, mas mantinha uma amante japonesa. Seu hobby era financiar em segredo um grupo paramilitar em seu estado natal. O que importava era o fato de Gregory Embry ser um homem que acreditava em deixar as grandes empresas em paz — e o Washington Tribune Enterprises era uma grande empresa.
Leslie tencionava fazer com que se tornasse ainda maior, e Embry haveria de ajudá-la quando se tornasse o presidente.
Sentaram-se à mesa. O senador Embry tomou um gole do seu martíni.

— Quero lhe agradecer pela campanha de levantamento de fundos, Leslie. Foi um gesto magnífico.
Ela sorriu, efusiva.
— O prazer foi meu. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo a derrotar Oliver Russel.
— Acho que tenho uma boa chance.
— Também acho. As pessoas começam a se cansar de Russell e seus escândalos. Meu palpite é de que ele será liquidado se houver mais algum escândalo daqui até a eleição.
O senador Embry estudou-a por um momento.
— Acha que haverá?

Leslie acenou com a cabeça e murmurou:
— Eu não ficaria surpresa.
O almoço foi delicioso.

* * *

O telefonema foi de Antonio Valdez, um assistente da médica-legista.
— Srta. Stewart, disse que queria que eu a mantivesse informada sobre o caso de Chloe Houston, não é mesmo?
— Disse, sim...
— A polícia nos pediu para manter sigilo, mas como tem sido uma grande amiga, pensei...
— Não se preocupe. Cuidarei bem de você. Fale-me sobre a autópsia.
— Pois não, madame. A causa da morte foi uma droga chamada ecstasy.
— O quê?!
— Ecstasy. Ela a tomou na forma líquida.
Tenho uma pequena surpresa para você. Quero que experimente... Isto é ecstasy líquido. Um amigo me deu... E a mulher encontrada no rio Kentucky morrera de uma overdose de ecstasy líquido. Leslie se manteve imóvel, o coração batendo forte. *Há um Deus.* Leslie mandou chamar Frank Lonergan.
— Quero que investigue a morte de Chloe Houston. Acho que o presidente está envolvido.
Frank Lonergan fitou-a com absoluta incredulidade.
— O presidente?
— Estão tentando encobrir os fatos. Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Aquele garoto que prenderam... acho que o suicídio dele foi conveniente demais... investigue isso também. E quero que investigue os movimentos do presidente na tarde e noite da morte da moça. A investigação deve ser muito particular. Sigilosa. Só vai se reportar a mim.
Frank Lonergan respirou fundo.
— Sabe o que isso pode significar?
— Trate de começar. E mais uma coisa, Frank...
— O que é?
— Procure na Internet por uma droga chamada ecstasy. E procure por uma ligação com Oliver Russell.

* * *

Num setor médico da Internet, devotado aos perigos da droga, Lonergan descobriu a história de Miriam Friedland, a antiga secretária de Oliver Russell.

Ela estava num hospital em Frankfort, Kentucky. Lonergan telefonou para perguntar sobre seu estado. Um médico informou:
— A srta. Friedland faleceu há dois dias. Nunca se recuperou do coma.
Frank Lonergan telefonou para o gabinete da governadora Houston.
— Sinto muito, mas a governadora Houston está a caminho de Washington — informou a secretária.
Dez minutos depois, Frank Lonergan seguia para o aeroporto nacional. Chegou atrasado.
Quando os passageiros desciam do avião, Lonergan avistou Peter Tager se encaminhar para uma loura atraente, na casa dos quarenta anos, e cumprimentá-la. Os dois conversaram por um momento, e depois Tager levou-a para uma limusine à espera.
Observando à distância, Lonergan pensou: Tenho de conversar com aquela mulher.
Ele voltou para a cidade, fazendo ligações pelo telefone do carro. Na terceira ligação, descobriu que a governadora Houston era esperada no Four Seasons Hotel.

* * *

Quando Jackie Houston foi introduzida na sala particular, ao lado do Salão Oval, encontrou Oliver Russell à espera. Ele pegou as mãos dela e murmurou:
— Lamento profundamente, Jackie. Não há palavras.
Quase dezessete anos haviam transcorrido desde que ele a vira pela última vez. Tinham se conhecido numa convenção de advogados em Chicago. Ela acabara de sair da faculdade. Era jovem, atraente e ansiosa, os dois tiveram uma ligação breve e ardente. Há dezessete anos. E Chloe tinha dezesseis anos.
Oliver não ousou fazer a Jackie a pergunta que havia em sua mente. *Não quero saber.* Olharam um para o outro em silêncio e, por um momento, Oliver pensou que ela falaria do passado. Desviou os olhos. Mas Jackie Houston disse:
— A polícia acha que Paul Yerby teve alguma coisa a ver com a morte de Chloe.
— Isso mesmo.
— Não teve.
— Não?
— Paul era apaixonado por Chloe. Nunca lhe faria qualquer mal.
A voz de Jackie tremia.
— Eles... eles iam casar um dia.
— Segundo minhas informações, Jackie, encontraram as impressões digitais do rapaz no quarto de hotel em que ela foi morta.

— Os jornais disseram que aconteceu... na Suíte Imperial do Monroe Arms — murmurou Jackie Houston.
— É verdade.
— Oliver, Chloe recebia uma pequena mesada. O pai de Paul era um escriturário aposentado. De onde Chloe tirou o dinheiro para a Suíte Imperial?
— Eu... eu não sei.
— Alguém precisa descobrir. Não irei embora até saber quem é o responsável pela morte de minha filha. — Ela franziu o rosto.
— Chloe tinha uma visita a você marcada para aquela tarde. Chegou a vê-la?
— Não... mas bem que gostaria. Infelizmente, surgiu uma emergência e... — houve uma breve hesitação. — ...tive de cancelar o encontro.

* * *

Num apartamento no outro lado da cidade, deitados na cama, os corpos nus comprimidos, ele pôde sentir a tensão na mulher.
— Você está bem, Joann?
— Estou, sim, Alex.
— Parece longe daqui, meu bem. Em que pensa?
— Nada — respondeu Joann McGrath.
— Nada?
— Para dizer a verdade, eu pensava naquela pobre moça que foi assassinada no hotel.
— Li as notícias. Ela era filha de alguma governadora.
— Isso mesmo.
— A polícia já sabe com quem ela estava?
— Não. Estiveram no hotel, interrogando todo mundo.
— Você também?
— Eu também. Mas só pude falar sobre o telefonema.
— Que telefonema?
— O que alguém na suíte deu para a Casa Branca.
Ele ficou subitamente imóvel. Depois de um instante, comentou em tom casual:
— Isso não significa nada. Todo mundo gosta de ligar para a Casa Branca. Faça isso de novo, meu bem. Tem mais mel para passar?

* * *

Frank Lonergan acabara de voltar à sua sala do aeroporto quando o telefone tocou.
— Lonergan.

— Olá, sr. Lonergan. Aqui é Garganta Rasa. — Alex Cooper, um parasita insignificante, que se fantasiava como um informante da categoria de Watergate. Era sua idéia de uma piada.
— Ainda paga por dicas quentes?
— Depende da temperatura.
— Esta vai queimar seu rabo. Quero cinco mil dólares.
— Adeus.
— Espere um pouco. Não desligue. É sobre a garota que foi assassinada no Monroe Arms.
Frank Lonergan ficou interessado no mesmo instante.
— O que tem sobre ela?
— Podemos nos encontrar em algum lugar?
— Eu o verei no Ricco's dentro de meia hora.
Às duas horas da tarde, Frank Lonergan e Alex Cooper estavam sentados num reservado no Ricco's. Alex Cooper era magro e insidioso, e Lonergan detestava fazer negócios com ele. Não sabia de onde Cooper obtinha suas informações, mas ele já fora muito útil no passado.
— Espero que não esteja desperdiçando meu tempo, comentou Lonergan.
— Não creio que seja um desperdício de tempo. O que pensaria se eu lhe dissesse que há uma ligação entre a Casa Branca e a moça assassinada?
Havia um sorriso presunçoso na cara de Cooper. Frank Lonergan conseguiu encobrir sua empolgação.
— Continue.
— Cinco mil dólares?
— Mil.
— Dois mil.
— Negócio fechado. Conte tudo.
— Minha garota é telefonista no Monroe Arms.
— Como ela se chama?
— Joann McGrath.
Lonergan escreveu uma anotação.
— E daí?
— Alguém na Suíte Imperial fez uma ligação para a Casa Branca durante o tempo em que a garota estava lá.
Acho que o presidente está envolvido, dissera Leslie Stewart.
— Tem certeza?
— Absoluta.
— Vou verificar. Se for verdade, você receberá seu dinheiro. Mencionou isto para mais alguém?

— Não.
— Melhor assim. Não conte a ninguém. — Lonergan levantou-se. — Ficaremos em contato.
— Há mais uma coisa — murmurou Cooper.
Lonergan parou.
— O que é?
— Tem de me manter fora disso. Não quero que Joann saiba que falei com alguém.
— Não tem problema.
E Alex Cooper ficou sozinho, pensando na maneira como gastaria os dois mil dólares sem que Joann soubesse o que fizera.

* * *

A mesa telefônica do Monroe Arins ficava num cubículo por trás da recepção. Quando Lonergan entrou, segurando uma prancheta, Joann McGrath estava de serviço e dizia ao bocal:
— Estou ligando para você.
Ela completou a ligação e olhou para Lonergan.
— O que deseja?
— Companhia Telefônica. — Lonergan mostrou uma identificação rapidamente.
— Temos um problema aqui.
JoAnn McGrath estava surpresa.
— Que tipo de problema?
— Alguém protestou contra a cobrança de ligações que não fez. — Ele fingiu consultar a prancheta. — Dia 15 de outubro. Foi cobrada uma ligação para a Alemanha, e a pessoa alega que não conhece ninguém na Alemanha. Está furiosa.
— Pois não sei de nada a respeito! — protestou Joann, indignada. — Nem me lembro de ter feito qualquer ligação para a Alemanha no mês passado.
— Tem o registro do dia 15?
— Claro.
— Eu gostaria de vê-lo.
— Está bem.
Ela tirou uma pasta de debaixo de uma pilha de papéis e entregou-a. A mesa telefônica zumbia. Enquanto Joann atendia as ligações, Lonergan examinou a pasta. Dia 12 de outubro... 13... 14... 16...
A página do dia 15 estava faltando.

* * *

Frank Lonergan esperava no saguão do Four Seasons quando Jackie Houston voltou da Casa Branca.
— Governadora Houston?
Ela virou-se.
— Pois não?
— Frank Lonergan. Trabalho no Washington Tribune. Quero lhe dizer o quanto todos nós lamentamos, governadora.
— Obrigada.
— Será que poderíamos conversar por um minuto?
— Não estou em condições de...
— Talvez eu possa ajudar. — Ele acenou com a cabeça para uma sala ao lado do saguão. — Não podemos sentar ali por um momento?
Ela respirou fundo.
— Está bem.
Foram para a sala e sentaram.
— Soube que sua filha visitou a Casa Branca no dia em que...
Lonergan não foi capaz de concluir a frase.
— Isso mesmo. Ela... ela fazia uma excursão com colegas da escola. Estava muito empolgada com a perspectiva de conhecer o presidente.
Lonergan manteve a voz casual:
— Ela ia se encontrar com o presidente Russell?
— Ia, sim. Eu arrumei. Somos velhos amigos.
— E ela esteve com o presidente, governadora Houston?
— Não. Ele não pôde recebê-la. — A voz saía abafada. Há uma coisa de que tenho certeza.
— Qual é?
— Paul Yerby não a matou. Estavam apaixonados um pelo outro.
— Mas a polícia disse...
— Não me interessa o que disseram. Prenderam um rapaz inocente, e ele... ele ficou tão transtornado que se enforcou. É terrível.
Frank Lonergan estudou-a por um instante.
— Se Paul Yerby não matou sua filha, tem alguma idéia de quem seria o culpado? Isto é, ela fez algum comentário sobre encontrar alguém em Washington?
— Não. Ela não conhecia ninguém aqui. Estava ansiosa em... em... — os olhos brilhavam com lágrimas. — Sinto muito, mas terá de me dar licença.
— Claro. Obrigado por seu tempo, governadora Houston.

* * *

A próxima parada de Lonergan foi no necrotério. Helen Chuan saía da sala de autópsia.
— Olhem só quem está aqui!
— Oi, doutora.
— O que o traz aqui, Frank?
— Eu queria conversar sobre Paul Yerby.
Helen Chuan suspirou.
— É uma pena. Aqueles garotos eram tão jovens...
— Por que um garoto como ele cometeria suicídio?
Helen Chuan deu de ombros.
— Quem sabe?
— Tem certeza de que ele cometeu suicídio?
— Se ele não cometeu, fez uma grande imitação. Tinha o cinto em torno do pescoço tão apertado que tiveram de cortá-lo para baixar o corpo.
— Não havia outras marcas ou qualquer coisa no corpo que pudessem sugerir uma armação?
Ela fitou-o com uma expressão curiosa.
— Não.
Lonergan acenou com a cabeça.
— Obrigado. Não vai querer manter seu paciente à espera.
— Engraçadinho...

* * *

Havia uma cabine telefônica no corredor externo. Lonergan obteve com a telefonista de informações de Denver o número da casa dos pais de Paul. A sra. Yerby atendeu. A voz soava cansada.
— Alô?
— Sra. Yerby?
— Sou eu.
— Lamento incomodá-la. Aqui é Frank Lonergan, do Washington tribune. Eu queria...
— Não posso...
Um momento depois, o sr. Yerby entrou na linha.
— Sinto muito, mas minha esposa está... Os jornais têm nos incomodado durante toda a manhã. Não queremos...
— Só vai levar um minuto, sr. Yerby. Há algumas pessoas em Washington que não acreditam que seu filho tenha matado Chloe Houston.

— Mas é claro que ele não matou! — A voz tornou-se subitamente mais forte. — Paul nunca poderia... nunca fez nada assim.
— Paul tinha amigos em Washington, sr. Yerby?
— Não. Ele não conhecia ninguém aí.
— Entendo. Bom, se houver alguma coisa que eu possa fazer...
— Há uma coisa que pode fazer por nós, sr. Lonergan. Já acertamos para que o corpo de Paul seja enviado para cá, mas não sei como recolher seus pertences. Gostaríamos de ficar com qualquer coisa que ele... Se pudesse me indicar com quem falar...
— Posso cuidar disso para vocês.
— Ficaríamos muito agradecidos.

* * *

Na seção de Homicídios, o sargento de plantão abriu uma caixa contendo os pertences pessoais de Paul Yerby.
— Não há muita coisa — disse ele.
— Apenas as roupas do garoto e uma câmera.
Lonergan enfiou a mão na caixa e tirou um cinto de couro preto. Não estava cortado.

* * *

Quando Frank Lonergan entrou na sala da secretária da agenda do presidente Russell, Deborah Kanner, ela se aprontava para sair para o almoço.
— Em que posso ajudá-lo, Frank?
— Tenho um problema, Deborah.
— E isso é novidade?
Frank Lonergan fingiu consultar algumas anotações.
— Tenho informações de que no dia 15 de outubro o presidente teve uma reunião secreta aqui com um emissário da China para conversar sobre o Tibete.
— Não sei de nenhuma reunião assim.
— Poderia verificar para mim?
— Qual foi mesmo a data que você disse?
— Dia 15 de outubro.
Lonergan observou enquanto Deborah tirava uma agenda da gaveta e verificava.
— Dia 15 de outubro? A que horas teria sido essa reunião?
— Dez horas da noite, aqui no Salão Oval.
Ela sacudiu a cabeça.
— Não. Às dez horas daquela noite o presidente estava numa reunião com o

general Whitman.
Lonergan franziu o rosto.
— Não foi o que me contaram. Eu poderia dar uma olhada nessa agenda?
— Sinto muito, mas é confidencial, Frank.
— Talvez eu tenha recebido uma informação errada. Obrigado, Deborah.
Ele se retirou.

* * *

Trinta minutos depois, Frank Lonergan estava conversando com o general Steve Whitman.
— General, o Tribune gostaria de dar alguma cobertura à reunião que teve no dia 15 de outubro com o presidente. Soube que algumas questões importantes foram discutidas.
O general sacudiu a cabeça.
— Não sei onde obteve essa informação, sr. Lonergan. A reunião foi cancelada. O presidente tinha outro compromisso.
— Tem certeza?
— Tenho, sim. Vamos marcar outra data.
— Obrigado, general.

* * *

Frank Lonergan voltou à Casa Branca. Foi de novo à sala de Deborah Kanner.
— O que é desta vez, Frank?
— A mesma coisa — disse Lonergan, pesaroso. — Meu informante jura que às dez horas da noite de 15 de outubro o presidente se encontrava aqui, reunido com um emissário da China, para discutir o Tibete.
Ela fitou-o com alguma exasperação.
— Quantas vezes tenho que lhe dizer que não houve essa reunião?
Lonergan suspirou.
— Para ser franco, não sei mais o que fazer. Meu chefe quer publicar essa notícia. É sensacional. Acho que teremos de publicá-la sem confirmação.
Ele se encaminhou para a porta.
— Espere um instante!
Lonergan virou-se.
— O que é?
— Não podem publicar essa história. Não é verdadeira. O presidente ficará furioso.
— Não me cabe a decisão.

Deborah hesitou.
— Se eu puder provar que ele estava reunido com o general Whitman, você vai esquecer essa história?
— Claro. Não quero causar nenhum problema.
Lonergan observou Deborah pegar a agenda de novo e folhear as páginas.
— Aqui está uma lista dos compromissos do presidente para essa data. Dê uma olhada. Dia 15 de outubro. — Havia duas páginas de registros. Deborah apontou para a anotação às dez horas da noite. — Veja aqui, preto no branco.
— Tem razão.
Lonergan se ocupava a esquadrinhar o resto da agenda naquele dia. E focalizou um registro às três horas da tarde. Chloe Houston.

* * *

A reunião convocada às pressas, no Salão Oval, durava apenas uns poucos minutos e a situação já era tensa de tanta divergência. O secretário da Defesa declarou:
— Se protelarmos por mais tempo, o problema escapará por completo ao controle. Será tarde demais para impedir.
— Não podemos nos precipitar. — O general Stephen Gossard virou-se para o diretor da CIA.
— Qual é a precisão das informações?
— É difícil determinar. Temos certeza de que a Líbia está comprando uma ampla variedade de armas do Irã e da China.
Oliver olhou para o secretário de Estado.
— A Líbia nega?
— Claro. E a China e o Irã também.
— E os outros Estados árabes? — indagou Oliver.
Foi o diretor da CIA quem respondeu.
— Pelas informações que tenho, senhor presidente, se for lançado um ataque mais sério contra Israel, creio que será a desculpa pela qual todos os outros Estados árabes aguardam. Vão se juntar para exterminar Israel.
Todos fitaram Oliver, em expectativa.
— Você tem fontes confiáveis na Líbia? — perguntou ele.
— Tenho, sim.
— Quero dados mais atualizados. Mantenha-me informado. Se houver sinais de um ataque, não teremos opção que não entrar em ação.
A reunião foi suspensa. A secretária avisou pelo interfone:
— O sr. Tager gostaria de lhe falar, senhor presidente.

— Mande-o entrar.

* * *

— Como foi a reunião? — perguntou Peter Tager.
— Ora, foi a mesma coisa de sempre — respondeu Oliver, amargurado. — Se vou querer iniciar uma guerra agora ou mais tarde.
Tager murmurou, compreensivo:
— São os atributos do cargo.
— É verdade.
— Surgiu algo interessante.
— Sente-se.
Peter Tager sentou-se.
— O que sabe sobre os Emirados Árabes Unidos?
— Não muita coisa — respondeu Oliver. Cinco ou seis Estados árabes se juntaram há cerca de vinte anos e formaram uma coalizão.
— Sete. Uniram-se em 1971. Abu Dhabi, Fujaira, Dubai, Sharjah, Ras al-IKhaimah, Umm al-Qaiwan e Ajman. Quando começaram, não eram muito fortes, mas os Emirados foram extraordinariamente bem administrados. Hoje têm um dos mais altos padrões de vida do mundo. O produto interno bruto no ano passado foi superior a trinta e nove bilhões de dólares.
Oliver disse, impaciente:
— Posso presumir que há um sentido nessa conversa, Peter?
— Claro que pode. O chefe do conselho dos Emirados Árabes Unidos quer uma reunião com você.
— Está bem. Chamarei o secretário da Defesa...
— Hoje. Em particular.
— Fala sério? Eu não poderia...
— Oliver, o Majlis, o conselho deles, é uma das mais importantes influências árabes no mundo. Conta com o respeito de todas as outras nações árabes. Pode ser uma valiosa abertura. Sei que é heterodoxo, mas acho que deve se encontrar com eles.
— O Departamento de Estado teria um ataque se eu...
— Tomarei todas as providências necessárias.
Houve um longo silêncio.
— Onde eles querem se encontrar comigo?
— Eles têm um iate ancorado na baía de Chesapeake, perto de Annapolis. Posso levá-lo até lá com a devida discrição.
Oliver permaneceu calado por algum tempo. Depois, inclinou-se para a frente e

apertou o botão do interfone.
— Cancele todos os meus compromissos para esta tarde.

* * *

O iate, um Feadship de 212 pés, estava atracado no cais. Estavam à sua espera. Todos os tripulantes eram árabes.
— Seja bem-vindo, senhor presidente. — Era Ali alFulani, o secretário de um dos Emirados Árabes Unidos. Suba, por favor.
Oliver embarcou e Ali al-Fulani fez sinal para um dos homens. O iate se afastou do cais poucos momentos depois.
— Vamos descer?
— Certo.
Onde posso ser assassinado ou sequestrado. É a coisa mais estúpida que já fiz, refletiu Oliver. *Talvez tenham me trazido até aqui para poderem desfechar o ataque contra Israel, deixando-me impossibilitado de ordenar a retaliação. Por que deixei Tager me persuadir a entrar nesta aventura?*
Oliver seguiu Ali al-Fulani para o suntuoso salão principal, ornamentado ao estilo do Oriente Médio. Havia quatro árabes musculosos montando guarda no salão. Um homem de aparência imponente, sentado num sofá, levantou-se quando Oliver entrou.
Ali al-Fulani apresentou-o:
— Sr. presidente, sua majestade o rei Hamad de Ajman.
Os dois homens trocaram um aperto de mãos.
— É um prazer, majestade.
— Obrigado por ter vindo, sr. presidente. Aceita um chá?
— Não, obrigado.
— Creio que chegará à conclusão de que esta visita valeu a pena. — O rei Hamad pôs-se a andar de um lado para outro. — Sr. presidente, ao longo dos séculos, tem sido difícil, se não mesmo impossível, transpor os problemas que nos dividem... filosóficos, linguísticos, religiosos, culturais. São esses os motivos pelos quais têm ocorrido tantas guerras em nossa parte do mundo. Se os judeus confiscam a terra de palestinos, ninguém em Omaha ou Kansas é afetado. Suas vidas continuam como sempre. Se uma sinagoga em Jerusalém sofre um atentado a bomba, os italianos em Roma e Veneza não dão a menor atenção.
Oliver se perguntou aonde aquela conversa levaria. Era o aviso de uma guerra iminente?
— Só há uma parte do mundo que sofre com todas as guerras e o derramamento de sangue no Oriente Médio. E essa parte é o Oriente Médio. — Ele sentou-se

diante de Oliver. — É tempo de pormos um paradeiro a esta loucura.
Vai começar, pensou Oliver.
— Os chefes dos Estados árabes e o Majlis me autorizaram a lhe apresentar uma proposta.
— Que tipo de proposta?
— Uma proposta de paz.
Oliver piscou, aturdido.
— Paz?
— Queremos fazer a paz com seu aliado, o Estado de Israel. Seus embargos contra o Irã e outros países árabes têm nos custado incontáveis bilhões de dólares. Queremos acabar com isso. Se os Estados Unidos atuarem como o patrocinador, os países árabes, inclusive Irã, Líbia e Síria, concordarão em sentar-se a uma mesa de reunião e negociar um tratado de paz permanente com Israel.
Oliver estava espantado. Quando recuperou a voz, disse:
— Estão fazendo isso porque...
— Eu lhe asseguro que não é por amor aos israelenses ou aos americanos. É do nosso próprio interesse. Muitos de nossos filhos foram mortos nesta loucura. Queremos que isso acabe. Já foi longe demais. Queremos ter liberdade para vender nosso petróleo ao mundo inteiro outra vez. Estamos dispostos a ir à guerra, se necessário, mas preferimos a paz.
Oliver respirou fundo.
— Acho que gostaria de tomar um chá.

* * *

— Eu gostaria que você tivesse participado — disse Oliver a Peter Tager. — Foi incrível. Eles estão prontos para entrar em guerra, mas não querem. São pragmáticos. Querem vender seu petróleo ao mundo inteiro, e por isso querem a paz.
— É fantástico! — exclamou Tager, entusiasmado. — Quando isso for divulgado, você se tornará um herói.
— E posso cuidar de tudo sozinho — comentou Oliver. — Não preciso pedir a aprovação do Congresso. Terei uma conversa com o primeiro-ministro de Israel. Nós o ajudaremos a fechar um acordo com os países árabes. — Ele fez uma pausa, fitou Tager e acrescentou, pesaroso: — Por alguns minutos ali, pensei que seria sequestrado.
— Não havia a menor possibilidade — garantiu Tager. — Pus um barco e um helicóptero para segui-lo.

* * *

— O senador Davis está aqui e deseja vê-lo, sr. presidente. Ele não tem hora marcada, mas diz que é urgente.
— Suspenda minha reunião seguinte e mande o senador entrar.
A porta se abriu e Todd Davis entrou no Salão Oval.
— É uma surpresa e tanto, Todd. Está tudo bem?
O senador Davis sentou-se.
— Está, sim, Oliver. Apenas achei que você e eu deveríamos ter uma conversinha.
Oliver sorriu.
— Eu tinha uma agenda lotada hoje, mas para você...
— Só vai demorar uns poucos minutos. Encontrei com Peter Tager. Ele me falou sobre a reunião com os árabes.
Oliver tornou a sorrir.
— Não é maravilhoso? Parece que finalmente teremos paz no Oriente Médio. — Ele bateu com o punho na mesa. — Depois de tantos anos! Vai ser por isso que minha administração será lembrada, Todd.
O senador Davis perguntou com uma voz suave:
— Pensou bem a respeito, Oliver?
Oliver franziu o rosto.
— Como assim?
— Paz é uma palavra simples, mas tem muitas ramificações. A paz não traz nenhum benefício financeiro. Quando há uma guerra, os países compram bilhões de dólares em armamentos, que são produzidos aqui nos Estados Unidos. Em tempos de paz, não há necessidade de comprar nada. Como o Irã não pode vender seu petróleo, os preços estão altos, e os Estados Unidos se beneficiam disso.
Oliver escutava com uma expressão de incredulidade.
— Todd... esta é a oportunidade única na vida!
— Não seja ingênuo, Oliver. Se realmente quiséssemos promover a paz entre Israel e os países árabes, já o teríamos feito há muito tempo. Israel é um país mínimo.
Qualquer um dos últimos presidentes poderia ter obrigado Israel a fazer um acordo com os árabes, mas todos preferiram manter as coisas como estavam. Não me entenda mal. Os judeus são ótimas pessoas. Trabalho com alguns deles no Senado.
— Não acredito que você possa...
— Acredite no que quiser, Oliver. Um tratado de paz agora não atenderia ao

melhor interesse de nosso país. Não quero que leve isso adiante.
— Tenho de levar.
— Não me diga o que você tem de fazer, Oliver. — O senador Davis inclinou-se para a frente. — Eu lhe direi o que tem de fazer. Não esqueça de quem o pôs nessa cadeira.
— Todd, você pode não me respeitar, mas tem de respeitar este cargo — declarou Oliver, muito calmo. — Independente de quem me pôs aqui, sou o presidente.
O senador Davis levantou-se.
— O presidente? Você não passa de uma porra de um boneco, Oliver! O meu fantoche! Recebe ordens, não as dá. Oliver fitou-o em silêncio por um longo momento.
— Quantos campos de petróleo você e seus amigos possuem, Todd?
— Isso não é da porra da sua conta. Se insistir nessa loucura, estará liquidado. Está me entendendo? Eu lhe dou vinte e quatro horas para recuperar o bom senso!

* * *

Ao jantar, naquela noite, Jan disse:
— Papai me pediu para conversar com você, Oliver. Ele está muito transtornado.
Ele olhou para a esposa através da mesa e pensou: Terei de brigar com você também.
— Ele me contou o que está acontecendo.
— É mesmo?
— É, sim. — Jan inclinou-se através da mesa. — E acho maravilhoso o que você vai fazer.
Oliver demorou um pouco para absorver.
— Mas seu pai é contra.
— Sei disso. E ele está errado. Se eles querem promover a paz... você tem de ajudar.
Oliver estudou Jan. Pensou no quanto ela se saíra bem como primeira-dama. Envolvera-se em importantes obras de caridade e era defensora de meia dúzia de grandes causas. Era linda, inteligente e interessada... e foi como se Oliver a visse pela primeira vez. *Por que fico dando voltas por aí?,* pensou ele. *Tenho tudo que preciso aqui mesmo.*
— Terá uma longa reunião esta noite?
— Não — respondeu Oliver, falando bem devagar. — Vou cancelá-la. Ficarei em casa.

Naquela noite, Oliver fez amor com Jan pela primeira vez em semanas e foi maravilhoso. E pela manhã ele pensou: *Pedirei a Peter para devolver o apartamento.*

* * *

O bilhete estava em sua mesa na manhã seguinte.

Quero que saiba que sou um grande fã seu, e não faria coisa alguma para prejudicá-lo. Eu estava na garagem do Monroe Arnis no dia 15, e fiquei muito surpreso ao vê-lo ali. No dia seguinte, quando li sobre o assassinato da garota, compreendi por que voltou para limpar suas impressões digitais dos botões do elevador. Tenho certeza de que todos os jornais estariam interessados em minha história e me pagariam um bocado de dinheiro. Mas, como disse, sou seu fã. Não ia querer fazer coisa alguma que pudesse prejudicá-lo. Mas bem que preciso de alguma ajuda financeira e, se estiver interessado, isso ficará apenas entre nós dois. Entrarei em contato daqui a alguns dias, dando tempo para que pense a respeito.
Sinceramente,
Um amigo.

— Essa não! — murmurou Sime Lombardo.
— Isso é incrível! Como foi entregue?
— Veio pelo correio — informou Peter Tager. — Endereçado ao presidente, "pessoal".
— Pode ser apenas algum maluco que está tentando...
— Não podemos correr nenhum risco, Sime. Não acredito por um minuto sequer que seja verdade, mas se um único sussurro dessa história transpirar, destruiria o presidente. Temos de protegê-lo.
— E como faremos isso?
— Para começar, precisamos descobrir quem mandou esta carta.

* * *

Peter Tager estava na sede do FBI, na esquina da rua 10 com a Pennsylvania Avenue, conversando com o agente especial Clay Jacobs.
— Disse que era urgente, Peter?
— Disse.
Peter Tager abriu sua pasta e tirou uma única folha de papel. Clay Jacobs pegou e leu em voz alta:
— "Quero que saiba que sou um grande fã seu, Entrarei em contato daqui a

alguns dias, dando tempo para que pense a respeito."
Todo o resto entre essas duas frases fora apagado. Jacobs levantou os olhos.
— O que é isto?
— Envolve a mais alta segurança — disse Peter Tager. — O presidente me pediu que tentasse descobrir quem mandou. Pede que vocês verifiquem as impressões digitais.
Clay Jacobs tornou a estudar o papel, franzindo o rosto.
— Isso é bastante estranho, Peter.
— Por quê?
— A impressão é de que há alguma coisa errada.
— O presidente pede apenas que lhe deem o nome da pessoa que escreveu.
— Presumindo que tenha deixado suas impressões digitais no papel.
Peter Tager acenou com a cabeça.
— Isso mesmo.
— Espere aqui.
Jacobs levantou-se e deixou a sala. Peter Tager olhou pela janela, pensando na carta e nas possíveis consequências. Clay Jacobs voltou exatamente sete minutos depois.
— Você está com sorte.
O coração de Peter Tager disparou.
— Descobriram alguma coisa?
— Descobrimos. — Jacobs entregou a Tager um pedaço de papel. — O homem que você procura esteve envolvido num acidente de trânsito há cerca de um ano. Seu nome é Carl Gorman. Trabalha no Monroe Arms. — Ele estudou Tager por um momento, antes de acrescentar: — Há mais alguma coisa que gostaria de me dizer a respeito, Peter?
— Não — respondeu Peter Tager, com toda sinceridade — Não há.

* * *

— Frank Lonergan está na linha três, srta. Stewart. Ele diz que é urgente.
— Vou atender. — Leslie pegou o fone e apertou um botão.
— Frank?
— Está sozinha?
— Estou.
Ela ouviu-o respirar fundo.
— Muito bem, aqui vamos nós.
E Lonergan falou sem interrupção pelos dez minutos seguintes.

* * *

Leslie Stewart entrou apressada na sala de Matt Baker.
— Precisamos conversar, Matt. — Ela sentou-se na frente da mesa. — E se eu lhe dissesse que Oliver Russell está envolvido no assassinato de Chloe Houston?
— Para começar, eu diria que é paranoica e passou dos limites.
— Frank Lonergan acaba de me telefonar. Ele conversou com a governadora Houston, que não acredita que Paul Yerby tenha matado sua filha. E falou com os pais de Paul Yerby. Eles também não acreditam.
— Eu não esperaria que eles acreditassem — comentou Matt Baker. — Se é apenas isso...
— Isso é apenas o começo. Frank foi ao necrotério e falou com a médica-legista. Ela informou que o cinto do garoto estava tão apertado que tiveram de cortá-lo de seu pescoço.
Matt Baker escutava com a maior atenção agora.
— E...?
— Frank foi pegar os pertences de Yerby. O cinto estava lá. Intacto.
Matt Baker respirou fundo.
— Está me dizendo que ele foi assassinado na cadeia e houve um acobertamento?
— Não estou dizendo nada, apenas relato os fatos. Oliver Russell tentou me fazer usar ecstasy numa ocasião. Quando ele era candidato a governador, uma mulher que era secretária no legislativo estadual morreu de uma overdose de ecstasy. Quando ele era governador, sua secretária foi encontrada num parque em coma induzido por ecstasy. Lonergan descobriu que Oliver telefonou para o hospital e sugeriu que desligassem os aparelhos de sustentação da vida. — Leslie fez uma pausa, inclinou-se para a frente. — Houve um telefonema da Suíte Imperial para a Casa Branca na noite em que Chloe Houston foi assassinada. Frank verificou os registros telefônicos do hotel. A página referente ao dia 15 fora arrancada. A secretária de agenda do presidente informou a Lonergan que Oliver teve uma reunião com o general Whitman naquela noite. Não houve essa reunião. Frank falou com a governadora Houston e ela disse que Chloe visitara a Casa Branca e que combinara um encontro de sua filha com o presidente.
Houve um silêncio prolongado.
— Onde Frank Lonergan está agora? — perguntou Matt Baker.
— Procurando Carl Gorman, o recepcionista do hotel que fez a reserva da Suíte Imperial.

* * *

— Sinto muito, mas não damos informações pessoais sobre os nossos

empregados — disse Jeremy Robinson.
Frank Lonergan insistiu:
— Só estou pedindo o endereço de sua casa para poder...
— Não adiantaria. O sr. Gorman viajou em férias.
Lonergan suspirou.
— É uma pena. Eu esperava que ele pudesse preencher os espaços em branco.
— Espaços em branco?
— Isso mesmo. Vamos publicar uma grande reportagem sobre a morte da filha da governadora Houston em seu hotel. Bom, terei de completar a matéria sem Gorman. — Ele pegou um bloco e uma caneta. — Há quanto tempo este hotel existe? Quero saber de tudo sobre sua história, sua clientela...
Jeremy Robinson franziu o rosto.
— Espere um pouco. Tenho certeza que isso não é necessário. Afinal, ela poderia ter morrido em qualquer lugar.
Frank Lonergan balançou a cabeça, com uma expressão compadecida.
— Sei disso, mas foi aqui que aconteceu. Seu hotel vai se tornar tão famoso quanto Watergate.
— Sr.?
— Lonergan.
— Sr. Lonergan, eu agradeceria se pudesse... isto é, uma publicidade assim é sempre prejudicial. Não há nenhuma possibilidade ...?
Lonergan se mostrou pensativo por um momento.
— Se eu pudesse conversar com o sr. Gorman, talvez encontrasse um ângulo diferente.
— Eu ficaria muito agradecido por isso. Vou lhe dar o endereço dele.

* * *

Frank Lonergan começava a ficar nervoso. À medida que a sequência de acontecimentos ia se definindo, tomava-se evidente que ocorrera uma conspiração para assassinato e uma operação de encobrimento no mais alto nível. Antes de procurar o recepcionista do hotel, ele decidiu passar por seu apartamento. Sua esposa, Rita, estava na cozinha, preparando o jantar. Era uma ruiva pequena, com olhos verdes faiscantes e uma pele muito clara. Virou-se, surpresa, quando o marido entrou.
— O que veio fazer em casa no meio do dia, Frank?
— Apenas pensei em passar por aqui e dar um olá.
Ela fitou-o nos olhos.
— Não é só isso. Há mais alguma coisa acontecendo. O que é?

Lonergan hesitou.
— Há quanto tempo não visita sua mãe?
— Estive com ela na semana passada. Por quê?
— Por que não a visita de novo, meu bem?
— Há alguma coisa errada?
Ele sorriu.
— Errada? — Lonergan foi até a cornija da lareira. — É melhor começar a tirar a poeira. Vamos pôr um Prêmio Pulitzer aqui e um Prêmio Peabody ali.
— Do que está falando?
— Estou investigando um caso que vai abalar uma porção de gente... e nos mais altos níveis. É a reportagem mais emocionante que já fiz.
— Por que quer que eu visite minha mãe?
Lonergan deu de ombros.
— Há uma chance mínima de que o caso se torne um pouco perigoso. Algumas pessoas tentam ocultar os fatos. Eu me sentiria melhor se você passasse alguns dias fora de casa, até que tudo fique esclarecido.
— Mas se você corre perigo...
— Não, não corro nenhum perigo.
— Tem certeza de que nada vai acontecer com você?
— Absoluta. Arrume algumas roupas e saia logo daqui. Telefonarei para você esta noite.
— Está bem — murmurou Rita, relutante.
Lonergan olhou para seu relógio.
— Eu a levarei à estação ferroviária.

* * *

Uma hora depois, Lonergan parou diante de uma modesta casa de alvenaria na área de Wheaton. Saiu do carro, foi até a porta da frente e tocou a campainha.
Ninguém veio atender. Ele tocou de novo e esperou. A porta foi aberta abruptamente e uma mulher corpulenta, de meia-idade, fitou-o com expressão desconfiada.
— O que você quer?
— Sou da Receita Federal. — Lonergan mostrou uma identificação, sem dar tempo para a mulher verificar.
— Quero falar com Carl Gorman.
— Meu irmão não está.
— Sabe onde posso encontrá-lo?
— Não.

Depressa demais. Lonergan balançou a cabeça.
— É uma pena. Muito bem, pode começar a empacotar as coisas dele. Pedirei ao departamento para mandar o caminhão. — Lonergan virou-se, começou a voltar para seu carro.
— Ei, espere um minuto! Que caminhão? Do que está falando?
Lonergan parou, tornou a se virar para a mulher.
— Seu irmão não lhe contou?
— Contou o quê?
Lonergan se aproximou alguns passos.
— Ele está numa encrenca.
A mulher fitou-o com uma expressão ansiosa.
— Que tipo de encrenca?
— Lamento, mas não estou autorizado a falar a respeito. — Lonergan balançou a cabeça. — E ele parece uma boa pessoa.
— E é mesmo! — exclamou a mulher, com veemência. — Carl é uma pessoa maravilhosa!
Lonergan acenou com a cabeça.
— Foi essa a impressão que tive quando o interrogamos no departamento.
O pânico da irmã era evidente.
— Interrogaram sobre o quê?
— Fraude no imposto de renda. É uma pena. Eu queria dizer a ele que há uma contradição nas normas que poderia ajudá-lo, mas... — Lonergan tornou a se virar para ir embora.
— Espere! Ele... Carl foi para um hotel de pesca. Eu não deveria contar a ninguém onde fica.
Ele deu de ombros.
— Por mim, tudo bem.
— Não... mas este caso é diferente. É o Sunshine Fishing Lodge, no lago em Richmond, Virginia.
— Está certo. Entrarei em contato com ele.
— Seria maravilhoso. Tem certeza de que não vai acontecer nada com Carl?
— Absoluta. Providenciarei para que ele seja bem cuidado.

* * *

Lonergan pegou a 1-95, rumo ao sul, Richmond ficava a pouco mais de 150 quilômetros de distância. Em férias, anos antes, Lonergan pescara no lago, e tivera sorte. Esperava ter sorte também desta vez.
Caía uma chuva fina, mas Carl Gorman não se importava. Era nessas ocasiões

que os peixes mais mordiam a isca. Queria pegar a perca-listrada, e usava barrigudinhos como isca, suspensos por boias, na esteira do bote a remo. As ondas batiam contra a pequena embarcação, no meio do lago, e a isca continuava intocada. Os peixes não estavam com pressa. Não importava. Ele também não tinha pressa. Nunca se sentira mais feliz. Ia ficar mais rico do que imaginara em seus sonhos mais delirantes. Fora um golpe de sorte. Você precisa estar no lugar certo no momento certo.

Ele voltara ao Monroe Arins para buscar um casaco que esquecera e já ia deixar a garagem quando a porta do elevador privativo abrira. Ao ver quem saía, ele arriara em seu carro, aturdido. Observara o homem voltar, limpar as impressões digitais no elevador e depois partir.

Mas só compreendera tudo ao ler a notícia do assassinato no dia seguinte. De certa forma, sentia pena do homem. *Sou mesmo fã dele. O problema é que um homem assim, tão famoso, jamais consegue se esconder. Aonde quer que vá, o mundo o conhece. Ele me pagará para ficar quieto. Não tem opção. Começarei com cem mil. Depois que ele pagar uma vez, terá de continuar a pagar. Talvez eu compre um castelo na França ou um chalé na Suíça.*

Carl Gorman sentiu um puxão na extremidade da linha e apertou o caniço. Podia sentir o peixe tentando escapar. *Você não vai a lugar nenhum. Está fisgado.*

À distância, ele ouviu o barulho de uma lancha grande se aproximando. *Não deveriam permitir lanchas no lago. Só servem para afugentar os peixes.* A lancha vinha em sua direção.

— Não chegue tão perto! — gritou Carl.

A lancha parecia vir direto para cima dele.

— Ei, tome cuidado! Veja para onde vai! Pelo amor de Deus...

A lancha atingiu o bote, partiu-o ao meio, e a água sugou Gorman para baixo.

— Mas que bêbado idiota!

Ele ofegava para respirar. Conseguiu projetar a cabeça além da superfície. A lancha fizera a volta e se aproximava de novo. E a última coisa que Carl Gorman sentiu, antes da lancha esmagar seu crânio, foi outro puxão do peixe na linha.

* * *

Quando Frank Lonergan chegou ao local, a área estava apinhada de carros da polícia, um caminhão do corpo de bombeiros e uma ambulância. A ambulância partia naquele momento. Frank Lonergan saltou do carro e perguntou a um espectador:

— O que aconteceu?

— Algum pobre coitado sofreu um acidente no lago. Não restou muita coisa

dele.
E Lonergan soube no mesmo instante.

* * *

À meia-noite, Frank Lonergan trabalhava em seu computador, sozinho no apartamento, escrevendo a reportagem que destruiria o presidente dos Estados Unidos. Era uma reportagem que lhe valeria o Prêmio Pulitzer. Não havia a menor dúvida a respeito em sua mente. Aquela matéria haveria de torná-lo mais famoso do que Woodward e Berristein. Era a reportagem do século. Ele foi interrompido pelo som da campainha da porta. Levantou-se e foi atender.
— Quem é?
— Uma encomenda de Leslie Stewart. Ela obteve novas informações.
Ele abriu a porta. Viu um brilho de metal, uma dor insuportável dilacerou seu peito. E depois o nada.

* * *

A sala de estar de Frank Lonergan dava a impressão de que fora atingida por um furacão em miniatura. Todas as gavetas e armários haviam sido abertos, o conteúdo espalhava-se pelo chão.
Nick Reese observou o corpo de Frank Lonergan sendo removido. Virou-se para o detetive Steve Brown.
— Algum sinal da arma do crime?
— Não.
— Já falou com os vizinhos?
— Já. O prédio é um zoológico, cheio de macacos. Não veja, não ouça, não fale. Nada. A sra. Lonergan está voltando para a cidade. Soube da notícia pelo rádio. Houve outros assaltos na área durante os últimos seis meses e...
— Não sei se foi um assalto.
— Como assim?
— Lonergan esteve na delegacia no outro dia para recolher os pertences de Paul Yerby. Eu gostaria de saber em que reportagem ele trabalhava. Não há papéis nas gavetas?
— Não.
— Nem anotações?
— Nada.
— Portanto, ou ele era muito meticuloso, ou alguém se deu ao trabalho de levar tudo.
Reese foi até a escrivaninha. Um cabo pendia ali, sem estar ligado a nada. Reese

levantou-o.
— O que é isto?
O detetive Brown adiantou-se para olhar.
— É um cabo de um computador. Devia haver um aqui. Isso significa que pode haver backups em algum lugar.
— Levaram o computador, mas Lonergan pode ter guardado uma cópia de seus arquivos. Vamos procurar.
Encontraram o disquete de backup numa pasta no carro de Lonergan. Reese entregou a Brown.
— Leve à delegacia. Deve haver uma senha de entrada. Peça a Chris Colby para dar uma olhada. Ele é o nosso perito.
A porta da frente do apartamento foi aberta e Rita Lonergan entrou. Estava pálida e transtornada. Parou ao ver os homens.
— Sra. Lonergan?
— Quem são...?
— Detetive Nick Reese. Homicídios. E este é o detetive Brown.
Ela olhou ao redor.
— Onde...?
— Tivemos de remover o corpo de seu marido, sra. Lonergan. Lamento profundamente. Sei que é um momento horrível, mas preciso fazer algumas perguntas.
Ela fitou-o, e de repente o medo povoou seus olhos. Era a última reação que Reese esperava. De que ela tinha medo?
— Seu marido trabalhava numa reportagem especial, não é mesmo?
Estou investigando um caso que vai abalar uma porção de gente... e nos mais altos níveis. É a reportagem mais emocionante que já fiz.
— Sra. Lonergan?
— Eu... não sei de nada.
— Sabe qual era o assunto da reportagem?
— Não. Frank nunca conversava comigo sobre seu trabalho.
Era evidente que ela mentia.
— Não tem idéia de quem poderia tê-lo matado?
Rita Lonergan olhou ao redor, para as gavetas e armários abertos.
— Há... deve ter sido um assaltante.
O detetive Reese e o detetive Brown trocaram um olhar.
— Se não se importam, eu... gostaria de ficar sozinha. Foi um choque terrível.
— Claro. Há alguma coisa que possamos fazer para ajudá-la?
— Não. Apenas... apenas saiam, por favor.
— Voltaremos depois — prometeu Nick Reese.

* * *

Ao chegar à delegacia, o detetive Reese telefonou para Matt Baker.
— Estou investigando o assassinato de Frank Lonergan — disse ele. — Pode me informar sobre a reportagem em que ele trabalhava?
— Posso, sim. Frank investigava a morte de Chloe Houston.
— Entendo. Ele já tinha apresentado alguma matéria?
— Não. Esperávamos pelo texto quando... — Matt não continuou.
— Certo. Obrigado, sr. Baker.
— Se descobrir alguma coisa, pode me informar?
— Será o primeiro a saber — garantiu Reese.

* * *

Na manhã seguinte, Dana Evans entrou na sala de Tom Hawkins.
— Quero fazer a reportagem sobre a morte de Frank. Gostaria de falar com a viúva.
— Boa idéia. Designarei uma equipe para acompanhá-la.
Ao final da tarde, Dana e sua equipe pararam diante do prédio de apartamentos em que Frank Lonergan residia. Com a equipe a segui-la, Dana foi tocar a campainha do apartamento. Era o tipo de entrevista que Dana receava. Já era bastante horrível mostrar na televisão as vítimas de crimes violentos, mas se intrometer na dor das famílias desoladas parecia-lhe ainda pior. A porta foi aberta e Rita Lonergan apareceu.
— O que vocês...?
— Lamento incomodá-la, sra. Lonergan. Sou Dana Evans, da WTE. Gostaríamos que nos falasse sobre sua reação ao...
Rita Lonergan ficou imóvel por um momento, e depois gritou:
— Assassinos!
Ela virou-se e correu para dentro do apartamento. Dana olhou para o câmera, chocada.
— Espere aqui.
Dana entrou e foi encontrar Rita Lonergan no quarto.
— Sra. Lonergan...
— Saia daqui! Vocês mataram meu marido!
Dana ficou perplexa.
— Como assim?
— Deram ao Frank uma missão tão perigosa que ele me obrigou a deixar a cidade porque... porque temia por minha vida.

Dana fitou-a, consternada.
— Mas... que reportagem era essa em que ele trabalhava?
— Frank não quis me contar. — Ela fazia um esforço para conter a histeria. — Disse que era... perigosa demais. Uma coisa grande. Falou sobre o Prêmio Pulitzer e...
Rita Lonergan começou a chorar. Dana adiantou-se e abraçou-a.
— Sinto muito. Ele falou mais alguma coisa?
— Não. Apenas disse que eu precisava deixar a cidade e me levou à estação ferroviária. Ia conversar com algum... algum empregado de hotel.
— Onde?
— No Monroe Arms.

* * *

— Não sei por que está aqui, srta. Evans — protestou Jeremy Robinson. — Lonergan prometeu que não haveria publicidade sobre o hotel, se eu cooperasse.
— Sr. Robinson, o sr. Lonergan está morto. Tudo o que quero é algumas informações.
Jeremy Robinson sacudiu a cabeça.
— Não sei de nada...
— O que disse ao sr. Lonergan?
Robinson suspirou.
— Ele pediu o endereço de Carl Gorman, meu recepcionista. E eu dei.
— O sr. Lonergan foi procurá-lo?
— Não tenho a menor idéia.
— Eu gostaria que me desse esse endereço.
Jeremy fitou-a em silêncio por um momento, tornou a suspirar.
— Está bem. Ele morava com a irmã.
Um instante depois, Dana tinha o endereço. Robinson observou-a deixar o hotel, depois pegou o telefone e ligou para a Casa Branca. E se perguntou por que eles se mostravam tão interessados pelo caso.

* * *

Chris Colby, o perito em computador do departamento, entrou na sala do detetive Reese segurando um disquete. Quase tremia de excitação.
— O que conseguiu? — perguntou Reese.
Chris Colby respirou fundo.
— Isto vai deixá-lo espantado. Aqui tem uma cópia impressa do que há no disquete.

O detetive Reese começou a ler e uma expressão de incredulidade se estampou em seu rosto.
— Santa Mãe de Deus! — exclamou ele. — Tenho de mostrar isto ao capitão Miller.
Quando o capitão Otto Miller acabou de ler a cópia impressa, levantou os olhos para o detetive Reese.
— Eu... nunca vi nada igual.
— Nunca houve nada igual — declarou Reese.
— O que fazemos com isso?
O capitão Miller respondeu em voz pausada:
— Acho que devemos entregar este material à procuradora-geral dos Estados Unidos.

* * *

Estavam reunidos na sala de Barbara Gatlin, a procuradora-geral. Participavam da reunião Scott Brandon, diretor do FBI, Dean Bergstrom, chefe de polícia de Washington, James Frisch, diretor da CIA, e Edgar Graves, presidente do Supremo Tribunal Federal. Barbara Gatlin disse:
— Pedi que viessem aqui porque preciso do conselho de vocês. Para ser franca, não sei o que fazer. Temos uma situação singular. Frank Lonergan era um repórter do Washington Tribune. Quando foi morto, ele se encontrava no meio de uma investigação sobre o assassinato de Chloe Houston. Vou ler o texto que a polícia encontrou num disquete no carro de Lonergan.
Ela olhou para as folhas em sua mão e começou a ler, em voz alta:
— "Tenho motivos para acreditar que o presidente dos Estados Unidos cometeu pelo menos um assassinato e está envolvido em mais quatro..."
— O quê? — murmurou Scott Brandon, atordoado.
— Deixe-me continuar.
Ela recomeçou a ler:
— "Obtive as seguintes informações de várias fontes. Leslie Stewart, a proprietária e editora do Washington Tribune, está disposta a jurar que uma ocasião Oliver Russell tentou persuadi-la a tomar uma droga ilegal chamada ecstasy líquido. Quando Oliver Russell era candidato a governador do Kentucky, Lisa Burnette, uma secretária que trabalhava no legislativo estadual, ameaçou processá-lo por assédio sexual. Russell disse a um colega que teria de conversar com ela. No dia seguinte, o corpo de Lisa Burnette foi encontrado no rio Kentucky. Ela morreu de uma overdose de ecstasy líquido. A secretária do então governador Oliver Russell, Miriam Friedland, foi encontrada inconsciente num

banco de parque durante a madrugada. Estava em coma induzido por ecstasy líquido. A polícia esperava que ela recuperasse os sentidos para descobrir quem lhe dera a droga. Oliver Russell telefonou para o hospital e sugeriu que desligassem os aparelhos que a mantinham viva. Miriam Friedland morreu sem sair do coma. Chloe Houston foi morta por uma overdose de ecstasy líquido. Descobri que na noite de sua morte foi dado um telefonema do hotel para a Casa Branca. Procurei os registros telefônicos do hotel, mas a página para esse dia fora arrancada. Fui informado de que o presidente se encontrava numa reunião naquela noite, mas descobri que a reunião fora cancelada. Ninguém sabe do paradeiro do presidente naquela noite. Paul Yerby foi detido como suspeito do assassinato de Chloe Houston. O capitão Miller informou à Casa Branca onde Yerby se achava detido. Na manhã seguinte, Yerby foi encontrado enforcado em sua cela. Ele teria se enforcado com seu cinto, mas quando procurei seus pertences pessoais na delegacia encontrei o cinto, intacto. Através de um amigo no FBI, descobri que uma carta de chantagem foi enviada à Casa Branca. O presidente Russell pediu ao FBI que verificasse as impressões digitais na carta. A maior parte do texto fora coberta por tinta branca, mas o FBI foi capaz de decifrá-la com a ajuda de um infrascópio. As impressões digitais na carta pertenciam a Carl Gorman, um recepcionista no Monroe Arms Hotel, provavelmente o único que poderia conhecer a identidade da pessoa que reservou a suíte em que a moça foi morta. Ele viajara para um hotel de pesca, mas seu nome fora revelado à Casa Branca. Quando cheguei lá, descobri que Gorman morrera no que parecia ter sido um acidente. Há ligações demais para que essas mortes sejam apenas coincidência. Vou continuar na investigação, mas devo confessar que estou com medo. Pelo menos registrei tudo isto, caso algo venha a me acontecer. Mais depois."

— Oh, Deus! — exclamou James Frisch. — Isso... é horrível!

— Não posso acreditar.

Barbara Gatlin declarou:

— Lonergan acreditava, e é bem provável que tenha sido morto para se impedir que as informações vazassem.

— O que faremos agora? — perguntou Graves, o presidente do Supremo Tribunal. — Como perguntar ao presidente dos Estados Unidos se ele matou meia dúzia de pessoas?

— É uma boa pergunta. Vamos promover seu impeachment? Prendê-lo? Jogá-lo na cadeia?

— Antes de fazermos qualquer coisa — disse Gatlin —, acho que devemos apresentar este texto ao próprio presidente e lhe dar uma oportunidade de se explicar.

Houve murmúrios de concordância.
— Enquanto isso, mandarei preparar um mandado para a prisão dele. Devemos estar preparados para tudo.
Um dos homens na sala estava pensando: *Tenho de informar Peter Tager.*

* * *

Peter Tager largou o telefone e continuou sentado, em silêncio, pensando no que acabara de ouvir. Levantou-se, atravessou o corredor até a sala de Deborah Kanner.
— Preciso falar com o presidente.
— Ele está numa reunião. Se puder...
— Tenho de falar com ele agora, Deborah. É urgente.
Ela reconheceu a expressão de Tager.
— Está bem.
Ela pegou o telefone e apertou um botão.
— Lamento interrompê-lo, sr. presidente, mas o sr. Tager está aqui e disse que precisa vê-lo. — Ela escutou por um momento. — Obrigada.
Deborah Kanner desligou, virou-se para Tager e avisou:
— Cinco minutos.
Cinco minutos depois, Peter Tager estava a sós com o presidente Russell no Salão Oval.
— O que é tão importante, Peter?
Tager respirou fundo.
— A procuradora-geral e o FBI acham que você está envolvido em seis assassinatos.
Oliver sorriu.
— Isso é alguma espécie de piada...
— Acha mesmo? Pois eles estão vindo para cá agora. Acreditam que você matou Chloe Houston...
Oliver empalideceu.
— O quê?
— Sei que é um absurdo. Pelo que disseram, todas as provas são circunstanciais. Tenho certeza de que poderá explicar onde estava na noite em que a moça morreu.
Oliver ficou calado. Peter Tager esperou.
— Pode explicar, não é, Oliver?
Oliver engoliu em seco.
— Não, não posso.

— Mas tem de explicar!
— Peter, preciso ficar a sós...

* * *

Peter Tager foi falar com o senador Davis no Capitólio.
— O que é tão urgente, Peter?
— É... é sobre o presidente.
— O que aconteceu?
— A procuradora-geral e o FBI acham que Oliver é um assassino.
O senador Davis fitou aturdido.
— Mas que história é essa?
Tager relatou tudo. Quando ele acabou, o senador Davis murmurou:
— Mas que filho da puta idiota! Sabe o que isso significa?
— Sim, senhor. Significa que Oliver...
— Oliver que se foda. Passei anos para pô-lo no lugar onde o quero. Não me importa o que aconteça com ele. Estou no controle agora, Peter. Tenho o poder. Não vou permitir que a estupidez de Oliver o tire de mim. Não vou permitir que ninguém o tire de mim!
— Não sei como pode...
— Não disse que todas as provas são circunstanciais?
— Isso mesmo. Fui informado de que não existe nenhuma prova concreta. Mas ele não tem um álibi.
— Onde o presidente está neste momento?
— No Salão Oval.
— Pois tenho boas notícias para ele — anunciou o senador Todd Davis.

* * *

O senador Davis sentou-se diante de Oliver no Salão Oval.
— Estive ouvindo algumas coisas surpreendentes, Oliver. Um absurdo, é claro. Não sei é como alguém poderia pensar que você...
— Eu também não. Não fiz nada de errado, Todd.
— Tenho certeza de que não fez. Mas e se por acaso se espalhar a notícia de que você sequer foi suspeito de crimes tão horríveis... pode compreender como isso afetaria o cargo, não é mesmo?
— Claro, mas...
— Você é importante demais para deixar que uma coisa assim aconteça. Este gabinete controla o mundo, Oliver. Não vai querer renunciar a isto.
— Não sou culpado de nada, Todd.

— Mas eles acham que você é. Fui informado que não tem álibi para a noite em que Chloe Houston foi assassinada. É verdade?
Houve um momento de silêncio.
— É, sim.
O senador Davis sorriu.
— O que aconteceu com a sua memória, filho? Esteve comigo naquela noite. Passamos a noite toda juntos.
Oliver fitou-o nos olhos, confuso.
— Como?
— Isso mesmo que você ouviu. Sou seu álibi. Ninguém vai questionar minha palavra. Mas ninguém mesmo. Vou salvá-lo, Oliver.
Houve um longo silêncio.
— O que você quer em troca, Todd?
O senador Davis acenou com a cabeça.
— Começaremos pela conferência de paz do Oriente Médio. Pode cancelá-la. Depois, conversaremos sobre o resto. Tenho grandes planos para nós. Não vamos deixar que nada os estrague.
Oliver declarou:
— Vou realizar a conferência de paz.
Os olhos do senador Davis se contraíram.
— O que você disse?
— Decidi levar adiante as negociações. O importante, Todd, não é por quanto tempo um presidente permanece no cargo, mas sim o que ele faz durante seu mandato.
O rosto do senador Davis começava a ficar vermelho.
— Sabe o que está fazendo?
— Sei.
O senador inclinou-se através da mesa.
— Não creio que saiba. Eles estão a caminho daqui para acusá-lo de assassinato, Oliver. Onde pretende negociar seus acordos... na penitenciária? Acaba de jogar toda a sua vida no lixo, seu idiota...
Uma voz soou pelo interfone:
— Sr. presidente, há algumas pessoas aqui que desejam lhe falar. A procuradora Gatlin, o sr. Brandon, do FBI, o ministro Graves...
— Mande-os entrar.
O senador Davis disse, em tom sarcástico:
— Parece que eu deveria me ater a julgar carne de cavalo. Cometi um grande erro com você, Oliver. Mas você cometeu o maior erro de sua vida. Vou destruí-lo.

A porta foi aberta e a procuradora Gatlin entrou, acompanhada por Brandon, Graves e Bergstrom. O ministro Graves murmurou:
— Senador Davis...
Todd Davis acenou com a cabeça bruscamente e saiu da sala. Barbara Gatlin foi fechar a porta. Aproximou-se da mesa.
— Sr. presidente, é uma situação bastante embaraçosa, mas espero que compreenda. Temos de lhe fazer algumas perguntas.
Oliver confrontou-os.
— Já fui informado do motivo da presença de vocês aqui. É claro que nada tive a ver com essas mortes.
— Tenho certeza de que todos ficamos aliviados em ouvir isso, sr. presidente — disse Scott Brandon. — Posso lhe assegurar que nenhum de nós realmente acredita que pudesse estar envolvido. Mas foi formulada uma acusação e não temos opção a não ser investigá-la.
— Compreendo.
— Sr. presidente, alguma vez tomou a droga ecstasy?
— Não.
Os visitantes se entreolharam.
— Sr. presidente, se pudesse nos dizer onde se encontrava no dia 15 de outubro, na noite da morte de Chloe Houston...
Houve um silêncio.
— Sr. presidente?
— Sinto muito, mas não posso.
— Mas, sem dúvida, é capaz de lembrar onde estava e o que fazia naquela noite?
Silêncio.
— Sr. presidente?
— Eu... não consigo me lembrar direito agora. Gostaria que voltassem mais tarde.
— Quando? — perguntou Bergstrom.
— Às oito horas.
Oliver observou-os saírem. Levantou-se em seguida, foi devagar até a pequena sala de estar onde Jan trabalhava, sentada a uma escrivaninha. Ela levantou os olhos quando o marido entrou. Ele respirou fundo.
— Jan... tenho uma confissão a fazer.

* * *

O senador Davis sentia uma fúria gélida. *Como pude ser tão idiota? Escolhi o homem errado. Ele está tentando destruir tudo por que sempre me empenhei.*

Vou lhe ensinar o que acontece com as pessoas que tentam me trair. O senador permaneceu sentado à sua mesa, imóvel, por um longo tempo, decidindo o que faria. Depois, pegou um telefone e fez uma ligação.
— Srta. Stewart, disse-me que ligasse quando eu tivesse mais alguma coisa.
— E o que tem, senador?
— Primeiro, vou lhe dizer o que quero. Daqui por diante, espero contar com um apoio total do Tribune... contribuições para a campanha, editoriais entusiasmados, tudo o que for necessário.
— E o que receberei em troca de tudo isso? — indagou Leslie.
— O presidente dos Estados Unidos. A procuradora-geral acaba de emitir um mandado para a prisão dele por uma série de assassinatos.
Ele ouviu Leslie Stewart inspirar fundo.
— Continue a falar.

* * *

Leslie Stewart falava tão depressa que Matt Baker não podia entender uma só palavra.
— Pelo amor de Deus, acalme-se! — pediu ele. — O que está tentando dizer?
— O presidente! Nós o pegamos, Matt! Acabei de falar com o senador Todd Davis. O presidente do Supremo Tribunal, o chefe de polícia, o diretor do FBI e a procuradora-geral dos Estados Unidos estão no gabinete do presidente neste momento com um mandado para a sua prisão, sob a acusação de assassinato. Há um monte de provas contra ele, Matt, e o presidente não tem álibi. É o furo do século!
— Não pode publicar isso.
Ela se mostrou aturdida.
— Como assim?
— Leslie, uma notícia dessas é grande demais para apenas... isto é, os fatos precisam ser conferidos e reconferidos...
— E reconferidos de novo até que virem a manchete no Washington Post? Não, obrigada. Não tenho a menor intenção de perder este furo.
— Não pode acusar o presidente dos Estados Unidos de assassinato sem...
Leslie sorriu.
— Não farei isso, Matt. Só precisamos publicar a notícia de que há um mandado para a sua prisão. É o suficiente para destruí-lo. O senador Davis... está entregando o próprio genro. Ele acha que o presidente é culpado. Foi o que me disse.
— Não é suficiente. Temos de verificar tudo primeiro e...

— Verificar com quem... com Katharine Graham? Perdeu o juízo, Matt? Publicamos a notícia imediatamente, ou perdemos o furo.
— Não posso permitir que faça isso, não sem antes verificar tudo que...
— Com quem você pensa que está falando? Este é o meu jornal, e farei qualquer coisa que eu quiser.
Matt Baker levantou-se.
— É uma irresponsabilidade. Não permitirei que meu pessoal escreva essa matéria.
— Nem precisa. Eu mesma escreverei.
— Leslie, se fizer isso, vou embora. Para sempre.
— Não vai, não, Matt. Você e eu vamos partilhar um Prêmio Pulitzer. – Ela observou-o se virar e sair da sala. — Você vai voltar, Matt.
E Leslie chamou Zoltaire à sua sala e disse:
— Quero saber qual é o meu horóscopo para as próximas vinte e quatro horas.
— Pois não, srta. Stewart. Terei o maior prazer. — Zoltaire tirou do bolso uma pequena efeméride, a bíblia astrológica, e abriu-a. Estudou as posições das estrelas e planetas por algum tempo, depois arregalou os olhos.
— O que é?
Zoltaire fitou-a.
— Eu... alguma coisa muito importante parece estar acontecendo. — Ele apontou para a efeméride. — Veja aqui. Marte em trânsito está passando sobre a sua nona casa de Plutão por três dias, fazendo uma quadratura com a sua...
— Isso não importa — interrompeu Leslie, impaciente. — Vá direto ao ponto.
Ele piscou, aturdido.
— O ponto? Ah, sim... — Zoltaire tornou a olhar para o livro. — Há algum tipo de grande acontecimento prestes a ocorrer. E você está bem no meio. Será ainda mais famosa do que é agora, srta. Stewart. O mundo inteiro vai conhecer seu nome.
Leslie foi dominada por um sentimento de intensa euforia. O mundo inteiro conheceria seu nome. Ela estava na cerimônia de premiação e o orador dizia: "E agora a ganhadora do Prêmio Pulitzer pela mais importante reportagem na história do jornalismo. A vencedora é a srta. Leslie Stewart." Todos se levantavam para uma tremenda ovação, o barulho era ensurdecedor.
— Srta. Stewart...
Leslie sacudiu a cabeça para dissipar o sonho.
— Mais alguma coisa?
— Não — respondeu Leslie. — Obrigada, Zoltaire. Isso já é suficiente.

* * *

Às sete horas daquela noite, Leslie olhava para uma prova da matéria que escrevera. A manchete bradava:

PRESIDENTE RUSSELL ACUSADO DE ASSASSINATO. SERÁ INTERROGADO POR SEIS MORTES.

Leslie leu o texto por baixo, depois virou-se para Lyle Bannister, seu editor-executivo:

— Pode publicar. Mande rodar uma edição extra. Quero que o jornal saia nas ruas dentro de uma hora. A WTE pode dar a notícia na mesma ocasião.

Lyle Bannister hesitou.

— Não acha que Matt Baker deveria dar uma olhada ...?

— O jornal é meu, não dele. Mande rodar. Agora.

— Pois não, madame. — Ele pegou o telefone e fez uma ligação. — Vamos rodar.

* * *

Às sete e meia daquela noite, Barbara Gatlin e os outros do grupo preparavam-se para voltar à Casa Branca. Barbara Gatlin comentou, com alguma aflição na voz:

— Peço a Deus para que não seja necessário usar, mas, apenas como precaução, estou levando o mandado judicial para a prisão do presidente.

Trinta minutos depois, a secretária de Oliver avisou:

— A procuradora Gatlin e os outros estão aqui.

— Mande-os entrar.

Oliver, muito pálido, observou-os quando entraram no Salão Oval. Jan se postava ao seu lado, apertando sua mão com toda força. Barbara Gatlin perguntou:

— Está pronto para responder às nossas perguntas agora, sr. presidente?

Oliver acenou com a cabeça.

— Estou.

— Sr. presidente, Chloe Houston tinha um encontro marcado para vê-lo no dia 15 de outubro?

— Tinha.

— E recebeu-a?

— Não. Tive de cancelar.

O telefonema ocorrera pouco antes das três horas da tarde.

— Querido, sou eu. Estou sozinha na cabana em Maryland, com muita saudade de você. Neste momento estou na beira da piscina, nua.

— Precisamos tomar uma providência imediata a respeito.

— Quando pode escapar?
— Estarei aí dentro de uma hora.

Oliver virou-se para o grupo.
— Mas se o que estou prestes a lhes dizer sair desta sala, causaria um dano irreparável à presidência e às nossas relações com outro país. Faço isso com a maior relutância, mas vocês não me deixaram opção.
Enquanto o grupo olhava, espantado, Oliver foi até uma porta lateral e abriu-a. Sylvia Picone entrou na sala.
— Esta é Sylvia Picone, a esposa do embaixador italiano. No dia 15 de outubro, a sra. Picone e eu estivemos juntos em sua cabana em Maryland, de quatro horas da tarde até duas horas da madrugada. Não sei absolutamente nada sobre o assassinato de Chloe Houston, ou qualquer das outras mortes.

* * *

Dana entrou na sala de Tom Hawkins.
— Tom, estou em cima de um caso muito interessante. Antes de Frank Lonergan ser assassinado, ele esteve na casa de Carl Gorman, um recepcionista no Monroe Arms Hotel. Gorman morreu num suposto acidente de barco. Ele morava com a irmã. Eu gostaria de levar uma equipe até lá e fazer um segmento gravado para o noticiário das dez horas da noite.
— Acha que não foi um acidente?
— Há coincidências demais.
Tom Hawkins pensou por um momento.
— Está bem. Vou providenciar.
— Obrigada. Aqui está o endereço. Vou me encontrar com a equipe lá. Quero passar em casa antes para trocar de roupa.
Ao entrar em seu apartamento, Dana experimentou a súbita sensação de que havia algo errado. Era um sentido que desenvolvera em Sarajevo, um alerta para o perigo.
Alguém estivera ali. Ela circulou pelo apartamento devagar, verificou os armários com a devida cautela. Nada desaparecera. *É minha imaginação,* disse Dana para si mesma. Mas ela própria não acreditava nisso.
Quando chegou à casa em que morava a irmã de Carl Gorman, Dana encontrou o veículo da emissora já estacionado ali. O ENG era um furgão enorme, com uma antena grande no teto e sofisticados equipamentos eletrônicos no interior. Andrew Wright, o técnico de som, e Vernon Mills, o câmera, esperavam por ela.
— Onde vamos fazer a entrevista? — perguntou Mills.
— Quero fazer dentro da casa. Chamarei vocês quando estivermos prontas.

— Combinado.
Dana foi até a porta da frente e bateu. Marianne Gorman abriu a porta.
— O que deseja?
— Sou...
— Ah, sei quem você é! Já a vi na televisão.
— Podemos conversar um pouco?
Marianne Gorman hesitou.
— Entre.
Dana seguiu-a para a sala de estar. Marianne Gorman ofereceu-lhe uma cadeira.
— É sobre meu irmão, não é? Ele foi assassinado. Tenho certeza.
— Quem o matou?
Marianne Gorman desviou os olhos.
— Não sei.
— Frank Lonergan esteve aqui?
Os olhos da mulher se contraíram.
— Ele me enganou. Eu disse onde poderia encontrar meu irmão e... — os olhos dela se encheram de lágrimas. — Agora Carl está morto.
— Sobre o que Lonergan queria falar com seu irmão?
— Ele disse que era da receita federal.
Dana estudou-a por um instante.
— Será que se importaria se eu fizesse uma pequena entrevista com você para a televisão? Pode apenas dizer umas poucas palavras sobre o assassinato de seu irmão e o que pensa do crime nesta cidade.
Marianne Gorman acenou com a cabeça.
— Acho que não tem problema.
— Obrigada.
Dana foi até a porta da frente, abriu-a e acenou para Vernon Mills. Ele pegou a câmera e encaminhou-se para a casa, seguido por Andrew Wright.
— Nunca fiz nada parecido antes — comentou Marianne.
— Não precisa ficar nervosa. Levará apenas uns poucos minutos.
Vernon entrou na sala com a câmera.
— Onde você quer filmar?
— Faremos tudo aqui mesmo, na sala. — Ela acenou com a cabeça para um canto. — Pode pôr a câmera ali.
Vernon ajeitou a câmera no lugar indicado, depois voltou para Dana. Prendeu um pequeno microfone na blusa de cada mulher.
— Podem ligar no momento em que estiverem prontas para começar. — Ele largou o controle em cima de uma mesa.
Marianne Gorman disse:

— Não! Esperem um instante! Sinto muito. Eu... não posso fazer isso.
— Por quê? — perguntou Dana.
— É... é perigoso. Posso falar com você a sós?
— Claro. — Dana olhou para Vernon e Wright. – Deixem a câmera onde está. Eu os chamarei daqui a pouco.
Vernon acenou com a cabeça.
— Ficaremos esperando no carro.
Dana virou-se para Marianne Gorman.
— Por que é perigoso para você aparecer na televisão?
Marianne murmurou, relutante:
— Não quero que eles me vejam.
— Eles quem?
Marianne engoliu em seco.
— Carl fez uma coisa... uma coisa que não deveria ter feito. Foi morto por causa disso. E os homens que o mataram também tentarão me matar. — Ela tremia toda.
— O que Carl fez?
— Oh Deus! — exclamou Marianne. — Supliquei para que ele não fizesse!
— Não fizesse o quê? — insistiu Dana.
— Ele... ele escreveu uma carta de chantagem.
Dana ficou surpresa.
— Uma carta de chantagem?
— Isso mesmo. Acredite em mim, Carl era um homem honesto. Mas acontece que ele gostava... tinha gostos caros, e com seu salário não tinha condição de viver da maneira como queria. Não pude impedi-lo. Ele foi assassinado por causa daquela carta. Sei disso. Descobriram onde ele estava, e agora sabem onde eu moro. Vão me matar. — Marianne chorava agora. — Vão me matar também.
— Fale-me sobre a carta.
Marianne Gorman respirou fundo.
— Meu irmão ia viajar em férias. Esqueceu um casaco que queria levar na viagem e voltou ao hotel para buscá-lo. Pegou o casaco e já estava em seu carro, na garagem subterrânea, quando a porta do elevador privativo da Suíte Imperial abriu. Carl me disse que viu um homem sair. E se surpreendeu ao vê-lo ali. Ficou ainda mais surpreso quando o homem voltou ao elevador e limpou suas impressões digitais. Carl não podia imaginar o que estava acontecendo. Mas depois... no dia seguinte ele leu sobre o assassinato da pobre moça, e compreendeu que fora aquele homem que a matara.
Marianne hesitou.
— Foi quando ele resolveu mandar a carta para a Casa Branca.

Dana repetiu, devagar:
— Para a Casa Branca?
— Isso mesmo.
— E para quem ele mandou a carta?
— Para o homem que viu na garagem. Sabe quem é... aquele que usa uma venda preta. Peter Tager.

* * *

Através das paredes da sala, ele podia ouvir o som do tráfego na Pennsylvania Avenue, fora da Casa Branca, e voltou a ter consciência do lugar em que se encontrava.
Revisou tudo o que estava acontecendo, e concluiu que se achava seguro. Oliver Russell seria preso pelos assassinatos que não cometera, Melvin Wicks, o vice-presidente, assumiria a presidência. O senador Davis não teria qualquer dificuldade para controlar o vice-presidente Wicks. *E não há nada para me ligar a qualquer das mortes,* pensou Tager.
Havia uma reunião de oração naquela noite, e Peter Tager a aguardava com ansiedade. O grupo gostava de ouvi-lo falar sobre religião e poder.
Peter Tager passara a se interessar pelas garotas quando tinha quatorze anos. Deus lhe dera uma libido extraordinariamente forte, e Peter pensara que a perda do olho o tornaria desgracioso para o sexo oposto. Em vez disso, as garotas ficavam fascinadas pela venda. Além disso, Deus concedera a Peter o dom da persuasão, e ele fora capaz de atrair moças hesitantes para o banco traseiro de carros, a celeiros e camas. Infelizmente, engravidara uma das garotas e fora obrigado a casar. Ela lhe dera duas filhas. A família poderia ter se tornado um fardo oneroso, imobilizando-o. Mas acabara se tornando uma cobertura excepcional para suas atividades extracurriculares. Pensara a sério em ingressar no sacerdócio, mas depois conhecera o senador Todd Davis e sua vida mudara. Encontrara uma nova e maior área de atuação. A política.
No início, não houvera problemas em seus relacionamentos secretos. Depois, um amigo lhe dera uma droga chamada ecstasy, e Peter a partilhara com Lisa Burnette, que pertencia à sua igreja em Frankfurt. Alguma coisa saíra errada e ela morrera. Encontraram seu corpo no rio Kentucky.

* * *

O lamentável incidente seguinte ocorrera quando Miriam Friedland, secretária de Oliver Russell, tivera uma reação negativa e entrara em coma. *Não foi culpa minha,* pensou Peter Tager. E não o afetara. Era óbvio que Miriam consumia

muitas outras drogas.
E depois viera a pobre Chloe Houston. Ele a encontrara num corredor da Casa Branca, onde ela procurava por um banheiro. A moça o reconhecera no mesmo instante e se mostrara impressionada.
— Você é Peter Tager! Sempre o vejo na televisão!
— Fico contente em ouvir isso. Posso ajudá-la em alguma coisa?
— Eu procurava um banheiro. — Ela era jovem e muito bonita.
— Não há banheiros públicos na Casa Branca.
— Oh, não!
Peter dissera, num tom de conspiração:
— Talvez eu possa ajudar. Venha comigo.
Ele a levara a um banheiro particular no andar superior e esperara na porta. Perguntara quando a moça saíra:
— Está apenas visitando Washington?
— Isso mesmo.
— Por que não me deixa mostrar a verdadeira Washington? Gostaria de conhecê-la?
Dava para sentir que a moça se sentia atraída por ele.
— Eu... eu bem que gostaria... se não for dar muito trabalho...
— Para uma moça tão bonita quanto você? Não será trabalho nenhum. Começaremos a noite por um jantar.
Ela sorrira.
— Parece emocionante.
— Prometo que será. Mas não deve dizer a ninguém que vamos nos encontrar. Será um segredo nosso.
— Não contarei. Prometo.
— Tenho uma reunião de alto nível com o governo russo no Monroe Arms Hotel esta noite. — Peter percebera que a moça ficara ainda mais impressionada e continuara:
— Podemos jantar depois na Suíte Imperial do hotel. Por que não se encontra comigo ali por volta das sete horas?
Ela acenara com a cabeça, excitada.
— Está bem.
Ele explicara o que ela tinha de fazer para entrar na suíte.
— Não haverá qualquer problema. Basta me telefonar para avisar que já chegou.
E fora o que ela fizera.
No início, Chloe Houston se mantivera relutante. Quando Peter a abraçara, ela protestara:
— Não quero... sou virgem.

O que o deixara ainda mais excitado.
— Não quero que faça coisa alguma que não deseje fazer — assegurara ele. — Vamos apenas sentar e conversar.
— Está desapontado?
Ele apertara a mão de Chloe.
— Claro que não, minha querida.
Ele tirara do bolso um vidro de ecstasy líquido e derramara um pouco em dois copos.
— O que é isso? — perguntara Chloe.
— Serve para aumentar a energia. A nós. — Peter levantara seu copo num brinde e a observara tomar tudo.
— É gostoso — dissera Chloe.
Passaram a meia hora seguinte conversando. Peter esperara que a droga fizesse efeito. Depois, aproximara-se e tornara a abraçar a moça... e desta vez não houvera resistência.
— Tire as roupas — ordenara ele.
— Está bem.
Os olhos de Peter acompanharam-na na ida para o banheiro. Ele também começara a se despir. Chloe saíra poucos minutos depois, nua, e ele se sentira bastante excitado com a visão daquele corpo jovem. Ela era linda. Deitara na cama ao lado de Peter, e fizeram amor. Chloe era inexperiente, mas o fato de ser virgem proporcionara a ele toda a excitação extra de que precisava. No meio de uma frase, Chloe sentara-se na cama, com uma súbita vertigem.
— Está se sentindo bem, minha querida?
— Há... estou bem... apenas me sinto um pouco... ela se apoiara no lado da cama por um momento.
— Volto num instante.
Chloe se levantara. E enquanto Peter observava, ela cambaleara, caíra e batera com a cabeça na quina da mesa de ferro.
— Chloe! — Ele saltara da cama e correra até ela. Chloe!
Não conseguira sentir qualquer pulsação. *Oh, Deus!*, pensara ele. *Como você pode fazer isso comigo? Não foi minha culpa. Ela escorregou.*
Ele olhara ao redor. *Não devem encontrar qualquer sinal da minha presença na suíte.* Vestira-se depressa, fora ao banheiro, molhara uma toalha, pusera-se a limpar as superfícies de todos os lugares em que poderia ter tocado. Pegara a bolsa de Chloe, tornara a olhar ao redor para se certificar de que não esquecera coisa alguma, descera no elevador privativo para a garagem. A última coisa que fizera antes de ir embora fora limpar as impressões digitais dos botões do elevador. Quando Paul Yerby aflorara como uma ameaça, Tager usara suas

ligações para liquidá-lo. Não havia a menor possibilidade de alguém ligá-lo à morte de Chloe.
E depois ele recebera a carta de chantagem. Carl Gorman, o recepcionista do hotel, vira-o na garagem. Peter mandara Sime se livrar de Gorman, alegando que era para proteger o presidente. Isso deveria encerrar o problema.
Mas Frank Lonergan começara a fazer perguntas, e fora necessário liquidá-lo também. Agora, precisava cuidar de outra repórter intrometida. Pois ainda restavam duas ameaças: Marianne Gorman e Dana Evans. E Sime se encontrava a caminho para matar as duas.

* * *

Marianne Gorman repetiu:
— Sabe quem é... aquele com a venda no olho. Peter Tager.
Dana estava atordoada.
— Tem certeza?
— É difícil não reconhecer alguém assim, não é mesmo?
— Preciso usar seu telefone.
Dana foi apressada até o telefone, ligou para Matt Baker. A secretária atendeu.
— Gabinete do sr. Baker.
— Sou eu, Dana. Preciso falar com ele. É urgente.
— Espere um instante, por favor.
Um momento depois, Matt Baker entrou na linha.
— Dana... alguma coisa errada?
Ela respirou fundo.
— Matt, acabei de descobrir quem estava com Chloe Houston na ocasião em que ela morreu.
— Já sabemos disso. Era...
— Peter Tager.
— O quê?! — Um grito.
— Estou com a irmã de Carl Gorman, o recepcionista do hotel que foi assassinado. Carl Gorman viu Tager limpar suas impressões digitais do elevador na garagem do hotel, na noite em que Chloe Houston morreu. Gorman enviou a Tager uma carta de chantagem. Acho que Tager mandou então assassiná-lo. Tenho uma equipe de vídeo comigo. Quer que eu entre no ar com a reportagem?
— Não faça nada neste momento! — ordenou Matt Baker. — Cuidarei de tudo. Volte a me ligar dentro de dez minutos.
Ele desligou e seguiu para a Torre Branca. Leslie estava em sua sala.
— Leslie, você não pode publicar...

Ela virou-se e levantou a prova da manchete: MANDADO DE PRISÃO POR HOMICÍDIO APRESENTADO AO PRESIDENTE RUSSELL.
— Olhe só para isto, Matt! — A voz era exultante.
— Leslie... tenho uma notícia para você. Há...
— Esta é toda a notícia de que preciso. — Ela acenou com a cabeça, presunçosa. — Eu disse que você voltaria. Não conseguiu ficar longe, não é mesmo? Isto era grande demais para você se afastar, não é? Você precisa de mim, Matt. Sempre vai precisar.
Ele ficou imóvel, olhando para ela, e especulou: *o que aconteceu para transformá-la numa mulher assim? Mas ainda não é tarde demais para salvá-la.*
— Leslie...
— Não fique constrangido porque cometeu um erro — declarou Leslie, complacente. — O que queria me dizer?
Matt Baker fitou-a em silêncio por um longo tempo.
— Eu queria dizer adeus, Leslie.
Ela observou-o se virar e sair da sala.

* * *

— O que vai acontecer comigo? — perguntou Marianne Gorman.
— Não se preocupe. Você será protegida.
Dana tomou uma decisão rápida.
— Marianne, vamos fazer uma entrevista ao vivo e entregarei a fita ao FBI. Assim que terminarmos a entrevista, eu a tirarei daqui.
Lá fora, um carro parou rangendo os pneus. Marianne foi até a janela.
— Oh, não!
Dana foi postar-se ao lado dela.
— O que foi?
Sime Lombardo saía do carro. Olhou para a casa, depois encaminhou-se para a porta. Marianne balbuciou:
— Aquele... aquele é o homem que esteve aqui... perguntando sobre Carl... no dia em que Carl foi morto. Tenho certeza de que ele esteve envolvido em seu assassinato.
Dana pegou o telefone e fez uma ligação às pressas.
— Gabinete do sr. Hawkins.
— Nadine, tenho de falar com ele imediatamente.
— Ele não está. Deve voltar dentro de...
— Então chame Nate Erickson.
Erickson, o assistente de Hawkins, atendeu um momento depois.

— Dana?
— Nate... preciso de ajuda e depressa. Tenho uma noticia sensacional. Quero que você me ponha ao vivo agora.
— Não posso fazer isso — protestou Erickson. — Tom teria de autorizar.
— Não há tempo para isso! — explodiu Dana.
Pela janela, Dana viu Sime Lombardo se aproximando da porta.
No caminhão da TV, Vernon Mills olhou para seu relógio.
— Vamos fazer essa entrevista ou não? Tenho um compromisso.
Dentro da casa, Dana dizia ao telefone:
— É uma questão de vida e morte, Nate. Você tem de me pôr ao vivo. Pelo amor de Deus, faça isso agora!
Ela bateu o telefone, foi até o aparelho de televisão e ligou no Canal Seis. Estava transmitindo um seriado melodramático. Um homem mais velho falava com uma moça.
— Você nunca me compreendeu de verdade, não é, Kristen?
— A verdade é que eu o compreendo bem demais. E por isso que quero o divórcio, George.
— Existe outro?
Dana seguiu apressada para o quarto e ligou o aparelho de televisão ali.
Sime Lombardo bateu na porta da frente.
— Não abra! — advertiu Dana a Marianne.
Ela verificou se o microfone estava funcionando. As batidas na porta tornaram-se mais altas.
— Vamos sair daqui! — sussurrou Marianne. — Pelos fundos...
Nesse momento, a porta da frente foi arrombada e Sime Lombardo avançou pela sala. Ele fechou a porta e olhou para as duas mulheres.
— É muita sorte ter encontrado as duas juntas...
Desesperada, Dana olhou para o aparelho de televisão.
— Se há outro, George, a culpa é sua.
— Talvez eu seja mesmo culpado, Kristen.
Sime Lombardo tirou do bolso uma pistola semi-automática calibre 22 e começou a atarraxar um silenciador no cano.
— Não! — gritou Dana. — Você não pode...
Sime ergueu a arma.
— Cale a boca! Para o quarto... vamos logo!
Marianne balbuciou:
— Oh, meu Deus!
— Escute... — disse Dana. — Podemos...
— Eu mandei calar a boca. E agora mexa-se. Dana olhou para o aparelho de

televisão.
— Sempre acreditei numa segunda chance, Kristen. Não quero perder o que tivemos... o que podemos ter de novo.
As mesmas vozes ecoavam do aparelho no quarto.
— Eu mandei irem para o quarto! — gritou Sime. Vamos acabar logo com isso!
Enquanto as duas mulheres em pânico davam um passo hesitante na direção do quarto, uma luz vermelha acendeu de repente na câmera no canto. As imagens de Kristen e George sumiram da tela e um locutor disse:
— Interrompemos este programa para transmitir ao vivo um acontecimento extraordinário na área de Wheaton.
A cena do seriado deu lugar na tela à sala de estar da casa dos Gormans. Dana e Marianne apareceram em primeiro plano, com Sime ao fundo. Sime parou, confuso, ao se ver na tela da televisão.
— Mas... mas o que é isso?
No caminhão, os técnicos viram quando a nova imagem surgiu na tela.
— Ei, estamos ao vivo! — gritou Vernon Mills.
Dana olhou para a tela e fez uma prece silenciosa. Virou-se para a câmera.
— Aqui é Dana Evans, transmitindo ao vivo da casa de Carl Gorman, que foi assassinado há poucos dias. Estamos entrevistando um homem que tem informações sobre esse assassinato.
Ela virou-se para Sime Lombardo.
— Muito bem... pode nos contar o que aconteceu exatamente?
Lombardo estava paralisado, vendo-se na tela da TV, a passar a língua pelos lábios.
— Ei!
Ele ouviu sua imagem dizer na tela: "Ei!" Também viu sua imagem se mover, quando avançou para Dana.
— Mas... o que está fazendo? Que truque é esse?
— Não há truque algum. Estamos no ar, ao vivo. Dois milhões de espectadores assistem a nós.
Lombardo viu sua imagem na tela se apressar em guardar a pistola no bolso. Dana lançou um olhar para Marianne Gorman, depois fitou Sime Lombardo nos olhos:
— Peter Tager está por trás do assassinato de Carl Gorman, não é mesmo?

* * *

No Edifício Daly, Nick Reese estava em sua sala quando um assistente entrou correndo.

— Depressa! Dê uma olhada nisso! Eles estão na casa de Gorman!
O assistente ligou a televisão no Canal Seis e a imagem surgiu na tela.
— Peter Tager mandou você matar Carl Gorman?
— Não sei do que está falando. Desligue a porra desse aparelho de televisão antes que eu...
— Antes que você o quê? Vai nos matar na frente de dois milhões de pessoas?
— Essa não! — gritou Nick Reese. — Mande algumas radiopatrulhas para lá o mais depressa possível!

* * *

Na Sala Azul, na Casa Branca, Oliver e Jan assistiam à transmissão da WTE, perplexos.
— Peter? — murmurou Oliver. — Não posso acreditar!

* * *

A secretária de Peter Tager entrou apressada em sua sala.
— Sr. Tager, acho que é melhor ligar a televisão no Canal Seis.
Ela fitou-o com evidente nervosismo e tornou a sair. Peter Tager ficou aturdido.
Pegou o controle remoto e apertou um botão, ligando o aparelho de televisão. Dana estava dizendo:
— E Peter Tager não foi também o responsável pela morte de Chloe Houston?
— Não sei de nada sobre isso. Terá de perguntar a Tager.
Peter Tager olhou para a tela em total incredulidade. *Isto não pode estar acontecendo! Oh, Deus, não faça isso comigo!*
Ele se levantou de um pulo e se encaminhou apressado para a porta.
— Não deixarei que me peguem! Vou me esconder!
Mas ele logo parou.
— Onde? Onde posso me esconder?
Tager voltou devagar para trás da mesa, arriou na cadeira. Esperando.

* * *

Em sua sala, Leslie Stewart assistia à entrevista, em choque. *Peter Tager? Não! Não! Não!* Leslie pegou o telefone e apertou um número.
— Lyle, suspenda a edição do jornal! Não deve sair! Está me ouvindo?
Mas ela ouviu-o dizer pelo telefone:
— Srta. Stewart, a edição saiu para as ruas há meia hora. Disse...
Lentamente, Leslie repôs o fone no gancho. Olhou para a manchete do Washington Tribune: MANDADO DE PRISÃO POR HOMICÍDIO

APRESENTADO AO PRESIDENTE RUSSELL. Depois, olhou para a primeira página emoldurada na parede: DEWEY DERROTA TRUMAN. *Será ainda mais famosa do que é agora. O mundo inteiro vai conhecer seu nome.* No dia seguinte, ela seria alvo do escárnio do mundo.

* * *

Na casa dos Gormans, Sime Lombardo lançou um último e frenético olhar para si mesmo na tela da televisão e disse:
— Vou me mandar!
Ele abriu a porta da frente. Meia dúzia de carros da polícia paravam diante da casa, com os pneus rangendo.

* * *

Jeff Connors estava no Aeroporto Internacional Dulles com Dana, esperando pelo avião de Kemal.
— Ele passou pelo inferno — explicou Dana, nervosa. — Não é como os outros meninos. Por isso... não fique surpreso se ele não deixar transparecer qualquer emoção.
Ela queria desesperadamente que Jeff gostasse de Kemal. Jeff percebeu sua ansiedade.
— Não se preocupe, querida. Tenho certeza de que ele é um menino maravilhoso.
— Lá está!
Eles observaram um pequeno ponto no céu se tomar cada vez maior, até se tornar um reluzente 747. Dana apertou com força a mão de Jeff.
— Ele chegou...
Os passageiros estavam desembarcando. Dana olhava, apreensiva, enquanto deixavam o avião, um a um.
— Mas onde...?
E lá estava ele. Vestia a roupa que Dana lhe comprara em Sarajevo, acabara de lavar o rosto. Desceu a rampa devagar e parou ao avistar Dana. Os dois ficaram se olhando, imóveis. E depois correram um para o outro, Dana abraçou-o, o braço único de Kemal a apertava com força, ambos choravam. Quando recuperou a voz, Dana murmurou:
— Seja bem-vindo à América, Kemal.
Ele acenou com a cabeça. Não podia falar.
— Kemal, quero que conheça meu amigo. Este é Jeff Connors.
Jeff inclinou-se.

— Olá, Kemal. Tenho ouvido falar de você.
Kemal agarrava-se a Dana, aflito.
— Você vai morar comigo — disse ela. — Acha que pode gostar?
Ele acenou com a cabeça. Não a deixaria de jeito nenhum.
Dana olhou para seu relógio.
— Temos de partir. Preciso fazer a cobertura de uma cerimônia na Casa Branca.

* * *

Era um dia perfeito. O céu era de um azul claro e profundo, uma brisa fresca soprava do rio Potomac. Eles estavam no Jardim das Rosas, com três dúzias de outros repórteres de televisão e jornal. A câmera de Dana focalizava o presidente, que se encontrava num pódio, com Jan ao seu lado. O presidente Oliver Russell declarou:
— Tenho um importante comunicado a fazer. Neste momento, realiza-se uma reunião dos chefes de Estado dos Emirados Árabes Unidos, Líbia, Irã e Síria, para discutir um tratado de paz permanente com Israel. Recebi esta manhã a informação de que a reunião vai muito bem, e que o tratado deve ser assinado dentro de um ou dois dias. É de extrema importância que o Congresso dos Estados Unidos nos dê todo o seu apoio para ajudar nesse esforço vital. — Oliver virou-se para o homem ao seu lado. — Senador Todd Davis.
O senador Davis foi para o microfone, usando o traje que era sua marca registrada, terno branco e chapéu de palha também branco. Correu os olhos pela multidão, com uma expressão radiante.
— Este é um momento realmente memorável na história do nosso grande país. Durante muitos anos, como todos sabem, tenho me empenhado em promover a paz entre Israel e os Estados árabes. Foi uma missão longa e difícil, mas agora, finalmente, com a ajuda e orientação de nosso maravilhoso presidente, tenho a felicidade de anunciar que nossos esforços foram por fim recompensados. — Ele virou-se para Oliver e acrescentou: — Devemos todos dar os parabéns ao nosso grande presidente pelo magnífico papel que desempenhou para ajudar a nos proporcionar isso...
Dana pensou: *Uma guerra chega ao fim. Talvez seja um início. Talvez um dia tenhamos um mundo em que os adultos aprendam a resolver seus problemas com amor em vez de ódio, um mundo em que as crianças possam crescer sem jamais ouvir os sons aterradores de bombas explodindo e metralhadoras disparando, sem medo que seus braços ou pernas sejam dilacerados por estranhos sem rosto.*
Ela virou-se para fitar Kemal, que sussurrava para Jeff, empolgado. Dana sorriu.

Jeff a pedira em casamento. Kemal teria um pai. Eles seriam uma família. *Como tive tanta sorte?,* especulou Dana.
Os discursos chegavam ao fim.
O câmera desviou a lente do pódio e apontou-a para Dana, dando um close. Ela disse então:
— Aqui é Dana Evans, da WTE, transmitindo de Washington, D.C.

***

FIM

Table of Contents

O PLANO PERFEITO